

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
PPGEduMat

ANA CLAUDIA LEMES DE MORAIS

LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFMS:
MOVIMENTOS PRECURSORES E IMPLANTAÇÃO DE UM CURSO A
DISTÂNCIA

CAMPO GRANDE – MS
2017

ANA CLAUDIA LEMES DE MORAIS

**LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFMS:
MOVIMENTOS PRECURSORES E IMPLANTAÇÃO DE UM CURSO A
DISTÂNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Linha Formação de professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

**CAMPO GRANDE – MS
2017**

ANA CLAUDIA LEMES DE MORAIS

**LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DA UFMS:
MOVIMENTOS PRECURSORES E IMPLANTAÇÃO DE UM CURSO A
DISTÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática – Linha Formação de professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto (orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS)

Profa. Dra. Aparecida Santana de Souza Chiari
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
(UFMS)

Prof. Dr. Filipe dos Santos Fernandes
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**CAMPO GRANDE – MS
2017**

AGRADECIMENTOS

Foram milhas de navegação e muito a agradecer:

Inicialmente a Deus, por me permitir navegar firmemente em meus propósitos;

À minha mãe, Nila Lemes (*in memoriam*), pelos ensinamentos;

Aos meus filhos, Leonardo e Paloma, por compreenderem a minha ausência e suportarem comigo todos os momentos de aflições;

Aos meus irmãos, pai e demais familiares por entenderem a minha ausência;

Aos meus professores da UNEMAT, Marfa, Maria Elizabete e Adailton, por acreditarem no meu potencial e sempre me cobrarem o Mestrado;

Às minhas colegas de trabalho Almerinda, Vanessa, Maria Luiza e Cida Cassate, que sempre incentivaram e apoiaram minha vinda para o Mestrado.

Às amigas que ganhei em Campo Grande e que fizeram meus dias mais alegres: Antônia, Ana Claudia, Marilda, Celinha, Lucimar, Katiúscia e Vilma.

Aos meus amigos Edvagner e Simone, por me auxiliarem no início do meu embarque para esta cidade, até então, desconhecida por mim;

A todos os meus professores do Mestrado, por contribuírem com essa navegação, despertando em mim uma pesquisadora;

A todos os colegas e professores do Grupo Hemep, por me auxiliarem nessa viagem;

Aos meus colegas de curso, em especial: Reinaldo, Florisval, Ivanete, Renata, Ana Maria, Marcos, Pedro e Maycon, por tornarem meus dias melhores em Campo Grande;

Aos professores: Antônio Lino, Magda, Sônia, Heloisa e Sandra, tripulantes que colaboraram e confiaram a mim seus ditos;

Aos professores Aparecida Santana de Souza Chiari e Filipe dos Santos Fernandes, por contribuírem com meu trabalho, sugerindo rotas e possibilidades de navegação;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, por confiar no meu potencial e orientar em meu navegar;

Agradeço, enfim, a todos aqueles que direta e indiretamente embarcaram, navegaram e ancoraram junto comigo nessa viagem!

*Por que me impões o que sabes
se eu quero aprender o desconhecido
e ser fonte em minha própria descoberta?
Não quero a verdade
Dá-me o desconhecido.
Como estar no novo sem abandonar o presente?
Deixa que o novo seja o novo
e que o trânsito seja a negação do presente;
deixa que o conhecido seja minha libertação
não minha escravidão.*

(H. Maturana. El sentido de lo humano, 1996).

RESUMO

Esta pesquisa investigou o curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, objetivando caracterizar nesse curso seus movimentos precursores e de implantação. Nessa caracterização mobilizamos a História Oral como metodologia de pesquisa e, a partir dela e de seus processos de trabalho com a oralidade, produzimos intencionalmente nossas fontes historiográficas, registros produzidos a partir de entrevistas com cinco colaboradores. Procuramos nesses registros elementos que motivaram, atravessaram ou marcaram a constituição do curso, que nos permitiram elaborar compreensões sobre esses movimentos, fundamentando nossa análise. Além das fontes produzidas, sempre que julgamos necessário, mobilizamos alguns documentos escritos visando ampliar a possibilidade de pontos de vista ou mesmo de aprofundamento de um tema. Apresentamos este trabalho nos apropriando de formas e usos muito próximos da modalidade a distância, como as metáforas aquáticas e os recursos do Moodle. Além dessas, utilizamos deliberadamente a ficção em nosso movimento analítico, inventamos personagens (avatars), falas e discussões no recurso fórum para compor a nossa análise, discutindo nossas compreensões sobre o tema de pesquisa, apoiados nos ‘ditos’ de nossos tripulantes, em artigos e pesquisas, todos representados por personagens criados para esse fim. Nossas compreensões nos apontaram indícios, movimentos e marcas que deram início ao curso em questão, que, por um lado, apresentou-nos a licenciatura como uma continuidade de projetos anteriores de formação (como as parceladas e a complementação para licenciaturas curtas); por outro lado, destacou elementos específicos, singulares ao curso (como a logística aos polos fora do estado e a ausência de um conselho próprio). Com este estudo ancoramos em uma das mais diversas licenciaturas em matemática a distância que encontramos no país. A partir dos indícios de continuidade e singularidades, constituímos *um* porto para a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS, deixando o leitor à vontade para navegar e elaborar sua própria versão sobre os ditos e diálogos disponibilizados na pesquisa. Dessa forma, realizamos mais um mapeamento da formação de professores que ensinam/ensinaram Matemática no Estado de Mato Grosso do Sul, contribuindo com o Grupo de História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep), do qual participamos.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. História Oral. Educação a Distância. Licenciatura em Matemática a Distância. Universidade Aberta do Brasil.

ABSTRACT

This research investigated the Mathematics degree at distance modality of the Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, with aim to characterize precursor movements and implantation. Herein, we use oral history as research methodology and, your work processes with the orality to produce intentionally our historiographical sources, with interview the five collaborators. From records, we search elements that motivated, crossed or marked the constitution of Mathematics degree, which allowed us to elaborate our comprehension on the movements and based our analysis. In addition to the sources produced, when required, it was used written documents, with the purpose of expanding viewpoints. We showed the research in a format similar at distance modality, in this case with aquatic metaphors and Moodle resources. In addition, we deliberately use a fiction in our analytic movement, created characters (avatars), talks and discussions, using the forum resource to compose our analysis, where discussing our comprehension on the subject of research, supported in the 'sayings' of our crewmembers, these based in articles and researches. Our comprehension pointed indications, movements and marks that started the Mathematics degree. In first case presented the degree as a continuity of previous projects (like as steps formation and supplementation for short degrees), and, second case highlight specific elements unique of course. Our results show that we anchor in one of the most diverse Mathematics degrees at distance find in Brazil. Through the indications of continuity and singularities, we constitute a Port for Mathematics degree at distance from UFMS, leaving the reader free to navigate and elaborate their individual version on 'sayings' and dialogues from data available in the research. Thus, we perform a mapping of the teacher formation that teach Mathematics in the Mato Grosso do Sul State and contribute to Group of History of Mathematics Education in Research, in which we participate.

Key words: History of Mathematics Education. Oral History. Distance Education. Mathematics degree at distance. Open University of Brazil.

Lista de ilustrações

Figura 1- Carta de Navegação	27
Figura 2 - Rede	35
Figura 3 – Magda Cristina Junqueira Godinho Mongeli (momento da entrevista).....	63
Figura 4 - Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza (momento da entrevista)	78
Figura 5 - Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa (momento da entrevista)	99
Figura 6 - Antônio Lino Rodrigues de Sá (momento da entrevista)	114
Figura 7 - Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato (momento da entrevista).....	131
Figura 8 - Portos e navegações	144

SUMÁRIO

MÓDULO 1: O embarque	11
<i>Guia de Navegação</i>	11
<i>Fórum: Início da navegação</i>	14
MÓDULO 2: Navegando por mares desconhecidos	27
<i>Carta de Navegação: rumos tomados</i>	27
<i>Um rumo tomado: História Oral numa perspectiva historiográfica</i>	28
<i>Nossos tripulantes</i>	35
<i>Dois portos, duas paradas: transcrição e textualização</i>	41
<i>Outro rumo: movimento de análise</i>	45
<i>Usos e formas de navegar</i>	50
MÓDULO 3: Ditos de uma tripulação	63
<i>Magda Cristina Junqueira Godinho Mongeli</i>	63
<i>Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza</i>	78
<i>Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa</i>	99
<i>Antônio Lino Rodrigues de Sá</i>	114
<i>Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato</i>	131
MÓDULO 4: Um porto para a licenciatura	144
<i>Fórum: Movimentos e rumos iniciais de uma Licenciatura em Matemática a distância</i>	144
<i>Fórum: Ancorando em um porto, vislumbrando outros</i>	162
MÓDULO 5: O desembarque	184
<i>Desembarcando</i>	184
REFERÊNCIAS	189
<i>Apêndices</i>	194
<i>Apêndice A - Roteiros</i>	194
<i>Apêndice B – Cartas de Cessão</i>	204



MÓDULO 1

O EMBARQUE

MÓDULO 1: O embarque



Guia de Navegação

Passageiros e tripulantes, sejam bem-vindos!

Nossa viagem vai começar!

Prontos para zarpar?

As grandes navegações contribuíram com as transformações sociais, econômicas e tecnológicas que hoje vivenciamos. Nelas, tripulantes e passageiros experimentaram as mais diversas situações ao navegarem por mares desconhecidos. A ousadia, a ambição e a curiosidade sobre o novo os encorajaram a não desistir da aventura.

Ainda que orientados por instrumentos como a bússola e o astrolábio, nem sempre chegaram ao destino planejado, pelo menos é o que dizem seus diários de bordo. No entanto, fossem mares calmos ou revoltos, eles navegaram! Ora movidos pela ambição, ora pela fantasia, eles mergulharam e superaram seus medos, deixando suas marcas na história.

Pensando em abordagens utilizadas na Educação a Distância e em todos os rumos que pode tomar uma investigação, desenvolvemos este trabalho utilizando “metáforas aquáticas” (NETO, 2005, p. 02), a “ficção” e o “fórum”. Navegamos por mares desconhecidos, ficcionalizamos quando sentimos necessidade de ultrapassar a realidade e moldamos nossa escrita a um modo típico dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), em nosso caso o Moodle¹.

Mas o que tudo isso tem a ver com nossa investigação?

Esses usos, estratégias e formas foram surgindo durante o transcorrer da pesquisa, que teve como tema: a Licenciatura em Matemática a distância da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bem como se alicerçaram nas diversas discussões realizadas no grupo de pesquisa, o Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep), do qual fazemos parte.

Afinal, por meio desses - modos e usos - e apoiados pelo grupo de pesquisa, foi-nos possível essa viagem a bordo do navio “Licenciatura em Matemática a distância”, uma

¹ Ambiente Virtual de aprendizagem utilizado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

navegação pela implantação do curso, o que contempla, além dos momentos iniciais, outros anteriores ao seu funcionamento.

Nossa tripulação é composta de muitos personagens, entre eles, nossos entrevistados, autores e coautores que estiveram conosco do embarque ao desembarque dessa viagem. Entre a tripulação, não podemos deixar de destacar os companheiros de grupo (Ghoem² e Hemep³), os professores e os colegas de Mestrado. Além deles, tivemos a participação de outros tripulantes, professores e pesquisadores que vivenciaram processos próximos ao nosso e que no decorrer da viagem se dispuseram a contribuir com nossa investigação.

Assim como em toda viagem, embarcam também passageiros, nossos leitores que, com suas compreensões, poderão encontrar outros portos, rumos e versões para a licenciatura investigada.

Nessa aventura, todos terão a oportunidade de mergulhar e descobrir conosco os rumos, os desafios, os movimentos precursores e os de implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), conhecendo a versão constituída por nós e criando suas próprias. Para isso, elaboramos uma rota de navegação, um guia para orientá-los em seu navegar por esta pesquisa.

Este material está dividido em Módulos, assim como o faz o curso investigado:

No primeiro MÓDULO: **O embarque**, além de uma breve leitura do Guia de Navegação (GN) sugerimos uma parada em nosso primeiro Fórum, denominado “Início da navegação”. Nele, todos terão a oportunidade de descobrir algumas das motivações que desencadearam esta investigação, os desejos e os anseios que dispararam este estudo. Para tanto, apresentamos neste recurso um diálogo entre pesquisadora e orientador sobre momentos que nos levaram à consolidação deste trabalho e do quanto é preciso navegar para conhecer outros portos e horizontes.

² Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002, cadastrado no CNPq e certificado pela UNESP. Atua nas Linhas de Pesquisas: Análise de livros didáticos – Hermenêutica de Profundidade; História da Educação Matemática; História Oral e Educação Matemática; História Oral, Narrativas e Formação de professores: Pesquisa e Intervenção; Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares. Disponível em: <www.ghoem.org>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

³ Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa, formado em 2011. Tem por objetivo contribuir com o mapeamento da formação de professores que ensinam matemática no país. Cadastrado no CNPq e certificado pela UFMS, compreende as seguintes linhas de pesquisas: Aspectos históricos do ensino e da aprendizagem de matemática, História da formação de professores que ensinam matemática, História Oral e Narrativa. Disponível em: <www.hemep.org>. Acesso em: 11 de maio de 2015.

O MÓDULO seguinte, o qual chamamos de: **Navegando por mares desconhecidos...**, discute os subtemas: “Carta de navegação: rumos tomados” e “Usos e formas de navegar”. Em um primeiro momento dele, discutimos os rumos que tomamos e nossa abordagem metodológica, a História Oral (HO), além de nossa concepção historiográfica. Apresentamos ainda nesse item um mapa de navegação como forma de representar tais rumos e também características de nossos tripulantes, pessoas que se dispuseram a colaborar neste trabalho. No segundo texto, colocamos nossas compreensões sobre os usos que fazemos das metáforas utilizadas, da ficção e dos recursos do Moodle como formas de apresentar nosso trabalho.

Já em **Ditos de uma tripulação**, disponibilizamos as fontes que produzimos, na forma de texto, a partir dos recursos e procedimentos da História Oral e, particularmente, as textualizações realizadas a partir de entrevistas orais.

No penúltimo MÓDULO, **Um porto para a licenciatura**, refletimos sobre as versões levantadas na pesquisa. Nesse momento fazemos uso de dois “fóruns”, recurso proposto para os temas: “Movimentos e rumos tomados por uma licenciatura em Matemática a distância” e “Ancorando em um porto, vislumbrando outros...”. Para o desenvolvimento desses temas, personagens fictícios foram elaborados e evocados para dialogar e discutir os principais movimentos e rumos tomados pela licenciatura a distância, segundo nossas compreensões. O MÓDULO apresenta também nosso exercício analítico, momento em que disponibilizamos nossas compreensões acerca de elementos e marcas que percebemos ao nos apropriarmos das versões de nossos tripulantes, pessoas que participaram direta e indiretamente da implantação do curso. Deixamos nele nossa versão, nossa compreensão a partir da fala de cada um de nossos tripulantes. Com esses ditos e com nossa própria versão, outras compreensões podem ser elaboradas por nossos leitores.

O fim da nossa viagem ocorre no último MÓDULO, **O desembarque**. Nele apresentamos as referências e apêndices utilizados em nossa investigação, além de mostrar o texto “Desembarcando...”. Nesse último, colocamos algumas impressões e apontamentos sobre o que foi nossa investigação e como vislumbramos os movimentos precursores da Licenciatura em Matemática a distância da UFMS e também aqueles que fizeram parte do processo de implantação do curso.

Passageiros e tripulantes:

Levantem as âncoras, agora sim, vamos zarpar!

 **Fórum: Início da navegação**

Neste fórum estão todos convidados a participar de uma interação entre orientador e pesquisadora. Nele, dialogamos sobre os momentos que antecederam a pesquisa e também sobre elementos que auxiliaram na minha constituição como pesquisadora. Falamos, enfim, sobre a preparação para o embarque, em como ambos percorreram as primeiras milhas desta navegação.



[Thiago Pedro Pinto – 12 de Setembro de 2016 – 09:35]

Olá, Ana Claudia, tudo bem? Bom, para iniciar, como já é de costume, sempre peço para que se apresentem. Peço, então, para que você inicie se apresentando.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia – 12 de Setembro de 2016 – 10:12]

Olá, professor Thiago, tudo bem! Vou começar, então: meu nome é Ana Claudia Lemes de Moraes, sou nascida em Cuiabá, capital de Mato Grosso. Venho de uma família de três irmãos, sendo eu a mais velha, única mulher e a única que se enveredou pelos estudos.

Minha trajetória profissional tem início antes da graduação: comecei a trabalhar muito jovem. No entanto, vou me limitar à trajetória que me constituiu como professora. No meu Ensino Médio, fiz Magistério, um curso técnico profissionalizante da época que capacitava professores para atuarem nas séries iniciais do Ensino Fundamental, incluindo a Educação Infantil. Terminei esse curso em 1996 em meio a muitas dificuldades e, mesmo depois de formada, não consegui atuar como professora. Essa formação foi me ajudar algum tempo depois ao entrar em uma escola e a dar continuidade aos meus estudos. Ingressei na Licenciatura em Matemática no ano de 2001 e a escolha pelo curso surgiu como uma possibilidade de continuidade nos estudos. Como estava dizendo, comecei o Ensino Superior cinco anos depois do Magistério porque, em Barra do Bugres, município onde moro, não havia faculdade, nem mesmo particulares. Então, quem fazia o Ensino Superior eram pessoas que tinham condições financeiras de viajarem para outros municípios. Comecei a fazer a licenciatura sem muita certeza se era aquilo mesmo que eu gostaria de fazer. Diversas vezes me perguntei: “o que eu estou fazendo aqui? Será que esta é mesmo a minha vocação profissional, ser uma professora de Matemática?”. Semestres se passaram e minhas inquietações transformaram-se em motivações e curiosidades. Passadas as disciplinas de Exatas do curso, iniciaram-se as disciplinas metodológicas e didáticas. Elas, vez ou outra,

traziam discussões relacionadas ao ensino e à aprendizagem e, mesmo sendo um campo desconhecido para mim, interessavam-me muito.

Logo depois de ter feito o Magistério e cursando uma licenciatura, consegui meu primeiro trabalho em uma escola, num Laboratório de Informática. Nessa instituição, percebi o quanto a teoria se distanciava da prática docente e o quanto, na época, os professores possuíam dificuldades em articular a tecnologia junto à sua prática pedagógica, entre outros problemas e dificuldades que vivenciávamos. Diante dessa problemática, meu primeiro momento como pesquisadora me fez enveredar pela formação tecnológica do professor, tendo sido meu TCC voltado a essa temática.

A academia me proporcionou crescimento intelectual e profissional. Entretanto, foi no “chão da escola” que a minha prática profissional foi se delineando. Depois de 15 anos de atuação na Educação Básica, entre sala de aula e cargos de coordenação, tive a oportunidade de trabalhar com a formação continuada de professores, uma experiência que me proporcionou muitas trocas e motivou ainda mais minha caminhada. Nessa época, eu já possuía uma especialização e mesmo assim senti a necessidade de continuar investigando formas de auxiliar o professor em sua prática em sala de aula, dessa vez buscando recursos da educação a distância e formações viabilizadas por essa modalidade de ensino.

Depois de anos de atuação na Educação Básica, fui convidada para fazer o processo seletivo para o Ensino Superior, uma ideia que me agradou, pois eu ainda sentia a necessidade de atuar na formação de professores. Ao passar na seleção e entrar como professora substituta, egressa da Universidade Estadual de Mato Grosso, minhas inquietações pela temática e o contato com esses futuros professores despertaram em mim o interesse pela Educação Matemática, principalmente depois de ter atuado nas disciplinas de Práticas de Ensino. Essa oportunidade e as leituras a ela relacionadas me fizeram entender que esse era o caminho a seguir. A partir dessa constatação, comecei minha busca pela pós-graduação *stricto sensu*. Participei de alguns processos seletivos na área de Educação, entretanto sem muito sucesso. As provas nessa área eram elaboradas com temas amplos e generalizadas, dificilmente abordavam assuntos específicos de Matemática ou de Educação Matemática. Nessa busca e por intermédio de um amigo que fazia o Mestrado aqui em Campo Grande, resolvi tentar o processo seletivo numa área mais específica, a Educação Matemática.



[Thiago Pedro Pinto – 12 de Setembro de 2016 – 18:30]

Destaco dois pontos na sua fala: você ter feito o Magistério e depois ter seguido para a Matemática. O mais comum, nesses casos, parece-me ser a pessoa seguir para a Pedagogia, como um trajeto “mais natural”. Outro ponto é você começar a lecionar no curso do qual é egressa. Nos grandes centros talvez isso não seja comum, principalmente atualmente, mas no interior do país e, principalmente, em épocas anteriores, isso me parece ser algo bastante comum.

Poderíamos falar agora do Mestrado: como foi esse início em nosso Programa?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 13 de Setembro de 2016 – 8:23]

Desculpe a demora no *feedback*, professor, não tinha visto essa nova postagem. Então, professor, o fato de não ter seguido na Pedagogia, o que seria natural depois de ter feito Magistério, foi porque o único curso disponível no meu município era a Licenciatura em Matemática. Sobre trabalhar na instituição em que me formei, foi muito especial para mim e também para os meus professores. Sabe, isso acontece muito pelo interior, talvez seja pelo fato de não termos muitos professores formados e que queiram se enveredar no Ensino Superior, ainda mais em Matemática.

A respeito do meu início no Programa, vou tentar ser breve: participei da seleção e fiquei entre as 18 vagas oferecidas na Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS. Esse talvez tenha sido um dos maiores desafios que enfrentei. Tive um início meio conturbado e muitas coisas nas quais eu acreditava começaram a passar por transformações, uma experiência que me transformou significativamente. Lembrando Larrosa (2014), experiência é o que nos passa e nos transforma. A primeira delas veio com mudanças relacionadas à minha intenção de pesquisa. Em uma das etapas da seleção, na entrevista, quando me perguntaram se eu estaria disposta a mudar meu tema de estudo, prontamente respondi que sim, mesmo sem saber como seria essa mudança. O que eu queria naquele momento era ingressar no Mestrado. Nessa época eu não entendia como funcionavam as pesquisas, não sabia que cada grupo possuía projetos financiados para a produção de investigações direcionadas a algumas ações e temas, por exemplo. Como disse, aceitei porque naquele momento minha meta era entrar na Pós-Graduação.

Quanto à minha intenção de pesquisa, o único elemento que permaneceu foi a linha de pesquisa “Formação de Professores”, o resto mudou tudo [rs]. Minha intenção foi

adequada e a partir disso passei a conhecer outra metodologia, a História Oral, com certa abordagem historiográfica.

Em nossa primeira conversa você, como meu orientador, explicou-me como funcionavam as pesquisas do grupo e nesse mesmo dia me propôs continuar um estudo iniciado por um de seus alunos da Iniciação Científica, lembra-se? Um trabalho que pesquisava a questão de tutoria na EaD. Lembro que não concordei com essa ideia, optando por outra sugestão, que seria realizar um estudo sobre os anos iniciais da Licenciatura em Matemática na modalidade. Até então, eu ainda não entendia o que a História tinha a ver com a Matemática. Fui entender depois de algum tempo como funcionavam essas aproximações.

Resumidamente, quando nos propomos a seguir numa pós-graduação *stricto sensu*, muitas são as transformações e decisões vivenciadas. Confesso que não foi fácil o ingresso no Programa nem a aproximação com o Grupo Hemep, muito menos vincular minha pesquisa aos temas por ele desenvolvidos. Posso dizer, enfim, que consegui! Minha intenção de pesquisa moldou-se às necessidades do Grupo Hemep e, depois de muitas leituras e discussões, consegui compreender e adequar minha pesquisa sob as perspectivas e olhares da História Oral.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Thiago Pedro Pinto - 13 de Setembro de 2016 – 10: 15]

Entendo. Tem sido muito comum a entrada de candidatos com pré-projetos muito diferentes das temáticas que têm sido desenvolvidas nos grupos de pesquisa, o que sempre causa certo desconforto para ambas as partes. Outro ponto que ocorre bastante em nosso Programa é uma grande concentração de candidatos na linha de Tecnologia que, obviamente, têm que ser redistribuídos em outras linhas. Esse é um ponto, inclusive, que temos conversado a respeito para tentarmos estratégias de melhoria. Você termina a fala comentando sobre a dificuldade de aproximação com o Grupo ou com a metodologia abordada mais frequentemente nele. Como foi essa aproximação?

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 13 de Setembro de 2016 – 13: 45]

Então, como disse, ao ser aprovada na Pós-Graduação e começar meus estudos e orientação, comecei também a participar do Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP). Esse grupo tem como um de seus projetos principais contribuir para um mapeamento da formação e da atuação do professor que ensina Matemática no país, atuando especificamente no sul de Mato Grosso UNO (estado antes do

desmembramento do atual estado de Mato Grosso do Sul) e Mato Grosso do Sul. O projeto mais amplo, com foco em todo o Brasil, é um projeto do GHOEM, para o qual o HEMEP contribui com sua atuação no Mato Grosso do Sul. Após os primeiros encontros e discussões no grupo e depois de muitas orientações, conseguimos adequar nosso projeto às necessidades do grupo. Dessa forma, minha pesquisa passou a compor suas pesquisas com a intenção de caracterizar os movimentos precursores e de implantação da Licenciatura em Matemática a distância da UFMS.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 13 de Setembro de 2016 – 15:14]

Sim, me lembro. Eu, por atuar nesse curso, lembro-me de ter sugerido a você esse recorte temporal do “início do curso”, muito porque acredito que de lá até os dias atuais nossa estruturação já passou por inúmeras mudanças, de quadro docente, de estrutura física, de viagens e interações on-line. Acredito que seria muita coisa para abarcar em uma só pesquisa de Mestrado.

Essas mudanças de paradigma foram tranquilas para você? Como foi isso?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 13 de Setembro de 2016 – 16:26]

Não foi tranquilo não, professor! Tudo isso me trouxe muitos questionamentos. Comecei a me perguntar: “como seria olhar para esse curso e seu início? Esse início seria narrado ou desenhado? O que eu abordaria em meio a tantos movimentos que envolvem esse processo? Falaria da formação de turmas? Da escolha dos polos? Da elaboração do currículo? Das viagens? Dos tutores?”. Muitas indagações me atravessaram nesse momento. Contudo, as discussões mediadas pelo grupo me fizeram amadurecer e entender que não buscávamos um “fato” histórico ou uma “verdade”, mas sim as verdades possíveis! Que “coisas” e “marcas” iriam surgir a partir dos depoimentos e o que eu, como pesquisadora, poderia compor a partir delas, dessas visões constituídas pelas fontes orais mediadas pela HO. Visões das pessoas que participaram desse processo e entendidas por nós não como um fim, mas como um início para diversas outras interpretações.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 13 de Setembro de 2016 – 17:50]

Recordo-me que na entrevista de seleção você falava muito em técnicas de ensino na EaD, uma perspectiva bem diferente da nossa. Sempre nos preocupa se, nessas mudanças, o Mestrado vai, de fato, dialogar conosco ou se vamos simplesmente

“acatar” leituras e modos de fazer estabelecidos no grupo, o que seria muito ruim. Há sempre uma preocupação nesse sentido. Fale-nos um pouco dessa sua constituição como pesquisadora aqui dentro do Programa e do seu caminhar nesse processo.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 13 de Setembro de 2016 – 18:42]

Claro! Quando cheguei essa era minha intenção, como já disse antes. Bem diferente mesmo, confesso que não foi fácil me adaptar às leituras e às abordagens do grupo. No meu caminhar e em meio às disciplinas obrigatórias, optativas, trabalhos, leituras e participações em eventos, fui me adaptando, até a elaboração do projeto. Nessa etapa eu me perguntava: “por onde começar? O que escrever?” Se até então eu tinha um tema e algumas leituras sobre a metodologia a ser utilizada. “Como sair, afastar-me, desapegar-me de antigas concepções, de estruturas adquiridas em outras experiências de pesquisa e de vida profissional?”.

Nesse momento de elaboração do projeto, além de definir os elementos textuais e possíveis encaminhamentos da investigação, precisava descobrir a relevância da nossa pesquisa para o meio acadêmico, o quanto ela poderia contribuir para a área e para o grupo do qual participava. Nas orientações, foi-me sugerida a busca por trabalhos sobre a Licenciatura em Matemática a distância que poderiam, de certa forma, contribuir com minhas inquietações e, ao mesmo tempo, traçar um panorama do que se tem produzido e que se aproximasse do nosso tema de investigação. Com esse trabalho, justificamos a relevância da nossa pesquisa para o mapeamento realizado pelo Hemep e para a área na qual nos inserimos, a Educação Matemática. Então, eu começo a caminhar na pesquisa a partir da construção do projeto e dos referenciais estudados.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 14 de Setembro de 2016 – 7:25]

Ah, sim, essa é uma etapa muito importante, sempre peço aos meus orientandos um levantamento dessa natureza. É necessário saber o que já foi feito para se pensar e entender o que se quer, de fato, fazer. Essa é uma lição que trago das aulas de Introdução ao Conhecimento Científico, do primeiro curso de graduação que iniciei. Discutíamos o que é a tal da “originalidade” que um trabalho deve ter. Conte para nós como foi esse levantamento, lembro até que fizemos um texto a partir dele.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 15 de Setembro de 2016 – 13: 45]

Olá, professor, voltei! Então, professor, esse movimento inicial de pesquisa deu origem ao nosso primeiro artigo “Pesquisas sobre Licenciatura em Matemática a Distância: um panorama”, que publicamos no XII Encontro Sul-mato-grossense de Educação Matemática (XII ESEM).

Os primeiros passos da pesquisa, além da elaboração do projeto, caminharam para esse levantamento bibliográfico a respeito da Licenciatura em Matemática na modalidade a distância. Procuramos identificar nessas produções discussões sobre: a qualidade da formação inicial do professor; como são estruturados esses cursos e polos; qual o perfil de alunos e professores na modalidade a distância e como o curso é constituído em suas fases iniciais. Percorremos esses trabalhos procurando entender o que essas pesquisas dizem sobre a implantação de um curso de licenciatura e, principalmente, se abordam aspectos historiográficos em seu contexto.

Depois de algumas orientações sobre como realizar essa busca, investigamos em periódicos conceituados em nossa área, como a Revista Zetetiké, o Caderno Cedes, o Boletim de Educação Matemática (BOLEMA) e em anais de eventos, como o Congresso Ibero-Americano de História de La Educacion Matemática (I, II e III CIHEM), o Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (I e II ENAPHEM), o Encontro Nacional de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática (11º ao 18º EBRAPEM) e também o indexador Scientific Electronic Library Online (SciELO). Como filtro de busca utilizamos as expressões “Licenciatura em Matemática EaD” e “Licenciatura em Matemática a distância”. Com essas duas expressões, encontramos diversos trabalhos relacionados; todavia, constatamos que a maioria deles tratava de temas relacionados ao processo ensino e aprendizagem, à formação inicial do professor e à gestão. Dessa busca inicial, selecionamos 48 textos que se mostraram mais significativos, merecendo uma maior atenção na leitura. Com uma filtragem minuciosa, destacamos cinco, dentre esses 48, elaborados por: Viel (2011); Bierhalz (2012); Santana (2012) e dois trabalhos de Gomes (2014a; 2014b).

A primeira autora (VIEL, 2011) aborda a Licenciatura em Matemática a distância com resultados embasados na perspectiva do acadêmico. Para isso, ela utiliza fontes orais (entrevistas) e escritas (documentos) dentro de uma abordagem qualitativa sem um interesse historiográfico, isto é, fazendo uma leitura do momento presente. Em Bierhalz (2012), assim como no trabalho anterior, discute-se a Licenciatura em Matemática a distância procurando encontrar um “perfil” para o acadêmico formado nessa modalidade a partir da observação do

ambiente de estudo (AVA) e dos recursos a ele relacionados. Nesse contexto, a pesquisa também atua numa concepção atual da realidade do curso, sem se deter a aspectos da história, como sua criação, por exemplo. Santana (2012), apesar de não tratar especificamente da Licenciatura em Matemática, contempla a modalidade a distância e se aproxima da nossa pesquisa por considerar na análise a construção de si e dos sujeitos envolvidos. Mesmo não abordando a História Oral, ela utiliza um recurso e uma abordagem bem próxima à nossa investigação. Ela investigou memoriais de formação de licenciandos de um curso a distância, observando sobre suas percepções de como se dá o movimento de construção de sua identidade docente.

Os dois últimos artigos, Gomes (2014a) e Gomes (2014b), convergem para uma mesma temática. Eles discutem um curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância dentro da linha História da Educação Matemática, além de trabalhar com narrativas autobiográficas. A autora, mesmo se valendo de uma abordagem historiográfica, não cita a História Oral como metodologia de pesquisa.

Enfim, essas pesquisas foram as primeiras que nos auxiliaram a compreender o que se tem produzido no meio acadêmico sobre temáticas próximas a nossa.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Thiago Pedro Pinto - 15 de Setembro de 2016 – 15:17]

acadêmico?

Compreendo. E frente a esses resultados, como se insere a sua proposta? Que elementos fizeram você acreditar que sua pesquisa seria relevante para o meio

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 15 de Setembro de 2016 – 14:33]

Então, professor, desses cinco trabalhos, brevemente discutidos aqui, entendemos que nenhum deles coincide com o que desenvolvemos em nossa investigação. Muitas são as produções sobre a Licenciatura em Matemática na modalidade a distância; contudo, poucos são os trabalhos que discutem esses cursos numa perspectiva historiográfica ou que evidenciam compreensões sobre as versões de pessoas que participaram diretamente do processo. Nessa nossa temática, “Licenciatura em Matemática a distância”, não encontramos nenhum trabalho que traga uma discussão abordando o aspecto historiográfico de criação dos cursos, de seu estabelecimento, de como se deram esses processos ou mesmo quais as resistências enfrentadas e as movimentações necessárias para a implantação do curso. Essa seria uma lacuna “identificada” por nós na leitura desse panorama.

Esses foram os trabalhos que me ajudaram a entender por onde eu deveria começar, além de me apontarem alguns aspectos relacionados a uma investigação quando se trata de um Mestrado ou Doutorado.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 15 de Setembro de 2016 – 17:15]

É importante destacar que a “lacuna” é sempre produzida por aquele que “olha”. Certamente, outros pesquisadores, ao observarem esses resultados apontariam para outros lados, diferentes do seu. Isso me faz lembrar de um texto do Vicente, Déa e Luzia (GARNICA; FERNANDES; SOUZA, 2011), que tratava os vácuos ou múmias de Pompéia. Depois disso, como prosseguem as suas leituras e questionamentos?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 16 de Setembro de 2016 – 8:12]

Olá, professor! Dando continuidade à nossa conversa, lembro que após nosso primeiro levantamento e constatações, debruçamo-nos sobre outras pesquisas. Dessa vez concentramos nosso levantamento em pesquisas que utilizam a História Oral como metodologia de pesquisa, que seguiam uma concepção historiográfica e que também realizavam um mapeamento da formação de professores de Matemática em Mato Grosso do Sul (HEMEP) e em outras regiões do país, realizadas pelo GHOEM. Olhamos essas pesquisas a fim de encontrar elementos que pudessem nos auxiliar em nosso modo de investigar e de desenvolver nossa análise.

Eu já havia lido alguns dos trabalhos, porém, nesse momento da minha caminhada como pesquisadora, ainda não havia entendido muitas coisas relacionadas ao nosso modo de pesquisar e também da nossa metodologia. A partir dessa nova busca, muitas coisas me foram esclarecidas.

Nessa oportunidade, encontramos dois trabalhos do HEMEP: a dissertação de Faoro (2014) intitulada “A formação de professores de matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre os anos iniciais da Licenciatura em Dourados” e a pesquisa de Reis (2014): “A formação matemática de professores do ensino primário: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murtinho”, trabalhos que se aproximam de nossa pesquisa por investigarem os anos iniciais de um curso de graduação e de um curso normal, trazendo elementos que nos auxiliaram na investigação.

No GHOEM, tivemos a oportunidade de conhecer os trabalhos de diversos pesquisadores, entre eles, Pinto (2013); Souza (2011); Cury (2011); Fernandes (2011);

Martins-Salandim (2012); Macena (2013); Staniszewski (2014); Silva (2014); Fernandes (2014) e Castro-Almeida (2015). A leitura desses trabalhos trouxe contribuições quanto aos aspectos metodológicos, esclarecendo alguns pontos e também apontando-nos as diversas formas que um movimento de análise pode acontecer diante de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Esses trabalhos são abordados de forma mais detalhada no tópico “Usos e formas de navegar”.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 16 de Setembro de 2016 – 9:34]

Esse estudo também nos gerou um texto, não foi? Mas como você disse que abordará essa temática em outros momentos, deixemos, por hora. E como inicia então o seu “trabalho de campo”?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 16 de Setembro de 2016 – 14:27]

Ah, sim. Vou falar um pouco sobre esse trabalho de campo. A cada passo na pesquisa, novas inquietações me surgiam. Percebi que ainda me faltavam alguns elementos, por exemplo: como falar ou investigar um curso sem conhecer o mínimo possível do que se tem sobre ele? Precisava saber o que as fontes escritas diziam sobre o curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância da UFMS, nosso tema de pesquisa, conhecer um pouco mais sobre o terreno que haveríamos de caminhar durante a pesquisa. Esse levantamento de fontes escritas (Projeto Político Pedagógico do curso (PPP), Resoluções, Editais e Portarias), publicados pelo Sistema do Controle de Boletim de Serviços da UFMS e também pelo site da EaD teve como intenção a busca por informações que me auxiliassem a elaborar algumas compreensões iniciais. Em momento algum tomamos essas fontes como “verdades absolutas” ou superiores às entrevistas. As leituras também não tiveram a intenção de comparar ou de emitir algum juízo, até porque nosso foco concentrou-se nas fontes orais produzidas intencionalmente pela História Oral.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Thiago Pedro Pinto - 16 de Setembro de 2016 – 15:30]

Vale lembrar que eles são fontes como as outras, são apenas outras vozes que também podem ser ouvidas. O que você encontrou nesses documentos? Como eles te auxiliaram a ler este curso?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 16 de Setembro de 2016 – 16:49]

Bem lembrado, professor! De acordo com as leituras desses documentos, constatei que o processo de abertura da Licenciatura foi tramitado desde dezembro de 2005, a partir da implementação da Universidade Aberta do Brasil e aprovado em 2006. Segundo esses documentos, o primeiro processo de seleção foi realizado em fevereiro de 2008, com o edital UAB1 (sigla utilizada internamente pela UFMS para denominar a quantidade de ofertas realizadas pela Universidade em editais).

Ao visitar esses editais, verifiquei que a primeira oferta abrangeu três estados do país, distribuídos nos polos de Água Clara (MS), Camapuã (MS), Rio Brilhante (MS), São Gabriel do Oeste (MS), Cruzeiro do Oeste (PR), Siqueira Campos (PR) e Igarapava (SP). O segundo edital foi publicado em 2009, a UAB2, com turmas nos polos de Bataguassu, Costa Rica, Porto Murtinho e Miranda, todos no Mato Grosso do Sul. O edital UAB3 foi lançado em 2010 e abrangeu os polos de São Gabriel do Oeste e Bela Vista (MS), totalizando até o momento três ofertas concluídas: UAB1, UAB2 e UAB3, com a UAB4 em andamento. Este último teve edital lançado em 2013 com turmas em Costa Rica, Bataguassu, Miranda e São Gabriel do Oeste (MS). Com as turmas já encerradas, o curso teve até agora 440 matrículas e 160 alunos formados (Excluídos por diplomação – EDI – segundo a secretaria acadêmica do Instituto de Matemática da UFMS).

O primeiro Projeto Político Pedagógico (PPP) foi aprovado em 2011 e alterado um ano mais tarde. Nele verificamos a inclusão de ementas e informações necessárias ao reconhecimento do curso. Segundo o PPP, ele se justifica pela necessidade de qualificar professores para o ensino de Matemática em alguns municípios do estado e também pela dificuldade que as pessoas interessadas encontravam no deslocamento para os grandes centros, onde existe a oferta do curso. Sendo assim, seu objetivo está em “formar professores de Matemática para o Ensino Fundamental e Médio, habilitados a serem agentes das melhorias necessárias nas escolas, especialmente do Estado de Mato Grosso do Sul”. Para isso, proporcionando uma “sólida formação em Matemática e uma formação pedagógica que permita uma visão abrangente do papel do educador com capacidade de trabalhar com equipes multidisciplinares” e “propiciar ao acadêmico uma formação que lhe permita também uma opção de continuidade aos seus estudos” (MATO GROSSO DO SUL, 2011, p. 28). Essas foram informações que me auxiliaram a conhecer um pouco do curso sobre o qual estava pesquisando.



[Thiago Pedro Pinto - 17 de Setembro de 2016 – 9:37]

Sim, entendo, participei de uma parte desse processo. Acredito que você poderá trazer mais elementos dessas leituras no transcorrer do trabalho, eles também constituem uma parte importante da história. Essas decisões que tem que tomar ao longo da pesquisa são parte da sua constituição como pesquisadora. Você gostaria de acrescentar mais alguma informação antes de encerramos nosso fórum?

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 17 de Setembro de 2016 – 10:45]

Sim, professor. Gostaria de acrescentar que em todo esse movimento inicial de pesquisa apresentamos alguns apontamentos e informações sobre o curso de Licenciatura em Matemática da UFMS na modalidade a distância e alguns modos de encaminhar a pesquisa, cientes de que outras fontes produzidas a partir da oralidade podem reforçar ou divergir dos aspectos percebidos nos documentos escritos ou mesmo abordarem questões de natureza diversa de tais documentos, como: sentimentos, vontades, frustrações, entre tantos outros, daqueles que vivenciaram tais processos.

Confesso que sem as etapas citadas neste fórum, sem esses movimentos dentro da pesquisa, não teríamos como navegar: todos eles foram necessários para o nosso embarque e o início de nossa navegação.

Grata, professor!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)

MÓDULO 2

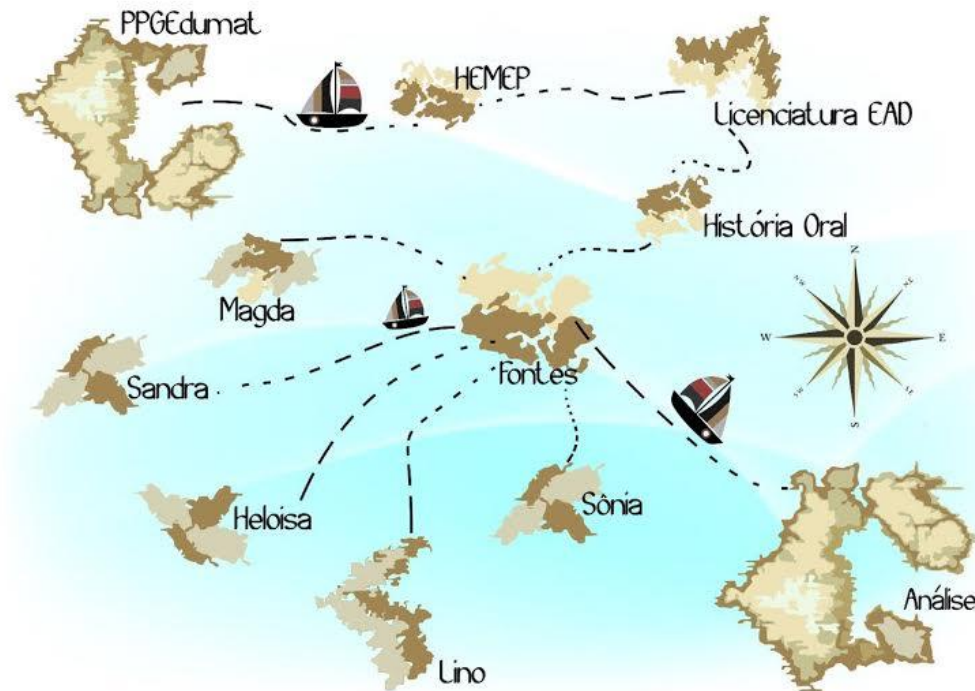


NAVEGANDO POR MARES

DESCONHECIDOS

MÓDULO 2: Navegando por mares desconhecidos...

Figura 1- Carta de Navegação



Fonte: elaborada por Paloma Morais Turchen (2016)



Carta de Navegação: rumos tomados

*Se não saís de ti, não chegas a saber quem és.
(...) É necessário sair da ilha para ver a ilha,
que não nos vemos se não nos saímos de nós.
(José Saramago, 1998)*

Em nossa pesquisa, ao fazer uso da metáfora “navegação”, pensamos em todos os desafios possíveis que uma viagem em alto mar, ou pela rede mundial de computadores, a internet, poderia nos proporcionar.

Muitas são as rotas e os rumos que podem ser tomados em uma navegação. Entre links, mares e entrevistas, muitos caminhos são possíveis. Por isso a necessidade de uma “carta de navegação”, uma rota, um mapa, caminhos que descrevam informações, profundidades, posições, obstáculos e desafios para um destino desejado.

Assim como o navegar é também o pesquisar! Uma pesquisa é isto: percorrer uma rota “esboçada” a *priori* sem saber ao certo se o rumo tomado durante a navegação nos levará ao destino projetado.

Nossa “Carta de Navegação” tem como porto inicial o Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da UFMS, ou seja, local em que começamos o embarque desta navegação que é a pesquisa, momento discutido no fórum anterior.

Nessa carta, delineamos as milhas que percorremos após o embarque. Nela, compartilhamos também os rumos tomados junto às reuniões no HEMEP para o desenvolvimento do tema a partir de nossa investigação. Discutimos ainda nossa metodologia e a produção de fontes elaboradas a partir dos recursos da História Oral, chegando ao porto: nossa “análise”. Contemplamos, enfim, rumos, caminhos, abordagens e concepções metodológicas que nos fizeram navegar.

Como mencionado, uma parte do embarque e o início da navegação encontram-se em nosso primeiro fórum, no qual realizamos um diálogo com personagens reais: eu, como pesquisadora, interagindo com meu orientador, o Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, pelo qual apresentamos o desenrolar de nossa pesquisa, os estudos e os caminhos iniciais da investigação.

A navegação continua nesta etapa. Em “Navegando por mares desconhecidos”, seguimos discorrendo sobre nosso modo de pesquisar: a metodologia, a produção e a legitimação das fontes, os usos e as formas desenvolvidos no trabalho. Procuramos, enfim, apresentar todos os momentos desta investigação que nos possibilitaram “caracterizar os movimentos precursores e de implantação que constituíram a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS”.

E assim navegamos, orientados pela nossa escolha metodológica, a História Oral, e por leituras viabilizadas por nosso grupo de pesquisa, o HEMEP, além de parcerias com o GHOEM. Com os recursos viabilizados pela História Oral, produzimos fontes, transformando-as em registros escritos permeados por processos de transcrever e textualizar. As narrativas resultantes desses processos nos auxiliaram a interpretar, a explicar e a produzir significados ao que nos foi narrado, buscando nesses depoimentos ‘ditos’ a verdade de cada entrevistado sobre o tema em questão.



Um rumo tomado: História Oral numa perspectiva historiográfica

O trabalho com a História Oral, em uma abordagem qualitativa, vai além da criação de fontes, pois exige do pesquisador uma autonomia em seu navegar, subvertendo rotas

sempre que for necessário. Ela nos permite um olhar subjetivo sobre nossas produções, permeadas, muitas vezes, pelo diálogo e pela negociação de pontos de vistas entre pesquisador e pesquisado, uma troca necessária ao se trabalhar com a História Oral.

Por ela, rotas inicialmente delineadas podem ser revistas, (re) elaboradas e constantemente questionadas. No entanto, “[...] se por um lado devemos evitar a ingenuidade de que nossos encaminhamentos são neutros”, por outro lado, “[...] devemos evitar o determinismo da afirmação” (GARNICA, 2007, p. 31) que algumas situações nos apresentam. Muitos momentos como esses ocorreram em nossa pesquisa, por vezes refizemos nossa rota, revisamos roteiros, remarcamos entrevistas, revisamos conceitos, revimos elementos do projeto... Enfim, nem sempre o que foi previsto em nosso projeto inicial foi passível de ser executado da forma como foi planejado.

Entendemos, então, que uma investigação qualitativa ao deixar de ser neutra ela passa a valorizar aspectos subjetivos existentes entre pesquisador e suas fontes (GOLDENBERG, 2004). Por conseguinte, muitas tormentas são enfrentadas diante dessa postura, uma vez que objeto de pesquisa e pesquisador articulam-se (mutuamente). Nesse contexto, nada é mensurado, nada é fato ou puramente verdadeiro: “busca-se romper com a essência dos fatos, preocupa-se com as descontinuidades” (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 19). Esse olhar subjetivo permeia nossa pesquisa do início ao fim, revela-se como um momento em que o pesquisador:

[...] Precisa meditar e estudar muito para desapegar-se, ao menos, de algumas dessas “âncoras” com as quais estamos acostumados a entender o mundo, e, desse modo, perceber que vivemos uma época marcada pela subjetividade e pela relatividade dos saberes, pela ausência de certezas, pela fragmentação dos sujeitos, pela heterogeneidade, entre tantos outros conceitos (GRAZZIOTIN; ALMEIDA, 2012, p. 19).

Incorporar essa postura significa ampliar nosso campo de visão, observar o outro de maneira minuciosa, detalhada, valorizando seus saberes e suas vivências. Apropriados dela, procuramos constituir histórias a partir de nossas compreensões sobre versões de nossos entrevistados e também a partir de “questões e interesses do presente” (SOUZA, 2015, p. 22).

Diante disso, a História Oral, como metodologia de pesquisa qualitativa, fornece-nos os recursos necessários à nossa investigação e, ao ser adotada, oportuniza-nos escrever e navegar, ora subvertendo rotas delineadas inicialmente, ora ousando em nossa forma de apresentação. Porém, ainda que exista uma subversão, “[...] o desenvolvimento de uma

pesquisa qualitativa requer andar sistemática e rigorosamente em torno de uma questão problematizadora” (REIS, 2014, p. 23), exige a descrição de rumos, explicações de como diálogos se estabeleceram, deixar explícito “[...] seu processo metodológico, justificando suas opções teóricas e procedimentais ao longo do trabalho” (idem, *ibidem*). Em síntese, esclarecer como as tramas e as marcas permitiram a constituição de um começo para a licenciatura.

Trata-se de uma abordagem contrária às pesquisas delineadas rigidamente sob regras e normas prévias, permitindo-nos uma liberdade controlada, porque o que se quer compreender se encontra no mundo, na sociedade, em grupos e populações, nas pessoas ignoradas por outras concepções de história (GARNICA, 2007), assim como por aquela trazida nos livros de história que trata exclusivamente do que se conhece a partir de documentos escritos, numa visão “única” dos fatos. Em nossas compreensões, concordamos com Garnica (2004, p. 89) em não haver “[...] uma história verdadeira, tratamos de procurar pela verdade das histórias, (re)construindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer”. Diante disso, buscamos sempre uma aproximação ao que poderia ser uma verdade para os profissionais entrevistados, elementos que cada um deles acredita ser verdade sobre nosso objeto de investigação.

Nessa busca, trabalhamos a História Oral (HO) numa perspectiva historiográfica, ainda que outras pesquisas possam fazer uso dela em perspectivas de análise do presente, mesmo porque “falar em História Oral não implica diretamente falar de trabalhos em historiografia” (GARNICA, 2007, p. 08). O termo História atribuído à História Oral justifica-se por “[...] ressaltar a importância da memória, da oralidade, dos depoimentos, das vidas das pessoas julgadas essenciais” (idem, *ibidem*). Trata-se de uma perspectiva que vem sendo desenvolvida em nosso grupo de pesquisa e muito utilizada na Educação Matemática⁴.

Na historiografia praticada na História Oral, questões são disparadas para que o depoente busque em sua memória lembranças daquele momento analisado, sua história, contada a nós sob seus filtros. Esta é valorizada porque é sua, é do que se lembra e deseja nos contar, a sua verdade, mesmo que ainda em outros depoimentos ou documentos o que foi falado pelo mesmo entrevistado não seja legitimado. Não buscamos “uma verdade”, uma acareação das versões, mas todas as verdades possíveis.

⁴ O GHOEM possui como foco central estudar a cultura escolar e o papel da Educação Matemática nela, com temas que abordam: a formação de professores de Matemática; as narrativas, a História Oral; os manuais didáticos; instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte; a História da Educação Matemática; a análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não; a formação e a conservação de acervos etc.

Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 228), sobre o assunto, enfatizam que:

Para a prática historiográfica, presentificar ausências ou fazer dialogar passado e presente, a partir do presente, implica arbitrar origens e lançar mão de fontes várias, de diversas naturezas, visando à constituição de narrativas que possam dar conta de conhecer práticas, estratégias, concepções, políticas – pontos de vista – que desconhecíamos, que esquecemos ou negligenciamos.

A historiografia – como escrita da história – é também um exercício subjetivo, um movimento pelo qual podemos tratar o dito e o não dito, podemos lançar nosso olhar e conhecer os mais diversos pontos de vista acerca de um tema, um exercício analítico em que poderão surgir convergências, divergências e também singularidades entre as falas.

Na prática historiográfica, documentos escritos têm uma longa tradição. Em muitos casos, estes e os objetos que permaneceram do passado (móveis, fotos, pinturas, edifícios etc.) são as únicas ou, ao menos, as principais fontes sobre um tempo que já não existe mais, especialmente quando falamos de momentos de mais de um século. Em outras pesquisas, mesmo com a possibilidade de trabalhar com relatos orais e documentos pessoais, opta-se por pesquisar estritamente a partir de documentos escritos de natureza oficial: atas, regimentos, leis, decretos etc., numa perspectiva de que tais documentos retratariam melhor o ocorrido “de fato”, tendo em vista que foram sancionados pelas autoridades vigentes (MORAIS; PINTO, 2016).

Em nossa pesquisa, é necessário esclarecer que os documentos escritos ocupam outra função: eles são considerados como mais uma possibilidade de versão, de história; ou seja, não os consideramos mais verdadeiros do que a verdade de cada fonte oral tratada por este estudo: o que nos interessa é “recriar pontos de vistas respeitando vivências” (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 10). Isso é o que diferencia este trabalho daquela perspectiva historiográfica pautada exclusivamente em documentos escritos e oficiais.

Ao realizarmos esta operação historiográfica, vislumbramos visões de mundo – pautadas na multiplicidade de visões individuais – e o modo como vêm sendo desenvolvidas as pesquisas no Grupo HEMEP. A partir dela, que teve início na criação de fontes mobilizadas a partir da História Oral e em seus procedimentos, procuramos constituir cenários e viagens, recriamos histórias a partir da verdade estabelecida por nossos entrevistados, a verdade deles, dos nossos tripulantes. Refletimos ainda sobre as diversas manifestações apresentadas em volta do nosso tema, independentemente de seu suporte (escrito ou falado).

Convém destacar que não entendemos aqui tais manifestações como aproximações de certo objeto em si, de um fato histórico, mas tão somente como uma possibilidade de se falar sobre um passado, construindo-o.

Concordamos com Pinto (2015) ao propor uma “fusão” intencional entre História e Historiografia – o fluxo dos acontecimentos no tempo e seu registro, respectivamente – visto que a primeira se constitui, exclusivamente, por meio da linguagem, não sendo “acessível” de outra forma. Nesse contexto:

Somos levados, dada a não operacionalização da “realidade em si”, como que desvinculada dos jogos de linguagem e das formas de vida, a propor aqui uma confusão (ou apenas fusão) proposital entre história e historiografia, visto que o ocorrido, a experiência, “depende”, para sua existência, do narrador e, mais do que isso, de uma linguagem que evidencie a experiência de “tais e tais coisas”, uma linguagem pública, partilhada por certa comunidade que permite ver, permite sentir determinadas coisas (PINTO, 2015, p. 868).

Dessa maneira, cabe-nos ampliar, o quanto possível, as “versões da história” e as várias constituições possíveis, na impossibilidade de apreensão ou de aproximação de uma “realidade em si”.

E assim navegamos, criando fontes orais de acordo com nossas intenções de pesquisa. Orientados pela História Oral, nossa bússola, iniciamos investigando o processo de criação da Licenciatura em Matemática a distância da UFMS numa perspectiva historiográfica. E mesmo com essa intenção de investigar a “criação”, a “implantação” do curso, essa viagem nos levou a outros rumos, que antecederam esse processo. Navegamos com autonomia, seguindo, sempre que possível, a rota traçada *a priori*, que no decorrer da navegação nos apontou outras direções, outros rumos.

Durante um ano e meio, entre encontros do HEMEP, disciplinas, eventos e publicações, muitas contribuições nos fizeram entender que tudo constituía nossa pesquisa e nossa postura de pesquisadores. As discussões, opiniões e entendimentos colocados nesses momentos passaram por um movimento de retroalimentação. Ademais, questões suscitadas foram levadas para discussão em grupo fomentando, por sua vez, novos posicionamentos e questionamentos a respeito do que estávamos desenvolvendo. Muitas vezes, dúvidas surgiram e conceitos nos confundiram, mas buscávamos sempre uma legitimação de nossas leituras. Com o passar do tempo, entendemos que os diversos pontos de vista devem ser discutidos, podendo convergir ou não para um entendimento comum.

Diante de todas as discussões encaminhadas, surgiu-nos a ideia de conhecer um pouco mais o terreno que haveríamos de habitar durante os anos da pesquisa, como citamos no fórum inicial. Para atender essa inquietação, percorremos 15 (quinze) documentos, sendo a maioria deles disponibilizados pelo sistema BS⁵ da UFMS, escritos que julgamos importantes para nossa compreensão e para maiores informações sobre o curso, até mesmo para nos auxiliarem na elaboração de nossos roteiros. Essas fontes escritas estão referenciadas neste trabalho e disponibilizadas no site do Grupo HEMEP⁶, denominadas: *Dossiê sobre a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS: Compreensões sobre versões e rumos iniciais de um curso*.

Entre eles, encontramos: resoluções, editais da Universidade/MEC e também o acervo pessoal de um de nossos colaboradores. Fizemos esse levantamento documental sem perder de vista nosso foco: as diversas versões sobre o curso, “contadas” pelas mais diversas fontes, entre elas, também essas fontes escritas.

Seguimos nossa operação historiográfica buscando outras vozes, isto é, possíveis depoentes, profissionais dispostos a participarem da pesquisa e que pudessem nos trazer suas versões a respeito do curso em estudo, pessoas que poderiam nos contar outras histórias, acrescentar documentos, fotos e materiais que pudessem nos servir de acervo. Sobre a escolha dos entrevistados, Bauer e Gaskell (2002) nos esclarecem que não existe um método rigidamente definido para tal tarefa, o pesquisador deverá usar sua imaginação e pensar em seu objeto de pesquisa para realizar uma seleção, que pode ser dividida em fases.

Dessa forma, selecionamos nossa primeira depoente: a coordenadora do curso na época de sua implantação e, a partir dessa primeira entrevista, outras três pessoas foram citadas e passaram a compor nossa pesquisa. É importante enfatizar que além desses três professores, surgiu também o nome de um quarto docente, Edmir Terra⁷. Ele, também servidor público da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), foi citado na entrevista do professor/gestor Antônio Lino Rodrigues de Sá (Lino), que em sua fala se remete ao profissional como um colaborador em potencial para nossa pesquisa. Contudo, por motivos relacionados à logística e também pelo fato de possuímos em nossa rede duas professoras ligadas a esse início, optamos por prosseguir com aqueles que apareceram com mais frequência nas falas de nossos colaboradores.

⁵ Sistema de Controle do Boletim de Serviços, ambiente que disponibiliza on-line todas as publicações da UFMS.

⁶ www.hemep.org.

⁷ Edmir Ribeiro Terra. Professor Ms. Assistente da UFMS, atuando na UFGD.

Uma assistente administrativa da EaD também foi convidada a participar desse movimento. Em uma conversa informal com essa servidora, na busca por documentos e por informações do curso no prédio da EaD na UFMS, a quantidade de informações e a clareza advindas dela nos chamaram atenção. Ela, que sempre esteve por trás dos holofotes, nos bastidores, demonstrou conhecimentos interessantes sobre a EaD e o curso investigado, que poderiam nos auxiliar. Dessa forma, resolvemos convidá-la para fazer parte do nosso grupo de colaboradores.

Com essas seis pessoas apontadas, cinco entrevistas foram realizadas, demonstradas segundo a tabela 01 a seguir:

TABELA 01: Relação de profissionais citados e entrevistados na pesquisa

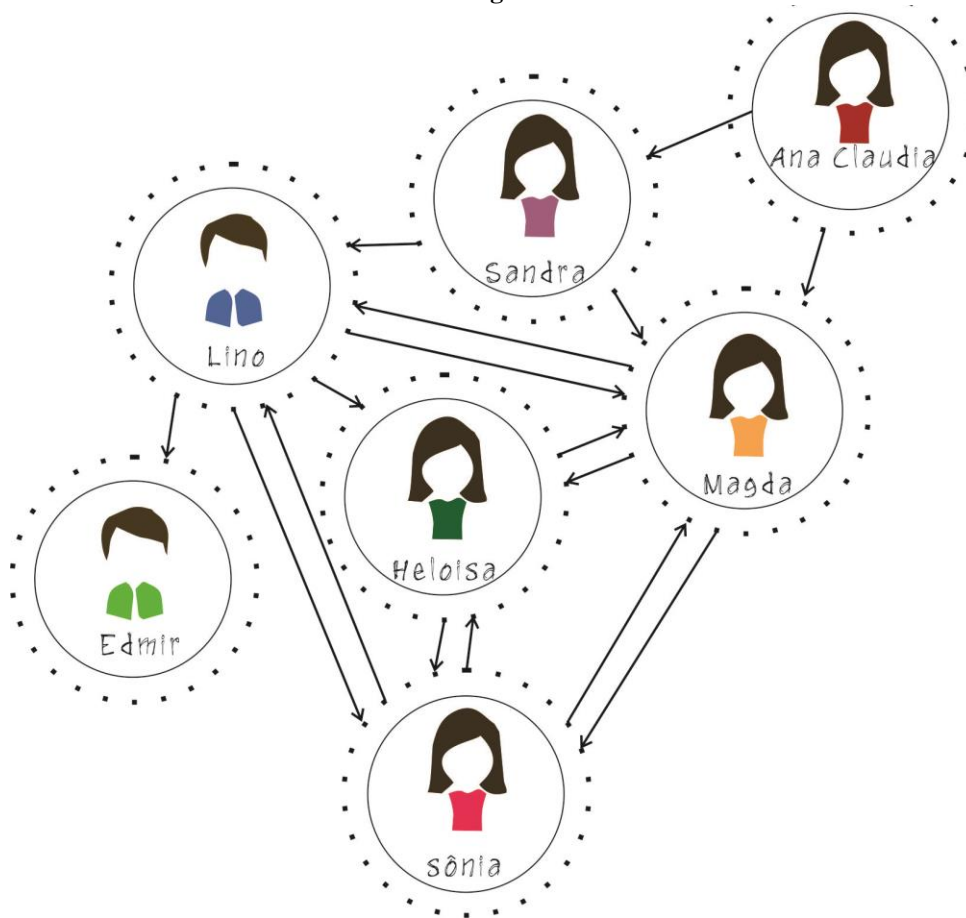
Nome do entrevistado	Função exercida nos anos iniciais do curso	Data entrevista
Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli	Primeira coordenadora do curso	30/09/2015
Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza	Assistente administrativa da EaD	21/10/2015
Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa	Professora da UFMS que atuou no curso	09/12/2015
Antônio Lino Rodrigues de Sá	Segundo coordenador da EaD na UFMS	09/12/2015
Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato	Primeira coordenadora de tutores do curso	16/12/2015
Edmir Ribeiro Terra	Professor Assistente que auxiliou no início do curso	Não entrevistado

Fonte: pesquisa, 2016.

Segundo a relação apresentada, constituímos nossa rede⁸ (Figura 02) com os profissionais relacionados na Tabela 01, pessoas que participaram direta e indiretamente desse movimento inicial de implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância da UFMS, as quais denominamos tripulantes de nossa investigação. A partir de seus discursos, compusemos nossos registros escritos, os documentos base, transformados por processos de transcrição e de textualização e legitimados depois por uma carta de cessão, concedendo-nos direitos de uso.

⁸ Setas duplas na rede indicam que um entrevistado cita e é citado pelo colaborador.

Figura 2 - Rede



Fonte: elaborada por Paloma Morais Turchen (2017)

Nossos tripulantes

A professora Ms. Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli, nossa primeira entrevistada, é paranaense e veio residir em Campo Grande⁹ para fazer o curso de Matemática, área de seu interesse. Depois de alguns semestres e de participações em atividades de laboratório, apaixonou-se pelo ensino da Matemática. Ela é formada em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especialista em Ensino de Ciências e mestre em Educação, também pela UFMS. Atua na instituição há 23 anos e, antes disso, trabalhou na Educação Básica, quando ainda cursava a licenciatura. Naquela época, participou de projetos em duas escolas e, ao terminar os estudos na academia e os projetos nas escolas, mudou-se para Corumbá¹⁰ e começou a trabalhar como docente substituta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no *campus* daquela cidade. Atuou

⁹ Município localizado na região Centro-Oeste, capital do estado de Mato Grosso do Sul, com população estimada em 800 mil habitantes.

¹⁰ Município localizado no sul da região Centro-Oeste, na Mesorregião dos Pantaneais Sul-mato-grossenses, com população estimada em 108.656 mil habitantes.

também na formação inicial de professores com as disciplinas de Práticas de Ensino, Estágio Supervisionado, Geometria, Geometria I, Geometria II, Cálculos e Álgebras. Na UFMS, também trabalhou na Educação a Distância, como a primeira coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática nessa modalidade.

O convite para ela participar da pesquisa surgiu por seu trabalho como a primeira coordenadora do curso em questão e também por sua participação na elaboração do projeto e nos movimentos iniciais para a implantação do curso.

Nosso primeiro contato foi em 19 de agosto de 2015, quando, a partir de um e-mail, fizemos o convite para a profa. Magda participar da pesquisa. Depois de sua confirmação, passamos à elaboração do nosso primeiro roteiro de entrevista, revisado e discutido no Grupo HEMEP. É importante enfatizar que:

[...] Por mais que o entrevistador selecione os entrevistados, elabore um roteiro buscando evidenciar pontos do seu interesse, cabe ao entrevistado decidir quais aspectos serão narrados, quais serão evidenciados e quais serão omitidos. Assim, a tarefa de elaborar um roteiro é mais que a seleção de algumas perguntas (SOUZA, 2015, p. 44).

Próximo ao dia da entrevista recebi de meu orientador, o professor Dr. Thiago Pedro Pinto, algumas dicas sobre esse momento, como: preparar a luminosidade do local e a filmadora; ter, além do vídeo, um aparelho de áudio em funcionamento, para o caso de possíveis problemas na gravação, bem como disponibilizar água aos participantes e entrevistados. Em relação ao diálogo estabelecido na entrevista, ele me alertou a não opinar, apenas ouvir e consentir, sem julgar ou emitir opiniões.

Nessa primeira entrevista, pude ser acompanhada pelo meu orientador, que me auxiliou em alguns aspectos técnicos e mesmo com a condução dessa primeira entrevista, salientando algum ponto da fala da entrevistada que poderia ser mais explorada por ela. O portar-se, o modo de olhar e acolher o entrevistado geralmente não consta nos textos e manuais que consultamos. Em outras palavras, aprende-se a fazer “fazendo”, vendo e acompanhando outros trabalhos ou sendo acompanhados, como em nosso caso. A entrevista durou 2h05min49s e, a seu término, a professora nos solicitou que o texto base, a textualização, fosse-lhe enviado para sua aprovação. Justificando sua ação, alegou estar cansada de participar de entrevistas e não saber o que aconteceu com seu depoimento – algo já relatado por entrevistados a outros pesquisadores do Grupo.

Retomando nossos parâmetros, nesta investigação seguimos o critério de rede, como já mencionado, para eleger os demais colaboradores. A partir da primeira entrevista “[...] perguntamos aos colaboradores quem mais, em sua opinião, poderia colaborar com a pesquisa, e, muitas vezes, essa indicação nos fornece o nome de um possível futuro entrevistado” (SOUZA, 2015, p. 44). Nesse caminhar, convidamos para a pesquisa a professora Heloisa, o professor Antônio Lino e a professora Sônia, profissionais citados durante a entrevista com a professora Magda.

Nossa segunda entrevistada foi a senhora Sandra Helena Nahabedian, casada, nascida em Nioaque¹¹, filha de militar e mãe de duas filhas. Ela veio residir em Campo Grande por não haver o Ensino Médio em sua cidade, para que ela e os irmãos continuassem seus estudos. Começou a trabalhar muito jovem, aos 14 anos e, antes de atuar na UFMS, trabalhou em duas empresas como secretária, ao mesmo tempo em que estudava Pedagogia. Prestou concurso no ano de 1987 para Assistente Administrativo e, ao ser aprovada, ela iniciou em 1988 sua carreira na instituição. Atuou no Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET) da Universidade, no Departamento de Química, no Gabinete da Reitoria e também secretariou dois cursos de mestrado. No Departamento de Matemática, atuou como secretária e também na Comissão Permanente de Vestibular (COPEVE). Anos mais tarde foi lotada na Coordenadoria de Educação a Distância (CED) para trabalhar com o primeiro projeto de formação complementar, permanecendo até os dias atuais. Como Secretária Acadêmica da Coordenadoria de Educação a Distância, desenvolveu seu trabalho com os cursos de graduação na modalidade a distância. Recentemente, soubemos da sua aposentadoria.

A ideia de entrevistar a funcionária Sandra, da Secretaria Acadêmica, ocorreu a partir de uma visita ao prédio da Coordenadoria de Educação a Distância. Procurávamos naquele momento alguns documentos do BS que não havíamos encontrado. No diálogo estabelecido com ela, percebemos o quanto conhecia seu departamento e os processos relacionados aos cursos a distância da instituição. Nessa conversa informal, descobrimos que ela estava se aposentando e pensamos em como essa senhora, funcionária há anos da instituição, poderia nos fornecer informações relevantes sobre o início do curso, bem como seu olhar, sua visão em relação a esse processo inicial.

Assim como para a primeira entrevista, fizemos o convite à senhora Sandra e, ao aceitar, marcamos a conversa para o dia 21 de outubro de 2015. Ao passar as coordenadas

¹¹ Município localizado no Sudoeste de Mato Grosso do Sul, distante 180 km de Campo Grande, a capital do estado, com população estimada em 14.391 mil habitantes.

sobre como seria o encontro, ela solicitou que a entrevista fosse gravada apenas em áudio, de modo que concordei com a solicitação. Nessa segunda entrevista, meu orientador julgou não ser mais necessária sua presença.

Chegado o dia da entrevista, ela me encaminhou para uma sala do prédio da Coordenadoria de Educação a Distância, reservada para aquele momento. Iniciamos o encontro preparando a gravação e seguindo parte das etapas seguintes, relacionadas à gravação por áudio. Essa entrevista teve a duração de 57min26s. Em seu desenvolvimento fomos interrompidas uma única vez com a entrada de um funcionário na sala, nada, porém, que afetasse o andamento do trabalho. Os nomes citados pela professora Magda também ficaram evidentes na fala de Sandra, principalmente o do professor Lino, chamado assim por ambas as entrevistadas.

Nosso terceiro entrevistado foi, pois, o professor Antônio Lino, citado diversas vezes pela professora Magda e também por Sandra como principal personagem do início da EaD na UFMS e, por consequência, do curso aqui pesquisado. Natural do Piauí¹², o docente chegou a Rondonópolis¹³ (MT) no ano de 1976, na época recém-formado em Filosofia. Mais tarde especializou-se em Política e Economia e cursou o Mestrado em Filosofia da Educação e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). Ele, inclusive, foi o penúltimo orientando do professor Paulo Freire¹⁴.

Sua carreira profissional no Ensino Superior teve início em Mato Grosso UNO, trabalhando em vários municípios na área de formação inicial e continuada de professores. Com a divisão do estado, optou por ficar em Mato Grosso, no *campus* de Rondonópolis, às vezes atuando também em Cuiabá¹⁵.

Ele decidiu se transferir para a UFMS no ano de 1999, começando seu trabalho no programa da Licenciatura Parcelada que a instituição ofertava, inicialmente como professor e depois como coordenador. Nesse projeto trabalhou em vários municípios do Mato Grosso do Sul, nos vários cursos que havia, entre eles, o de Matemática. Contribuiu com o Grupo de

¹² Localiza-se no noroeste da Região Nordeste brasileira. Sua área é de 251 577,738 km² e tem população estimada em 3.194,718 mil habitantes.

¹³ Município localizado na região Sudeste do estado de Mato Grosso, a 210 km da capital Cuiabá, com população estimada em 235.320 mil habitantes.

¹⁴ Paulo Reglus Neves Freire. Educador pedagogo e filósofo brasileiro (1921-1997).

¹⁵ Município localizado na região Centro Oeste do Brasil, capital do estado de Mato Grosso, com população estimada de 580.489 mil habitantes.

Apoio ao Ensino da Ciência e Matemática (GAECIM¹⁶) e atuou em diversas frentes e departamentos dentro da Universidade. Foi também chefe de departamento, coordenador de curso, assessor do reitor e membro na Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD). Mesmo atuando em funções administrativas, continua mantendo vínculo com a sala de aula, ministrando disciplinas como: “Educação e Religiosidade” e “Educação e Espiritualidade”, além de estudando o Candomblé e a Umbanda. Sua penúltima atuação foi na coordenação da EaD.

Em 16 de outubro de 2015, entramos em contato por e-mail com o professor para convidá-lo e nesse mesmo dia ele respondeu aceitando nosso convite e disponibilizando seus contatos para que pudéssemos agendar a entrevista. Trocamos alguns e-mails para decidir possíveis datas, visto que se tratava de um momento difícil porque a instituição estava participando de uma paralisação. Dois meses mais tarde, quando a Universidade retomou suas atividades, conseguimos agendar uma data. No entanto, nesse primeiro agendamento, não conseguimos concretizar a entrevista porque o professor tinha outro compromisso e não pode comparecer, o que nos fez remarcar o encontro para uma nova data.

A entrevista foi realizada nas dependências do Departamento de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS, em uma sala de reuniões escolhida pelo docente, no dia 09/12, com duração de 1h03min32s. Para ela, tive o auxílio de um colega de mestrado, Florisval Santana Filho, que me auxiliou com a iluminação da sala e com o manuseio da filmadora.

Antes de iniciarmos a conversa, o professor pediu o roteiro para verificar o que seria perguntado, autorizando posteriormente o início da entrevista. Na ocasião não tivemos nenhum problema ou interrupção, tudo ocorreu conforme o previsto. No diálogo, o entrevistado sugeriu uma entrevista com o professor Edmir, docente de Matemática que também contribuiu com os processos de implementação do curso na modalidade a distância. Segundo Lino, ele esteve sempre presente em suas dúvidas relacionadas à Matemática e com sugestões de como implementá-la em um curso. Além de nos conceder a entrevista, dias depois, o professor nos cedeu também cópias de documentos, recortes de jornais e arquivos

¹⁶ Grupo de Apoio ao Ensino de Ciências e Matemática, constituído por professores dos Departamentos de Ciências Humanas (DCH/CCHS), Educação (DED/CCHS) e Matemática (DMT/CCET): Luiz Carlos Pais e José Luiz de Freitas Magalhães; Física (DFI/CCET): Paulo Ricardo da Silva Rosa e Shirley Gobara e Almerinda Plibério e Química (DQI/CCET): Maria Celina Ricena e Onofre Salgado Siqueira e, logo depois, o Departamento de Biologia (DBI/CCBS): Paulo Robson incorporou-se ao GAECIM.

relacionados à época do início da EaD na UFMS, escritos disponibilizados no site do Grupo HEMEP.

Posteriormente, entrevistamos a professora Heloisa. Nascida no Rio de Janeiro, ela chegou a Campo Grande no ano de 1991 acompanhando seu esposo, um sul-mato-grossense. Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Matemática, a docente possui Mestrado em Matemática Pura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS.

Antes de entrar na UFMS, atuou no Rio de Janeiro como professora da Educação Básica e do Ensino Superior. Trabalhou também na UFGD, que na época ainda era UFMS. Efetivou-se no ano de 1994 e, a partir dessa data, sempre trabalhou nos cursos da área de Matemática, inclusive na Licenciatura em Matemática a distância. Ademais, coordenou o curso durante três gestões. Além da UFMS, atuou no Centro de Ensino Superior de Campo Grande (CESUP), atual Universidade Anhanguera (UNIDERP/ANHANGUERA).

A professora Heloisa foi convidada para a pesquisa por ter sido docente do curso e também por ser citada com muita frequência na entrevista da Profa. Magda. De todas as entrevistas, essa foi a mais difícil de ser marcada. Isso porque começamos o contato com ela no dia 13 de outubro e, por e-mail, ela nos informou que gostaria muito de participar, mas naquele momento estava impedida, uma vez que se encontrava afastada para tratar da saúde. Contudo, ela sinalizou que assim que terminasse seu atestado, poderíamos marcar. Dessa forma, em 04 de dezembro, fizemos a terceira e última tentativa de contato por e-mail e finalmente conseguimos agendar com ela. A entrevista ocorreu no dia 09 de dezembro, às 14h e teve a duração de 48 min, tendo sido realizada na sala do Grupo HEMEP, na Unidade VII da UFMS, seguindo os mesmos procedimentos de organização das entrevistas anteriores. Nessa entrevista, tivemos o auxílio de outro colega de mestrado, Maycon Douglas, que auxiliou na organização do ambiente e na montagem do aparelho de gravação.

A nossa última entrevista foi com a professora Sônia, citada nos depoimentos da professora Magda, de Heloisa e do professor Lino, motivo que nos levou a convidá-la para a pesquisa.

A profissional cursou graduação em Licenciatura em Matemática, Especialização em Gestão e Tutoria em EaD, Mestrado em Educação pela UFMS e no momento é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, também pela UFMS. Sua carreira profissional como docente teve início no Ensino Superior, logo após ter terminado sua

graduação: começou como professora substituta, ministrando aulas das disciplinas de Análises de Sistema e Matemática no Curso de Ciências da Computação e também na Licenciatura.

Depois de terminado o Mestrado, ela prestou um processo seletivo e passou a fazer parte do quadro de professores da EaD, lotada na Coordenadoria de Educação a Distância (CED), especificamente na Licenciatura em Pedagogia e depois na Licenciatura em Matemática, pelo Departamento de Matemática¹⁷. Com a chegada da Universidade Aberta do Brasil, ela foi convidada a assumir a função de coordenadora de tutoria da Licenciatura em Matemática a distância da instituição, posteriormente efetivando-se na Universidade por meio de concurso público.

Em 04 de dezembro, ao entrar em contato com a professora, a mesma me informou que estava viajando e que assim que chegasse a Campo Grande poderíamos marcar. Uma semana depois nos encontramos, conversamos e marcamos a entrevista para a próxima semana, numa quinta-feira, dia 16 de dezembro, no horário das 13:00 às 15:00, intervalo no qual ela poderia participar. A professora chegou na hora marcada e, então, começamos a entrevista, que teve a duração de 31min40s.

Foi a primeira entrevista com vídeo que realizei sozinha. Nesse horário, não consegui ninguém para me auxiliar com a filmagem e, por isso, desempenhei todas as funções: preparei a filmadora, iluminação e local. Esse foi o único imprevisto nessa entrevista.

Essas, então, foram as pessoas que forneceram material para nossa pesquisa: nossos registros da oralidade, nossas fontes, tripulantes que colaboraram com suas versões para que pudéssemos constituir essa viagem.

A partir dessas entrevistas, passamos à elaboração dos nossos registros, momento em que esses ditos sofrem dois processos primordiais dentro da nossa metodologia: a transcrição e a textualização.

Dois portos, duas paradas: transcrição e textualização

Terminados os momentos de entrevistas (com a produção de material em vídeo e/ou áudio) passamos à fase de transcrição. Transcrever é reproduzir a fala do depoente para a escrita, elaborando um texto bruto de maneira mais “fiel” possível, em relação ao que foi

¹⁷ Atual Instituto de Matemática (INMA).

falado. Todavia, para que as transcrições sejam fidedignas, essa fase prevê momentos de muita atenção e silêncio, um trabalho bastante técnico.

Segundo Pinto (2013, p. 27):

O processo de transcrição consiste em produzir um texto a partir do registrado no ato da entrevista. É um texto que tenta se aproximar, *tanto quanto possível*, daquele momento, mantendo falas, lapsos, divagações, vícios de linguagem, uso coloquial da língua, gírias e expressões regionais.

Trata-se de um processo minucioso que requer muita atenção no registro da oralidade e que será utilizado posteriormente na produção das textualizações. Dada essa característica, muitas vezes foi preciso rever e ouvir novamente a gravação. Entre as falas, palavras se misturavam, algumas não entendíamos, e outras não eram concluídas. Nesse quesito, todas as entrevistas tiveram pontos de dúvida, que nos fizeram revisitá-las algumas vezes.

Um mar revolto se apresentava à nossa frente. Um exemplo interessante desse momento é quando, em uma dessas entrevistas, um de nossos colaboradores citou o nome de um professor em que entendíamos como “Herpes” e, ao tentar, por diversas vezes, localizá-lo, descobrimos que não existia essa pessoa, mas sim o professor Hércules.

Esse processo nos causou muito estranhamento: a linguagem tanto do pesquisador quanto do entrevistado é sempre carregada de vícios, o que podemos perceber no trecho a seguir:

Ana Claudia: Hein professor, éee, o senhor já me falou bastante sobre a sua atuação na Educação a Distância, mas assim e a sua formação profissional?

Tripulante: eu sou formado em Filosofia, sou formado em Filosofia, depois eu tenho especialização em Política e Economia e posteriormente eu fiz meu mestrado em Filosofia da Educação e História da Educação na PUC em São Paulo. Éee eu fui orientado pelo professor Paulo Freire né, sou penúltimo, eu era o último, mas depois de mim ele orientou a professora Rosa Maria que foi a segunda esposa dele, né, se não eu teria sido o último orientando dele.

Como vimos no exemplo, vícios de linguagem como: “éeee”, “aí”, e repetições como: “sou formado em Filosofia”, além de marcas e abreviaturas como: “né”, são comumente utilizadas. Assim, vemos que ortografia e gramática nem sempre são empregadas como seriam em um texto escrito.

Esse texto, fiel às falas dos depoentes, segue para o processo de textualização, no qual sofrerá as mais diversas alterações, das mais diversas ordens, “[...] eliminando marcas da oralidade que possam impedir a leitura do texto de modo fluido” (SOUZA, 2015, p. 48), mas

tentando manter sempre características da linguagem do depoente. Procuramos nesse movimento “[...] criar um texto não tal como o entrevistado disse, mas que faça com que ele se reconheça como alguém que poderia ter dito isso” (SOUZA, 2015, p. 49).

Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 236), sobre o tema, orientam que:

Não há regras para textualizar e essa operação depende fundamentalmente da sensibilidade e do estilo de redação do pesquisador. Uma das disposições exigidas para essa dinâmica de elaborações textuais, por exemplo, e tentar manter, tanto quanto possível, o “tom vital” do depoente, isto é, a construção de frases nas quais se reconheça (e o próprio depoente se reconheça em) seus modos de falar.

Ao textualizar, procuramos “limpar” o texto, sem tirar totalmente as marcas, a identidade e o modo como cada um se colocava nas falas. Esse processo demandou muito tempo porque, além dessa edição inicial, “ouvimos diversas vezes a entrevista, acompanhando-a a partir da transcrição na tentativa de melhor registrar as falas e os modos de falar ali presentes” (PINTO, 2013, p. 28). Nesse exercício de textualizar, cada nome, sigla, instituição e departamento referenciado precisavam ser explicitados: algumas vezes isso se dava naturalmente na própria fala do entrevistado, em outras, foi necessário acrescentarmos notas de rodapé para esse fim. Textualizar mostrou-se uma atividade que exige tempo e pesquisa.

Optamos por deixar no corpo do trabalho as textualizações realizadas, assim como se faz na maioria dos trabalhos do nosso grupo, entendendo que:

[...] Apresentar estas textualizações no corpo do trabalho é possibilitar que o próprio leitor, caso deseje, elabore suas interpretações a partir das histórias contadas. A disponibilização da íntegra das textualizações permite ao leitor concordar com nossas compreensões, mas também permite a ele discordar, acrescentar novas interpretações, ver aquilo que podemos ter deixado escapar (CURY, 2011, p. 36).

Textualizar é, pois, um exercício subjetivo. O pesquisador, com seu olhar atento, procura manter as características da linguagem de seu depoente, lapidando vícios, repetições e abreviaturas, organizando o material da forma mais fiel possível, seguindo sempre as normas e os padrões da linguagem, assim como no exemplo a seguir, que apresenta a textualização da transcrição anterior:

Ana Claudia: O senhor nos falou sobre a sua atuação na Educação a Distância e quanto à sua formação profissional? Pode nos falar sobre ela?

Tripulante: Eu sou formado em Filosofia, fiz especialização em Política e Economia e posteriormente fiz o Mestrado em Filosofia da Educação e História da Educação na PUC em São Paulo. Fui orientado pelo Professor Paulo Freire, sou o penúltimo orientando dele, eu era o último, mas depois de mim ele orientou a Professora Rosa Maria Torres, que foi a segunda esposa dele, se não fosse isso, eu teria sido o último orientando dele, não é?

Nesse contexto, o pesquisador organiza, conjuga e redige o texto narrado. Entretanto, a identidade do entrevistado deve aparecer em sua narrativa. Além disso, cabe ao pesquisador “[...] a opção entre manter ou suprimir as perguntas nesse movimento, ou seja, realizar a textualização como perguntas e respostas ou transformá-la numa narrativa corrida” (SOUZA, 2015, p. 48). Em nosso grupo de pesquisa, ambas as formas são trabalhadas: textualizações com perguntas e respostas e também na forma de narrativas.

Para este estudo, em um processo que poderíamos adjetivar de “espontâneo”, acabamos por manter as perguntas nas textualizações. Não víamos, até aquele momento, alguma potencialidade que justificasse a retirada das questões nos textos. Depois de textualizadas todas as entrevistas, percebemos que essa “escolha” havia sido pertinente, tendo em vista o modo por que optamos para tecer nossas análises. Dessa maneira, foi mais fácil elaborar um fórum no AVA, usualmente com perguntas e respostas.

Passados os processos de transcrever e textualizar, seguimos para o momento de legitimação, ou seja, quando o texto volta ao depoente para que ele veja se, mesmo com as modificações, ele se identifica no texto escrito e, caso deseje, realize alterações no material.

Segundo Souza (2015, p. 48):

Há, ainda, casos em que o entrevistado diz não ser necessária sequer a leitura do texto produzido. No entanto, esses são, digamos, casos extremos, na maioria das vezes o entrevistado faz a leitura, altera alguns pontos e autoriza a publicação integral do texto produzido.

O momento de legitimação pelo entrevistado, sempre que possível, é acompanhado por seu interlocutor. Ambos realizam a leitura, alteram, discutem e esclarecem pontos: trata-se de uma etapa que exige ética, respeito e responsabilidade do pesquisador.

Em nossa pesquisa, por exemplo, um dos colaboradores fez diversos cortes ao rever sua entrevista e, ao argumentar sobre a possibilidade de deixar alguns trechos, sua posição tornou-se irredutível. Larrosa (2014, p. 719) esclarece essa reação quando discute sobre a “assimetria entre os sujeitos pesquisadores e os sujeitos pesquisados”, destacando que o pesquisador precisa exercitar a empatia e se colocar no lugar do outro, tentando entender a

posição do sujeito pesquisado. Nesse exercício de assimetria, recuamos e mantivemos a entrevista textualizada de acordo com a posição do entrevistado, ainda que alguns trechos retirados fossem extremamente relevantes ao nosso objeto de estudo. Nesse momento é fundamental que o pesquisador compreenda que seu entrevistado precisa se reconhecer naquele registro. Ele possui pleno direito de acesso e propriedade de suas memórias e também autonomia para decidir o que quer ou não tornar público, visto que o texto fará parte de um acervo.

O texto final, depois de trabalhado e legitimado por nossos entrevistados, é tornado público em sua integralidade, autorizado por intermédio de uma carta de cessão devidamente assinada. Esse registro final torna-se parte das fontes que constituímos e que desejamos tornar públicas, a chamada “criação intencional de fontes históricas” (SOUZA, 2015, p. 31), atividade comum à História Oral e ao projeto ao qual estamos vinculados.



Outro rumo: movimento de análise

Neste trabalho, nossa análise inicia-se junto com a investigação: trata-se de um exercício subjetivo que percorre a pesquisa do início ao fim, culminando na interpretação que fazemos das fontes que criamos, intencionalmente.

Depois de trabalhadas as textualizações, a partir de um movimento que também entendemos como analítico, olhamos para as fontes produzidas e procuramos, por esses registros, traçar compreensões, evidenciar movimentos, tensões, marcas, expressões, congruências e divergências para, de alguma forma, responder questões levantadas pela investigação, ampliando a discussão sobre a temática investigada. Procuramos, enfim, pistas que nos pudessem revelar algo sobre a constituição da Licenciatura em Matemática a distância da UFMS, nosso objeto de investigação. Como resultado desse exercício, produzimos um novo texto, uma nova narrativa a partir de nossa compreensão sobre as versões de nossos tripulantes, um “estudo das diferentes maneiras como os seres humanos experienciam o mundo” (GALVÃO, 2005, p. 328).

A análise narrativa encontra-se entre os modos de produzir estudos na História Oral. Por ela, o investigador olha para sua primeira narrativa, aquela produzida pelas fontes elaboradas (textualização), criando posteriormente uma nova de acordo com seu olhar, apoiado nesses depoimentos. Assim, ele se apropria do texto e lhe atribui significados,

constituindo outra narrativa que também poderá ser vista por outros indivíduos que percorram o mesmo caminho (CURY, 2011).

Segundo Garnica, Fernandes e Silva (2011, p. 237), o pesquisador, ao analisar essas fontes:

[...] Pode estabelecer uma versão acerca do contexto abordado pelas fontes (criando, portanto, outra fonte). Num trabalho analítico dessa natureza, uma grande variedade de recursos/fontes (e, conseqüentemente, de pontos de vista) é mobilizada além dos depoimentos orais. Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferenciado, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que, não poucas vezes, conflitantes.

Com esse exercício analítico, percebemos algumas singularidades em nossos registros, visões que convergem em alguns pontos, mas que divergem em outros, marcas que se evidenciaram em um depoente e não em outro e que também nos levaram a perceber movimentos e projetos de formação anteriores ao período de implantação do curso.

Quanto às singularidades, encontramos no trabalho de Martim-Salamdim (2012, p. 07) uma aproximação do que realizamos em nossa pesquisa, na qual sua análise foi conduzida “em dois momentos – uma análise de singularidades e uma análise de convergências”. No primeiro, a autora procurou registrar suas compreensões sobre o que cada entrevista singularmente apontava sobre o movimento de criação dos cursos de Matemática, produzindo narrativas com as questões percebidas por ela. Aqui não entendemos singular como algo “exclusivo”, como se tivesse observado aquilo que aparece em uma em entrevista e não em outra, isto seria olhar para convergências – ou a falta dela, o propósito, no entanto, está em tentar destacar aquilo que é relevante para cada entrevistado, independente das demais entrevistas. Singularidades percebidas como indícios que a levaram a pensar ‘sobre’ e ‘como’ se constituíram esses cursos investigados. No segundo momento, a pesquisadora estabeleceu eixos a partir de relações e aproximações compreendidas no conjunto de depoimentos coletados que pudessem arrematar suas compreensões, construindo perspectivas para a composição de um panorama mais geral do seu objeto de estudo.

Dessa forma, ao olhar para nossos registros, procuramos valorizar cada versão, cada visão apresentada por nossos entrevistados, observando atentamente suas histórias e procurando

nelas o dito e o não dito¹⁸, marcas e momentos que fizeram o curso de Matemática a distância acontecer no estado de Mato Grosso do Sul. O “dito” para nós situa-se nas situações apresentadas, claras aos nossos olhos e nas falas de nossos depoentes e o “não dito”, compreendemos aquelas noções implícitas ou confusas pela memória do depoente, para as quais o pesquisador procura traçar sua compreensão.

Procuramos descrever, construir e reconstruir histórias, sejam elas pessoais ou sociais (GALVÃO, 2005), produzindo um texto de acordo com nossas compreensões sobre o que foi narrado. Neste caso, a nova narrativa constituiu-se no formato de uma discussão em fórum.

Para a produção desse texto “analítico”, muitos autores estiveram conosco, dentre eles, podemos destacar: Faoro (2014); Reis (2014); Pinto (2013); Souza (2011); Cury (2011); Fernandes (2011); Martins-Salandim (2012); Macena (2013); Staniszewski (2013); Silva (2014); Fernandes (2014) e Castro-Almeida (2015). Cada um deles analisa e produz suas narrativas em diferentes formas, não tão tradicionais no meio acadêmico. A leitura desses trabalhos contribuiu para a compreensão de nossa metodologia, dos usos que fizemos da metáfora e da ficção¹⁹, além da forma de dispor nosso trabalho e desenvolver nossa análise.

Na realização de nossa análise, a princípio, percebemos que, para cada colaborador, o curso deixou impressões particulares, reveladas a cada depoimento. Por outro lado, verificamos também alguns temas comuns a todos, que nos fizeram compreender o curso como uma continuidade.

Partindo dessa compreensão inicial, optamos por produzir nossa primeira narrativa, destacando os elementos singulares (no mesmo sentido de Martins-Salandim, 2012) e também os que se apresentaram comuns em todas as falas. Para isso, a estratégia foi utilizar uma imagem que provocasse a memória de nossos colaboradores nesse primeiro fórum e, com isso, fazer emergir intencionalmente, nos diálogos, esses elementos percebidos. Evidenciamos esses elementos nas falas que produzimos a partir do entendimento que tivemos sobre os ditos de cada um de nossos colaboradores, ao mesmo tempo estabelecendo um diálogo entre eles com o propósito de discutir posteriormente o tema com um maior aprofundamento.

Entendemos como elementos singulares as marcas e impressões que cada depoente expõe ao se lembrar do curso. Na fala da professora Carmem, por exemplo, evidenciamos como eram ministradas as aulas; conhecemos as estruturas das escolas e os problemas

¹⁸ Ao utilizar as expressões “ditos e não ditos”, entendemos que o “dito” situa-se nas situações apresentadas, claras aos nossos olhos e nas falas de nossos depoentes; por “não dito”, compreendemos aquelas noções implícitas ou confusas pela memória do depoente, para as quais o pesquisador procura traçar sua compreensão.

¹⁹ Em “Usos e formas de navegar”, tais trabalhos serão mais propriamente explicitados.

relacionados a uma modalidade semipresencial que se dizia a distância. Em outro diálogo, a professora Vera descortinou as dificuldades enfrentadas com a tecnologia e também o desafio em trabalhar as especificidades da Matemática na modalidade a distância. Também como elemento singular, destacamos por intermédio da personagem Sueli os problemas relacionados ao sistema acadêmico, à logística das viagens fora do estado e outros, como: a mudança de postura do professor ao lidar com as tecnologias; a chegada da universidade nos municípios; o desafio em gravar vídeo-aulas e produzir materiais. Todos esses elementos marcaram de forma singular cada um de nossos colaboradores.

Nesse mesmo fórum, destacamos também elementos comuns às falas, precursores ao curso, que de alguma forma contribuíram com a implantação da Licenciatura em Matemática na modalidade a distância. Entendemos por movimentos comuns aqueles que são percebidos em todas as falas, lembrados em algum momento da entrevista por todos os nossos colaboradores. Entre eles, podemos citar o projeto das Parceladas no Mato Grosso do Sul; a Licenciatura Curta; o problema da evasão e os projetos de formação sempre moldados a partir de modelos do presencial, entre outros que nos fizeram perceber esse curso como uma continuidade de outros projetos.

Nesse contexto, trabalhamos no sentido de evidenciar esses elementos singulares e comuns, destacando a partir deles aqueles que consideramos relevantes para a discussão sobre a constituição do curso, elaborando discussões em dois fóruns: “Movimentos e rumos iniciais de uma Licenciatura em Matemática a distância” e “Ancorando em um porto, vislumbrando outros”.

Ao ler os diálogos estabelecidos, o leitor, a partir de seu próprio olhar, poderá concordar ou não com nossas compreensões, ou ainda utilizar esse material para o aprofundamento de informações sobre os pontos apresentados.

Os modos de se narrar um evento ou uma(s) história(s) podem ser os mais diversos, uma vez que há uma infinidade estética a se explorar. Nesse mar, optamos pela “criação” de personagens – inspirados em tudo o que vimos aqui – que dialogam em um fórum do Ambiente Virtual de Aprendizagem sobre essas temáticas. Nessa narrativa, realizamos uma discussão ficcional, que surge a partir das fontes que criamos intencionalmente com o apoio da História Oral. Assim, elaboramos personagens com identidades fictícias, discorrendo sobre nossas compreensões de seus ditos. Nesse exercício analítico, mobilizamos as versões levantadas pelo processo de transcrever e textualizar, advindo da História Oral, para contar

nossa história acerca desses ditos em acordo com nossas compreensões, tornando-as ficção por intermédio de uma produção textual imaginária simulada por um fórum.

As personagens, que em certos momentos conseguiremos identificar com algum de nossos depoentes, nem sempre os são! Isso porque eles nunca foram colocados naquela situação: juntos em um fórum conversando sobre questões colocadas de acordo com nosso interesse.

Pinto (2013), que elaborou em sua tese de doutorado um debate radiofônico ficcional, com contexto e personagens fictícios, sobre o assunto, argumenta: “ficcionalizamos, aqui, personagens, relatos, acontecimentos, numa criação que muito se aproxima daquilo que, acreditamos, **lemos** nas falas e demais registros criados/encontrados no transcorrer da pesquisa” (PINTO, 2013, p. 59, grifo nosso). Da mesma maneira, elaboramos um fórum – uma situação fictícia - com personagens imaginários inspirados em nossos colaboradores, nos quais podemos, mais livremente, “intencionar” discursos, falas, posições e contrapontos para interagirem e “reagirem” às demais falas.

Mesmo que optássemos por manter nomes, isso seria também uma criação, visto que supor que nossos interlocutores reagissem e dissessem exatamente o que nos disseram frente a outra situação (muito diferente e envolvendo personagens com as quais eles têm outras e diversas relações) seria, a nosso ver, ingenuidade. Estamos colocando as falas, documentadas particularmente em situações de entrevista, em um ambiente “público”, com diversas personagens. Somente por esse último aspecto já poderíamos destacar o caráter ficcional de nossa produção. Além disso, com essas personagens “fictícias” podemos ainda “tencionar” seus discursos, fazê-las dizer o que, efetivamente, nossos interlocutores não disseram, dar respostas que achamos plausíveis a perguntas ou a comentários que nossos interlocutores talvez nunca ouviram.

Optamos, enfim, por realizar nossa análise a partir da ficção por entendê-la como “[...] uma possibilidade de teorização em Educação Matemática, caracterizada como um modelo legítimo de produzir significados” (SILVA; SANTOS, 2012, p. 111). Produzimos significados ao colocar nossos atores para discutirem na direção de nosso objeto de pesquisa, evidenciando os principais movimentos que fizeram parte da implantação do curso e também trazendo outros elementos que contribuíram com essa criação, como aqueles que precederam seu início. Ao mostrar pontos comuns e singulares nas falas, de acordo com nossas compreensões, estamos elaborando a nossa versão sobre os ‘ditos’ de nossos tripulantes.

Nesse contexto, o leitor, ao lançar seu olhar sobre essa discussão, poderá, ele mesmo, atribuir outros significados à compreensão apresentada pelo pesquisador e, assim, também elaborar sua versão para o curso de Licenciatura em Matemática a distância da UFMS.



Usos e formas de navegar

A abordagem de pesquisa qualitativa, como referenciado antes, possibilita ao pesquisador uma liberdade controlada e, unida aos recursos advindos da História Oral, permite alguns “usos e formas” de desenvolver/apresentar uma investigação.

Nesta etapa da navegação, procuramos explicar detalhadamente o que entendemos em cada uso (metáfora) e como pensamos cada forma (estética) de nossa investigação. Os usos a que nos referimos estão relacionados às metáforas que utilizamos para desenvolver nosso texto, com uma leitura mais fluída, dialogada e próxima à linguagem utilizada na EaD. Nem sempre tais metáforas utilizadas seguem rigorosamente os modelos que lhes serviram de inspiração – algumas vezes percebemos suas limitações.

Ao termo “formas” relacionamos a estética de nosso trabalho, ou seja, sua divisão em módulos, os textos disponibilizados no recurso página web e as discussões elaboradas em fórum, elementos que simulam o Ambiente Virtual Moodle.

Assim, procuramos produzir historiografia em Educação Matemática com o apoio de um recurso que nos possibilitou produzir uma narrativa em um gênero textual próprio à educação a distância: o fórum, um modo de comunicação dialógico e assíncrono. Essa ideia foi surgindo e se materializando no transcorrer do trabalho ao tentarmos adotar uma forma “diferenciada”, com uma pergunta principal que nos inquietava: “que modos/gêneros textuais potencializam a discussão que pretendemos fazer?”.

A primeira referência que nos inspirou foi a tese do orientador desta pesquisa, o Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, intitulada “Projeto Minerva: caixa de jogos caleidoscópica”. Nela, o autor faz uso das metáforas “caixa de jogos”, “caleidoscópico” e “cacos de vidros e miçangas”, mobilizando a História Oral como recurso para a produção de fontes a partir de cinco entrevistas relacionadas ao projeto. A partir desses registros, sua análise é realizada por intermédio de um debate radiofônico ficcional.

Outro trabalho que nos estimulou nessa busca por modos diferenciados de produção historiográfica foi o de Souza (2011), a tese “Trilhas na construção das versões históricas sobre um Grupo Escolar”. Nesse estudo, a pesquisadora explorou as potencialidades da

História Oral como metodologia costurando historiograficamente as tramas elaboradas por suas entrevistas, tendo como temática o “Ensino de Matemática” a partir dos movimentos Escola Nova e da Matemática Moderna, que marcaram o período de funcionamento do Grupo Escolar Eliazar Braga. Nessa investigação a análise é apresentada na forma de um multipaper com cinco artigos elaborados para apresentar as “facetas de uma instituição plural e um movimento” (SOUZA, 2011, p. 420).

Para contar “Uma história da formação de professores de Matemática e das instituições formadoras do Estado de Tocantins”, por sua vez, Cury (2011) procura recriar ou ressignificar “histórias ouvidas, lidas, observadas, vividas durante a pesquisa” (CURY, 2011, p. 231) por intermédio da oralidade e de registros escritos. Assim, a discussão desses temas desenvolve-se em uma análise narrativa, isto é, a partir dos argumentos presentes nas narrativas de seus depoentes uma nova narrativa é elaborada para compor a trama elaborada pelo pesquisador.

Por intermédio de 19 cartas (estilo epistolar) destinadas a um personagem fictício, Fernandes (2011), por sua vez, apresenta sua tese sobre a formação do professor de Matemática no Estado do Maranhão. Nessa troca de correspondências, a autora estabelece um diálogo com “tramas” levantadas em dezesseis entrevistas, permitindo ao leitor a compreensão de como se deu esse processo de formação desde a implantação do primeiro curso de Matemática naquele estado. Elementos dessa sua análise podem ser encontrados na décima oitava carta e em resposta a seu leitor fictício.

Já em Martins-Salandim (2012), como já citado, encontramos elementos sobre “A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo” concentrados na década de 1960, período em que se ampliou a oferta desses cursos na região. Trata-se de um trabalho de natureza historiográfica que se desenvolveu em dois momentos distintos: o estudo das singularidades e o estudo das convergências, já discutidos neste trabalho.

A investigação de Macena (2013), por sua vez, realizou-se em João Pessoa (PB) e versa sobre a década de 1960 para tratar da formação e da prática de professores de Matemática. Fazendo uso de procedimentos da História Oral, a autora entrevistou onze professores naquele estado e, com esses relatos, compôs sua narrativa, detendo-se às semelhanças e às singularidades para elaborar sua trama. Assim, ela narra o que vivenciou acerca da formação e da prática docente e, na medida em que relata, novos temas surgem e sugerem a busca de fundamentação em outras leituras disponíveis.

No Estado do Paraná, encontramos o trabalho de Staniszewski (2013): “Uma investigação sobre o Ensino da Matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul”, que objetivou investigar vestígios históricos da Educação Matemática da cultura escolar no final do século XIX até 1938. Nesse trabalho, compõe-se um cenário geral da educação e da cultura polonesa nessa região a partir de quatro depoimentos (de senhoras com idades de 74 a 100 anos). A narrativa apresenta trechos de falas dessas senhoras junto aos argumentos da pesquisadora. Nessa análise narrativa, a autora procura compor um cenário sobre o ensino daquela época naquela região.

Silva (2014), que também forneceu subsídios teóricos para esta pesquisa, analisa em sua pesquisa de doutorado as narrativas de quinze professores das escolas de Santa Catarina: “Sobre as feiras catarinenses de Matemática e as práticas e concepções sobre o ensino e aprendizagem de matemática” ao longo de 25 anos de desenvolvimento do evento no Estado, traçando então uma historiografia. Na análise paradigmática²⁰ de suas narrativas, a estudiosa procurou “[...] detectar convergências e divergências em cada depoimento e entre os vários depoimentos coletados” (SILVA, 2014, p. 183) com vistas a entender, a atribuir significados e a elaborar uma narrativa final sobre “feiras catarinenses de Matemática” e “a formação do professor nos anos iniciais” a partir de um panorama.

Também a tese intitulada “A quinta história: composições da Educação Matemática como área de pesquisa” foi considerada para este estudo. Nela, Fernandes (2014, p. 17) procurou “[...] elaborar compreensões de como uma área de pesquisa, a Educação Matemática, se constitui”. No seu movimento de pesquisa, ao invés de empreender a investigação a partir de uma perspectiva da narrativa de experiência, o autor preferiu enveredar pela experiência da narrativa, modo em que a vida de pesquisadores em Educação Matemática atravessam a pesquisa, sem discursos totalizantes e sem buscar formas, mas efeitos. A base metodológica dessa pesquisa esteve ancorada nos memoriais²¹ - escritas (auto)biográficas – de seus colaboradores. Assim, para a análise, utilizaram-se dois tipos de narrativas: os memoriais e as entrevistas²² realizadas com três professores que participaram ativamente de diferentes movimentos de constituição da Educação Matemática no país. A

²⁰ A análise paradigmática procura encontrar, nas narrativas, temas comuns ou grupos conceituais (SILVA, 2014, p. 183).

²¹ O autor escolheu essa perspectiva teórico-metodológica depois de ter conhecido os trabalhos de Fernanda Malinosky Coelho da Rosa e ser orientado pela Profa. Dra. Ivete Maria Baraldi (UNESP), além dos estudos de Ana Cláudia Molina Zaquero, orientada pela Profa. Dra. Heloisa da Silva (UNESP).

²² Na perspectiva do autor as entrevistas são disparadas pelos memoriais.

cada capítulo, o autor coloca sua irreverência literária e suas compreensões, narrando cinco histórias que são inspiradas pelo conto a “Quinta História”, de Clarice Lispector.

No Estado de Minas Gerais, o GHOEM tem parte de seu mapeamento realizado pela pesquisa “Um lugar: muitas histórias – o processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de Ensino Superior da região de Montes Claros/ norte de Minas Gerais (1960-1990)”, realizada por Castro-Almeida (2015) que, valendo-se da História Oral, ouviu a narrativa de dezesseis professores, explorou documentos e, com as marcas percebidas, elaborou sua narrativa.

Como visto, todos esses autores estiveram conosco nesta pesquisa, ora inspirando nossa metodologia e análise, ora nossos usos e formas. Cada um, de maneira mais ou menos irreverente ou ousada, fez uso de diferentes formas de pesquisar, apresentando ao meio acadêmico possibilidades de subverter e ao mesmo tempo desenvolver processos e procedimentos que legitimam um estudo, quando sua estética escapa das formas comumente utilizadas na academia.

A partir da leitura desses trabalhos e pela constante discussão com nosso orientador e com o grupo de pesquisa do qual fazemos parte, optamos por simular um ambiente próximo às abordagens desenvolvidas pela Educação a Distância. Além desse modo de escrita, adotamos ainda metáforas, como a aquática “navegar”. Quem já participou de alguma atividade em um ambiente virtual já se deparou com expressões como “navegar na internet”. Na EaD, autores de cursos se valem dessas metáforas com a intenção de dialogar com pessoas que estão distantes fisicamente com vistas a amenizar essa distância, proporcionando textos que “conversam”, muitas vezes, de maneira menos formal.

Neto (2005, p. 02), contribuindo para essa discussão, explica que:

Na educação à distância, quando procuramos minimizar as dificuldades trazidas pela separação espacial e/ou temporal entre os agentes da aprendizagem, uma metáfora bem escolhida pode servir como meio de aproximação através do compartilhamento de um referencial comum reconhecido e valorizado por todos.

Em nossa pesquisa, fizemos uso de metáforas aquáticas, utilizando expressões como: “passageiros”, “tripulantes”, “embarque e desembarque”, “milhas”, “navegar”, “porto”, “mergulhar”, “rotas”, “ancorar”, “atracar” e “zarpar”. Enquanto produzimos, elas nos auxiliaram na elaboração linguística e fluída de nosso trabalho, unindo os caminhos percorridos e possibilitando uma maior compreensão do texto.

Logo em nosso início, utilizamos as metáforas: *passageiros e tripulantes*, tomando a primeira por aquelas pessoas que se dispuseram a conhecer nosso trabalho, lendo e indiretamente interagindo conosco em nossas compreensões: nossos leitores. Em relação aos tripulantes, que conceitualmente são todos aqueles que trabalham em um navio ou aeronave, estes para nós são nossos principais colaboradores, aqueles que com seus ditos possibilitaram nossas versões: os entrevistados. Consideramos também tripulantes autores e pesquisadores que interagiram em nossos fóruns desde o início, ou ainda, que surgiram no decorrer das discussões realizando suas intervenções. Tomamos, enfim, como tripulantes, todos aqueles que trabalharam, revisaram e contribuíram, que direta ou indiretamente com seus estudos e olhares nos auxiliaram nas entrevistas, na metodologia e análise.

As expressões *embarque e desembarque*, por outro lado, foram utilizadas como título dos módulos que indicam o início e o fim da pesquisa, discutindo o tempo que a antecede e lhe dá início, pontuando os caminhos percorridos, as impressões e as compreensões aqui desenvolvidas. A expressão *milhas*, por sua vez, foi atribuída às distâncias percorridas pela investigação.

Ademais, tomamos a metáfora *navegar* como: ousar, investigar, estudar, produzir a pesquisa. Navegar nesse caso seria percorrer e elaborar o estudo com base em um projeto delineado inicialmente, porém, sem saber ao certo se o destino planejado será alcançado. Também ao navegar, experimentamos diversas paradas: paramos para entrevistar, para transcrever, textualizar, analisar, ler, discutir, entre outros. Essa atividade nos coloca como exploradores do trabalho de uma maneira geral. Exploração assimilada ao que fazemos na internet, em que hiperlinks podem nos levar a rumos inesperados e a informações de diversas naturezas por não respeitarem fronteiras e dessa forma se enveredarem por um vasto oceano.

Em toda navegação entendemos que existe uma parada, que poderá ou não representar um porto final, assim como outros portos podem surgir a partir do que foi navegado. Nesse contexto, a palavra *porto*, representa o local da nossa chegada. Toda pesquisa, independente da forma como seja desenvolvida, ela traz consigo uma chegada, um final. Este para nós se materializa a partir de nossas compreensões, quando nos propusemos a caracterizar o curso investigado segundo nossos objetivos e a encontrar um porto para a Licenciatura. Esse porto materializado por nossas compreensões poderá sofrer transformações a partir de outros olhares. E *mergulhar*, nesse sentido, é aprofundar, penetrar em oceanos de informações, claro que com um propósito, cuidado e planejamento: é descer mais fundo, é

explorar de forma mais sistemática aquilo que atende ao nosso objetivo de acordo com as rotas, os caminhos percorridos pela navegação, pela nossa pesquisa. Entretanto, trajetórias traçadas *a priori* podem tomar rumos diferentes.

Ancorar, atracar, por sua vez, representam parar, descer e observar o que há naquele porto. Parar para refletir sobre o trajeto, relacionar experiências anteriores às novas, criar relações entre o estudo proposto. *Zarpar*, por outro lado, seria continuar a navegação, a investigação.

Frente ao exposto, na estrutura geral deste trabalho, utilizamos a metáfora para aproximar uma produção científica da estética utilizada na EaD, qual seja: aquela dividida em módulos. Todavia, além do uso de metáforas, buscamos também uma forma próxima daquela trabalhada na EaD e para isso simulamos dois recursos disponibilizados pelo Moodle, plataforma escolhida por tratar-se de um software livre e colaborativo e por ser utilizada nas Universidades Federais que oferecem o Ensino Superior a distância, como é o caso em estudo.

Esse ambiente, o Moodle²³, possui dois módulos distintos: um com recursos utilizados para disponibilizar textos relacionados às disciplinas e seus conteúdos e outro com atividades, destinado ao desenvolvimento de exercícios e de produções de textos avaliativos.

No módulo recurso, encontramos: arquivo, livro, página, pasta, rótulo e URL, ferramentas que possibilitam aos estudantes um estudo autônomo, seja por meio da leitura de textos ou de outras mídias. Já no módulo atividade, encontramos: chat, fórum, wiki, escolha, glossário, lição e questionário, seção repleta de atividades que podem auxiliar o trabalho do professor na avaliação da disciplina. Essas atividades são classificadas como síncronas²⁴ e assíncronas²⁵ e ficam postadas no ambiente, com a opção de acompanhamento por pontos, notas ou porcentagens (MORAIS, 2012).

Nosso trabalho simula recursos desses dois módulos. Em relação ao primeiro, fazemos uso de “página”, representado pelos textos Guia de navegação, O embarque, Navegando por mares desconhecidos, Ditos de uma tripulação e no Módulo O desembarque. Optamos por esse recurso porque, ao simulá-lo no Moodle, consideramos ser ele o mais adequado para a disposição dos textos para leitura, ainda que, em alguns momentos, tenha

²³ Importante esclarecer que o Moodle está na versão 3.1.1(2017) diferente da versão da instituição 1.9 e 2.2 em alguns cursos.

²⁴ A Comunicação Síncrona, entendida como aquela que é realizada simultaneamente, em tempo real, é disponibilizada pelos *chats*.

²⁵ A Comunicação Assíncrona é entendida como aquela que não ocorre exatamente ao mesmo tempo, não-simultânea.

apresentado alguns problemas quanto à formatação de fontes e parágrafos, o que não encontramos ao simulá-lo no texto deste trabalho, fora do AVA.

Do módulo atividade, utilizamos o fórum para narrar nossa análise. Ele, no AVA, possui quatro categorias: fórum de discussão simples; fórum geral; fórum cada usuário inicia apenas um novo tópico e o fórum de perguntas e respostas. Na primeira categoria, o fórum de discussão simples tem início a partir de um único tópico em uma única página. Suas mensagens são disponibilizadas de forma contínua numa mesma tela. Essa modalidade é usada para organizar discussões com foco em um tema, sobre o qual cada aluno poderá realizar uma leitura contínua, refletir e participar da discussão.

Já o fórum geral é aberto a todos os participantes, ou seja, todos podem iniciar um novo tópico quando desejarem. Além de muito utilizado, ele apresenta as discussões de cada temática em blocos, com informações sobre o número de pessoas que participaram, postaram e interagiram com respostas. Por outro lado, no fórum: cada usuário inicia um novo tópico é permitida a abertura de apenas um assunto para discussão; porém, todos podem responder livremente as mensagens, sem limite de quantidade. Na última categoria, o fórum de perguntas e respostas, o usuário pode ler as mensagens de outros participantes e começar a interagir somente depois de postar algo sobre a discussão. Dessa forma, permite que a primeira mensagem de cada usuário seja original e independente (MORAIS, 2012).

A diferença entre uma categoria e outra se encontra na forma em que são disponibilizados e também em como os *feedbacks* se estabelecem a partir de uma resposta. Encontramos nesse recurso de atividade um potencial para discussão, interação e informação sobre certo tema. Pessoas interagem por ele colocando posições sobre certo assunto em debate, mediadas na maioria das vezes por um tutor/moderador. No entanto, todos que participam possuem a liberdade de discutir e mediar a discussão (MORAIS, 2012).

Articulamos nosso texto analítico a partir de um fórum no formato ‘discussão simples’. Escolhemos essa categoria depois de testar no ambiente virtual todas as citadas anteriormente, simulando as discussões e verificando qual das categorias poderia nos trazer um diálogo mais contínuo no que diz respeito à sua estrutura. A partir do teste realizado, entendemos que nesse fórum a disposição dos diálogos apresentava-se num formato mais adequado à nossa proposta, pela qual “mensagens são disponibilizadas de forma contínua”, numa mesma tela, e não em “blocos”, possibilitando um acompanhamento mais fluído por parte do leitor. Usamos esse recurso para o fórum *Início da navegação* e também para a

produção de nossa análise narrativa, os quais nomeamos: Movimentos e rumos iniciais de uma Licenciatura em Matemática a distância e Ancorando em um porto, vislumbrando outros...

É importante enfatizar também que, no decorrer da pesquisa, surgiram outras ideias relacionadas à utilização do Moodle. A primeira delas foi disponibilizar todo o texto do trabalho no recurso fórum. Com isso, colocamo-nos como leitores, pensando em como seria ler um trabalho dialogado do início ao fim, o que a princípio nos pareceu interessante. No entanto, ao pensar em como seria esse diálogo na discussão metodológica, por exemplo, indagamo-nos também sobre como poderia ser cansativo ao leitor percorrer essa forma textual. Por esses motivos, não conseguimos prosseguir com essa primeira ideia.

Depois, pensamos em utilizar diversos recursos do Moodle, além de página e fórum. O livro, por exemplo, foi uma ideia que surgiu como uma possibilidade de disponibilizar os vídeos e os áudios das entrevistas, entre outros. Nessa etapa, nossa intenção era disponibilizar toda a pesquisa diretamente no AVA, para que outros pesquisadores e leitores pudessem conhecê-la e talvez até mesmo interagir com a pesquisa. Porém, manter a pesquisa definitivamente nesse ambiente implicaria decisões maiores e a disponibilidade do servidor da Universidade: “por quanto tempo o trabalho ficaria disponível? Quem acompanharia, com o passar do tempo, as discussões no ambiente? Como se daria o acesso a esse ambiente que é restrito?”. Com todas essas questões e com a impossibilidade de alterar postagens no fórum do AVA (após uma hora de postagem, a mensagem não pode mais ser editada), abandonamos essa ideia também.

Decidimos então trabalhar o fórum no início do trabalho e também na análise, mas de forma simulada, pelo próprio editor de texto, a partir do qual tentamos exercitar uma estética semelhante à de um fórum no AVA. Prosseguimos então com essa categoria de discussão e com o recurso página, por entender que ambos poderiam ser trabalhados de forma simulada em nosso texto.

Além das metáforas e dos recursos simulando o Moodle, também mobilizamos a ficção. Seu uso encontra-se em vários momentos deste trabalho, principalmente em nossa análise. *Ficcionamos*²⁶ quando caracterizamos nosso trabalho como um ambiente virtual;

²⁶ Utilizamos aqui a expressão inspirados no uso elencado por Miguel *et al*, realizado por Nietzsche, como imaginar, fantasiar ou inventar (entre outros) (MIGUEL *et al*, 2015, p. 190).

quando criamos os avatares²⁷, personagens para discutir nossa produção analítica e também quando elaboramos uma situação que não ocorreu de fato. Em nossa criação, é importante salientar: ainda que a fisionomia desses colaboradores se aproxime daquela real de alguns de nossos interlocutores, suas falas se confundem entre um e outro personagem: ora se aproximam da fala “original” e ora representam nossos entendimentos sobre o que foi dito, segundo nossa análise e compreensão.

A ficção surge então como possibilidade de responder a alguns questionamentos que nos surgiram quando optamos por realizar nosso exercício analítico no formato de um fórum. Como poderíamos colocar nossos depoentes para discutir em uma situação inusitada a eles, sem suas permissões prévias e entendendo que o que disseram em suas entrevistas o fizeram a nós, frente a nossas perguntas, expressões etc.? Assim, como uma fala então desconexa poderia ser recortada e colada em um novo contexto?

Outras questões surgiram nesse processo: como seria estruturado esse diálogo? Como fazer as partes dialogarem numa continuidade respeitando a comunicação assíncrona? Quem participaria dessa discussão: personagens reais, aqueles com características próximas aos reais ou, ainda, alguns totalmente diferentes dos reais? Como caracterizá-los em sua forma física e linguística? Que nomes atribuir a eles?

Procuramos esclarecer tais indagações ao incorporar à nossa pesquisa uma produção linguística que resultasse em uma historiografia composta a partir de diálogos criados no recurso fórum e mediados por personagens fictícios. Nessa composição historiográfica ‘nossa análise’, não procuramos apresentar fatos ocorridos, mas “o que se diz hoje sobre um determinado tema histórico” (PINTO, 2015, p. 869), potencializando-o e problematizando-o.

Dessa maneira ao compor nossas compreensões, decidimos então criar personagens na forma de avatares²⁸ e lhes atribuir uma identidade e algumas características físicas, procurando aproximar, na medida do possível, tais características ao que ocorre em um fórum do ambiente Moodle.

Nosso “flerte” com os personagens “reais” se deu a partir de algumas semelhanças físicas de nossos avatares, mas, principalmente, por peculiaridades dos modos de falar de

²⁷ Manifestação corporal de alguém no espaço cibernético. Criados no site: <http://orig09.deviantart.net/8da2/f/2008/028/3/0/anime_face_maker_v1_0_by_gen8hedgehog.swf>. Acesso em 15 de setem. de 2016.

²⁸ Manifestação corporal de alguém no espaço cibernético. Criados no site: <http://orig09.deviantart.net/8da2/f/2008/028/3/0/anime_face_maker_v1_0_by_gen8hedgehog.swf>. acesso em 22 de out.de 2016.

nossos depoentes, levemente incorporados em nossa ficção. Não tivemos nenhum critério específico para a criação dos nomes desses personagens, sendo esta aleatória: João, Carmem, Olga, Vera e Sueli.

Importante notar também que a estrutura e o diálogo estabelecido tentaram se aproximar grandemente de um fórum original, tanto no que tange à estrutura estética como ao desenvolvimento do tema e, a partir deste, os demais subtemas foram se constituindo.

Em nosso primeiro movimento de análise, optamos por iniciar uma discussão a partir de uma imagem com os polos iniciais da Licenciatura em Matemática a distância (ver Figura 05). A partir dela, percorremos as falas de nossos colaboradores, buscando nelas marcas, elementos e impressões deixadas por cada um deles, lembranças que pudessem remetê-los à imagem proposta.

A partir dessa provocação inicial, procuramos discutir esse momento com falas próximas a de nossos colaboradores, elaborando um diálogo que nos apontasse as diversas singularidades percebidas. Essa aproximação foi realizada intencionalmente, com o propósito de fazer surgir os demais elementos percebidos pela pesquisa, aqueles que já havíamos vislumbrado em momentos anteriores, nos processos de transcrição e textualização. Essa discussão apresentou, de forma geral, marcas singulares a cada versão e também elementos comuns a todos os depoimentos. Essas singularidades e continuidades são retomadas no próximo fórum e também em nosso desembarque.

No último fórum, além desses personagens, pudemos contar com a participação e com a contribuição de mais seis, entre eles, pesquisadores, autores e também nossos avaliadores no momento da qualificação, os quais identificamos com os nomes de Bethânia²⁹, Juliana³⁰, Mara³¹, Elisa³², Carlos³³ e Humberto³⁴, personagens incorporados à nossa análise por realizarem apontamentos e sugestões teóricas que julgamos pertinentes e interessantes.

²⁹ Personagem criado para discutir elementos apresentados no texto “Um estudo da criação e desenvolvimento de licenciaturas em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul” (BITTAR; NOGUEIRA, 2015).

³⁰ Personagem criado para discutir elementos do texto “Memórias da Licenciatura Curta Parcelada de Ciências no Mato Grosso do Sul: vários olhares” (GONZALES, 2014).

³¹ Personagem criado para discutir elementos da tese “Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul” (SILVA, 2015).

³² Personagem criado para discutir apontamentos apresentados na Banca de Qualificação deste trabalho (Chiari, 2016).

³³ Personagem criado para discutir apontamentos apresentados na Banca de Qualificação deste trabalho (Fernandes, 2016).

³⁴ Personagem criado para discutir elementos do texto “O papel da interação e as diferentes abordagens pedagógicas de Educação a Distância” (VALENTE, 2010).

A participação desses ‘novos’ personagens com suas pesquisas e percepções nos auxiliou a entender e a discutir nosso tema de investigação com um maior aprofundamento sobre as marcas e os elementos que emergiram nas discussões. Discutimos as singularidades e as continuidades encontradas nos discursos de nossos tripulantes, cujo curso entendemos: ora como uma continuidade, ora como singular. Procuramos, enfim, traçar aqui uma historiografia.

[...] Nosso entendimento a respeito da produção historiográfica não é uma mera *transformação* do ocorrido em um texto, mas uma produção que se refere a certo momento vivido concernente a uma escrita, não da experiência vivida, mas de uma escrita a partir da experiência vivida (PINTO, 2015, p. 867).

Ao ficcionar essas “diversas vozes e versões”, Pinto (2015, p. 863), propôs uma produção historiográfica inspirada na filosofia da linguagem de Wittgenstein, aos moldes de um debate radiofônico sobre o Projeto Minerva. Um debate ficcional muito próximo ao que apresentamos neste trabalho, que, por outro lado, diferencia-se pelo uso de outros jogos de linguagem, outras abordagens. O autor ao explicar a ficção realizada no debate, traz como exemplo as fotografias compósitas de Wittgenstein como uma metáfora para a discussão do estatuto epistemológico dessas narrativas, uma foto de todos e de ninguém. Dessa forma, ele aproxima o debate criado à composição dessas imagens, em que cada camada acrescenta traços à imagem final, que não é, essencialmente, nenhuma das camadas ou a junção “perfeita” de todas elas: traços são reforçados por repetições, outros simplesmente somem, outros, ainda, surgem das imperfeições de cada foto (PINTO, 2015). Nosso fazer aqui inspira-se, de certa forma, nesse modo de tratar a ficção e a produção historiográfica.

Esta produção nos proporcionou o exercício de uma estética não usual no meio acadêmico, pela qual exercitamos outras possibilidades de linguagem e de gêneros textuais. Conseguimos, assim, produzir um texto historiográfico com uma linguagem mais coloquial, colocando-nos ora na posição de leitor, ora de mediador, ora de participante.

Segundo Pinto (2015, p. 879,) nesses momentos:

[...] Resta-nos produzir, criar novas imagens, novos textos ou sonetos que sejam de todos ou de ninguém – num sentido essencial – que nos movimente nas reflexões sobre nossos temas de estudo e sobre nossas práticas cotidianas.

Entendemos que “utilizar a ficção como uma possibilidade de teorização em Educação Matemática, de maneira geral, ainda não parece caber nos parâmetros e *terrenos* das pesquisas acadêmicas”(SILVA; SANTOS, 2012, p. 119). Apesar disso, acreditamos ser esse um exercício profícuo e que possibilita, por meio de sua forma, dizer coisas que outros formatos não permitem, provocar sensações que outros formatos não poderiam, forçar nossos discursos e plausibilidades de forma específica a cada formato adotado.

MÓDULO 3



DITOS DE UMA

TRIPULAÇÃO

MÓDULO 3: Ditos de uma tripulação



Magda Cristina Junqueira Godinho Mongeli

Entrevista com a Profa. Ms. Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli, ocorrida na Sala do Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep), na Unidade VII da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no dia 30 de setembro de 2015, em Campo Grande – MS.

Duração: 2 horas 05 min e 49 s.



Figura 3 – Magda Cristina Junqueira Godinho Mongeli (momento da entrevista)

Ana Claudia: Hoje, dia 30 de setembro, estamos na UFMS, na Sala do Grupo Hemep. Eu, Ana Cláudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática aqui da instituição, meu orientador, Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, com a Profa. Ms. Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli, para realizar a entrevista relacionada à minha pesquisa sobre o curso de Licenciatura em Matemática a Distância.

Bom dia, professora Magda.

Magda: Bom dia!

Ana Claudia: Inicialmente quero agradecer por participar da nossa pesquisa. Tenho certeza de que a senhora nos trará muitas informações. Muito agradecida.

Magda: Eu que agradeço.

Ana Claudia: Professora, como início de conversa, eu gostaria que a senhora se apresentasse.

Magda: Bom, sou professora da UFMS há 23 anos. Comecei minha trajetória em Corumbá. Entrei na UFMS como professora substituta no Curso de Matemática em Corumbá, prestei o concurso e passei, mas ainda fiquei como professora substituta por mais dois anos. Naquela época, demorava muito para ser chamada para assumir o concurso. Depois de tomar posse, fui para São Paulo. Fiquei 4 anos em São Paulo e de lá vim direto para Campo Grande, assumindo aulas no Curso de Matemática, onde continuo até hoje. Meu trabalho sempre esteve focado na Formação de Professores de Matemática, é assim desde que entrei. Minhas disciplinas no Curso de Matemática são as Práticas de Ensino e Estágio Obrigatório e quando necessário ministro outras disciplinas, como: Geometria I, Geometria II, Cálculo, Vetores e Geometria Analítica e Álgebra Linear.

Ana Claudia: A sua formação profissional teve início quando? Formou-se em que área e instituição?

Magda: Eu fiz Graduação na UFMS e depois fiz Especialização em Ensino de Ciências. No tempo que estive em São Paulo, na USP³⁵, fiz disciplinas voltadas ao Ensino da Matemática. Quando voltei para Campo Grande, fiz o Mestrado em Educação. O que mais você perguntou? [risos].

Ana Claudia: É isso mesmo. Professora, como foi o seu ingresso na profissão, qual foi à primeira instituição em que trabalhou, lembra-se dessa época?

Magda: Bom, eu sou do Paraná. Vim para Campo Grande porque se ouvia um boato de que iria sair o Curso de Computação aqui na UFMS e então eu vim para cá. Eu tinha passado em Administração e Direito em Umuarama, na cidade onde eu morava, mas eu tinha uma queda grande pela Matemática e lá não tinha o Curso de Matemática. Mas, como o curso não começava, nesse meio tempo, eu me apaixonei pelo Ensino de Matemática. Na época tinha o Laboratório de Ensino de Matemática (LEMA³⁶) que era utilizado pelos alunos do curso. O laboratório ficava aberto os três períodos e usávamos o espaço para jogar xadrez e aprender a utilizar os jogos e os materiais didáticos. Esse espaço também era ocupado aos sábados, nos

³⁵ Universidade de São Paulo. Instituição pública mantida pelo governo do estado brasileiro de São Paulo.

³⁶ LEMA – Laboratório de Ensino de Matemática do INMA (Instituto de Matemática).

quais trazíamos os alunos da Escola Pública e trabalhávamos com a resolução de situações-problema. Nesta época, eram produzidas as revistas do LEMA, que envolviam os materiais do laboratório. Quando começou o Curso de Computação eu já tinha mais interesse pelas disciplinas voltadas para Educação. Era um espaço que nós, alunos, utilizávamos muito. Eu acho que foi a partir daí que muitos colegas tiveram seu foco voltado para o Ensino de Matemática.

Ana Claudia: Professora, a senhora começou atuar direto na UFMS ou trabalhou na Educação Básica primeiramente?

Magda: Direto? Não, não! Durante a graduação eu já ministrava aulas na Educação Básica. Trabalhava e estudava. Eu comecei numa Escola Adventista, era conhecida por Batatinha³⁷, por intermédio de um colega de curso que me chamou para trabalhar nesta escola. Como eu morava próximo, comecei a ministrar aulas lá.

Assim que me formei fui para a Escola Arlindo de Andrade Gomes³⁸, trabalhar junto com o professor Ivo Leite³⁹, que é o professor aqui do Curso de Química da UFMS. Na Escola Arlindo participei de um projeto que era voltado à Iniciação Científica, e nos finais de semana, ministrávamos aulas para que os alunos pudessem ter condições de passar no vestibular. Um dos focos era o vestibular e o outro foco era proporcionar aos alunos o trabalho com projetos. Depois de formada, eu comecei lá, participando de Feiras de Ciências Nacionais e Internacionais. Tivemos grandes conquistas. Os alunos daquela época entraram na universidade e hoje alguns são professores aqui na Universidade.

Nosso trabalho começava desde que o aluno entrava na escola. A gente trabalhava desde as turmas do Pré-escolar até as turmas do 1º ao 4º ano. Acompanhávamos e ajudávamos as professoras dessas turmas no desenvolvimento de projetos.

Além dessa escola, eu havia passado no concurso municipal, então, comecei a ministrar aulas no município também. Trabalhava nesta Escola Municipal⁴⁰ do 5º ao 8º ano, eu não vou lembrar o nome dela, era lá perto do aeroporto. Nessa época, também assumi algumas substituições numa escola particular. Eu tinha os três tempos e foi assim durante dois anos. Nesse período, um ex-colega da universidade, que era professor em Corumbá me

³⁷ Colégio Adventista da época, denominado Batatinha.

³⁸ Escola Estadual, criada pela Lei Complementar nº 31 de 11/10/1977.

³⁹ Ivo Leite Filho, professor Dr. Adjunto da UFMS. Trabalhou na Escola Arlindo de Andrade Gomes de (1993-1998).

⁴⁰ Escola Municipal de Primeiro Grau Nagibe Raslan, atuou na instituição em 1991.

convidou pra ir para lá: “vem pra cá, estamos precisando de professor. A gente não consegue professor substituto na UFMS. Vem e fica até abrir concurso”. Então, fui para Corumbá.

Em Corumbá eu trabalhava de manhã, à tarde e à noite. De manhã, com os alunos do 5º ao 8º ano, à tarde no antigo Cefam⁴¹, que era um curso de Formação de Professores para o Magistério e à noite no Ensino Superior, no Curso de Matemática.

Essa é a minha passagem desde o começo da minha carreira até chegar aqui na UFMS.

Ana Claudia: Sobre a estrutura das escolas, nessa época, o que a senhora consegue se lembrar?

Magda: Olha, nas escolas que passei, por exemplo, o aluno tinha mais respeito pelo professor, um ponto que acho importante e que está faltando hoje. O professor era mais preocupado com o que ele tinha que ministrar, hoje não percebo muito isso.

Essa história de passar o aluno, sem o mínimo necessário de conhecimento, não deu certo. Os professores dizem que a coordenação cobra porque o aluno tirou nota baixa e já pede um trabalho⁴², isso tem acontecido muito, é o relato de vários alunos formados.

Naquela época não tínhamos os recursos de internet, estava começando. Tínhamos o mimeógrafo, porém, nem sempre tínhamos papel e assim não tinha como preparar atividades, não é? Na maioria das vezes acabávamos usando o livro didático. O papel fornecido pela escola era mais usado para prova. Não tínhamos os recursos que temos hoje para trabalhar com estes alunos, logo, não dava para fazer muita coisa, mesmo que tentássemos construir a maior parte dos materiais usando sucatas.

Em Corumbá, fui para a Escola dos Padres⁴³. Era uma escola muito rigorosa. Havia um controle muito grande, havia um padre toda hora passando na porta da sala de aula, olhando o que estava acontecendo e o que você estava fazendo. Tinha que ministrar o conteúdo, conforme estava no livro. Já no Cefam, era bem mais tranquilo, podíamos fazer de tudo, levar o aluno para o pátio, sair de dentro da escola. Essas eram as realidades.

Nas escolas do estado e do município não se tinha muitos recursos para trabalhar e, apesar de hoje ter mais recursos, não estão sendo usados, não é? Estão lá. Houve uma

⁴¹ Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério.

⁴² Professora remete-se ao ensino atual, que trabalha com a recuperação paralela.

⁴³ Escola Salesiana Santa Tereza (1992). Atualmente Faculdade Salesiana Santa Teresa – FSST.

evolução muito grande, hoje temos as salas de informática nas escolas e diversos materiais didáticos, mas estão guardados em algum lugar.

Quando eu vim para Campo Grande, para a Universidade Federal, fazíamos muitos trabalhos em conjunto com os professores do Curso de Matemática. Reuníamos em grupo, estudávamos e discutíamos propostas de atividades ou de materiais didáticos e em seguida aplicávamos nas escolas municipais ou estaduais de Campo Grande esse material produzido. Às vezes passávamos um ou dois dias numa escola trabalhando com os alunos e com os professores.

Ana Claudia: Então, depois de todas essas experiências profissionais, a senhora ingressou na UFMS, pode nos dizer como foi esse ingresso?

Magda: Fiz meu concurso em Corumbá, para Análise Real. Na época, passaram três professores. O que passou em primeiro lugar, foi para a UFGD e eu, como passei em 2º lugar, acabei vindo para Campo Grande, outra professora que estava no campus de Paranaíba⁴⁴, foi para outra universidade.

Ana Claudia: Antes da abertura do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância da UFMS, a senhora teve outras experiências em EaD?

Magda: Sim. Não é que tive outras experiências, começamos⁴⁵, isto é, a Educação a Distância começa em 1991, com um grupo de professores escolhidos para ministrar aulas em um curso de especialização. Especialização em Ensino de Ciência e Matemática, oferecido aos professores como complementação de carga horária, chamado de Parceladas⁴⁶. A história da EaD na UFMS tem início aí e quem pode falar sobre isso é o professor Lino⁴⁷. Fui convidada para ministrar uma disciplina, na época eu estava em Corumbá e acabei não aceitando essas aulas, pois estava com meu pai muito ruim e não foi possível.

⁴⁴ Município situado no estado de Mato Grosso do Sul, a 410 km da capital Campo Grande, com população estimada de 42 mil habitantes.

⁴⁵ Professora folheia papéis nesse momento.

⁴⁶ Cursos de Licenciatura Plena desenvolvidos por etapas (geralmente no período de férias), iniciados na década de 1960. Projeto que visava habilitar professores a fim de amenizar o problema da atuação no ensino básico de professores sem formação específica.

⁴⁷ Antônio Lino Rodrigues de Sá. Professor Ms. Adjunto da UFMS. Na época coordenador da EaD na UFMS.

Mais tarde fui convidada novamente para ministrar uma disciplina no Curso de Pedagogia na modalidade a distância. Íamos para os municípios e ficávamos lá uma semana ministrando aulas. Foi assim que eu comecei na EaD.

Thiago: Essa Licenciatura era das Parceladas?

Magda: Sim, das Parceladas.

Thiago: Para Matemática também?

Magda: Sim. No caso deste curso, foi a Secretaria de Educação que fez o convite à Universidade para capacitar seus professores. Quem pode falar sobre isso é a Heloisa⁴⁸, ela realmente participou desse momento. Só lembro que fui convidada e não pude participar desse momento inicial. Nesse molde, quem fazia parte da organização desse curso é o professor Lino é ele que dá início à Educação a Distância aqui na UFMS.

Começa-se, então, a pensar na possibilidade de ter outros cursos de licenciatura na modalidade a distância. Agora, já estamos no começo do ano 2000, começa o primeiro Curso de Pedagogia na UFMS, na modalidade a distância. Nesse curso havia uma disciplina chamada Conteúdos e Metodologia de Matemática para as Séries Iniciais. Como nessa disciplina entravam 100 alunos, nós dividíamos essa disciplina em duas turmas. Uma minha e a outra era da professora Heloisa. Íamos a esses polos para os encontros presenciais e também deixávamos as atividades a distância, que deviam ser cumpridas pelos alunos.

Estou falando do Curso de Pedagogia oferecido nos polos de Camapuã⁴⁹ e de São Gabriel do Oeste⁵⁰. No polo de Coronel Sapucaia⁵¹, os professores que ministravam essa disciplina eram o professor José Luiz⁵² e a professora Marilena Bittar⁵³. É assim que começa a minha participação nos cursos ofertados na modalidade EaD pela UFMS.

⁴⁸ Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa. Professora Msc. lotada no Instituto de Matemática (INMA).

⁴⁹ Município situado no centro de Mato Grosso do Sul, distante 137 km da capital Campo Grande, com população estimada em 13.625 mil habitantes.

⁵⁰ Município situado no interior do estado de Mato Grosso do Sul, localizado ao norte de Campo Grande capital 137 km, com população estimada em 22.203 mil habitantes.

⁵¹ Município de está situado no sul da região Centro-Oeste do Brasil, no Sudoeste de Mato Grosso do Sul, com população estimada de 14 815 mil habitantes.

⁵² José Luiz Magalhães de Freitas. Professor Dr. Titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁵³ Marilena Bittar. Professora Dra. Titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Nessa época, agora não me lembro se havia tutor, acho que só tinha o coordenador do polo. Não tinha esse acompanhamento do tutor que tem hoje, era o professor que ficava responsável por tudo.

Ana Claudia: Então, essa experiência de EaD tem início na UFMS com as Parceladas?

Magda: Sim. Em 1991, tem início com as Parceladas e depois com o Curso de Pedagogia a distância, em Paranhos⁵⁴. A partir desses cursos, começamos a pensar, junto com o professor Lino, em agregar outros cursos, oferecidos nestes moldes. Nessa época, existia uma enorme carência de professores formados em Matemática, em Física e em Química.

Com os professores do Curso de Física teve muita conversa, mas não foi possível oferecer o Curso de Física. Por outro lado, os professores do Curso de Química e o de Biologia tiveram interesse em oferecer o curso a distância. A questão maior das discussões era que esses cursos necessitavam de laboratórios e o custo era muito alto. Quem iria financiar este custo, a UFMS, a Secretaria de Educação ou a Prefeitura?

Nesse início, o acordo era feito com a Secretaria de Educação dos municípios e com a Prefeitura. Nesse molde, quem pagava os professores que iriam ministrar o curso era a Prefeitura e as salas de aula eram cedidas pela Secretaria de Educação. A UFMS entrava com os materiais necessários para o oferecimento do curso.

Ana Claudia: A UFMS entrava com a formação e a Prefeitura tinha uma contrapartida, é isso? Ela tinha um convênio?

Magda: Era um convênio, esse das Parceladas, fechado com a Prefeitura, Secretarias Municipais e a UFMS. O material didático ou apostila produzida para o curso era custeado pela UFMS.

Thiago: A Prefeitura arcava com as diárias e também com a parte de carga horária de incentivo aos professores, é isso?

Magda: Sim.

⁵⁴ Município situado no Sudoeste de Mato Grosso do Sul, distante 469 km de Campo Grande capital, com população estimada em 12.350 mil habitantes.

Ana Claudia: Nessa época havia a Universidade Aberta do Brasil (UAB)?

Magda: Não. A UAB estava começando a ser pensada, a ser moldada em cima desses projetos que já existiam aqui e em outras universidades. Projetos parecidos também existiam em outros estados. Nessa época, estava pensando em implantar a UAB, mais ou menos no ano de 2005, quando ela se apresenta como Universidade Aberta do Brasil. Em 2001 começam as discussões e em 2005 tem início a UAB. O professor Lino dá início às discussões dentro da Instituição, tentando fazer a Universidade oferecer esses cursos na modalidade a distância.

Hoje está um pouquinho melhor. Não acredito que enxerguem a importância desses cursos, mas hoje a Universidade aceita mais do que antes.

O Curso de Matemática começa a surgir a partir dessa nossa experiência no Curso de Pedagogia. Perguntávamos: “Porque não implementar o Curso de Matemática a Distância?” Cobrava-se muito da Universidade a questão de não formar professores de Matemática e também de não ter professores formados nos municípios de Mato Grosso do Sul.

Thiago: Só para complementar, você estava falando que a EaD vem da falta de professores no estado?

Magda: Isto. Precisávamos formar professores. Muitos professores que estavam dando aula em nossas escolas, naquela época, tinham apenas a Licenciatura Curta⁵⁵.

O Curso de Matemática começa nesse sentido, surge nesse contexto, tendo como base o Curso de Pedagogia. Minha participação e da Heloisa se dá em Camapuã, São Gabriel do Oeste e Paranhos. José Luiz e Marilena em Coronel Sapucaia. Depois o curso se estende a outros municípios.

No convênio, havia uma parceria com os prefeitos, eles pagavam os professores da Universidade. Mais tarde houve um problema com pagamento, que fez com que muitos professores desistissem de ministrar aula nesses cursos. No caso, a Marilena e o José Luiz, também saíram, mas o motivo principal era porque os polos eram longe e com pouca infraestrutura. Muitas vezes usávamos o carro da UFMS e o carro das prefeituras conveniadas para locomoção até os polos. No entanto, alguns municípios começam a romper esse contrato, de buscar os professores em Campo Grande. Acho que foi isto.

⁵⁵ Surgiu no país a partir da Lei n. 5.692/71, em 1971. Essa licenciatura habilitava professores para o ensino infantil e fundamental (1º grau) de duração menor que as chamadas licenciaturas plenas. Uma formação rápida e generalista para atender a uma nova demanda de professores.

Começamos a pensar em oferecer o Curso de Matemática. Em 2001 ele é aprovado! O projeto de Matemática é aprovado no MEC! No entanto, começa uma demora em ser aprovado aqui na Universidade. Quando estava tudo certo para começar, o MEC pede para esperar, porque estava surgindo a Universidade Aberta do Brasil. Estavam todos os cursos novos aprovados. Tudo certo para começar, já tinha até mesmo acontecido o vestibular, mas pediram para aguardar porque teria recursos da UAB, uma outra estrutura, bem diferente daquela que a gente trabalhava.

Ana Claudia: Então, o Curso de Licenciatura em Matemática vem logo após o curso de Pedagogia? Como foram esses movimentos iniciais?

Magda: Sim. O professor Lino começa a oferecer capacitações aos professores da UFMS interessados em ofertar cursos na modalidade a distância. Ele traz a professora Maria Thereza⁵⁶ de Cuiabá, onde a Educação a Distância era mais forte, para oferecer esta capacitação. Tivemos vários encontros com ela. Participavam principalmente os professores que estavam trabalhando com disciplinas nos Cursos de Pedagogia. Além disso, vira e mexe, o professor Lino convidava novos professores da UFMS, ora para ofertar algum curso, ora para conhecer o que estava sendo discutido. Ele trazia professores de outros campus da UFMS, pagava passagem e diária para aqueles que pretendiam participar de alguma forma.

Muitos professores da Universidade foram convidados para fazer parte desses cursos e para oferecerem cursos na modalidade à distância.

Com a implantação da Universidade Aberta do Brasil, começa o Curso de Licenciatura em Matemática em sete polos: Água Clara⁵⁷ – MS, Camapuã – MS, Rio Brillante⁵⁸ – MS, São Gabriel do Oeste-MS, Cruzeiro do Oeste – PR, Siqueira Campos – PR e Igarapava - SP.

Inicialmente, foi pensado para ser ofertado em Camapuã e São Gabriel do Oeste, mas ofertamos o curso, não só no Mato Grosso do Sul, como também nos estados do Paraná e São Paulo. Nesses municípios, além do Curso de Matemática, também eram oferecidos o Curso de Administração e de Pedagogia.

⁵⁶ Maria Thereza de Oliveira Azevedo. Professora Dr. Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso.

⁵⁷ Município situado no estado de Mato Grosso do Sul, próximo à divisa com o estado de SP e distante 180 km da capital, Campo Grande. População estimada em 14.474 mil habitantes.

⁵⁸ Município localizado a sudoeste de Mato Grosso do Sul e na fronteira com o Paraguai, com população estimada em 23 181 mil habitantes.

O grande problema do início do Curso de Matemática foi que não tínhamos professores que queriam trabalhar no curso e nem para escrever o material do curso que era uma exigência do MEC, a produção do material. Então, novamente o professor Lino convida todos os professores de Matemática da UFMS, eu apresento o curso e os convido a fazer parte do grupo. Nesse início, não conseguimos agregar muitos professores.

Ana Claudia: Professora, fale mais sobre esse grupo montado.

Magda: Nesse início, somos eu e a professora Heloisa e o Curso de Matemática sendo oferecido em sete polos. Os cursos começam apenas no segundo semestre, por que estávamos aguardando todos os trâmites relacionados à UAB, para conseguirmos os recursos disponibilizados por esta Universidade, lembrando que ainda tínhamos que selecionar os tutores e capacitá-los.

Eu acredito que o nosso curso tem muito a ver com o que estava sendo feito no Mato Grosso, devido aos contatos do professor Lino com a UFMT.

Ana Claudia: Qual era a sua função nesse início: visitar os polos, ministrar aulas?

Magda: Primeiro, montando o Curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância, isto é, escrevendo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática em EaD, que foi aprovado para dois polos pelo MEC.

Com a aprovação da Universidade Aberta do Brasil, começa-se a produção de material didático. Eu, juntamente com o professor Lino e com o professor Cristiano⁵⁹, da Computação, começamos a percorrer todos esses polos, no sentido de conversar com os prefeitos e secretarias e também para conhecer as escolas onde os cursos seriam ofertados. Ficávamos uns três dias em cada polo, trabalhando junto com a equipe para que os cursos pudessem ser oferecidos pela Universidade Aberta do Brasil. Então, além da elaboração do PPP eu estava envolvida, também, com a abertura dos polos e dos cursos.

Eu e a Heloisa íamos para esses polos apresentar o curso e convidar os alunos a prestar vestibular. Acontece o primeiro vestibular para o Curso de Matemática EaD nos sete polos e também as primeiras capacitações dos alunos com as tecnologias.

⁵⁹ Cristiano Costa Argemon Vieira. Professor Ms. Assistente da UFMS.

No desenrolar do curso, ainda estávamos com o problema de falta de professores para trabalhar no curso, sempre tentando agregar novos professores. A partir disso, alguns professores de Paranaíba começam a fazer parte do Curso de Matemática a Distância.

Nessa época, eu estava como coordenadora dos sete polos. Disciplinas acontecendo e materiais sendo produzidos. Um material produzido para o Curso de Pedagogia foi o livro⁶⁰ do Zé e da Marilena. Feito com o apoio do professor Lino. Esse livro discute Conteúdo e Metodologia de Matemática. Eu acho! Não lembro agora.

Na escrita do Projeto Político Pedagógico (PPP), procurei colocar o máximo de carga horária presencial para cada disciplina. Então, o curso começa a ser oferecido na modalidade semipresencial, tanto é que quando vou para esses polos, como coordenadora, para explicar como seria a estrutura do curso, surge, então, muitos problemas. Ao realizar o vestibular, o aluno não prestou atenção ou não leu o edital e lá está escrito que o curso era “semipresencial”, que as aulas do curso seriam ministradas nos finais de semana: sexta-feira à noite, sábado manhã e tarde e domingo pela manhã. Os alunos achavam que o curso seria totalmente à distância, que iriam ao polo apenas para fazer a prova. Nesse momento perdemos alguns alunos, porque eles não queriam ir ao polo assistir aula. Caso o aluno fosse de outra cidade, ele teria que viajar quase todos os finais de semana para seu polo e assistir as aulas.

Ao prestar o vestibular, o aluno não pensou no custo, em como estar naquele polo, praticamente todos os finais de semanas. Estes são os nossos primeiros alunos a evadir do curso, justamente por esse motivo.

Sempre deixei claro que o Curso de Matemática seria semipresencial. Batemos forte nesse ponto. Em outros cursos não era assim. O Curso de Administração, por exemplo, tinha aula a cada 15 dias, praticamente era todo à distância. Alunos compareciam apenas para fazer prova.

Outro problema que surge, é que o professor do Curso de Matemática ficava no polo até domingo e os professores de outros cursos começaram nos forçar a tirar a aula do domingo de manhã. Assim, tiramos as aulas de domingo do curso. Nessa hora, o Curso de Licenciatura em Matemática fugiu da estrutura pensada inicialmente. Ainda assim, continuo persistindo em ter o máximo de momentos presenciais. Nos Cálculos, por exemplo, eram quatro finais de semana, ou seja, nas disciplinas mais pesadas a carga horária era essa. Aulas as sextas-feiras, aos sábados e aos domingos, além de ter um tutor online para os alunos de segunda à quinta-

⁶⁰ Livro: Fundamentos e Metodologia de Matemática para os ciclos iniciais do Ensino Fundamental. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. 267p.

feira no período noturno. Eu cobrava muito isso. Ficávamos cuidando se aqueles tutores estavam online ou não. Mandávamos mensagens dizendo: “olha, você não está respondendo aos alunos”. Tínhamos esse cuidado com esses tutores para que respondessem as dúvidas e mensagens dos alunos o mais rápido possível. Eles também eram bem assessorados aqui na Universidade.

Como nós tínhamos poucos professores e sete polos, então tivemos que colocar os tutores, capacitá-los para ministrar algumas disciplinas do curso. A minha intenção como coordenadora é que os conteúdos das disciplinas fossem ministrados da mesma maneira em todos os polos. Nesse caso, o professor responsável pela disciplina sentava com outros seis professores que iriam ministrar essa mesma disciplina, montava-se uma estrutura, um planejamento e discutia-se. Depois dessa estrutura montada, dava-se início a essa disciplina. Através desse planejamento, sabíamos exatamente o que seria ministrado em cada final de semana e qual lista de exercícios ficava para os alunos resolverem.

O tutor a distância tinha acesso às aulas, às listas e ao gabarito delas. Então, quando esses tutores se dirigiam ao polo, eu, como coordenadora, sabia o que seria ministrado em cada disciplina. Se houvesse algum problema, imediatamente, quando esse professor voltasse, ele tinha que nos comunicar o problema porque ele tinha que cumprir o que estava planejado. Claro que cada um tinha a sua metodologia, sua maneira, mas os conteúdos eram os mesmos e o mínimo que tinha que ser ministrado. Então, o combinado era esse!

O tutor presencial assistia à aula para poder ajudar os alunos nas tarefas e com isso apropriava-se dos conteúdos também.

Ana Claudia: Então, era o tutor a distância que fazia esse papel?

Magda: Em alguns casos, sim. O tutor presencial é o que fica no polo a semana inteira com os alunos e os tutores a distância são os que ficam online todos os dias da semana. Eu sempre falava aos alunos do curso: “o curso está aqui, de segunda a segunda, só os professores é que estão distantes”. Tínhamos tutores online e presenciais todas às noites tirando dúvidas dos alunos.

O tutor daqui tirava dúvidas do tutor presencial. Se o tutor a distância tinha dúvidas, ou não conseguisse sanar as dúvidas dos alunos, ele procurava o professor da disciplina. Era um acordo fechado, eu acho que deu certo.

Não quer dizer que meu tutor lá, o presencial, deveria dar conta de todas as disciplinas. No entanto, ele assistia às aulas com os alunos e estava sempre empenhado em estudar e ajudar os alunos.

Não tivemos problemas em encontrar tutores presenciais no estado de São Paulo e no estado do Paraná, porque nesses polos, conseguimos professores formados em Matemática, já aqui no MS, foi bem difícil. Tanto é que Camapuã, muitas vezes, ficou sem tutor presencial. Porque para ser tutor tinha que ser formado em Matemática e não tínhamos profissionais formados na área. O que fazíamos então? Como tinha dinheiro, mandávamos um tutor daqui da Universidade ao polo, todas as noites, para fazer a tutoria desses alunos, até que conseguimos um professor para assumir a função.

Ana Claudia: Professora, só para entender. O curso tinha o professor da disciplina, mais os tutores a distância?

Magda: Isso. Os tutores eram os alunos do Mestrado em Educação. Na época ainda não tínhamos o Mestrado em Educação Matemática, estes são agregados depois, quando o mestrado passa a ser oferecido na UFMS.

Ana Claudia: Quem ministrava as aulas do curso na sexta-feira, sábado e domingo, era o professor da disciplina ou um tutor à distância?

Magda: O professor da disciplina. Alguns professores, que também eram tutores, ministravam a disciplina nos polos.

Ana Claudia: A senhora falou bastante da estrutura do curso de Licenciatura em Matemática. E o currículo, como foi essa discussão? Como foi pensado o Currículo da Licenciatura em Matemática na modalidade a distância?

Magda: O Currículo do curso possuía a mesma estrutura do presencial, as mesmas disciplinas. A diferença era na modalidade, ao invés de presencial era semipresencial. A estrutura é a mesma do presencial. Não tem diferença. O que tem diferença é a maneira em que é ofertado e por possuir tutores presenciais e a distância e um cuidado especial com a aprendizagem desses alunos. Sanar as dúvidas o mais rápido possível.

Ana Claudia: Como a EaD tem material, esse material está baseado no Currículo?

Magda: Sim. No Projeto pedagógico já está claro quais serão as disciplinas, a ementa e as referências. O material é feito tendo como base o que está escrito no documento.

Ana Claudia: E os professores do presencial utilizam o material do curso a distância?

Magda: No Curso de Matemática presencial eu utilizo o livro de Prática de Ensino de Matemática nas minhas disciplinas. Sei que o Curso de Pedagogia também utiliza esses livros e eles foram adotados por outras universidades, uma delas é a UFMT. Outro livro que é utilizado no presencial é o de Resolução de Problemas e Leitura e Produção de Textos Matemáticos, adotados também por outras instituições. Pode até ter mais, não sei.

Ana Claudia: Como era esse contato com os polos? A EaD era centralizada aqui e tinha os sete polos. Como vocês se comunicavam com os polos, com os alunos, com os tutores, além do AVA?

Magda: O contato com polo era muito bom, sempre fomos bem atendidos. Alguns problemas surgiam, mas tudo era resolvido logo. Em Campo Grande, tínhamos um espaço físico para a EaD. Tínhamos muitas pessoas trabalhando para o bom funcionamento dos cursos, secretaria, pessoal responsável pelas tecnologias, pelas filmagens das aulas, pela produção de material, coordenadores de curso e o coordenador da EaD.

Com os alunos, utilizávamos o AVA. Nossas conversas eram através do Ambiente. Se o aluno, o tutor a distância ou o coordenador de polo precisassem falar com a coordenação mandavam e-mail, ou telefonavam.

Ana Claudia: Professora, diante de tantos desafios, nesses momentos iniciais da Licenciatura, quais foram as maiores dificuldades e também quais as maiores aprendizagens?

Magda: As dificuldades foram em relação à diminuição da carga horária presencial, da ida do professor ao polo. Para mim, esse ponto foi a pior coisa que aconteceu. Como fazer um curso totalmente a distância se ele foi pensado com momentos presenciais?

Penso que agora tem que se tomar muito cuidado porque mudou totalmente, agora ele passa a ser totalmente a distância, precisamos nos preocupar muito com isso. Outro problema foi a produção de livros, de material, e também de agregar professores ao curso. Hoje temos professores concursados que vieram especificamente para o curso de Matemática.

Por motivos particulares e com a nova coordenação da EaD na UFMS, deixei o curso e quem assumiu a coordenação, na época, foi a professora Sônia Burigato.

Dos alunos formados, sabemos que muitos estão em sala de aula, que fizeram outros cursos, como de especialização. Temos alunos até mesmo dando aula em Universidades.

Ana Claudia: Professora, de tudo que foi falado até então, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Magda: Não sei, posso pensar depois [risos].

Ana Claudia: Professora, muito obrigada. Quero informar que essa entrevista vai ser transcrita, depois textualizada. Em seguida, enviaremos para que a senhora faça suas considerações e adequações, estando de acordo, assinará uma carta de cessão.

Finalizamos a entrevista com os agradecimentos e com a leitura do termo de autorização pela entrevistada.



Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza

Entrevista com a responsável do Setor Acadêmico da Coordenadoria de Educação a Distância (CED), a senhora Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza, ocorrida nas dependências do prédio da CED da UFMS, no dia 21 de outubro de 2015, em Campo Grande – MS.

Duração: 57 mim e 26 s.

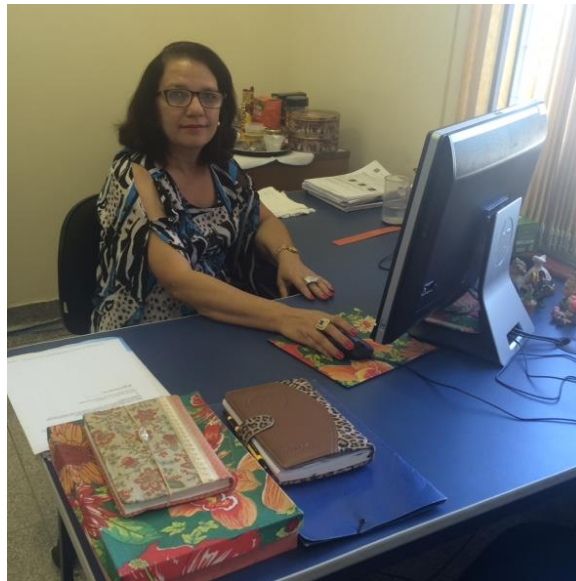


Figura 4 - Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza (momento da entrevista)

Ana Claudia: Hoje, dia 21 de outubro de 2015, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e a responsável pelo Setor Acadêmico da Coordenadoria de Educação a Distância, a senhora Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza, estamos aqui na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS no prédio da CED, para realizar uma entrevista relacionada ao curso de “Licenciatura em Matemática a Distância da UFMS”, foco da Pesquisa de Mestrado conduzida por mim e orientada pelo Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Bom dia, Sandra, tudo bem?

Sandra: Tudo bem, bom dia.

Ana Claudia: Obrigada por aceitar nosso convite e nos conceder esta entrevista. Tenho certeza que o seu depoimento trará muitas informações à nossa pesquisa.

A princípio, eu gostaria que fizesse uma breve apresentação dizendo: seu nome, se é natural de Campo Grande, e se não for, como e quando veio residir aqui.

Sandra: Meu nome é Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza, tenho 50 anos, casada há 27 anos e tenho três filhas. Eu nasci no interior do estado, na cidade de Nioaque, meu pai era militar. Eu passei minha primeira infância e começo da adolescência em Nioaque e vim para Campo Grande aos 12 anos para estudar. Nessa época, no interior não tinha escolas para seguir no Ensino Médio, então, viemos para Campo Grande em 1978, quando minhas irmãs mais velhas terminaram o Ensino Fundamental.

Como as escolas da cidade não tinham Ensino Médio naquela época, tínhamos que vir estudar na capital. Primeiro vieram minhas duas irmãs mais velhas e quando chegou a minha vez já não dava para mandar todos os filhos, então, meu pai pegou transferência do serviço e se mudou para capital com a família toda. Eu estudei em escola pública até o Ensino Médio, depois comecei a fazer Faculdade de Pedagogia na antiga FUCMAT⁶¹, era a universidade que tinha aqui. A Universidade Federal (UFMS) ainda tinha pouca oferta, era muito concorrida.

Desde pequena eu já trabalhava, comecei aos 14 anos. Comecei a Faculdade em 1986, em 1988 me casei e em 1989 tive a minha primeira filha. Quando faltava um ano para concluir o Curso de Pedagogia, em virtude do casamento e da criança, eu não concluí essa formação, tranquei para voltar depois, mas em seguida engravidei de novo e não voltei. Ingressei novamente no Curso de Pedagogia aqui na Universidade Federal. Hoje eu sou Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, comecei em 2001 e me formei em 2005.

Ana Claudia: Sobre a sua vida profissional, pode nos contar como foi sua atuação antes de entrar na UFMS? Você disse que aos 14 anos já trabalhava.

Sandra: Sim. Aos 14 anos eu comecei a trabalhar como secretária em um escritório de representação comercial. Lá eu atendia telefone, fazia serviços de datilografar, na época ainda era a máquina de datilografia, fazia recepção dos clientes que chegavam, marcava reuniões e participava de licitações. A empresa era representante comercial e participava das licitações para fornecimento de materiais na Prefeitura e no Governo do Estado e eu fazia toda essa

⁶¹ Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso do Sul - MS

parte de papelada, fazia tudo e usava os equipamentos que tinha na época, como o telex⁶². Eu fazia esses serviços que eles chamavam de secretaria, contratavam a gente como secretária. Trabalhei nessa empresa dos 14 até os 18 anos, foram 4 anos. O dono dessa empresa faleceu e eles fecharam o escritório aqui em Campo Grande, então os funcionários foram automaticamente demitidos.

Depois fui trabalhar numa empresa financeira, na época chamava Contact Financiamentos⁶³ é um estilo Fininvest⁶⁴, dessas que fazem empréstimos pessoais. Como eu já tinha uma experiência de trabalho, apesar de ser nova de idade, 18 anos, fui trabalhar nessa empresa como chefe do pessoal que atendia na recepção. Quando o cliente chegava para fazer o cadastro para um empréstimo, tinha todo um trabalho antes para ser aprovado e eu trabalhava nessa chefia. Nessa empresa eu trabalhei por mais 4 anos e depois eu entrei aqui na Universidade Federal, pelo concurso de agosto de 1987. Comecei aqui na Universidade em fevereiro de 1988.

Logo que tomei posse, na entrevista, eles perguntaram sobre as minhas habilidades e depois me colocaram na secretaria administrativa do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET). Como meu cargo era assistente em administração, eu iria trabalhar lá no CCET, nessa função. Nesse setor, eu trabalhei por apenas um dia e meio porque uma colega que trabalhava no Departamento de Química tinha apresentado um atestado que estava com alergia de cheiro, de pele, por causa do Laboratório de Química. Como era no mesmo prédio e ela tinha pedido remoção, eles me mandaram para a Química e essa colega veio para o lugar onde eu iria trabalhar inicialmente. No Laboratório de Química eu fiquei de fevereiro de 1988 até janeiro de 1989, então eu saí para ganhar minha primeira filha. Quando voltei da licença maternidade, voltei para o Departamento de Química e em fevereiro de 1990 saí para ganhar minha segunda filha, engravidei logo em seguida. Voltei em julho de 1990, quando acabou minha licença.

Para atender uma demanda de outro servidor que estava precisando de transferência eu fui encaminhada para o gabinete do CCET, voltei para onde seria meu departamento inicial.

Ana Claudia: Sandra, você se lembra como era a estrutura da instituição na época?

⁶² Aparelho de comunicações escritas que prevaleceu até ao final do século XX. Consistia numa rede mundial com um plano de endereçamento numérico, com terminais únicos que poderia enviar uma mensagem escrita para qualquer outro terminal.

⁶³ Contact Center Ltda.

⁶⁴ Empresa que oferece Empréstimo, Crédito pessoal e serviços de crédito e financiamentos para todo Brasil.

Sandra: Era bem pequena quando eu entrei. O Departamento de Química onde eu fui lotada na época, era onde hoje funciona o PROJELE⁶⁵, aquela parte próxima onde ficavam as telefonistas. Antigamente era tudo ali, os laboratórios de Ensino e de Pesquisa, a Sala de Professores e a Secretaria, nessa época eram em um mesmo lugar.

Quando eu entrei já estava em construção o Departamento de Química, esses prédios foram os primeiros construídos fora dessa área do campus. Nós mudamos para lá em dezembro de 1989. Fomos nós, os funcionários, que fizemos a mudança, nessa época não tinha uma empresa para ajudar na mudança. Então nós mudamos, eu, que era a assistente administrativo, a Vera⁶⁶, que era secretária do departamento, duas pessoas da limpeza, um menino que era mirim⁶⁷ e os motoristas. Fizemos aquele trabalho de formiguinha. Cada professor montou sua sala e nós nos mudamos para lá, onde é hoje o Departamento de Química, próximo ao Lago do Amor.

No campus era praticamente só aquela área que hoje funciona o CCHS⁶⁸, aquele bloco central, onde hoje tem as salas dos mestrados, que antes eram as Pró-Reitorias, a Reitoria, a Biblioteca etc. Lá para o lado do CCET tínhamos os laboratórios de Engenharia, as salas de aulas e a Unidade V, que era o Departamento de Física e Matemática, só tinha aquilo lá quando eu entrei.

A partir dos anos 1990 começou a expansão, primeiro com a Química que foi pra lá e depois, não lembro a ordem, foi a Veterinária e o campus foi crescendo. O campus inicial se limitava ali naquela área central, onde antigamente era as Pró-Reitorias.

Ana Claudia: Sandra, tem algo desse momento, antes de você entrar na EaD, que se lembra e que gostaria de acrescentar? Algo que eu não tenha perguntado e você acha interessante falar?

Sandra: Eu entrei em 1988 aqui, de 1988 até 2000, eu trabalhei no CCET, na Química e depois no Gabinete. Depois fui trabalhar como secretária do Departamento de Matemática, lá eu fiquei até 1996. Em 1996 eu fui para a Comissão Permanente de Vestibular (COPEVE). A forma de ingresso ainda não era pelo ENEM⁶⁹, nessa época, esse ingresso era por vestibular feito pela instituição. Foi a partir dos anos 1990 que a UFMS começou a gerir seu próprio

⁶⁵ Departamento de Letras do CCHS/UFMS, o Projeto de Extensão “Cursos de Línguas Estrangeiras – PROJELE.

⁶⁶ Vera Lúcia de Oliveira Pael.

⁶⁷ Estagiário adolescente sem vínculo empregatício com a instituição.

⁶⁸ Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS.

⁶⁹ Exame Nacional do Ensino Médio

vestibular, porque antes a Universidade ainda contratava fundações de fora para executar o nosso vestibular. Em 1995 nós tivemos o primeiro vestibular feito pela própria Universidade, com provas elaboradas por aqui.

Essa comissão funcionava dentro da PREG⁷⁰, então em 1996, no segundo vestibular, totalmente elaborado pela UFMS, eu fui pra lá. Como eu era secretária do Departamento de Matemática, fui convidada para participar da comissão pelo presidente da COPEVE que na época era o professor Odonias⁷¹, que me conhecia lá da Matemática, fiquei lá até 1999. Nessa comissão participei de quatro vestibulares e, então, retornei para o CCET. Nessa época a minha mãe faleceu e eu tive problemas relacionados à sua morte. Retornei para o CCET e lá secretariei os dois cursos de pós-graduação: Mestrado em Física e Mestrado em Tecnologias Ambientais. Na época, esses cursos estavam em expansão e a gente estava com problema de funcionários, tínhamos um número muito reduzido de funcionários e muita gente se aposentando. Passamos alguns anos sem concurso, depois do concurso de 1987, foi ter concurso em 1990.

Como tinha essa falta de funcionários, dentro de um gabinete trabalhávamos com vários cursos. No meu caso, quando eu voltei para o Gabinete do CCET, logo que saí da COPEVE, fui secretariar dois cursos. Fiquei de 1999 até 2001, até quando a professora Angela Zanon⁷² começou a coordenar um curso que chamava *TV na Escola e os Desafios de Hoje*⁷³. Essa foi uma das primeiras experiências em Educação a Distância vinculada à Universidade Federal, mas que não era criada pela instituição.

Era um projeto nacional feito para preparar professores para atuação com a tecnologia dentro das escolas. Esse projeto era um projeto nacional e a professora Angela coordenava esse curso aqui na Universidade. Era um projeto de extensão, bem virtuoso, de muito trabalho e a professora precisava de uma pessoa para trabalhar com a estrutura administrativa do projeto.

Ela trabalhava assim: vinha o material didático de Brasília e todo esse material era distribuído via correio. Ela trabalhava, coordenava, recebia o material, enfim, tramitava todo esse projeto aqui dentro da Universidade. E quem atendia os alunos desse curso a distância eram os tutores, alunos do Mestrado em Educação. Eles vinham, tutoravam o trabalho, mandando e recebendo as correspondências. Era num outro formato, não tinha as tecnologias.

⁷⁰ Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

⁷¹ Odonias Silva. Professor e presidente da COPEVE em 1996.

⁷² Angela Maria Zanon. Professora Dr. Titular da UFMS.

⁷³ Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública

Ana Claudia: Formato de Educação a Distância?

Sandra: Sim. Nós tínhamos dois computadores para atender os alunos, mas os alunos que faziam esse curso não tinham acesso no interior do estado. Então raramente os computadores eram usados, a comunicação e interação com o aluno era mais pelo correio, mandávamos os tutoriais e os trabalhos tudo pelo correio.

A professora Angela procurava uma pessoa para ajudá-la nesse projeto, que era muito grande. Além de atuar como professora, ela também era chefe de Departamento e não dava conta de dar toda assistência. Daí, o professor Robert Schiavetto de Souza⁷⁴, que na época era professor no Curso de Mestrado que eu secretariava, me indicou para vir trabalhar com ela. Nós fizemos um acordo e eu vim trabalhar no Departamento de Educação com a professora Angela, isso foi em 2001. Já seria Educação a Distância, mas não na graduação, nesse formato que tem hoje.

Ana Claudia: Era curso de formação complementar?

Sandra: Era um curso de formação complementar, que foi evoluindo, foram acrescentando outras coisas. Esse curso se chamava *TV na Escola e os Desafios de Hoje*, depois ele virou um curso a nível nacional que hoje se chama Mídias⁷⁵. O curso *TV na Escola e os Desafios de Hoje* foi a primeira experiência que, com o passar do tempo, com as pesquisas, com a evolução das tecnologias, se transformou. Esse curso abordava a questão da televisão, de como usar a televisão com os alunos, no caso, a mídia da época. Hoje é um curso de especialização, mas foi nascido desse primeiro projeto.

Essa época foi quando eu tive os primeiros contatos com a questão da modalidade a distância, a gente já via o trabalho dos tutores com a questão das cartinhas. Fiquei com a professora Angela até que acabou o oferecimento desse curso, foram três edições.

Então, para trabalhar com ela, na época, fui lotada na Coordenadoria de Educação a Distância (CED), porque não tinham como me lotar no Departamento de Educação, os departamentos não podiam ter dois técnicos administrativos e lá já tinha uma secretária e daí comecei a trabalhar. Eu ficava em uma sala do Departamento de Educação e quando acabou o

⁷⁴ Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

⁷⁵ Mídias na Educação é um programa de educação a distância, com estrutura modular, que visa proporcionar formação continuada para o uso pedagógico das diferentes tecnologias da informação e da comunicação – TV e vídeo, informática, rádio e impresso.

projeto foi remanejada para CED que era ali no bloco da antiga Biblioteca, onde o professor Lino trabalhava com as primeiras experiências de Educação a Distância na Graduação.

A EaD começou com o curso de Pedagogia que foi oferecido em cidades do interior, foram 12 turmas ao todo. Foi o primeiro curso de graduação na modalidade de Educação a Distância, oferecida aqui.

Ana Claudia: Conte-nos, por favor, como foi essa atuação na EaD da UFMS desde o início.

Sandra: Eu sou servidora do corpo técnico-administrativo, então meu trabalho sempre foi administrativo, né? Eu participava e tinha um olhar diferente para as coisas, por ter feito Pedagogia. Nessa mesma época, quando eu vim trabalhar com a professora Angela, eu ingressei como aluna no Curso de Pedagogia, por isso, eu tinha um olhar pedagógico, em função de estar estudando, de ter voltado para o curso naquele ano. No entanto, meu trabalho era todo técnico, eu nunca trabalhei na questão pedagógica dos cursos.

Na época em que trabalhei no projeto com a professora Angela, eu mexia com a questão da logística, de receber e despachar material. Trabalhava também com a alimentação do sistema, resolvia folha de pagamento, despachava os processos dentro da Universidade. Meu trabalho sempre foi técnico, nunca foi pedagógico. O meu olhar pedagógico nessa questão do trabalho era em função da minha formação e das coisas que eu conseguia perceber, até porque eu era aluna iniciante, retornando para um curso de graduação, depois de 18 anos do início do meu primeiro curso.

Ana Claudia: Quando começou na modalidade a distância, você sentiu alguma diferença na condução do seu trabalho?

Sandra: Não. A questão técnica do trabalho não muda. Como não existe dentro do organograma da Universidade esse cargo, então, quando comecei, me disseram assim: "você é secretária acadêmica porque a gente sentiu necessidade de fazer uma secretaria para abarcar todo esse trabalho que é muito grande e muito complicado, precisa ter muito conhecimento para realizar o trabalho". Todo mundo diz: "é, Sandra, a secretária acadêmica", eu e a Leida⁷⁶. Ela porque já trabalhava com o Lino e também incorporou essa função que na verdade não existe.

⁷⁶ Leida Mendes Cardoso. Secretária acadêmica da EaD da UFMS.

Trabalhar nessa modalidade não tem diferença, porque o mesmo trabalho que você faz nos cursos presenciais, se faz nos cursos na modalidade a distância, dentro de qualquer instituição. A questão da modalidade não modificou o meu trabalho, entendeu?

Existem alguns problemas que você tem que resolver, porque nem todas as normas que são feitas para os cursos presenciais, servem para EaD. Os nossos maiores problemas estavam relacionados às questões das normatizações, pois o trabalho em si é a mesma coisa, pelo menos no trabalho que eu desenvolvo, vejo assim.

Da parte pedagógica, da parte de coordenação de curso, da parte de logística, esse trabalho é totalmente diferenciado, principalmente na questão da logística. Você tem que trabalhar com a internet, com todas as interfaces, com os malotes, tem que trabalhar com as viagens para o interior, é totalmente diferente. A pessoa na coordenação do curso, tem que ter outro perfil.

No trabalho que eu desenvolvo não tem muita diferença. O que eu faço? Depois que acontece o vestibular, nossa secretaria faz a matrícula. Elas são feitas no polo e em seguida vem para a Universidade, essa é a diferença do presencial. A partir do momento que as matrículas chegam aqui, todo tratamento que é dado para o curso a distância é igualzinho ao presencial, entendeu?

Ana Claudia: Sim, entendi. Sandra, quais foram os maiores desafios no seu trabalho?

Sandra: No meu trabalho, depois que a gente veio pra cá, foram dois momentos: o momento em que eu passo lá pela Coordenadoria de Educação a Distância que ficava no bloco em frente à Biblioteca. Lembro que éramos uma equipe muito enxuta: eu, o professor Lino, a secretária Leida, a Isaura⁷⁷, a Eveline⁷⁸ e dois meninos da tecnologia, cinco profissionais, sete com os meninos que atuavam tipo estagiário, mas que não eram permanentes. Cinco pessoas para atender toda essa demanda, a logística, e a parte pedagógica que ficava a cargo do professor Lino. Esses cinco funcionários tinham que fazer tudo, então dividíamos o trabalho. Duas ou três pessoas ficavam com a logística de polo, de viagem, de tudo. Eu e a Leida ficávamos com a secretaria acadêmica e os dois meninos atendiam a parte da tecnologia.

A Educação a Distância não tinha nem nascido, nem engatinhando estava, acho que engatinhando nós estamos hoje [risos], então era assim, era bem focado. Nessa época, era só o curso de Pedagogia na modalidade semipresencial. Os professores iam para o polo, deixavam

⁷⁷ Isaura Regina Castelo Branco. Assistente em Administração da UFMS. .

⁷⁸ Eveline Maria Rezende valle Costa Peters. Servidora Ms. Técnica em Assuntos Educacionais da UFMS.

as atividades, não era esse modelo de agora, era bem diferente, bem longe disso que é hoje. O trabalho era só com o Curso de Pedagogia e a dificuldade maior foi a questão da logística, da parte pedagógica eu não tenho muita propriedade para falar, porque eu não ficava nessa parte, eu apenas observava.

Agora, na questão da secretaria, que eu sempre trabalhei, a maior dificuldade foi em ter um sistema que atendesse a Educação a Distância, não dava para ser igual ao que tinha no ensino presencial, um sistema de lançamento de notas, de histórico, de documento dos alunos, entendeu? A questão da modalidade no trato com os documentos tem muita diferença.

No presencial, por exemplo, você começa pelo primeiro período do Curso de Matemática, vai lá, se matricula, faz o Cálculo I e VGA⁷⁹. Se você reprovar em alguma dessas disciplinas, no outro ano, quando começar a próxima turma do mesmo curso, você pode fazer as disciplinas novamente. Nesse caso, você só vai ficar com essa pendência e se ela não for o pré-requisito para continuar, você pode fazer outras e continuar nos estudos.

Na Educação a Distância não! O professor vai lá, ministra a disciplina naquele ano, naquele polo e se o acadêmico reprovar nessa disciplina, ano que vem não tem 1º ano naquele polo. Nesse caso entra a questão da reoferta e eu não tenho como lançar nota do aluno que reprovou lá.

O sistema era exclusivo para modalidade presencial, então a gente não tinha como usar. Essa era nossa preocupação nesse primeiro momento, de criar um Sistema Acadêmico com campos para lançamento de notas, de histórico de aluno, de documentação de aluno, principalmente que atendesse a modalidade a distância.

Nós não tínhamos toda essa experiência para pedir esse sistema, que funcionasse perfeitamente. Como seria pedir a alguém: “eu quero um sistema que faça isso, isso, isso”. O grupo da tecnologia também não tinha experiência, então a gente foi capengando nessa parte e pedindo o que faltava.

Na época, montamos um esboço de um sistema, de acordo com as nossas necessidades e enviávamos ao grupo da tecnologia. Se alguma coisa não desse certo a gente ia adequando e assim foi um ano ou quase dois anos para montar o primeiro sistema de lançamento de notas. De acordo com o esboço que a gente montou, o grupo da tecnologia elaborou um sistema pra gente mexer e fazer adaptações necessárias. Esse sistema atendeu nossas necessidades até certo tempo.

⁷⁹ Vetores e Geometria Analítica

Nesse momento apenas o Curso de Pedagogia encontrava-se em andamento, a avaliação do MEC estava por vir. Passamos pela avaliação “in loco”, com nota máxima, e depois conseguimos o reconhecimento do curso pelo MEC. Tivemos muitos elogios em tudo que estava acontecendo. Foi desse jeito, com essa equipe super enxuta que a gente participou das primeiras experiências da EaD. Fazendo, tentando acertar, sem saber se ia dar certo ou não.

Depois desse reconhecimento começaram as primeiras experiências com a UAB. Com a abertura dos editais nacionais da Universidade Aberta do Brasil, iniciamos com a UAB1 acrescentando outros cursos. Nesse momento já tínhamos um Sistema Acadêmico que atendia essa modalidade e também uma estrutura dentro da Universidade. O Projeto Pedagógico já estava aprovado e eles tinham uma equipe de professores que já estavam dentro de todo esse movimento, ainda que entendessem pouco sobre a modalidade. Estávamos seguros quanto à avaliação que viria, do Curso de Pedagogia, seguros para dar passos maiores, então o professor Lino resolveu dar esses passos.

Percebemos que para esse novo modelo de EaD não tínhamos nada para começar, mas mesmo assim, começou. A gente ainda não tinha espaço físico, não tinha logística para atender todos esses polos e, mesmo assim, com o edital da UAB1, atendemos municípios do estado do Paraná e São Paulo com a oferta de cursos. Então, a EaD começou nesses moldes. Nesse formato mudou praticamente tudo. Falo de quando começou a Universidade Aberta do Brasil, que vieram todos os cursos de graduação, que teve concurso para professores.

Ana Claudia: Eu não consegui entender essa UAB1, UAB2, como vocês fizeram essa denominação?

Sandra: É assim... para o Curso de Pedagogia que foi oferecido em 2001, foi feito um Projeto Político Pedagógico do curso, mas a modalidade era semipresencial. Eles falavam que era a distância, mas hoje, a gente entende que o modelo era semipresencial. O curso abriu, foi aprovado aqui dentro da Universidade e já possuía uma demanda anterior, de outros convênios que a UFMS tinha com as prefeituras do interior através da UNDIME⁸⁰.

Existia a necessidade de capacitar professores no interior. Esses professores não tinham essa capacitação, então com o estado crescendo, os municípios se desenvolvendo, não

⁸⁰ União dos Dirigentes Municipais de Educação, órgão que reunia todos os prefeitos do estado de MS.

havia mão-de-obra, não havia o professor para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental e para a Educação Infantil, precisavam desse curso.

Nessa época, por exemplo, as pessoas saíam de suas cidades, dos entornos, para fazer Matemática, fazer Letras, fazer outra coisa. Mas para fazer Pedagogia ninguém saía da sua cidade para ir até Dourados⁸¹, Três Lagoas⁸² ou perto, onde tinha as universidades. Estou falando no geral. Então não tinha o Pedagogo para atender as Séries Iniciais do Fundamental e a Educação Infantil e a LDB⁸³ exigia que todo professor para Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil tivesse o curso de Pedagogia, que todos os profissionais dessa fase estivessem capacitados até 2008.

Foi através da Agencia de Apoio aos Municípios – AAM⁸⁴, que funcionava na Reitoria da UFMS e sob a coordenação do professor Lino, que começaram as primeiras ofertas e turmas do Curso de Pedagogia. Atendendo, dessa forma, aos pedidos dos prefeitos que necessitavam desses profissionais em seus municípios.

O primeiro polo desse curso semipresencial foi em Bela Vista⁸⁵, primeira experiência. O pessoal fez o vestibular e a turma começou, foi a primeira turma. Esse curso se estendeu, foi para São Gabriel, Camapuã, Rio Brillante Água Clara, Paranhos e Coronel Sapucaia. Teve a oferta sucessivamente, tudo para atender essa demanda de não ter o pedagogo no interior e que era também uma exigência da LDB. Começou com essa experiência até a UFMS participar do primeiro edital de chamada pública, que chamamos de UAB1, em 2008.

A UAB1, o que é? Tem a Universidade Aberta do Brasil, a nível nacional, dentro da CAPES, para oferecer graduação na modalidade a distância e para atender essa demanda de professor, eles abriram esse edital nacional. Abria-se esse edital e a universidade que se sentisse preparada para oferecer cursos, dentro daquilo que está pedindo no edital, concorria. A nossa Universidade participou do 1º edital de oferta, oferecemos Cursos de Matemática, Pedagogia e Letras, tanto para o estado de Mato Grosso do Sul, como para o estado do Paraná e interior de São Paulo, porque nesses estados nenhuma universidade se inscreveu para

⁸¹ Município do estado de Mato Grosso do Sul, localizado no centro-sul do estado com população estimada em 173.647 mil habitantes.

⁸² Município localizado a leste do estado de Mato Grosso do Sul, a 326 km da capital, com população estimada em 101.791 mil habitantes.

⁸³ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

⁸⁴ Nesse momento a entrevistada corrige um erro ao se lembrar do nome correto da instituição citada anteriormente como UNDIME.

⁸⁵ Município localizado a sudoeste de Mato Grosso do Sul e na fronteira com o Paraguai, com população estimada em 23.181 mil habitantes.

oferecer, então eles perguntaram: “você não oferece lá?”. Nesse caso a universidade aceitou o desafio e ofereceu.

A gente chama UAB1 porque é o 1º edital, UAB2, porque as ofertas foram consecutivas, entendeu?

Ana Claudia: Entendi, atribuíram 1, 2 e 3 de acordo com cada edital que a universidade participava nesse projeto da UAB.

Sandra: Isso! Então é por isso que é UAB1. E esse é o segundo momento da trajetória de oferecimento de cursos de graduação a distância pela UFMS. A Universidade naquele momento ofertou os cursos e foram muitas as dificuldades, porque aquele sistema que a gente tinha, que demorou dois anos para adequar e atender a Pedagogia, já não atendia mais, percebíamos muitas diferenças entre os cursos. Se tivéssemos mais de um projeto pedagógico, tínhamos mais de uma oferta e mais alunos, entendeu?

A logística que se fazia com aquele pequeno grupo de funcionários para atender o curso de Pedagogia não era capaz de atender aos novos cursos. Então começaram a pedir professores para atender a questão pedagógica, a pedir funcionários para atender a questão da logística. Tivemos que começar a trabalhar num outro regulamento que atendesse tudo isso, porque já não dava mais para ser o regulamento do Curso de Pedagogia a Distância. Nesse momento o regulamento que existia não atendia esses cursos, porque não era mais aquele formato semipresencial. Entraram todas as outras mídias, todas as outras tecnologias, tiveram que começar toda a formação dessa equipe, várias coisas aconteceram! A questão da logística que aumentou, principalmente para levar esses cursos para o interior do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A questão pedagógica era de ter professores para atender toda essa demanda, que havia aumentado muito, já não dava para ser com aqueles professores convidados, que eram colaboradores.

Além da questão do nosso sistema que não atendia mais, cada frente teve que ir se adequando. Os coordenadores com o professor Lino tiveram que tomar frente das coisas, de percorrer as Pró-Reitorias, de aprovar os projetos, de contratar professores, de cuidar da logística. Mudaram toda a logística, porque era passagem de avião, carros que saiam aqui da Universidade, era recurso, eram coisas totalmente diferentes do que se fazia, quando se oferecia apenas o Curso de Pedagogia, que exigia uma logística bem menor.

Na questão acadêmica, o regulamento do curso de Pedagogia não servia para os demais cursos, então tivemos que montar um regulamento para cursos da modalidade a distância.

Ana Claudia: Regulamento para graduação, específico da EaD?

Sandra: Sim. Regulamento para os cursos de graduação na modalidade a distância, porque não era mais só a Pedagogia, eram todos os cursos. Esse momento que começou foi mais difícil, porque nós éramos Coordenadoria, com ligação direta na Reitoria. No organograma da Universidade, não éramos ligados a nenhum Conselho, não tínhamos representatividade em nenhum dos Conselhos Superiores (COUN, CD, COEG etc.) enfim, não éramos ligados a nenhuma Pró-Reitoria para ter o apoio que necessitávamos, para o trâmite das diversas questões relativas ao novo formato da EaD na Instituição.

Então começamos novamente aquele trabalho de formiguinha, de todos os envolvidos, de começar de novo com outro sistema. Nessa época, a gente já tinha aqui dentro da Coordenadoria dois professores que tinham passado no concurso para a área de Tecnologia, o professor Cristiano e o professor Hercules da Costa Sandim⁸⁶.

Nesse momento eles começaram a montar outro sistema que é o que diz respeito ao meu trabalho. Com eles aqui foi mais fácil, porque as coisas foram acontecendo e não se conseguia detectar tudo que iria acontecer antes de implantar. Então nós fizemos um primeiro esboço, de um sistema que atendesse todos esses cursos e eles foram trabalhando nesse esboço. Em seguida o sistema SIAD⁸⁷ que foi implantado e aos pouco foi sendo arrumado. Tudo isso porque o outro sistema já não atendia mais, dessa forma foi menos difícil, menos complicado, porque os dois funcionários que mexiam no sistema estavam lotados aqui na Coordenadoria. A gente dizia: “olha, não deu certo, não pode fechar o sistema, não pode bloquear esse oferecimento agora, porque vai ter reoferecimento e a gente vai ter que lançar nota”, então eles iam lá e arrumavam, de acordo com as nossas necessidades. Nós tivemos mais facilidade nesse novo sistema, que ainda não era o SISCAD⁸⁸.

Hoje a gente está dentro do SISCAD, o mesmo sistema que atende os alunos do presencial. Tínhamos um sistema acadêmico que atendia só os cursos da modalidade EaD, o

⁸⁶ Hercules da Costa Sandim. Professor Ms. Adjunto da UFMS.

⁸⁷ Sistema Acadêmico de Educação a Distância.

⁸⁸ Sistema Acadêmico da UFMS, atual.

SIAD⁸⁹, que tinha sido formatado para as peculiaridades da EaD, então tivemos que passar todos os alunos para o SISCAD. Foi o momento de retomar de novo e refazer.

Ana Claudia: Ele foi modificado de acordo com as mudanças e as ofertas a distância?

Sandra: É, estou falando do sistema que a gente trabalha dentro da secretaria, onde você lança matrículas dos alunos, as ofertas, as reprovações e as aprovações. Sistema Acadêmico é uma coisa e Regulamento é outra. O Regulamento que rege tudo dentro da Educação a Distância, tanto a logística, como a parte pedagógica, foi sendo montado por uma equipe de professores e ele foi aprovado. O primeiro Regulamento de Educação a Distância foi implantado em 2006, através da Resolução de nº 30⁹⁰, essa ficou por muito tempo. Nesse regulamento das graduações a distância vem informado como o aluno ingressa, faz a matrícula, como ele é desligado, como faz aproveitamento de estudo. Tem todos esses procedimentos em relação ao aluno do presencial e do aluno a distância.

Uma diferença básica, por exemplo, seria a transferência compulsória. Na Universidade existem dois tipos de transferência: a compulsória (*ex officio*⁹¹), aplicada a servidores civis e militares e familiares e/ou a transferência por existir vagas remanescentes nos cursos. Neste último, o coordenador de cada curso informa as vagas na PREG e a ela elabora um edital com as vagas de alunos que evadiram, vagas que ficaram ociosas. Por meio de um cálculo de número de vagas por curso, eles detectam a evasão e a PREG abre um edital, onde podem concorrer alunos de qualquer universidade do país. Alunos inscritos vêm, fazem uma avaliação inicial e entram no curso transferido de qualquer universidade particular ou pública, desde que o curso seja o mesmo. Matemática vem para Matemática, Engenharia Civil vêm para Engenharia Civil, Letras vêm para Letras, entendeu? Outro jeito de transferência chama-se transferência compulsória ou *ex officio*, quando é esposa e militar, ou, esposa ou filho de militar. Eles têm direito a vaga em qualquer época do ano em qualquer local, quando transferido a serviço. Essa lei antes era só para militar, agora ela foi estendida para servidor público em geral.

⁸⁹ Sistema Acadêmico de Educação a Distância

⁹⁰ Encontrada no Boletim de Serviços da UFMS, de nº 4290 de 04 de abril de 2008.

⁹¹ Expressão latina que significa “por dever do cargo; por obrigação e regimento; diz-se do ato oficial que se realiza sem provocação das partes”.

Ana Claudia: Então, dentro desse regulamento, tudo serve para Educação a Distância também?

Sandra: Tudo serve. Para os dois tipos de modalidade, dentro da Universidade, tudo isso já foi regulamentado. Nesse edital aberto tem todas as condições para o aluno ingressar, se for a transferência compulsória, também. O aluno vem apresenta o documento, a gente monta um processo, vai para a Pró-Reitoria, faz um plano de ensino, enquadra ele em uma série que ele está e informa: “você está enquadrado na 2º série do curso que funciona nesse período”. O aluno vem e se matricula no presencial, porém, na modalidade a distância, se o aluno tem interesse, ele precisa ver o polo de oferta, porque nem todos os polos oferecem todos os cursos, nem todos os polos têm todas as séries do curso, entendeu? Se o aluno fala: “eu quero Matemática em São Gabriel porque é mais perto daqui e vai ficar mais fácil”, você faz o plano de estudo dele e ele fica enquadrado na 3º série, só que não tem 3º série em São Gabriel, entendeu?

Como fazer nessa situação? Essa era a maior problemática, tratar esses alunos na questão da transferência. O regulamento dos cursos era pensado a partir da modalidade presencial, então tinha momento em que não dava para aplicar aos alunos da EaD, porque não era o caso. Fazia-se todo esse processo, toda essa análise para chegar à conclusão de que o aluno não podia assumir naquele polo. Falávamos para o aluno, só tem vaga na 3ª série em Porto Murtinho⁹², e o aluno respondia: “não, Porto Murtinho para mim é inviável”, então o aluno não tinha como ir, entendeu? Essa era, ou ainda é, uma das situações que difere a modalidade presencial da modalidade a distância. Não dá para tratar a Educação a Distância com o mesmo regulamento da modalidade presencial.

Então o que a gente tinha que fazer? Escrever um regulamento para o curso de Graduação a Distância e tentar acertar o máximo que pudesse essas situações acadêmicas que não podiam ser tratadas com o regulamento anterior. Então foi aprovada a Resolução nº 30 que ficou vigente até vigorar a Resolução nº 349⁹³, do ano passado. Em virtude de tantas mudanças na instituição, a Resolução nº 30 foi ficando ultrapassada, mudou a média, de 5,0 passou para 6,0, as transferências que eram só para militares e agora serve também para servidores públicos. De todas as mudanças que aconteceram dentro da Universidade, a antiga ficou ultrapassada, tivemos que fazer outra, a Resolução de nº349, que agora rege os cursos.

⁹² Município situado na Região Centro Oeste, no estado de Mato Grosso do Sul, com população estimada em 15.372 mil habitantes.

⁹³ Encontrada no Boletim de Serviços da UFMS, de nº 5870, de 11 de setembro de 2014.

Porém, nesse documento, em relação à transferência compulsória, diz que ela tem que atender um regulamento específico e esse regulamento específico é do presencial, ou seja, quando esse tipo de transferência ocorre, eu tenho que tratar nossos alunos da Educação a Distância com o regulamento específico do presencial, porque até o momento não tem um regulamento específico da modalidade a distância.

Tem coisas dentro da Resolução nº 349 que orienta atender a legislação da UFMS e, então, temos que voltar e ler essa legislação do presencial. Eles querem que ambas as modalidades fiquem o mais próxima possível, em relação às regulamentações. No entanto, tem coisas que não tem como, que são específicas da Educação a Distância.

Dentro da Resolução de nº349, as situações compulsórias serão atendidas conforme regulamentação do presencial, então eu tenho que ler esse documento para tratar o aluno da Educação a Distância, tenho que usar a resolução da Universidade dos cursos presenciais.

Existe um regulamento para coisas mais específicas, no Estágio Supervisionado, por exemplo, cada curso tem que ter seu regulamento, que fale sobre o local e suas particularidades. Nesse caso, não dá para usar a legislação do presencial.

Na questão acadêmica, a parte da nota, da transferência compulsória é a mesma que o presencial, mesmo regulamento. A matrícula tem que ser do mesmo jeito, a oferta tem que ser do mesmo jeito. O calendário ainda é diferente, porque ainda não tem como usar o mesmo, utilizam-se apenas os mesmos períodos para fazer a matrícula.

Com o SISCAD a gente tem que usar os mesmos períodos para ofertar, não temos mais um sistema nosso. Nós fizemos o 1º sistema acadêmico, que não serviu quando começou a UAB1 e no ano passado passamos para o SISCAD que é o da Universidade. Estamos colocando nossos alunos dentro do SISCAD.

Ana Claudia: Sandra, e para atuar dessa forma, para fazer e entender tudo isso dentro da EaD, vocês tiveram alguma formação específica?

Sandra: No caso da secretaria acadêmica? Não, porque tudo o que se fazia no Curso de Matemática, faço dentro dessa modalidade. Não há necessidade de uma formação diferente para fazer isso porque eu sou assistente administrativo da Universidade. Ao longo do meu trabalho, fui sendo capacitada para trabalhar numa secretaria, que não tem diferença, porque a gente trabalha com um sistema onde você lança notas e faz modificações toda vez que muda esse sistema. A gente já está aqui e aprende trabalhando, não precisa de uma capacitação

específica, entendeu? Em nenhum momento, por exemplo, as pessoas que trabalham lá no meu setor precisaram aprender o Moodle.

Se precisássemos saber outra coisa, como trabalhamos com as normas da Universidade e com as Pró-Reitorias, a gente vai se capacitando durante a vida de trabalho. Então não é que a gente: “há, não foi capacitada” é que não teve necessidade dessa capacitação, entendeu?

No caso da parte Didática e Pedagógica, sim! Os tutores e professores tinham que ser preparados para trabalhar com essa nova modalidade, porque era totalmente diferente da sala de aula presencial, tinha que gravar vídeo. No nosso trabalho não precisava de nenhuma capacitação específica para trabalhar com a modalidade, o que muda é apenas o jeito de fazer as coisas.

Ana Claudia: Sandra, e na Licenciatura em Matemática a Distância, o que se lembra desse início? Do curso, das pessoas, dos documentos de implantação, dos polos, qual foi a sua participação nesse processo?

Sandra: Essa parte não diz muito respeito à secretaria. Eu me lembro de discussões sobre em que polo iam oferecer o curso, da quantidade de vagas que seriam oferecidas em cada polo, da questão da logística. Tudo isso era por Brasília, eles decidiam, aprovavam ou não o polo, nível administrativo de primeiro escalão, coordenadores e chefe de coordenadores, tudo dependia da demanda e da oferta. Então nada tinha a ver com o meu trabalho.

As primeiras experiências dessa licenciatura no estado do Mato Grosso do Sul aconteceram em polos que já existiam para atender a demanda. Agora, como eles escolheram oferecer naqueles polos e sobre o número de vagas, eu não participei desse momento. Mas aqui dentro da instituição, a maior problemática que a gente percebia nesse início, era a falta de professores para trabalhar.

A coordenadora do curso na época foi a professora Magda⁹⁴, que implantou o curso praticamente sem professores. Outra dificuldade percebida era na aprovação dos Projetos Políticos Pedagógicos dentro dos Conselhos Superiores, uma vez que eles não tinham representatividade dentro dos conselhos.

⁹⁴ Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli. Professora Ms. lotada no Instituto de Matemática (INMA), primeira coordenadora do curso de Licenciatura em Matemática a distância, participou do processo de implementação da Licenciatura em Matemática EaD da UFMS.

A Coordenadoria de Educação a Distância é um órgão administrativo dentro de uma Pró-Reitoria, que não possuía um colegiado. Um conselho de centro, por exemplo, tem o colegiado, tem o diretor que toma as decisões administrativas, através da instrução de serviços, e deliberações dadas através de um conselho. Este conselho é formado pelos coordenadores de cursos que se reúnem e tomam as decisões, que posteriormente são emanadas através de Resoluções e em seguida encaminhadas para os Conselhos superiores. O Projeto Político Pedagógico – PPP, é um exemplo de documento analisado pelo conselho. Na época, a Matemática ainda não era vinculada ao CCET e sim à Coordenadoria de Educação a Distância, que não tinha um conselho deliberativo. Essa era a dificuldade que os coordenadores tinham, eles tinham que sair da Coordenadoria de Educação a Distância com o PPP do curso e ir direto para o COUN⁹⁵, um trabalho de formiguinha mesmo. Cada um colocava seu projeto debaixo do braço e tinha que correr atrás, porque não tinha um órgão deliberativo que desse esse suporte.

Como isso impactava no trabalho da secretaria acadêmica? Enquanto o Projeto não era aprovado, não se tinha a estrutura do curso para lançar dentro do sistema e na maioria das vezes os cursos começavam a ser oferecidos sem que a gente tivesse essa parte pronta. Uma vez que estavam oferecendo o curso em algum polo, a gente não tinha como lançar no diário, porque o PPP não estava aprovado, não tinha estrutura, entendeu?

Os cursos começavam sem estar totalmente legalizados. Então, quando se aprovava essa estrutura, uma cópia era encaminhada para secretaria e a gente inseria no sistema e começava a ofertar os cursos. Depois, por algum motivo, percebia que não podia ser daquele jeito, então tirava aquela estrutura e colocava outra.

Naquele momento o maior impacto foi essa questão de não ter um órgão deliberativo, que impactava no nosso também. A gente fazia e refazia, era um retrabalho contínuo, tanto para eles, coordenadores, quanto para nós, que dependíamos do trabalho deles para fazer o nosso. Foi muito tempo assim. Isso foi lento e foi demorado até a gente conseguir.

Ana Claudia: Isso entra o currículo também, não é? Você falou do PPP, da autorização de funcionamento, mas isso também entra o currículo?

⁹⁵ Conselho Universitário.

Sandra: Sim. Era PPP, que a gente falava, hoje é chamado do PPC – Projeto Político de Curso. Dentro do Projeto Político Pedagógico do curso a gente tem tudo, o projeto explica tudo sobre o curso que está sendo criado. Ele tem um formato próprio da universidade e todas as informações necessárias, como: Porque o curso está sendo criado? Porque é na modalidade Educação a Distância? Quem é que você vai atender? Qual que é o perfil dos alunos que vão ingressar? Qual vai ser o currículo? Quais serão as disciplinas oferecidas? Como vai ser a dinâmica desse oferecimento? Como vai ser a seriação? Qual a ementa de todas as disciplinas? Tudo isso faz parte do Projeto Político Pedagógico, desmembrado em todas essas partes.

Então quanto mais demorava a aprovação do PPP, era mais complicado, porque toda a estrutura curricular de um curso estava lá dentro do projeto, e eu precisava dele para fazer o meu trabalho. Como esse trabalho era demorado dentro das Pró-Reitorias, a gente tinha que ficar esperando. Enquanto isso a oferta do curso já estava iniciada.

Ana Claudia: Sandra, você já falou bastante dos desafios aqui dentro da EaD da UFMS que foram os sistemas e os conselhos, se lembra de mais algum?

Sandra: Nosso maior problema foi o Sistema Acadêmico, a gente foi capengando até conseguir adequar todas as nossas necessidades. Tivemos, também, a questão de não ter o órgão deliberativo uma vez que éramos uma coordenadoria, de não ter representatividade nos conselhos superiores e ainda, outro problema sério que foi a logística.

Nós tivemos muitos problemas com a logística. Quando começou essa oferta maior, a logística mudou, ficou bem mais complicada porque dependia de dinheiro, da passagem de avião, de hotel em cidades que não eram aqui no estado, do traslado. Então toda a logística que era feita por uma pessoa e que já era um trabalho enorme, triplicou com os novos cursos.

Foram essas três coisas que impactaram os cursos logo no início. A falta dos conselhos para aprovação dos Projetos Políticos Pedagógicos, a questão do sistema acadêmico que não atendiam a Educação a Distância e a questão da logística que mudou completamente. Se você tivesse que dar aula no Paraná, tinha que sair daqui de ônibus até um lugar, pegar o avião e ao chegar a outro local não tinha ninguém para receber você. E para voltar, quando as aulas terminavam no domingo? Isso não era meu trabalho, mas a gente ficava sabendo por que eles ficavam por aqui. Às vezes a aula terminava no sábado e só tinha avião para retornar na segunda, então a pessoa ficava na cidade e voltava apenas na segunda-feira, desembarcava

em outro lugar e chegava aqui na terça-feira, quarta-feira. Quantas vezes eles ficaram em aeroportos sem ninguém para ir buscar.

Essa questão da logística foi muito complicada, principalmente para São Paulo e Paraná. Isso ocorreu apenas no 1º oferecimento, depois a universidade desistiu dessa oferta, pois ficou inviável e a gente não conseguia mais oferecer.

Ana Claudia: Sandra tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar? Pensando em tudo e em todos os seus anos de profissão aqui na UFMS.

Sandra: Sempre falo, questiono e gostaria que fosse diferente. Gostaria que todos os envolvidos tivessem disposição de entender que a Educação a Distância tem muita diferença do presencial e que não dá pra gente colocar tudo do mesmo jeito, sabe? Tem muita diferença. Estamos em um momento da instituição em que eles querem que tudo fique igual, que tudo que se faz no presencial possa ser feito na modalidade a distância e tem muita coisa que não dá. Esse problema as pessoas têm dificuldade em entender.

Nós estamos até hoje, desde a Resolução nº 30 até agora na Resolução nº 349, com os mesmos problemas, tudo isso porque as pessoas não entendem, elas percebem, mas não conseguem chegar e falar: “olha, a modalidade é diferente”. Tem coisas que tem que ser diferentes e vai ter que ser diferente. Acho que eles querem cada vez mais aproximar as duas modalidades e tem muita coisa acadêmica que não dá para fazer. Pedagogicamente consegue aproximar e deve.

Os cursos presenciais atualmente fazem uso das tecnologias da Educação a Distância, eu acho bacana, porém, na parte de documentação, de oferecimento, de coisas que impactam na oferta dos cursos, muitas coisas tinham que ser diferentes. E eles querem que seja igual ao presencial. A questão da reoferta é um problema, porque nós não temos. Só podemos reofertar depois que a turma concluir, precisamos saber quantos reprovados tem para depois fazer a reoferta, entendeu?

No presencial acontece assim: se 40% dos alunos reprovaram em Cálculo I, no ano seguinte vai ser oferecida essa disciplina porque tem uma turma que está entrando. O aluno vai lá, na turma da 1ª série e faz o Cálculo I. Na modalidade a distância só será oferecida aquela turma no polo, eu, como aluna, só saberei se vou fazer a reoferta depois que a turma toda reprovar. A Secretaria acadêmica tem que ofertar na sequência! Então é super difícil, a oferta e a reoferta deve ser sempre dentro do calendário acadêmico, dentro do SISCAD.

Então tem muita coisa que não dá pra ser igual ao presencial e a Universidade insiste em querer igualar essas duas modalidades e não dá!

Ana Claudia: Sandra, Esta entrevista será transcrita e textualizada, retornando depois para sua leitura e adequações. Depois de revisada, será autorizada por intermédio da carta de cessão assinada.

Finalizamos a entrevista com os agradecimentos e com a leitura do termo de autorização pela entrevistada.



Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa

Entrevista com a Profa. MSc. Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa, ocorrida na Sala do Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep), na Unidade VII da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no dia 09 de dezembro de 2015, em Campo Grande – MS.

Duração: 48:00 min



Figura 5 - Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa (momento da entrevista)

Ana Claudia: Boa tarde.

Hoje, dia 09 de dezembro de 2015, estamos, eu, Ana Cláudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, e a Profa. MSc. Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa na Sala do Grupo de Pesquisa Hemep na UFMS para a realização de uma entrevista relacionada ao “curso de Licenciatura em Matemática a distância da UFMS”, vinculada a minha pesquisa de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Olá, professora! Obrigada por aceitar o nosso convite. Sabemos que a senhora está em recuperação de saúde, e, ainda assim, se dispôs a conceder essa entrevista para nossa pesquisa. Nós agradecemos muito.

Gostaria que a senhora se apresentasse, falasse um pouco da sua vida, quando e como veio para Campo Grande. Sinta-se a vontade.

Heloisa: Primeiramente, obrigada pelo convite, Ana Cláudia e Thiago. É sempre gostoso colaborar com pesquisas. É muito importante o que vocês estão fazendo, inclusive a questão do registro, de deixar registrado para outros pesquisadores.

Bom, como um breve histórico, eu sou professora da Universidade Federal aqui em Mato Grosso do Sul desde 1994. Sou carioca e vim para Mato Grosso do Sul porque me casei com um sul-mato-grossense que estudou no Rio e optamos em vir morar aqui em Mato Grosso do Sul. No ano de 1991, eu comecei a vir para cá, em 1992 me casei e vim definitivamente. Primeiramente, em 1991, eu fui para Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no Campus de Dourados, como professora substituta e depois, já em 1992, vim trabalhar na UFMS em Campo Grande, também como professora substituta, além de trabalhar em uma instituição particular.

Efetivei-me na UFMS, finalmente, em 1994 e desde então estou aqui lecionando e colaborando com os cursos da Universidade. Quando vim para Campo Grande eu já era Mestre em Matemática, fiz Graduação em Bacharelado e Licenciatura e o Mestrado em Matemática Pura, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eu já tinha defendido, e, desde então, comecei a colaborar com os cursos, não só com os cursos da área de Matemática Pura como também com as licenciaturas.

Desde que me formei e por também ter me formado em Licenciatura, sempre quis contribuir com os cursos de licenciatura, cursos de formação de professor. Auxiliei tanto os cursos de Licenciatura em Física, Licenciatura em Pedagogia como também a Licenciatura em Matemática. Foi mais ou menos assim, de forma breve, que cheguei aqui.

Agora estou afastada, fazendo o Doutorado aqui mesmo na instituição no Programa de Pós-Graduação em Educação do CCHS.

Ana Claudia: O início da sua atuação profissional foi na UFMS ou trabalhou antes em outro local?

Heloisa: Não. Desde que morava no Rio de Janeiro e desde quando eu comecei fazer o Mestrado eu já atuava em sala de aula. Quando comecei a lecionar no nível superior, na UFRJ, em 1989, estava fazendo paralelamente o Mestrado. Depois, quando vim para Mato Grosso do Sul, em 1991, comecei, como falei antes, em Dourados, no curso de Licenciatura do noturno que ainda era UFMS, não era UFGD, como é agora. Cheguei aqui comecei a trabalhar na UNIDERP que antes se chamava CESUP, no curso de Licenciatura em Matemática do período noturno. Mais tarde, em 1994, entrei como efetiva na UFMS.

Ana Claudia: Dessa atuação, antes da UFMS, lembra-se da estrutura e do sistema de ensino daquela época?

Heloisa: Desde quando eu entrei na UFMS, fui coordenadora três vezes, três gestões. Com essa experiência administrativa eu pude perceber e observar as particularidades e as transformações do curso. Então, antes de entrar na Universidade, logo no começo da minha carreira aqui dentro da instituição, os cursos de licenciatura, na minha opinião, inclusive o curso que fiz, eles tinham a cara de bacharelesco.

Eram cursos de licenciatura em que as disciplinas pedagógicas eram concentradas mais no final do curso. No começo havia uma ênfase muito grande na estrutura de Matemática, nas disciplinas de Matemática. E a parte pedagógica, incluindo o Estágio e a parte de Prática de Ensino eram todas feitas mais no último ano.

Então a gente entende que é uma estrutura que tende mais para o bacharelado, com algumas disciplinas específicas da Didática. Então essa era a característica do curso, inclusive uma característica que eu vivenciei na minha universidade de origem, quando eu estudei. O que mudou muito de lá pra cá dentro das universidades, que eu pude perceber foram essas transformações, particularmente, das licenciaturas.

Ana Claudia: Aqui na UFMS a senhora começou a atuar como professora e depois foi convidada para EaD? Como foi esse início na EaD?

Heloisa: Isso! Na realidade foi assim: quando eu cheguei aqui como efetiva, em 1994, comecei a participar de alguns projetos. Dentro desses projetos tinha um que o professor Lino, Antônio Lino, era responsável, o Projeto das Parceladas. Esse projeto trabalhava com os profissionais que possuíam a Licenciatura Curta, como uma complementação dos estudos para obter a titulação de Licenciatura Plena.

Então esse foi o começo. Entendo que esse começo foi bem o primórdio do que se transformou em EaD. Depois a gente participou da Licenciatura em Pedagogia a distância que tinha um sistema completamente diferente do atual. Era um convênio, não sei os detalhes exatamente, mais sei que a estrutura era completamente diferente. Por consequência dela, nós continuamos com a implantação da EaD, com essa estrutura, um pouco mais parecida com o que a gente tem hoje. Começamos com os cursos em licenciatura, especificamente Licenciatura em Matemática.

Ana Claudia: Além de trabalhar na implementação desses projetos a senhora atuou nesses cursos, na Licenciatura em Matemática?

Heloisa: É. Não existiam quadros específicos dentro da Universidade, portanto, os professores que atuavam na Educação a Distância eram os professores que atuavam no presencial. A gente ministrava aulas no final de semana e quando voltava segunda-feira estávamos em sala de aula aqui e até em outros cursos. Tínhamos que trabalhar assim, nas duas modalidades.

Ana Claudia: O que se lembra do início da Licenciatura em Matemática? Das pessoas, dos primeiros polos, da estrutura, do currículo, do PPP?

Heloisa: Eu tenho ótimas memórias da EaD. Na realidade, foi um projeto que a gente entrou acreditando muito que era uma coisa interessante e necessária para o tamanho do Brasil, em particular para o tamanho do nosso estado. Era algo interessante porque levaria oportunidade a essas cidades, de algo a mais que os indivíduos da cidade não tinham, como o contato com uma universidade de ponta, uma universidade grande, uma Universidade Federal.

Eu entendo que a nossa Universidade é pequena dentro de um contexto nacional, mas ela já era uma universidade de grande porte, se comparada com outras instituições, inclusive as privadas, que já ocupavam certo espaço nesses municípios ou em alguns deles. Essa chegada da Universidade Federal nesses municípios foi bem marcante. Nós nos sentimos honradas em representar a Universidade nesses polos, onde fomos sempre bem recebidas. A gente até brincava, eu e a Magda, a professora Magda, muito companheira desde o começo. A gente sempre trabalhou muito junto, nós chegávamos como autoridade dentro dessas cidades.

Recordo-me que chegávamos de carro oficial, era uma coisa institucionalizada, por isso, tinha muita importância o que estava acontecendo lá. Como era município pequeno, toda cidade se envolvia de alguma forma com isso. O comércio percebia nossa presença, a escola onde a gente estava trabalhando percebia a nossa presença, os cidadãos da cidade também percebiam.

Então não era uma coisa escondida, escondida no sentido clandestino, não era uma coisa secreta, a gente percebia certa comoção na cidade. Eu, pelo menos, sempre senti isso, no hotel onde a gente ficava ou quando a gente saía. Como tínhamos filhos pequenos, eu e Magda saíamos no comércio para comprar umas besteirinhas para a criançada e lá nos

perguntavam: “são as professoras da Universidade Federal?” Nós respondíamos: “Sim, somos professoras da Universidade Federal”. Esses são alguns dos fatores interessantes de mostrar, um começo de alguma coisa que estava realmente sendo uma novidade local, e, por sinal, bem recebida pelas comunidades. Mas apesar de toda essa receptividade nem sempre encontrava os polos estruturados. Teve vezes de necessitarmos de duas salas para dividirmos a turma, mas, apenas uma sala estava preparada, pois na outra não tinha quadro negro, então decidíamos: vamos mudar para uma sala vizinha, que tinha quadro negro, mas, para nossa surpresa, não tinha luz [risos].

Essa era a estrutura, a ponto de a gente se perguntar, vamos para sala com luz ou com quadro? Optamos pela sala com luz porque era noite e não tinha jeito de dar aula que não fosse assim, não é? Com luz, colamos um monte de papel sulfite na parede e trabalhamos com canetão, eu ou Magda, dando aula de canetão porque não tinha outro jeito. Improvisávamos muito.

Isso aconteceu em alguns municípios, não por má vontade das pessoas envolvidas, mas por não estarem plenamente preparados para receber aquilo ali. A novidade era tanta que não se sabia como fazer. Dependendo da área, o professor pode abrir um livro e dar uma aula palestrando, o que não é verdade para Matemática. Na realidade, nós precisávamos do quadro negro, nós tínhamos essa parte do debate, de conversar, mas não era só isso, precisava do quadro negro, precisava fazer anotações, registros, então o quadro negro era necessário. A pessoa responsável não estava avisada, ou foi avisada, mas não deu a importância achando que não era tão necessário assim.

Foi uma situação engraçada, de tanto de jogo de cintura que tivemos que fazer, no começo, para conseguir criar, inclusive, essa mentalidade de como fazer, de fazer entender que o Curso de Licenciatura em Matemática possui certas rotinas e características próprias, diferentes de outros cursos que de repente já funcionaram antes. Essas são algumas coisas que me marcaram.

Ana Claudia: A senhora e a professora Magda tinham uma dupla função dentro da Licenciatura em Matemática a Distância? Como coordenadora e às vezes como professora?

Heloisa: Na verdade, eu nunca fui coordenadora, eu nunca coordenei, o máximo que eu fazia era ajudar. Eu participei de colegiados, nunca fui coordenadora do curso de Licenciatura na

EaD. Ocupei essa função, durante três gestões, aqui no presencial, que também existe há muito tempo, mas na EaD eu nunca tive o papel de coordenação.

Ana Claudia: Sempre atuando junto com a professora Magda?

Heloisa: É. Ficamos juntas mais no começo, bem no começo. Viajamos juntas muitas vezes para os polos. A gente pegava e dividia a sala em duas partes para que pudéssemos trabalhar. Depois que a EaD começou a funcionar um pouco diferente. Essa transição foi interessante porque a gente começou na Licenciatura em Pedagogia, logo em seguida, começaram os tramites para o Curso de Matemática. Foi quando a gente começou a se separar de fato, cada uma ia para um polo. Era um pouco misturado só no comecinho.

Eu estou relatando assim porque para mim a Licenciatura em Matemática foi quase uma consequência desse começo da Pedagogia, mas, tinha outro sistema para Matemática. Então foi assim, mais uma turma, num sistema diferente.

Assim como a Pedagogia, a gente tinha disciplinas de Prática de Ensino na nova estruturação da Licenciatura em Matemática, já não era mais tão bacharelesca, mas uma licenciatura que contemplava a parte pedagógica desde o início nas disciplinas de Prática de Ensino. A Magda assumiu a função de coordenadora, além da sala de aula, e eu fiquei mais na sala de aula. Passei a viajar sozinha para os polos, tive que dividir a força tarefa para conseguir atender todos os polos.

Ana Claudia: Como era esse trabalho com material didático, com gravação de vídeo-aula?

Heloisa: Nessa parte de material didático, a gente levava muita coisa daqui e, aos poucos os polos foram se estruturando em um pequeno Laboratório de Ensino de Matemática, começavam a ter materiais.

Como nem sempre a gente tinha certeza da quantidade de material que estaria disponível no polo, nesse começo, a gente levava muita coisa. Eu levava pouca coisa quando viajava para os polos do interior do Paraná porque a própria viagem de avião não favorecia, era mais complicado. Mesmo assim, alguma coisa a gente sempre levava, alguma cópia para quando precisasse de alguma atividade, de um papel ou livro específico, dependia da situação. Não era sempre, isso foi diminuindo no decorrer do tempo porque os polos começaram a ter

materiais, algumas coisas a gente pedia com antecedência e o polo, ou até mesmo os alunos, providenciavam. Cada vez menos a gente levava material.

A questão da vídeo-aula eu até me orgulho por ter sido a primeira pessoa a fazer uma vídeo-aula para o curso. Não lembro exatamente qual foi à data, mas foi uma filmagem, uma filmagem não, perdão, uma aula ao vivo, com um equipamento enorme de filmagem. Era uma aula de dúvidas e todos os polos estavam ligados ao mesmo tempo, e eu dei essa aula. Lembro-me que por intermédio de um *chat*, eles conseguiam se comunicar conosco e no meio do caminho, da aula, surgiram alguns problemas e eles diziam: “Camapuã está fora do ar”, “Camapuã está sem imagem, está só com áudio” e aí a gente brincava: “olha, pessoal de Camapuã, não desconcentra, não, finge que é uma voz do além”, porque eles só estavam ouvindo a minha voz, não estavam me vendo e assim foi⁹⁶. Foi bem interessante, foi difícil, mas interessante e a partir daí eu comecei a fazer gravações de vídeo-aula.

Eu tenho várias gravações, principalmente de aulas de Cálculo, fiz várias gravações. Era um trabalho muito gratificante e um pouco solitário porque era apenas eu e o *cameraman* filmando. Eu ministrava aula para uma turma fictícia, inventava que tinha alguns alunos ali, inclusive, quando conversava, eu falava: “você que está com dúvida, você deve estar pensando tal coisa”.

Foi interessante. No entanto, mais interessante ainda foi quando eu assisti pela primeira vez os meus alunos me assistindo. Eu fui ao polo em que havia aula com uma vídeo-aula minha, preparada sobre um assunto que eu iria trabalhar. Como eu tinha curiosidade de vê-los interagindo com o vídeo, nessa aula eu os assisti me assistindo e foi muito interessante. Isso aconteceu em um dos polos do Paraná, Cruzeiro do Oeste⁹⁷. Eles estavam assistindo e eu falei assim: “vocês devem estar achando...” e eu fiz bem assim para câmera [apontando o dedo indicador para frente] e disse: “vocês devem estar achando que tal coisa é assim, assim e assim, mas não é verdade”. Quando eu falei, um aluno olhou para mim lá atrás onde eu estava e falou: “professora, a senhora está dentro da nossa cabeça?”, ou seja, ele estava pensando exatamente alguma coisa, então disse: “como é que a senhora sabe o que a gente está pensando? A senhora não está nem vendo, tem gente lá?”. Eles ficavam curiosos para saber se tinha gente assistindo a aula e eu falava: “não, só eu e o *cameraman*”.

⁹⁶ Aqui a professora refere-se a uma web conferência, aula simultânea com diversos polos participando, interagindo com perguntas.

⁹⁷ Município localizado no estado do Paraná localizado na Região Noroeste, com população estimada em 21.107 mil habitantes.

Fazíamos as filmagens desses vídeos aqui em Campo Grande no Laboratório de Ensino de Matemática, no LEMA. Tinha que ser a noite por causa do silêncio, da acústica, do barulho fora, de gente abrindo porta, então tinha que ser à noite. Às vezes, ele, o *cameraman*, quase dormia em cima da câmera e eu falando [risos], fingindo que estava falando com os alunos [risos]. Não tínhamos a estrutura que se tem agora, não tinha prédio, não tinha sala específica para filmagem, não tinha nada disso. Era microfone colado com esparadrapo no chão. Éramos eu e o *cameraman*, que depois fazia os cortes para editar. Para diminuir o trabalho, eu tentava, inclusive, gravar de um modo que evitasse o corte, preparava tudo para interagir de maneira que a aula não ficasse muito cansativa.

Foi uma experiência muito interessante, principalmente essa de vê-los me assistindo, porque eu percebi que, de fato, eles estavam conseguindo prestar atenção, estavam envolvidos. Eles se envolviam justamente no momento em que eu falava: “você que está pensando nisso”, eles se sentiam como se tivesse alguém em sala de aula.

Gostei muito dessa experiência e achei que esses vídeos ajudaram. Claro que no começo eu me sentia muito robótica, nas primeiras filmagens, eu estava bem travada. Em outras aulas, fiquei mais solta, mais a vontade com a *cameraman* e todo o resto.

Ana Claudia: Onde encontramos esses vídeos? No Youtube ou só no Moodle da EaD?

Heloisa: Não. Pode ser que alguma coisa esteja no Youtube, mas acredito que não. Eu acho que houve certo cuidado, pelo fato de ser um material específico. Não é aquele tipo de vídeo em que eu como professora me dispus a fazer para toda a graduação. Era um vídeo direcionado ao módulo daquele momento, inclusive ele acompanhava o livro que tinha escrito e a parte de exercícios para que o aluno conseguisse estudar, quer dizer, o vídeo era um apoio do livro, sempre falando do assunto. Pouco diferente desses vídeos que tem na internet. Eu tenho alguma cópia, estão todas guardadas, mas eu não sei se tenho tudo, com certeza na EaD deve ter um arquivo desse material. Não sei te dizer se tenho o arquivo daquela primeira aula que falei, pois era uma estrutura bem maior, com mais gente envolvida. Essas outras que são eu e o *cameraman*, certamente têm.

Tiveram outros professores que fizeram isso depois, que também gravaram para dar esse suporte aos alunos, sei que fui uma das primeiras.

Ana Claudia: Em relação à sua comunicação com os tutores presenciais e a distância, como era essa relação, essa comunicação com tutor, polo e aluno?

Heloisa: Certo. A questão do tutor nesse começo foi difícil pelo fato de que em alguns polos não tínhamos pessoas com a formação que precisávamos. Então, muitas vezes, a gente se comunicava com o tutor lá no polo e também por e-mail, pois, ainda não tínhamos o ambiente que se tem agora, o Moodle. Estou relatando o começo da comunicação na Licenciatura em Pedagogia, nessa época a gente não tinha essa comunicação que tem agora. Não tinha o Moodle, então não tinha como fazer essa interação rapidamente. O Moodle só veio depois quando começou a Licenciatura em Matemática, aos poucos a gente foi tendo o Moodle como apoio e então a gente se comunicava com o tutor de lá.

Eu nunca tive um tutor daqui, um tutor que ficava comigo na disciplina, não peguei essa fase da EaD. Na minha fase a gente tinha o tutor presencial, aquele que ficava no polo, então quem corrigia as atividades e fazia todo o gerenciamento era esse tutor. Eu não tive esse tutor daqui, que fizesse isso, pelo menos que eu me lembre, não!

Logo em seguida, quando eu já estava me afastando da EaD, foi que percebi uma mudança na estrutura, que passou a ter mais tutores, mas no começo eu tive apoio dos tutores que ficavam lá no polo. A gente ia final de semana no polo e deixava algumas atividades para a semana, depois nos correspondíamos com ele para que ele gerenciasse e administrasse aquele estudo.

Ana Claudia: Então, só para entender, no início da Licenciatura em Matemática a distância, ainda não tinha o Ambiente (AVA).

Heloisa: Pra ser sincera, eu não lembro se o ambiente já entrou direto quando começou a Licenciatura ou se foi depois de iniciada, isso eu não me recordo exatamente. Teve aquela transformação de UAB1 para UAB2, essas transformações mudaram o sistema. Como eu também já tinha passado pela EaD que tinha os convênios, estes eram diferentes e não eram UAB ainda, eram convênios com as prefeituras. Então nessa transição eu não me lembro de quando começou o Moodle. Para mim, começou com a Licenciatura em Pedagogia e da Pedagogia para Matemática, acredito que foi uma continuidade.

O sistema mudou porque entrou a UAB, ou seja, não era mais o convênio que existia, ainda assim, não lembro exatamente quando o Moodle entrou em ação. Se já estava andado

com o curso de Licenciatura em Matemática ou se foi logo no começo, esse detalhe me foge. Se houvesse o Moodle, a gente usava bem menos do que é usado hoje, sem dúvida. Usávamos e-mail para comunicação, depois usava o Moodle e tinha muito mais aulas presenciais, entendeu? A gente deixava as tarefas, íamos um final de semana sim e um não para o polo, a comunicação acabava sendo mais presencial e a parte a distância ficava a cargo do tutor de lá, ele cuidava e se esforçava muito para auxiliar os alunos. Quando o ambiente virtual começou funcionando plenamente com essa comunicação direta, não lembro.

A aula com vídeo conferência, a única que eu fiz foi essa que te falei, deixou marcas. As outras todas foram aulas gravadas e depois de um tempo começou a mudar. Depois de afastada da EaD, participei de bancas de trabalho de conclusão de curso usando a vídeo conferência, foi diferente, uma fase completamente diferente.

Ana Claudia: Professora, existiam os planejamentos, o currículo, o PPP e logo depois veio também a autorização de funcionamento do curso. Como isso tudo era pensado na hora de planejar?

Heloisa: É, houve. Como falei, fui coordenadora de cursos do presencial, então eu tentei levar um pouco da minha experiência de transformação de currículo para o curso da EaD, guardando as particularidades, a princípio, a parte da grade curricular. Ela ficou muito parecida com o presencial, pelo fato de que era uma experiência nova.

Existiam poucos exemplos no Brasil inteiro, de Licenciatura em Matemática a Distância, portanto, a gente carregou a experiência do presencial para a Ead e em alguns aspectos, consigo identificar algumas falhas, pelo fato de que não era uma coisa feita, pensada exclusivamente para EaD. A grade era uma adaptação que a gente tinha do currículo do presencial para o currículo da EaD, as disciplinas e a ementa se pareciam bastante. Nós tentamos fazer algumas modificações com aquele currículo que tínhamos em mãos, o que era viável fazer numa disciplina a distância. Lembro que ela tinha uma similaridade muito grande com o curso presencial.

Ana Claudia: E a comunicação com os coordenadores de polo, como faziam para agendar aulas? Tinha que ser avisado antes? Tinha um cronograma?

Heloisa: Olha, eu lembro que a gente tinha um cronograma, então a gente começava as aulas. Muitos dos cursos que já existiam, funcionavam concomitantes com a Licenciatura em Matemática, e estes tinham características do curso da área de Ciências Humanas.

O Curso de Matemática, por exemplo, logo no início, possuía disciplinas pesadas como: Cálculo, Álgebra Linear, Vetores e Geometria Analítica e Geometria. Disciplinas que necessitavam de visitas mais frequentes do professor ao polo. O aluno tinha que ter muita maturidade para conseguir estudar sozinho. Então nós batalhamos muito pelas aulas presenciais para que pudesse dar esse apoio, porque não tínhamos vídeo gravado. O tutor do polo não tinha toda essa experiência para ministrar uma aula ou tirar dúvida. Eram pessoas de muita boa vontade e de muita disponibilidade, mas, tinham outras limitações que fizeram com que a gente tivesse muitas aulas presenciais. Então tinha uma primeira aula em todos os cursos e levávamos uma porção de tarefas. Eles chamavam essa aula de inaugural, era um nome que se usava na época, informalmente. Depois disso, planejávamos e depois voltávamos ao polo numa última aula, isso ocorria nos cursos de Administração e de Pedagogia. Visitava-se o polo na primeira aula e depois na última e nós da Matemática falávamos: “não, isso é impossível! Como é que ele vai dar aula de Cálculo numa primeira aula e depois numa última aula?”. Então nós exigíamos mais aulas presenciais, um final de semana sim e outro não, até fechar a carga horária. Eu praticamente viajava todos os finais de semana.

Ana Claudia: Quantos polos na época?

Heloisa: Quando começou, lembro que tinha São Gabriel do Oeste, Camapuã, Cruzeiro do Oeste, Siqueira Campos⁹⁸ no interior do Paraná, eu agora não vou lembrar qual outro.

Eu me confundo um pouco com o curso de Pedagogia que foi para Paranhos, mas esse não tinha Licenciatura em Matemática. Acho que tinha pelo menos uns cinco polos com a Licenciatura em Matemática e nós nos dividíamos entre eles porque éramos poucos professores, viajavamos bastante aos finais de semana, se não todos finais de semana, quase todos.

Estávamos sempre na estrada, indo para o Paraná ou para os polos aqui do Mato Grosso do Sul. Quando a gente começou a ter mais professores trabalhando, inclusive alguns tutores com a função de professor. Eles não eram tutores de apoio eles eram tutores que

⁹⁸ Município localizado no interior do Paraná, com população estimada em 18.446 mil habitantes.

faziam parte da equipe. Nós discutíamos o que ia ser feito e todo mundo se dirigia aos polos para fazer parecido.

Naquela época, alguns tutores viajavam, se não me falha a memória, a Sônia Burigato⁹⁹, que chegou a trabalhar como tutora, não tenho muita certeza. O que eu sei é que muitos viajaram antes da gente ter um amparo maior, viajávamos bastante. Eu tive ex-alunos que eram tutores e que essa função de tutor na verdade era de ministrar aulas.

Em algumas disciplinas era final de semana sim e final de semana não, com alunos no polo para dar conta de fazer com que os alunos absorvessem bem os conteúdos. Depois, com o apoio do livro, a gente deixava algumas tarefas extras. Era assim, uma coisa mais presencial, acho que poderia ser definido como semipresencial.

Ana Claudia: Como que era o retorno dos alunos quanto às dúvidas e atividades? Como eles se sentiam inicialmente nesse tipo de modalidade?

Heloisa: Olha, eu me sentia muito à vontade. Nem todos os alunos se adequaram à modalidade, tanto que os cursos começaram com muitos alunos e acabaram com poucos.

Eu sempre falava, inclusive para eles, que a evasão é frequente dentro do próprio curso completamente presencial. Entram muitos alunos para licenciatura e formaram poucos, isso é padrão! Sempre foi. Não sei se isso é bom ou se isso é ruim, não vem ao caso aqui, mas é uma realidade. Nos cursos de exatas acontece muito isso e nas licenciaturas também.

Muitos alunos entravam com muitas expectativas e no decorrer do curso se frustravam e largavam, outros desistiam porque não davam conta, muitos trabalhavam. Essa é uma das características dos alunos da EaD, muitos trabalhavam, então nem sempre davam conta das disciplinas mais pesadas da Matemática. As outras disciplinas, por sua vez, as pedagógicas, elas tinham outro peso, possuíam outro tipo de exigência. Ainda assim, nem sempre o aluno estava preparado para ler bastante, para escrever, para fazer alguns trabalhos que não sejam cópias da internet. Nós percebíamos que os alunos sentiram muito, primeiro porque eles não tinham esse hábito e depois alguns falavam: “Ah, mas disseram pra mim, quando eu entrei no vestibular, que eu ia ter uma aula por mês ou uma aula a cada dois meses e não é isso! Temos aula um final de semana sim e um final de semana não”.

Nós tivemos muita resistência por parte dos alunos e depois que eles começaram a disciplina, eles perceberam o porquê da necessidade de ter aula quase todo final de semana.

⁹⁹ Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato. Professora Ms. Assistente da UFMS.

Tinha aluno que perguntava: “pode ser aula todo final de semana? Porque eu preciso, eu sinto que preciso entender o conteúdo”.

Ana Claudia: Professora, percebo que foram muitos desafios dentro da educação a distância. Existe algum outro que a senhora gostaria de destacar ou que faltou dizer?

Heloisa: Um fato que sempre me comoveu muito, que foi desafiador pra mim em particular, era de tentar levar essa mentalidade de universidade para os municípios que possuíam o curso. Os polos, geralmente, eram em escolas na cidade ou na zona rural. Teve polo em que a gente ia trabalhar que era uma escola rural, com aquela estrutura de escola de Educação Básica. Não possuía uma estrutura de universidade, que é bem diferente. Então nosso maior desafio era levar, para esses alunos, uma mentalidade de universidade, de que eles eram alunos de uma instituição Federal, que eles tinham uma responsabilidade, inclusive com a sociedade em volta deles. Que todo mundo estava cuidando o que eles estavam fazendo, porque no fundo eles faziam parte de uma instituição pública, usavam o dinheiro público. Tínhamos uma responsabilidade muito grande, eu como ex-aluna de uma Universidade Federal, me sentia e me sinto absolutamente comprometida com a sociedade porque é ela que estava pagando esse estudo.

Era essa mentalidade que a gente queria levar para eles. Eu sempre tive essa vontade, até mais do que trabalhar com o Cálculo e outras disciplinas específicas da Licenciatura em Matemática. Sempre procurei deixar essa mensagem, de que eles tinham uma responsabilidade como cidadão e como aluno de uma Universidade Federal.

Esse para mim foi um grande desafio, de trabalhar essa mentalidade de que eles eram profissionais em formação, com uma enorme obrigação com a sociedade em volta deles. Que deveriam ter orgulho de estarem ali, por mais que houvesse dificuldades e limitações. Mesmo com todas as limitações que as instituições públicas passavam ou passam, com recursos e outras dificuldades, ainda assim, estamos dentro de uma Universidade Federal.

Trabalhávamos muito essa mentalidade, eu e a Magda, ela se esforçava muito nisso. Muitas vezes levávamos imagens do Paliteiro¹⁰⁰, imagens da entrada da UFMS para que eles conhecessem a universidade à qual eles estavam vinculados, que percebessem que são membros da Universidade Federal. Foi uma batalha muito grande para que eles se sentissem

¹⁰⁰ Monumento da UFMS denominado Paliteiro, criado na década de 1970.

comprometidos com tudo aquilo e não simplesmente fossem ao polo para assistir as aulas, mas sim, sentir como parte dessa coletividade que é a Universidade Federal.

Os polos são pequenos, com estruturas herdadas de uma escola de Educação Básica. Parece que não, mas é diferente de uma universidade! Parece que tudo é sala de aula, mas não! É diferente da vivência da universidade onde o aluno anda dentro da universidade por todos os lados. Isso eles não têm lá!

Quando começaram a aparecer mais cursos como a Administração, a Pedagogia e a Matemática, todos funcionando ao mesmo tempo, então os polos passaram a ter esse corpo de sede da Universidade Federal, com placas de Universidade Federal, passando a ser mais restrito à instituição. Então as coisas mudaram, mas essa mentalidade de que ele é aluno da Universidade Federal sempre foi um desafio. Sempre tentei levar isso para além da questão do conteúdo. Tentar, eu digo em minha opinião, porque para muitos eu acho que a mensagem ficou, eles se sentiram acolhidos naquela coletividade. Tudo isso foi o grande desafio pra mim!

Ana Claudia: Professora, de tudo que foi falado ficou alguma coisa que gostaria de acrescentar, que eu não perguntei? Seja da UFMS, da Educação a Distância ou da Licenciatura em Matemática a Distância?

Heloisa: Sim. Você não me perguntou por que eu parei. Talvez você tenha até se questionado sobre isso ou talvez não tenha lhe ocorrido perguntar, mas vou falar. Eu parei realmente por questão de saúde. Como peguei uma época de muitas viagens, depois de um tempo eu já não aguentava mais, tive que parar porque minha saúde estava muito debilitada. Logo depois que eu parei de viajar tanto, voltei a ter menos gripe. Eu estava muito debilitada fisicamente de tantas viagens.

Tenho saudade. Só parei porque meu organismo não estava dando conta de tantas viagens. Teve momentos de chegar do interior do Paraná meia noite porque o avião atrasou e às sete horas da manhã de segunda-feira já estava em sala de aula, aqui na UFMS, nos cursos presenciais.

Logo começou a se formar um quadro de professores específicos para a EaD, inclusive de ex-alunos e eu fico muito feliz em ver essa continuidade. Eu senti que era hora de parar, mas penso que foram momentos de muita satisfação, muita batalha, inclusive para o convencimento de que a EaD é interessante e socialmente importante.

Tem algumas dificuldades que precisam ser sanadas, mas é muito interessante. Eu tenho uma memória muito gostosa, meus olhos brilham quando eu falo da EaD. Apesar de saber de todas as deficiências que ainda tem, ainda assim, fico com aquela vontadezinha de voltar. Afinal de contas, hoje em dia viaja-se menos, a estrutura da internet melhorou. Tem aulas por vídeo conferência para fazer aula de uma forma que se desgaste menos fisicamente e viajando.

Não sei se voltando do doutorado eu voltaria a colaborar com a EaD, talvez. Com essa estruturação do Instituto de Matemática, que passou a englobar tanto o curso presencial, quanto o curso a distância, que agora não está mais separado da estrutura da Universidade, pode ser que eu volte a trabalhar com a EaD.

A minha saída foi por problemas de saúde mesmo e com muito pesar porque realmente eu gostava de ver os olhos dos alunos, de sentir que eles entravam de um jeito e saíam de outro. Tudo isso complementa minha história dentro da Universidade e da Educação a Distância.

Ana Claudia: Professora, nós agradecemos a sua disposição. Quero lhe informar que essa entrevista vai ser transcrita e textualizada. Em seguida ela retornará à senhora para que possa excluir ou incluir algumas falas que não estejam de acordo. Depois disso, caso concorde, assinará uma carta de aceite, autorizando a utilização dessa entrevista em nossa pesquisa.

Finalizamos essa entrevista com os agradecimentos e com a leitura do termo de autorização pela entrevistada.



Antônio Lino Rodrigues de Sá

Entrevista com o Prof. Ms. Antônio Lino Rodrigues de Sá, ocorrida na Sala de Reuniões do Prédio do Departamento de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no dia 09 de dezembro de 2015, em Campo Grande – MS.

Duração: 1 hora 03 min e 32 s



Figura 6 - Antônio Lino Rodrigues de Sá (momento da entrevista)

Hoje, dia 09 de dezembro de 2015, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS, estou com o Prof. Ms. Antônio Lino Rodrigues de Sá, conhecido na instituição por Lino. O intuito deste encontro é realizar uma entrevista relacionada à minha pesquisa que discute a Licenciatura em Matemática a Distância da UFMS, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Ana Claudia: Bom dia, professor. Posso te chamar de Lino?

Lino: Pode.

Ana Claudia: Eu gostaria de agradecer ao senhor por aceitar nosso convite e nos conceder essa entrevista. Certamente o seu depoimento trará muitas contribuições para nossa pesquisa, até porque ela vai abordar a Educação a Distância aqui na UFMS, da qual o senhor foi gestor. Gostaria que fizesse uma breve apresentação, dizendo seu nome, de onde é natural e se não for nascido aqui, nos explique como veio residir em Campo Grande.

Lino: Eu sou natural do Piauí e vim para Mato Grosso quando era um Estado só, em 1975 e me radiquei em Rondonópolis. A partir de então, em 1976, comecei a trabalhar na Universidade Estadual de Mato Grosso, que tinha um campus lá em Rondonópolis, ligado à Universidade que hoje é a UFMS. Com a divisão do Estado, Rondonópolis ficou no Estado de Mato Grosso, nesse momento meu interesse foi de ficar em Rondonópolis. Fiquei em Rondonópolis e então fomos integrados à Universidade Federal de Mato Grosso. Nessa instituição trabalhei na formação de professores na cidade de Nortelândia¹⁰¹ e também atuei como professor em Barra do Bugres¹⁰² e Rosário Oeste¹⁰³, através das Licenciaturas Parceladas em Letras e Estudos Sociais.

Trabalhei também em um Projeto de Extensão na região de Rondonópolis, Guiratinga¹⁰⁴, Poxoréo¹⁰⁵, Pedra Preta¹⁰⁶, cidades em torno de Rondonópolis. Depois eu fiquei atuando em Cuiabá, capital, onde eu trabalhei na CPPD, na Comissão Permanente de Pessoal Docente, morando em Rondonópolis e viajando para Cuiabá, lá me entrosei bastante com o pessoal.

Em 1999 pedi remoção e vim transferido para Campo Grande. Cheguei aqui e logo em seguida comecei a fazer um trabalho no interior, na Licenciatura Parcelada na cidade de Jardim¹⁰⁷ e Coxim¹⁰⁸, onde tinha o curso de Matemática, de Pedagogia e Letras. Atuava como professor e posteriormente me tornei coordenador do Programa que estava acontecendo, em razão de me meter muito, sobretudo na Matemática.

O Curso de Matemática em Jardim começou com 150 alunos, no final da terceira disciplina só existiam 40 e aquilo me chamou atenção. Pensei: "porque que Matemática reprovava tanto?". Era a história do Cálculo... Em Coxim não conseguia preencher as vagas, lá eram 150 vagas também, porém, preencheu apenas 45 vagas. Depois da 3ª disciplina, só havia 20 alunos, foi uma desistência muito grande.

O curso era um convênio do Estado, mas que houve problemas, ele não assumiu pagar os professores e não liberava bolsas aos alunos conforme acordado, por isso a desistência foi grande. Terminamos esse curso das Parceladas transferindo os alunos de

¹⁰¹ Município de Mato Grosso com uma população estimada em 2010 de 6.438 mil habitantes.

¹⁰² Município de Mato Grosso, localizado a 150 km de Cuiabá, capital, com população de 32.479 mil habitantes.

¹⁰³ Município de Mato Grosso, com população estimada de 17.990 mil habitantes.

¹⁰⁴ Município de Mato Grosso, com população estimada de 15.562 mil habitantes.

¹⁰⁵ Município de Mato Grosso, distante 240 km de Cuiabá, capital, com população estimada de 17.232 mil habitantes.

¹⁰⁶ Município de Mato Grosso, com população estimada de 14.835 mil habitantes.

¹⁰⁷ Município de Mato Grosso do Sul, fundado em 1946, cidade conurbada com Guia Lopes da Laguna, a qual possui, junto com esta, 34.581 mil habitantes.

¹⁰⁸ Município situado ao norte de Mato Grosso do Sul, com população estimada em 31.797 mil habitantes.

Jardim para Aquidauana¹⁰⁹ e os alunos de Coxim para São Gabriel do Oeste. Com a desistência, muitas vagas ficaram ociosas, então, nós abrimos vagas para aqueles que já tinham a antiga Licenciatura em Ciências para fazer a complementação de Matemática e com isso formar mais gente. Em Coxim e em São Gabriel do Oeste chegou a formar uns 30, 35... e em Aquidauana formaram mais ou menos uns 50.

Durante essa atividade nós verificamos que o problema não estava em formar professores de Matemática, mas sim, acompanhar o trabalho que eles desenvolviam nas suas cidades, sobretudo, nas cidades do interior.

Em várias cidades do Mato Grosso do Sul existem pessoas que foram formadas em Matemática daquela época e que até hoje atuam. Hoje, é claro, tem mais gente formada nessa área porque houve uma expansão do curso pela Universidade Estadual [UEMS] e também pelas universidades particulares.

É nesse momento que se inicia a discussão da Educação a Distância, sem ter nenhuma ideia do que seria Educação a Distância e de como fazer. Então, o grupo GAECIM que tinha professores da Matemática, da Física, da Química, da Biologia e eu da área da Educação, começamos um trabalho de como acompanhar e de como orientar os professores do interior, sobretudo os de zona rural.

Para nossa surpresa, a gente recebeu uma procura muito grande de várias pessoas, inclusive de outros estados da região Norte, Sul, Sudeste, pedindo orientação. Então, era esse grupo que procurava auxiliar esses professores. A ideia desse grupo era o seguinte: os professores mandavam por carta as dúvidas e o grupo respondia para eles. Juntávamos todas as dúvidas para elaborar um boletim. Esse material, o boletim, era o mais atualizado que eles tinham dentro da escola, lá na zona rural ou até em cidades mais próximas.

Ana Claudia: Esse material atendia professores que atuavam em sala ou os professores que estavam sendo formados pelo curso?

Lino: Tanto professores que estavam em formação, como professores totalmente leigos que atuavam na zona rural. Aqui, quem fazia parte do GAECIM na área de Matemática era José Luiz, que chegou até escrever um livro sobre o Ensino da Matemática, que foi adotado na Educação a Distância. Você não conhece o livro dele?

¹⁰⁹ Município do de Mato Grosso do Sul a 139 km de Campo Grande capital, com população estimada em 47.162 mil habitantes.

Ana Claudia: Não, eu não conheço o livro.

Lino: Então, o José Luiz tem um livro bastante conhecido. Ele fez um livro sobre o Ensino da Matemática que praticamente todos os professores do curso começaram a usar. Isso, depois, na Educação a Distância. Esse livro é fruto do trabalho que foi iniciado com o grupo GAECIM, escrito por José Luiz e a Marilena Bittar da Matemática.

Naquele momento, como eu conhecia Cuiabá, começamos a discutir a experiência da Educação a Distância de Cuiabá, a partir daquele ano de 1998, aqui Universidade. Chegamos a trazer pessoas de Cuiabá para falar sobre a Educação a Distância, veio aqui o Oreste¹¹⁰, veio aqui a Maria Lúcia Cavalli¹¹¹ e a gente discutia entre a gente, também participamos de muitos eventos fora. Foi muito interessante esse trabalho porque despertou o interesse da Universidade que necessariamente criou uma comissão.

Nem lembro mais quem eram essas pessoas, era muita gente, algumas pessoas eram de Dourados, da Universidade de Dourados (UFGD). Foi aí que começamos a discutir a questão da Educação a Distância, porque, até então, a gente considerava essa atividade de formação de professores, das Parceladas era uma atividade que tinha um pouco da Educação a Distância, era semipresencial. Tinha uma parte presencial, mas havia aquela comunicação a distância onde alunos mandavam trabalhos, atendido na época por telefone e fax, era muito difícil.

Tem outra pessoa que você tem que entrevistar, é o professor Edmir Terra, da UFGD. Em conversa com ele, que era da área de Matemática, passei a entender o processo do curso de Matemática, coisa que eu não entendia. Essas conversas me fortaleceram no sentido de fazer a defesa da importância de acompanhar mais de perto o curso de Matemática. O professor Edmir teve uma influência muito grande no curso de Matemática, ele deu um número significativo de disciplinas, ele e o professor José Luiz.

Na época, a gente percebia que a ideia do pessoal da Matemática, de um grupo de professores, era o seguinte: quem não servia para ser matemático deveria fazer licenciatura, existia essa fala. Então, eu questionava: "os matemáticos que tem Matemática, eles não vão para o interior, sobretudo quem tem mestrado e doutorado?", na época, era mais mestrado, ou seja, quem tem mestrado não vai querer ir para o interior, onde esse pessoal trabalha. Minha discussão sempre foi essa junto ao pessoal da Matemática, um processo muito interessante, porque a gente começou a transitar com outras pessoas da Matemática.

¹¹⁰ Oreste Preti. Professor Ms. Aposentado – Bolsista da Universidade Federal de Mato Grosso.

¹¹¹ Maria Lúcia Cavalli Neder. Professora Dr. Associada IV e titular da Universidade Federal de Mato Grosso.

Mesmo outros professores não acreditando na formação que era dada, no tipo de curso, a Licenciatura Parcelada, ainda assim, eles iam trabalhar, muita gente trabalhava, tudo por uma boa causa, considerando que houve um tempo em que não tinha nem pagamento para esses professores.

Ana Claudia: Eles trabalhavam como professores da UFMS, ou professores bolsistas? Já tinha o sistema da Universidade Aberta do Brasil?

Lino: Não, não, naquele tempo não tinha bolsa. Era um convênio com o Estado, que deveria pagar os professores. No entanto, pagou corretamente apenas nos dois primeiros semestres, depois começou a falhar. Eu sei que o curso terminou em razão da falta de recursos. Eu busquei recursos junto ao FNDE¹¹² e também recursos próprios da Universidade.

Foi válida essa experiência, ela contribuiu muito com o amadurecimento da Instituição porque, até então, a Universidade se encontrava isolada no curso de Matemática de Campo Grande, no curso de Matemática do interior, nas cidades onde tinha a Matemática.

Existia uma expansão, mas não tinha aquela comunicação com a comunidade, tanto é que em vista disso, eu organizei um projeto, um programa, chamado Programa de Integração da Universidade com o Ensino Público, justamente para reforçar essa comunicação. Atuávamos em todas as áreas porque a gente percebia que o Estado de Mato Grosso do Sul era bastante carente na questão da formação continuada dos professores.

Ana Claudia: Esse programa era de formação continuada, para quem já tinha formação?

Lino: Sim. Na educação continuada, para quem tinha formação, e muitas vezes para pessoas que não tinham, mas atuavam como professores do lugar e não podiam sair de lá. Para eles, era a única Matemática.

Ana Claudia: Era a Distância?

Lino: Não, era semipresencial. Depois desse projeto de formação eu fui para a Educação a Distância. Nessa modalidade já existia o Curso de Pedagogia, criado pela professora

¹¹² Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

Dulcimira¹¹³, já falecida, que antes de ser transferida para Goiânia, implantou o curso que devido à influência dos professores do GAECIM, a carga horária maior concentrava-se nas áreas de Matemática e Física. Com a transferência dela, eu entrei e voltei a atuar na Educação a Distância, fazendo o restante da implantação nos polos da Pedagogia e de outros cursos. Quando eu comecei na Educação a Distância, fui revendo algumas experiências que eram válidas. Logo depois foi criada a Universidade Aberta do Brasil.

Nesse contexto, eu fiz a proposta para a professora Magda e professora Heloisa, da gente criar um Curso de Matemática a Distância. Esbocei o Projeto Político Pedagógico, porque eu já tinha experiência em elaborar projetos, então, elaborei uma minuta do projeto de Matemática observando as disciplinas que já tinham sido ministradas anteriormente.

O fato de eu ter acompanhado algumas disciplinas me fez saber o rumo de como poderia levar as disciplinas. Eu fiz uma minuta e a professora Magda, juntamente com a professora Heloisa, do Departamento de Matemática, fizeram a discussão com outros professores. O professor José Luiz também participou dessa discussão, assim como outros professores, foi interessante.

Foi feito o projeto para a Matemática, depois foi aprovado, assim como foram aprovados os outros projetos dos outros cursos. Antes de ser aprovado o Curso de Matemática, era o professor José Luiz junto com a professora Marilena Bittar que acompanhavam a formação dos pedagogos. A partir da experiência desses dois professores, financiamos a produção de um livro que eles escreveram e que passou a ser utilizado no ensino da Matemática para o pedagogo. Esse livro foi editado pela Educação a Distância e divulgado no Brasil todo. Houve bastante procura e eu acho que ele está na 3ª ou 4ª edição hoje. O livro é bastante elogiado pelas pessoas, algumas delas, às vezes, me surpreendem, pedindo o livro, porque é um livro atual e se presta para a formação de professores.

Ana Claudia: O senhor nos falou bastante sobre a sua atuação na Educação a Distância. Quanto à sua formação profissional, pode nos falar sobre ela?

Lino: Eu sou formado em Filosofia, fiz especialização em Política e Economia e posteriormente fiz o Mestrado em Filosofia da Educação e História da Educação na PUC em São Paulo. Fui orientado pelo professor Paulo Freire, sou o penúltimo orientando dele, eu era

¹¹³ Dulcimira Capisani Moreira da Silva. Professora Dr. Adjunta da UFG, atuou de 1989-2002 como coordenadora da Educação a Distância na UFMS (in memoriam).

o último, mas depois de mim ele orientou a professora Rosa Maria Torres, que foi a segunda esposa dele. Se não fosse isso, eu teria sido o último orientando dele.

Ana Claudia: Quando o senhor veio de Mato Grosso para a UFMS, em Campo Grande, ao chegar aqui, como que era a estrutura da instituição na época? Falo da estrutura física e a estrutura de ensino.

Lino: Olha, a estrutura física era sofrível, porque a Universidade estava em expansão. Naquela época, o governo não liberava dinheiro fácil, a Unidade VI foi construída justamente no período em que eu estava chegando. Foram construídas 20 salas de aulas, que desafogou muito. No entanto, as salas eram salas improvisadas. Praticamente não havia laboratórios, porque estava em expansão e o governo não liberava dinheiro.

Depois disso, na década de 1990, fizeram o bloco que fica próximo da Matemática que aliviou também (Unidade VII). Anfiteatro a gente só tinha dois, tinha o LAC¹¹⁴ e o CCHS. O CCHS era o lugar onde acontecia tudo da Universidade, era bastante disrutado porque praticamente era o único. Depois disso é que houve a melhoria dos prédios e dos laboratórios.

Nessa época, em 1990, os professores tinham muito compromisso com a instituição, nós éramos um grupo muito comprometido, que arregaçava as mangas para trabalhar. Eu nunca encontrei dificuldades na Matemática, mesmo tendo gente que era contrária às atividades que fazíamos sobre a formação de professores nas Parceladas. Uns professores iam e outros voltavam, digamos assim, repensando a sua prática e a sua maneira de ver o curso e mesmo não aceitando, eles passaram a defender o curso.

Aqueles que não participavam dessa formação, também não atrapalhavam, continuavam com a mesma forma de pensar com relação à atividade, mas não atrapalhavam. Passaram a entender, houve uma compreensão dessa questão da EaD, tanto que quando lançamos o Curso de Matemática a Distância foi mais fácil a aceitação. Houve, é claro, aquela preocupação com relação a como que seria esse curso nessa modalidade, mas isso tudo se foi diluindo até que houve a aceitação de um grupo significativo dentro da Matemática.

Ana Claudia: No caso, foi o Curso de Pedagogia primeiro?

¹¹⁴ Laboratório de Análises Clínicas.

Lino: Da Educação a Distância, o primeiro foi a Pedagogia, depois o curso Biologia, em seguida Administração e depois foi implantado o curso de Matemática, Letras com Habilitação em Espanhol. Biologia foi o primeiro curso colocado a partir do consórcio, o Consórcio Setentrional¹¹⁵, onde tinha a nossa Universidade, a de Brasília, Ouro Preto e algumas universidades da Bahia.

Outro curso foi o de Educação Infantil, feito também por um consórcio liderado por Ouro Preto juntamente com Cuiabá e nós participamos. Depois, veio o curso de Administração que foi um consórcio muito grande que envolveu mais de 10, 15 universidades do país e a partir desse curso o governo implanta a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A Universidade Aberta do Brasil nasce a partir dessa experiência do curso de Administração a Distância que nós participamos. Quando a Universidade Aberta do Brasil é implantada, nós apresentamos o Curso de Matemática, de Biologia, que já existia, Matemática, Pedagogia, Letras. Depois que eu saí da Educação a Distância, em 2009, eu não sei mais o que tem lá.

Ana Claudia: Então, a Matemática surge junto com a UAB?

Lino: É. Junto com a UAB, a Universidade Aberta do Brasil. Na época que a Universidade começa com o curso de Pedagogia, o curso de Pedagogia existia em Coronel Sapucaia (fronteira do Brasil com Paraguai), São Gabriel do Oeste, Bela Vista e Camapuã.

Quando eu entro na Educação a Distância, eu faço uma ampliação, são criados os polos de Água Clara e de Porto Murtinho. Fechamos o polo de Bela Vista, ou seja, esse polo foi trocado por Porto Murtinho. Criamos o polo de Paranhos e fechamos o polo de Coronel Sapucaia. Ficaram só esses polos: São Gabriel do Oeste, Camapuã, Paranhos, Porto Murtinho e Água Clara. Com a expansão da EaD pelo sistema UAB são criados os polos de Bataguassu¹¹⁶, Miranda¹¹⁷ e Costa Rica¹¹⁸, a gente passa a ter uma rede de polos.

Com a Matemática foi interessante porque foi constatado pela pesquisa uma demanda para a Matemática com pedidos de prefeitos de todo país, isso porque, na época da

¹¹⁵ Consórcio de universidades apoiado pela Secretaria de Ensino Superior (SESu) do MEC, na oferta do curso de licenciatura em Biologia a distância, pelo programa Pró-Licenciatura (Pro-Lic).

¹¹⁶ Município situado no leste de Mato Grosso do Sul, distante 330 km de Campo Grande capital, com população estimada em 19.839 mil habitantes.

¹¹⁷ Município situado no Pantanal Sul-Mato-Grossense, distante a 202 km de Campo Grande capital, com 25.794 mil habitantes.

¹¹⁸ Município situado no Leste de Mato Grosso do Sul, distante a 390 km de Campo Grande capital, com população estimada em 19.508 mil habitantes.

instalação da UAB, a nossa Universidade tinha o curso. A gente ocupava um espaço de liderança na UAB, juntamente com as outras universidades. E naquela época, nós criamos corajosamente o curso de Matemática em duas cidades do Paraná que agora não vou lembrar o nome e a outra cidade foi no Estado de São Paulo, dois polos fora do Mato Grosso do Sul. Foram criados esses polos fora do nosso estado e neles havia o curso de Matemática. Ao ampliar essa oferta a esses polos fora de MS, nós conseguimos com o MEC subsídios para a construção do nosso prédio da EaD aqui em Campo Grande.

Foi muito interessante, um desafio! Magda e Heloisa peitaram esses alunos, então, dentro desse acordo foram contratados, foram liberadas pela UAB vagas para o Curso de Matemática, para professora Heloisa. Depois vieram mais vagas, não é a Heloisa, é a Sônia Burigato, aliás, desculpa, Sônia foi contratada como professora porque aí teriam vagas. A gente recebia uma atenção muito especial por parte da direção da UAB, que no início era do MEC e depois passou a ser da CAPES.

Ana Claudia: Haviam polos fora de MS, certo? E aqui quais foram os primeiros com o curso de Licenciatura em Matemática?

Lino: Todos aqui tinham Matemática: Água Clara, São Gabriel do Oeste e Camapuã, esses três. O pessoal não dava conta, a equipe era pequena, mesmo assim foi muito interessante. Ao criar o curso a Distância, o nosso maior desafio foram os polos do Paraná e de São Paulo. Em São Paulo tinha apenas o curso de Matemática e nos outros polos tinha Administração ou tinha Pedagogia, além de Matemática.

Ana Claudia: Como eram esses desafios, em que sentido?

Lino: Desafio porque era a Distância, mais de 1.000 km de distância, principalmente o de São Paulo. Era muito difícil chegar lá, porque tinha que fazer um caminho por Minas Gerais até chegar à cidade do polo de São Paulo. O polo do Paraná fazia-se um caminho por São Paulo.

Sempre aconteciam coisas pitorescas, um dia a professora Heloisa estava viajando, ela e o motorista e a roda dianteira do carro saiu, foi um susto! A própria Matemática era desafiante, por isso a desistência. Mesmo assim, a gente incentivava muito esses alunos, procurávamos dar muita atenção a eles.

Nos polos havia os tutores e eles eram pessoas formadas em Matemática e se comunicavam muito com os professores da disciplina.

No período em que eu fui coordenador da Educação a Distância, sempre apoiei a vinda dos tutores para qualificação em Campo Grande, apoiei também a ida dos professores para qualificação e acompanhamento dos tutores em seus polos. A gente dava um apoio muito grande, além do apoio recebido pelo Ministério da Educação, um apoio dado a distância.

Ana Claudia: Professor, como era esse contato com os alunos, coordenadores de polo e tutores, o que o senhor se lembra disso? Como isso acontecia?

Lino: Com relação ao atendimento aos alunos, eu visitava os polos no começo do semestre, fazia falas e incentivava os alunos, mas o acompanhamento mesmo era a coordenadora do curso que fazia. A professora Magda e a professora Heloisa se revezavam. Elas eram dedicadas, davam a vida pela implementação e manutenção do curso, faziam de tudo para o curso e os alunos terem sucesso. São pessoas que tiveram uma excelente atuação dentro do curso. Profissionais que a gente tinha o prazer de trabalhar com elas, dada a competência e o compromisso delas com a instituição, no sentido de fazer a coisa bem feita, elas eram perfeccionistas.

Havia muito debate em relação ao material, da produção do material, da qualificação, tudo... e elas tinham muito cuidado com essas situações, foram profissionais de ouro.

Ana Claudia: Sua função, na época, era coordenar todas essas licenciaturas?

Lino: Não, eu era coordenador da EaD. Como, na época, eu tinha os contatos maiores e sabia das experiências de outras universidades, então o pessoal esperava muito de mim. Dentro da minha postura de trabalho, eu sempre valorizei o que era dito pelos professores e professoras que trabalhavam comigo, sempre valorizava e incentivava e não me metia muito, porque não era minha área, apenas dava palpites que às vezes eram acatados ou não.

A professora Magda, como coordenadora, junto com a professora Heloisa, começaram a participar dos eventos nacionais, dos trabalhos da Matemática, com outros coordenadores e isso foi fortalecendo o curso. Elas tinham uma segurança muito grande no trabalho que faziam. A Matemática aqui em Campo Grande tem tudo de responsabilidade e de empenho dessas duas professoras, antes e depois, com a Educação a Distância.

Quando eu viajava pelas universidades, tinha cuidado de ver os cursos de Matemática, como eles funcionavam, o apoio, as oficinas, como eram feitas, e então eu trazia essas ideias para o pessoal da Matemática.

Eles têm uma prática que eu gosto muito que são as Oficinas de Matemática. Eu me inspirava muito na Universidade Federal da Paraíba onde eles tinham um trabalho marcante dentro da área e eu trazia essas ideias para o pessoal da Matemática aqui e eles se envolviam nessa parte.

Ana Claudia: Professor, como eram as discussões sobre Currículo e PPP que vocês tinham que elaborar? O que se lembra?

Lino: Praticamente a estrutura curricular era uma reprodução daquilo que tinha no presencial. A única coisa que mudava era a metodologia, vamos dizer que houve uma adaptação do presencial para a distância.

Com relação ao Projeto Pedagógico, como eu já falei, eu elaborei uma minuta que necessariamente a Magda e a Heloisa, junto com outras pessoas, fizeram as modificações sobre o que era adequado e o que não era adequado ao curso. Os alunos conheciam o Projeto Pedagógico do curso, isso aí foi divulgado para eles, foi colocado na plataforma, eles tinham acesso e sabiam o que iria acontecer. Não era uma coisa escondida, era de domínio público, eu acredito que até hoje ainda tem dentro da plataforma. Eu tenho guardado os projetos originais, como eles evoluíram, a produção do material, tenho tudo isso nos meus arquivos pessoais.

A discussão se deu, inclusive, com gente que não era muito a favor da Educação a Distância. As professoras levaram para o Departamento e em uma reunião, naquele momento, diziam: “olha, o curso é da Matemática!”. Mas tinham algumas pessoas que aderiram e outras não. Tinham palpites, porque tudo era contribuição, até mesmo as opiniões contrárias à execução do Curso de Matemática, elas serviam de parâmetros para gente dar uma freada ou para a gente avançar em alguma coisa, romper com alguns preconceitos.

Ana Claudia: E sobre a autorização de funcionamento do curso, como foi esse processo? O senhor estava junto na época?

Lino: Não, o reconhecimento, o processo de autorização era automático porque com a UAB todos os cursos foram autorizados. Era um compromisso do MEC em autorizar imediatamente. Havia dois tipos de autorização, uma era da própria Universidade em oferecer cursos na modalidade a distância, essa nós já tínhamos anteriormente à UAB, tínhamos para atender esses cursos.

Eram poucas as universidades que tinham essa autorização e entre elas estávamos nós. Depois que nós tivemos o reconhecimento do curso de Pedagogia, todos os outros cursos passaram pelo mesmo processo.

O Projeto Pedagógico do Curso de Matemática foi aprovado internamente e depois o Ministério da Educação fez a autorização final, já que a Universidade era autorizada para ofertar a Educação a Distância.

O credenciamento normalmente é no final do curso, quando se forma a primeira turma, outro compromisso da Educação a Distância, da Universidade Aberta do Brasil de reconhecer esses cursos.

Ana Claudia: O senhor falou um pouquinho sobre a implantação dos polos. Como era essa implantação na forma burocrática, como isso acontecia?

Lino: Com os polos, era assim: os prefeitos faziam sua solicitação e o MEC, através da Coordenação de Educação a Distância, criava uma equipe para fazer a vistoria. Antes do MEC passar para fazer a vistoria, nós visitávamos esses polos para ver se o mesmo tinha condições de ter Laboratório de Matemática. Observávamos as salas de aulas, se tinha computador, laboratório, se tinha internet, todos os recursos e equipamentos que possibilitassem a Educação a Distância. Se havia pessoal para ser tutor, falo pessoal qualificado para o Curso de Matemática.

Depois, o MEC mandava professores de outras instituições para fazer a vistoria desses polos. Nossos polos sempre foram elogiados por todo Brasil, primeiro porque a gente tinha cuidado de só aceitar a criação de um polo quando a gente tinha certeza que a infraestrutura era boa, se não fosse boa a gente não aceitava. Tanto é que teve polo que ficou por muito tempo sendo visitado. O MEC exigia essa mudança.

Colegas de outras universidades diziam que nossos polos eram de primeiro mundo, tinham bibliotecas, espaço físico, alojamento, tinha tudo. Outra questão que passava da questão da implantação dos polos era a formação dos tutores. Os tutores de São Paulo e os

tutores do Paraná, eles recebiam formação aqui em Campo Grande, esse pessoal se deslocava para cá, aqui no MS, a maioria dos nossos tutores possuíam curso de Pós-Graduação na área de Educação a Distância. A nossa Educação a Distância foi uma das poucas instituições que preparou professores com Curso de Especialização na área de Educação a Distância.

Hoje, no Mato Grosso do Sul, temos mais de 100 professores que foram preparados para trabalhar na Educação a Distância por esse curso, claro que, depois do curso, muitos foram trabalhar em outras instituições particulares. São Gabriel do Oeste tinha uma base de 20 pessoas, Camapuã umas 15, Rio Brilhante, que era em outro polo, tinha mais de 10 pessoas, Coronel Sapucaia e Paranhos também tinha. Todos os polos tinham pessoas capacitadas em EaD. A gente se preocupava em preparar o tutor e quando entrava um tutor novo, que não foi preparado, ele era acompanhado, por isso que dava certo.

Ana Claudia: Depois que fazia essa averiguação e implantava os polos, qual era o passo seguinte, havia uma demanda ou algum levantamento da UFMS para oferecer o curso?

Lino: Não, a demanda era feita pela Secretaria de Educação do município, uma necessidade apresentada. Então o município solicitava, criava e também deveria manter o polo.

A demanda era de acordo com a necessidade da cidade ou da região. Eles faziam um tipo de consórcio entre os municípios e o município que sediava deveria atender pessoas daquele município e de outros municípios. Vinha gente da zona rural, pessoas que não tinham computador, dessa forma eles frequentavam o polo aos finais de semana e às vezes a noite.

Nessa época, tinha o problema de cair o sinal da internet, era difícil, muito difícil.

Ana Claudia: Professor, o senhor trabalhou na Educação Básica ou foi direto para o nível superior?

Lino: Trabalhei em Rondonópolis como professor do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série, na Escola Estadual La Salle¹¹⁹ e também como vice-diretor, isso no período de 1975 a 1979. Depois fui para o Ensino Superior. Na Universidade, além de professor, fui Chefe de Departamento. Depois eu ocupei (não era cargo) uma representatividade da CPPD, mas sempre fui peão dentro da universidade, de trabalhar, de ser professor.

¹¹⁹ Escola localizada em Rondonópolis MT. Fundada em 1963 pelo bispo diocesano, o reverendíssimo Dom Wunibaldo.

Chegando aqui, em Mato Grosso do Sul, eu fui surpreendido para ser Assessor do Reitor, que na época era o professor Celso Pierezan¹²⁰, professor da Matemática. Fui Chefe de Departamento por um período bem curto e também fui coordenador do Curso de Pedagogia, coordenando esses cursos no interior.

Com relação à questão da experiência da formação, sempre trabalhei na formação do professor, na continuada e também na formação inicial. Aqui, eu fiz um trabalho de criar dentro da Universidade um Curso de Pedagogia, de Magistério de 2º grau para atender os professores da zona rural, onde as atividades eram feitas em São Gabriel do Oeste e Anastácio¹²¹. O Curso de Magistério surgiu a partir de um levantamento, onde se verificou que tínhamos, na época, 391 professores leigos. Com esse Programa¹²² de 391 se formaram em torno de 198 a 200 professores com atividades de alfabetizar professores leigos e também oferecer curso de especialização para os professores que ainda não possuíam.

Minha vida foi sempre dentro da Universidade ou então em atividades que ela desenvolvia em parceria com os municípios e estados.

Depois eu organizei um fórum dessas instituições, começando com 18 universidades e terminamos com 150 universidades. Era um fórum de Educação Especial das Universidades Públicas Brasileiras, atividade que fiz durante o governo do Ministro Hingel¹²³ até o último dia do Fernando¹²⁴ e do Paulo Renato¹²⁵. Esse fórum foi muito importante porque deu uma guinada muito grande na questão da Educação Especial e depois fui surpreendido e chamado para ser Coordenador da Educação a Distância, outro cargo.

Essas foram as funções que eu desenvolvi: chefe de departamento, coordenador de curso, assessor do Reitor, membro na Comissão Permanente Pessoal Docente (CPPD), tanto em Cuiabá como aqui, porém, minha função principal sempre foi professor, nunca saí da sala de aula, mesmo tendo essas tarefas. Por último, estou trabalhando com Candomblé e com Umbanda, entendeu? Eu gosto de coisas novas, de desafios novos. Nesse momento estou me dedicando a trabalhar com Umbanda e com Candomblé.

Comecei em 1996, aliás, foi até um desafio feito para mim, oferecer um curso a distância em que eu era coordenador e não ministrante. Com isso, fui me envolvendo e me

¹²⁰ Celso Vitorio Pierezan. Ocupou cargo de Reitor da UFMS.

¹²¹ Município situado no de Mato Grosso do Sul, distante a 136 km de Campo Grande capital, com população estimada em 24.748 mil habitantes.

¹²² Programa de Integração da Universidade de Mato Grosso do Sul com o Ensino Básico (relatório 1994).

¹²³ Ministro da Educação Murílio de Avellar Hingel de 01/10/1992 a 01/01/1995.

¹²⁴ Presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso de 01/01/1995 a 01/01/2003.

¹²⁵ Ministro da Educação Paulo Renato Souza de 01/01/1995 a 01/01/2003.

apaixonei pela matéria, hoje ofereço duas disciplinas¹²⁶: Educação e Religiosidade, Educação e Espiritualidade como disciplinas optativas.

Sempre que posso tenho marcado presença junto ao pessoal do Terreiro. Já tive a oportunidade de visitar vários Terreiros fora do Mato Grosso do Sul, na Bahia, por exemplo, já estive na Casa de Mãe Estela¹²⁷, no Maranhão na Casa do Pai Bitá¹²⁸, em Laranjeiras, Sergipe na Casa da Luxa¹²⁹, esqueci o nome dum Candomblé que eu gosto muito. Recentemente tivemos o presente de Oxum¹³⁰ no Lago do Amor¹³¹. Para esse ano temos várias programações até o final do ano. Amanhã vai ter um encontro de Umbanda dentro da Universidade, estamos aí com mais esse desafio.

Ana Claudia: Já estamos terminando, professor. Eu gostaria de saber se tem algo sobre a sua entrada na UFMS, ou antes, que o senhor gostaria de lembrar, de enfatizar?

Lino: Oh, menina, a minha vida foi sempre um desafio desde quando eu era adolescente no Piauí, entendeu? No Piauí existem duas comunidades que eu liderei aos 14, 15 anos. Juntava o povo, adultos, crianças, velho e tudo, até hoje existem essas referências.

Depois eu morei em São Paulo, onde trabalhei numa comunidade de operários, na Vila Alpina¹³², mais precisamente na Olaria. Trabalhei no Movimento de Esquerda na época, com relação a isso eu não gosto de falar, pois era na época da repressão. Vim para Mato Grosso, atuei em Rondonópolis com movimentos populares e depois entrei na universidade. Entrei porque não existia outro professor de Filosofia em Rondonópolis, entendeu? Não fiz concurso, porque não tinha concurso naquele tempo, era Universidade Estadual. Na Universidade Estadual quem era professor era funcionário do Estado e mesmo eu não sendo funcionário do estado na época, fui chamado por ser o único professor formado em Filosofia, então fui trabalhar na Universidade. Sempre tive essa capacidade de liderança, esse olhar à frente do meu tempo e, ao chegar na instituição, consegui contribuir muito. Hoje, aos 65 anos de idade, acredito que minha contribuição foi dada e espero que tenha continuidade por outras pessoas, porque eu tenho que buscar coisas novas, inclusive para valorizar minha capacidade intelectual e minha articulação.

¹²⁶ Ambas disciplinas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da UFMS.

¹²⁷ Casa de candomblé baiano da Mãe Stella de Oxóssi.

¹²⁸ Casa de umbanda do mestre Bitá do Barão de Guará no Maranhão.

¹²⁹ Casa de umbanda em Sergipe, Laranjeiras.

¹³⁰ Também denominado de Oloxum é um orixá do candomblé que reina sobre a água doce dos rios.

¹³¹ Lago que faz parte da reserva ambiental do campus da UFMS.

¹³² Bairro no distrito de Vila Prudente, na cidade de São Paulo.

Dentro desse processo e com a divisão do Estado, a gente passou para a Universidade Federal (UFMS), nessa época eu já era do quadro, era CLT, fui contratado como Professor Adjunto, registrado com carteira profissional, e então, fiquei dentro da Universidade. Não sou concursado, mas já concurrei muita gente. Quando fiz remoção para Campo Grande, a Universidade Federal trouxe comigo o meu cargo, a minha função, minha qualificação.

Ainda em Mato Grosso, fiz o mestrado e durante o mestrado meu orientador foi Paulo Freire. Com ele tive muitas oportunidades, inclusive a oportunidade de conhecer a América Latina completa.

Posteriormente, na Educação Especial tive a oportunidade de participar de várias missões brasileiras na Europa, como também na América Central, na América Latina, no MERCOSUL¹³³. Então, eu tenho, vamos dizer, algumas coisas que eu conquistei e que eu via distante.

Fui Gestor Financeiro do primeiro projeto do MERCOSUL na área de Educação e o primeiro curso oferecido dentro do MERCOSUL em parceria com o Paraguai foi eu quem elaborou no Departamento de Amambai em Pedro Juan Caballero¹³⁴.

Em tudo que eu me meto as coisas acontecem e de repente eu estou agora acontecendo dentro da questão da Umbanda e Candomblé, ainda mais agora, que o governo estendeu para 75 anos a previdência, tenho 10 anos úteis ainda. Eu acredito ainda que eu faça alguma outra coisa diferente antes de 75 anos, ou antes de morrer, não é?

Ana Claudia: Professor, para finalizar nossa entrevista, tem alguma coisa que o senhor gostaria de acrescentar, que eu não perguntei e que o senhor acha importante pontuar sobre a EaD e sobre a Licenciatura em Matemática a Distância?

Lino: O que eu pontuo é o seguinte: eu acredito na Educação a Distância porque ela "desinstala" o professor que atua no ensino presencial. Ela é mais exigente, faz o professor pesquisar, ser inovador, criar novas perspectivas, novas formas didáticas e pedagógicas para atender os alunos. E por sua vez, a Educação a Distância é algo que veio e ficou.

A sua qualificação não pode mais ser desmerecida porque os alunos que são qualificados na Educação a Distância, eles são bem formados, entendeu? Eles desenvolvem

¹³³ Mercado Comum do Sul, conhecido como Mercosul, fundada a partir do Tratado de Assunção de 1991, composto pelos países-membros: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela e países associados: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru.

¹³⁴ Capital do departamento de Amambay, no Paraguai.

suas capacidades intelectuais, muitas vezes sozinhos, superam muitas coisas do ensino presencial, tornando-se maduros no enfrentamento das dificuldades.

O professor que trabalha na Educação a Distância é comparado com o professor do ensino regular, do ensino formal, de dentro da sala de aula, aquele que vai todo dia para sala de aula. Ele tem muito mais, vamos dizer, tem mais ousadia, porque ele quer sempre trazer uma questão nova para o aluno, está sempre com o novo e o novo o desafia.

Muita gente não quer trabalhar na Educação a Distância não por falta de competência, é por uma questão de acomodação, se sente acomodado e não quer. O que fazem então? Alguns desmerecem a qualificação e a qualidade do curso porque não conhecem ou porque, vamos dizer, não entendem o processo.

Eu tenho um respeito muito grande pelo professor da Educação a Distância, porque são pessoas que inovam, são pessoas que fazem a diferença. Eu penso que você tem que conversar com o professor Edmir, da UFGD, de como foi a atuação dele na Matemática, porque ele teve um papel fundamental. Tem outros professores, mas ele, eu penso que vai dar uma contribuição muito grande.

Ele foi meu tutor, me tutelava, me dizia e eu perguntava, por que a gente tinha muita liberdade em conversar. Eu perguntava o que devia e o que não devia e ele me respondia. Eu aprendi muito com ele, o professor Edmir é referência na Matemática e na Licenciatura em Matemática a Distância, são: a Magda e a Heloisa, duas pessoas que precisa ter seu trabalho registrado.

Ana Claudia: Professor, eu gostaria de informar que essa entrevista vai ser transcrita, textualizada e depois retornará ao senhor, para retirar ou acrescentar informações que julgar necessário.

Encerramos a entrevista com os agradecimentos e a leitura do termo de autorização pelo entrevistado.



Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato

Entrevista com a Profa. Ms. Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato, ocorrida nas dependências do PPGEducMat, no dia 16 de dezembro de 2015, em Campo Grande – MS.

Duração: 31 min e 40 s.



Figura 7 - Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato (momento da entrevista)

Ana Claudia: Boa tarde. Hoje, dia 16 de dezembro, estamos na UFMS, na Sala do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda deste Programa, com a Profa. Mestre Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato, que gentilmente aceitou nos conceder essa entrevista, relacionada à pesquisa que tem como tema o curso de Licenciatura em Matemática a Distância da UFMS, orientada pelo Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Ana Claudia: Olá, professora Sônia, tudo bem?

Sônia: Tudo bem, Ana Claudia!

Ana Claudia: Muito obrigada por nos conceder esta entrevista, agradeço muito! Inicialmente gostaria que você se apresentasse, falasse um pouco de onde veio e caso não seja nascida em Campo Grande, como que veio residir aqui?

Sônia: Eu sou nascida em Campo Grande e professora da UFMS. Já morei fora, mas, a maioria do tempo, residi aqui em Campo Grande mesmo.

Ana Claudia: Quanto a sua formação profissional, professora, qual a área, período de formação, instituição...?

Sônia: Fiz Graduação em Licenciatura em Matemática pela UFMS, Especialização em Gestão e Tutoria em EaD e o Mestrado em Educação¹³⁵ também na UFMS.

Ana Claudia: Professora, conte-nos, por favor, como foi o início da sua atuação profissional antes de vir trabalhar aqui na UFMS.

Sônia: Antes, quando terminei o Ensino Médio, trabalhei um tempo numa Financiadora, uma empresa de Empréstimo Pessoal. Depois eu fui secretária numa empresa, numa concessionária [risos] na: Campo Grande Diesel¹³⁶ e em uma empresa de combustível: Rodoviário Liderbras¹³⁷! Depois fiz a Graduação e comecei a dar aula.

Ana Claudia: Essa atuação foi em sala de aula foi na Educação Básica?

Sônia: Não, eu comecei no Ensino Superior. Terminei minha graduação e um mês depois fiz a seleção para professor substituto, lá no antigo Departamento de Matemática, que agora é Instituto¹³⁸. Comecei ministrando aulas na graduação, no Curso de Ciências da Computação, nas Disciplinas de Análises de Sistema e Matemática.

Ana Claudia: Trabalhou no Curso de Licenciatura também?

Sônia: Também. Eu fiz o processo seletivo para professora substituta. Em geral esse processo seletivo possui duração de dois anos para você ficar como professor substituto, depois tem que ficar um ano fora, não pode dar continuidade por mais de dois anos. Quando venceu o meu contrato de dois anos, eu passei no processo seletivo de Mestrado e comecei estudar. Nesse período eu fiquei dois anos com a bolsa de Mestrado e não trabalhei.

Quando terminou meu Mestrado, fiz novamente o processo seletivo e aí sim a EaD entrou na minha vida. Fiz um teste seletivo de vinte horas para professor substituto do

¹³⁵ Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU) – UFMS.

¹³⁶ Empresa concessionária de Mercedes Bens, especializada em caminhões.

¹³⁷ Empresas Especializadas no Transporte de Cargas Líquidas

¹³⁸ Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cuja mudança foi instituída em 2013 pela Instrução de serviço nº 41 de 30 de abril.

Departamento de Matemática, para as primeiras vagas da EaD. Na época o Curso de Matemática não existia. Era de professor de Matemática para outros cursos. Nesse processo seletivo havia uma vaga para atuar na disciplina de Matemática da Pedagogia, algumas vagas para o curso de Letras e uma vaga para Biologia. Então eu fiz a seleção para a Matemática. Assim eu entrei como professora de EaD com 20 horas de trabalho. Depois disso comecei a trabalhar no curso de Licenciatura no presencial e em outros cursos também.

Na EaD, eu comecei a trabalhar no Curso de Pedagogia. Nesse momento não existia ainda o Curso de Matemática a distância. Eu fiz duas seleções separadas: uma pela EaD, que na época era pela Coordenadoria de Educação a Distância (CED), fiz uma prova com eles, e a outra pelo Departamento de Matemática.

Ana Claudia: Então, a sua experiência dentro da UFMS antes do Curso de Licenciatura em Matemática foi na Pedagogia?

Sônia: Foi como professora na Pedagogia a Distância!

Ana Claudia: Você pode falar um pouquinho dessa experiência?

Sônia: Sim! Era aquele projeto onde havia uma parceria entre o Governo Federal e as Prefeituras. A Prefeitura montava o polo e mantinha esse polo. As aulas eram na modalidade semipresencial, onde uma parte era presencial e a outra parte a distância, mas não tinha o uso de tecnologias, a parte a distância era mais com atividades, outro modelo de EaD.

Ana Claudia: Antes da UAB?

Sônia: Exatamente! Isso foi em 2006, 2007. Em 2007, eu estava trabalhando nisso e então o pessoal da Matemática, no caso, a professora Magda, e a professora Heloisa me convidaram. Teve o edital da UAB e a Universidade Federal se inscreveu. A Magda fez o Projeto Pedagógico e assim teve a primeira seleção para o Curso de Matemática, onde eu comecei a trabalhar.

Ana Claudia: Continuou na Pedagogia?

Sônia: Sim. A ideia era trabalhar nos dois cursos, na Pedagogia e nesse que ia começar. Fiquei até um tempo como professora substituta e nesse meio tempo a disciplina que eu estava trabalhando, na Pedagogia, estava terminando. O pessoal estava colando grau e estava levantando essa nova modalidade. Fazia um ano que eu estava trabalhando, um ano e pouco. Então, teve um problema com alguns contratos de professores substitutos e eles cancelaram o contrato de todo mundo, inclusive o meu. Na época, eu poderia ir atrás dos meus direitos, pois não tinha nenhum problema no meu contrato, mas, eu não fui. Com o início da UAB e a existência de bolsas para professor, o Lino me chamou para ser coordenadora dos tutores no novo Curso de Matemática.

Ana Claudia: Antes de atuar na EaD, o que você conhecia da modalidade?

Sônia: Nada, muito pouco, mais de ler. No Mestrado fiz algumas leituras, bem pouco. Eu tinha visto falar desse projeto que tinha convênio aqui com a Universidade e também das Parceladas. A Heloísa trabalhou nas Parceladas aqui da Universidade e ela falava muito, o José Luiz [Magalhães de Freitas] também trabalhou, inclusive, aquele material, aquele livro do Zé e da Marilena é uma produção da época. Eles trabalharam muito no Curso de Pedagogia na Educação a Distância, então eles produziram aquele livro. Eu conhecia a modalidade mais por essas histórias e pela leitura de pesquisas que falavam um pouco de EaD.

Ana Claudia: Professora, sobre a implantação do curso de Licenciatura em Matemática, qual foi sua atuação e participação nesse começo? No caso, você foi a primeira coordenadora de tutoria?

Sônia: Isso! Eu fui a primeira coordenadora de tutoria. Eu acompanhava todos os tutores, tanto os presenciais¹³⁹ como aqueles que atuavam a distância¹⁴⁰. Trabalhava na seleção e capacitação deles.

No começo a gente não tinha uma seleção porque não veio nenhum encaminhamento sobre processo seletivo. Essa orientação veio depois, dizendo que a gente tinha que fazer um processo seletivo como os outros cursos. Então, os primeiros tutores entraram por meio de convite. O coordenador do polo, por exemplo, pensava no tutor presencial que era mais difícil

¹³⁹ Tutores Presenciais são professores que atuam como orientadores de alunos em polos UAB.

¹⁴⁰ Tutores à Distância atuam junto ao professor e aluno por intermédio do AVA, auxiliando o professor da disciplina e tirando dúvidas dos acadêmicos.

de encontrar. Ele fazia um anúncio, chamava as pessoas interessadas e a gente entrevistava. Na época, a gente podia entrevistar os candidatos, depois a Universidade cortou a entrevista alegando ser muito subjetiva, então, houve outros tipos de procedimentos. Eu me lembro disso, nos primeiros cargos não teve nem processo de seleção.

Tutor sempre foi um problema, por que o valor da bolsa era pouco e o trabalho de tutoria era muito, seja a distância ou presencial. Então quando havia o processo seletivo, no geral a gente não tinha candidatos. Recentemente, conversei com o Rafael¹⁴¹, ele está com um Edital que vai abrir de novo no polo, acho que em Miranda, e ninguém apareceu para se inscrever. O tutor a distância, no começo, também era difícil, por que a ideia da proposta que vinha para contratar esse tutor seria de alguém envolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação, um mestrando ou um doutorando. Na época, estava começando o Programa aqui de Educação Matemática. A gente tinha muitas vagas e não era fácil conseguir preenchê-las.

Sobre a capacitação deles, no começo foi oferecido um Curso de Especialização para todos os primeiros tutores, mas acho que nem todos chegaram a finalizar o curso, não me lembro direito. A capacitação quando aconteceu foi em função de operacionalização do uso do Moodle, feito pelo coordenador de tutoria, e no andamento das disciplinas realizado pelos professores.

Ana Claudia: Ao entrar nesse cargo, como a sua função era desenvolvida?

Sônia: Foi assim, bem interessante! Como eu já tinha trabalhado na Pedagogia na modalidade a distância, a UAB, propunha um novo modelo. Então, cada função, cada bolsista ou função do curso tinha orientações e capacitação também. Eu participei de um curso em Paranavaí¹⁴² que foi um encontro de coordenadores de tutoria, onde a gente tinha essa ideia de formação em trabalho. Nesse curso estudamos sobre utilização de recursos para envolver os alunos nas atividades e a importância de se manter um vínculo entre os tutores/professores e alunos.

A gente tinha muitos documentos falando como deveríamos proceder. Por exemplo, se eu tivesse alguma dúvida e se a Magda não soubesse, se a coordenadora do curso não soubesse, eu poderia consultar a Heloísa, o Lino, que era o coordenador da UAB e também o coordenador adjunto. A gente tinha uma relação bem próxima com o MEC, então, se houvesse alguma dúvida na gestão, ao pensar na EaD aqui da Universidade, era só consultá-

¹⁴¹ Rafael Monteiro dos Santos. Professor Assistente da UFMS. Atualmente coordenador da Licenciatura EaD em Matemática.

¹⁴² Município situado no Noroeste do estado do Paraná, com população estimada em 86 218 mil habitantes.

los. Qualquer dúvida que a gente tivesse e que não encontrássemos nos documentos, a gente consultava eles. Existia um documento que dizia o que um coordenador de tutoria tinha que fazer, o que um tutor presencial tinha que fazer como bolsista. Tinha enfim as atribuições e orientações para cada função dentro desse modelo da UAB. A gente não seguia, exatamente, esse modelo da UAB, utilizávamos o que tinha, como um parâmetro para nortear quem tivesse começando.

Ana Claudia: Era a coordenação de tutoria que selecionavam esses tutores a distância, ou era o professor que iria atuar junto com ele?

Sônia: Não. A seleção para trabalhar era feita pela coordenadora do curso ou por mim, coordenadora de tutores. O trabalho também, em geral, a gente dividia, conforme o professor ou disciplina, por exemplo, eu que acompanhava os tutores sabia quem tinha um pouco mais de habilidade em Matemática Pura e quem era mais habilitado para as disciplinas de Práticas, então, a gente conversava, organizava e distribuía.

Ana Claudia: Nesse início, você lembra quem estava envolvido no processo de criação do curso?

Sônia: Quando o curso da UAB começou, tinha muitos cursos lá no MEC. Então, a Magda foi para Brasília. Ela e o Lino eram as pessoas envolvidas nesse projeto. Nesse mesmo período, fiz a Especialização e logo em seguida a gente começou a trabalhar. Lançaram essa Especialização, fiz ela logo depois do Mestrado, chamava-se Gestão e Tutoria em EaD. Fiz porque eu não tinha experiência alguma na EaD e queria estudar.

Ana Claudia: Como era a sua comunicação com os tutores no desenvolvimento do curso?

Sônia: A gente tinha reuniões sempre. Teve uma época que a gente ainda conseguia trazer eles pra cá e fazer a capacitação e os encontros aqui na UFMS. Comigo, o contato, era direto pelo Ambiente, o tempo inteiro. A gente participou de uma capacitação dentro do curso mesmo, onde o Cristiano era envolvido com isso, então começamos o curso estudando o Ambiente Virtual de Aprendizagem, Moodle.

Ana Claudia: E o tutor presencial, ele era aquele que auxiliava em todas as disciplinas?

Sônia: Isso! Para qualquer disciplina. O tutor presencial era para acompanhar as atividades, mas, nem sempre ele conseguia. Tinha polo que ele era mais para arrumar a sala, fazer uma web, ficar junto com os alunos, organizá-los, chamar para o estudo. O professor acompanhava, por que às vezes, como eu disse, tinha tutor que tinha muita dificuldade em conteúdo de Matemática Básica. Na verdade, acho que se for fazer uma pesquisa, a UAB contribuiu muito com a formação desses professores, por que de certa forma eles fizeram um novo curso. A maioria dos tutores presenciais ficou o tempo inteiro com a gente, pelo menos até a formatura. Pelo menos um deles, ficou do começo até o fim, em cada polo. O curso contribui com a formação desse professor, que também tinha muita dificuldade em Matemática e que não conseguia sanar dúvidas de conteúdos do fundamental e do médio.

Ana Claudia: O tutor a distância chegava a ir ao polo também?

Sônia: Às vezes. Ele atendia mais polos, em geral sempre com a mesma disciplina. Alguns tutores passavam por todas. Como eu disse, era complicado para um aluno acompanhar um profissional de Análise, vamos pensar assim, nem todos conseguiam. Às vezes, tinha dois tutores, eles trabalhavam em todas as disciplinas, mas tinha outros que não. Em geral quem dava aula, era sempre o professor, mas se eu tivesse um problema de saúde ou de alguma coisa, o tutor a distância podia ir no meu lugar, porque eles trabalhavam junto, essa era a ideia. Se eu estivesse com uma disciplina em Camapuã, a tutora que me acompanhava na disciplina ficava no Ambiente. Então, a ideia do tutor a distância era de acompanhar todas as atividades, as listas de exercícios que os alunos estavam fazendo. Ele tinha um horário de plantão para atender o aluno e acompanhar tudo que eu, como professora estava fazendo. Se eu fosse fazer uma web ele teria que estar junto assistindo, tanto o tutor presencial como o tutor a distância. E, caso acontecesse algum problema comigo, ele poderia me substituir.

O trabalho do nosso tutor, no Curso de Matemática, tinha um diferencial muito grande em relação aos outros cursos. Os nossos tutores raramente corrigiam atividades, esse trabalho era do professor. Provas, sempre era o professor que corrigia. Isso foi uma escolha nossa, apesar de ter, como eu disse, um documento que orientava que o tutor podia corrigir prova e um monte de coisas. O Colegiado do Curso de Matemática sempre decidiu para que os professores corrigissem. Era uma necessidade dos professores. Um ou outro professor que

às vezes pedia para acompanhar no fórum alguma atividade, mas em geral a correção e o *feedback* de avaliação era o professor que fazia.

Ana Claudia: Diferente dos outros cursos, então?

Sônia: É. Pelo menos dos que eu conheci. Acho que o que mais se parecia com o curso da gente, nesse quesito, era o de Letras, em questão de provas, não de trabalhos. Eu não sei como é que está agora, mas no começo era assim, um ponto bem diferente, porque no documento e proposta da UAB era o tutor a distância que corrigia tudo ou quase tudo. A ideia era o professor fazer um material, acompanhar e o tutor aplicar. Nesse caso, quase não tinha encontros.

Ana Claudia: E para tirar as dúvidas e aplicar a prova?

Sônia: No começo, você podia ter de um até três encontros presenciais, então, nós da Matemática sempre lutamos para ter três encontros presenciais, por que a gente não conseguia professor e nem tutor que dominasse todos os conteúdos. Então, era importante o professor ir ao polo para as aulas, dúvidas e aplicação das provas, inclusive para auxiliar o tutor presencial. O Moodle era usado o tempo inteiro com todos.

Ana Claudia: Professora, você se lembra de algum tutor (a) que tenha se destacado, ou que tenha necessitado de maior atenção por parte da coordenação?

Sônia: Sim, a gente teve tutores que tinham muita dificuldade em conteúdos. Eu não lembro nome, mas teve uma tutora presencial que teve muita dificuldade e a gente tinha, inclusive, que mandar um tutor a distância para sentar com ela lá no polo, pois, mesmo que a gente explicasse via virtual, ela tinha muita dificuldade de conteúdo de Matemática do Ensino Fundamental.

Ana Claudia: E os tutores a distância? Quais eram suas maiores dificuldades?

Sônia: Eles tinham também! Alguns de conteúdo. O que eu acho que eles tinham mais dificuldade a distância era em usar os recursos para tirar dúvidas dos alunos, mesmo assim

eram muito criativos. No Moodle, por exemplo, teve uma época em que a gente não conseguia digitar equações, sabe? Não tinha aquela ferramentinha *equation*¹⁴³ pra eles digitarem suas equações. Depois, essa ferramenta de digitação de equações fora incluída no AVA¹⁴⁴, mas ela travava. Então, eles começavam a tirar foto, colocar filme, filmar com a câmera do notebook, desenhar para os alunos. Muito legal! Acho que uma das dificuldades era tirar dúvidas de matemática. Pensando na especificidade da Matemática que tem muito visual, tem muita coisa que você tem que ir fazendo com o aluno, construindo com ele. Não dava para digitar era complicado e isso foi bem interessante. Tinha aula de Desenho Geométrico, por exemplo, que tinha um professor que colocava a câmera e ficava desenhando.

A dificuldade que senti nos tutores a distância estava em lidar com a tecnologia porque sempre travava. Por esse motivo eles usavam muito o Skype¹⁴⁵. O bate papo era usado para tentar sanar essas dificuldades. A sala do Connect¹⁴⁶ tinha uns recursos interessantes, mas, a maior dificuldade que eles relatavam era de como desenhar um gráfico para a pessoa que estava do outro lado, explicando. Como fazer e ao mesmo tempo ver a pessoa desenhando e mostrando. Isso que era legal! As maiores dificuldades foram nesse sentido, de como fazer essa interação pensando na especificidade da Matemática.

Ana Claudia: Quem foram os primeiros tutores, se lembra deles?

Sônia: Lembro! Costa Rica foi a Mara¹⁴⁷, ela havia saído e agora está de novo. Em Miranda, a Elizabete¹⁴⁸, ficou desde o começo, acho que saiu agora, falo por que o polo está atrás de uma tutora. Em Camapuã, quase não parou tutor lá. Estou tentando lembrar o nome das três últimas, não consigo. Sou ruim para lembrar [risos]. Mariana¹⁴⁹ em São Gabriel, que estava até recentemente, e aí entrou a Inês¹⁵⁰, acredito que está até hoje. Em Siqueira Campos tinha a Lorilene¹⁵¹, em Cruzeiro do Oeste a Ângela¹⁵² e Igarapava¹⁵³ me fugiu o nome, todos eram tutores presenciais.

¹⁴³ Editor de equações do word e símbolos de matemática.

¹⁴⁴ Ambiente Virtual de Aprendizagem

¹⁴⁵ Ferramenta que possibilita iniciar um chat ou uma chamada de vídeo online.

¹⁴⁶ Sala que dispõe de recursos tecnológicos de comunicação.

¹⁴⁷ Mara Urbano da Silva. Professora formada em Matemática, tutora UFMS.

¹⁴⁸ Elizabete Joana Teodoro. Professora formada em Matemática pela UFMS e especializada em Metodologia do Ensino de Ciências e Matemática.

¹⁴⁹ Mariana de Fatima Turbino Pelegrini. Atuou como tutora da UFMS.

¹⁵⁰ Ines Pereira dos Santos (sem maiores informações).

¹⁵¹ Lorilene Barbosa Lopes. Professora Ms. tutora da UFMS em Siqueira Campos.

Ana Claudia: E os tutores a distância?

Sônia: Lembro também. O Dejahyr¹⁵⁴, que foi tutor a distância antes de ser professor. O Ademir¹⁵⁵, o Dênis¹⁵⁶ que acho que está em Paranaíba, a esposa dele também. A Adriana¹⁵⁷ acho que foi tutora, a Adriana Barbosa. Espera aí que tem um monte. Tem que pensar nos antigos, não é? Os que começaram foram: O Ademir, o Dejahyr, a Rubia¹⁵⁸, tinha duas Rúbias¹⁵⁹, a Rúbia Graciela e a... esqueci mas eram duas Rúbias. Nossa é muita gente [risos]¹⁶⁰.

Ana Claudia: Eram sete polos?

Sônia: No início eram! Três deles fora do estado e quatro aqui em Mato Grosso do Sul.

Ana Claudia: Como era essa comunicação com os tutores de fora, pelo AVA?

Sônia: Tudo era pelo AVA, às vezes, era bem mais fácil com os tutores de fora. Em Siqueira Campos, por exemplo, era tranquila, a internet funcionava bem. Diferente de Rio Brilhante que é bem próximo daqui, a internet era péssima. Às vezes era mais fácil falar com o pessoal de Cruzeiro do que com o pessoal de Rio Brilhante, depois Rio Brilhante melhorou. Existia um pessoal de muita boa vontade, sabe? A gente tinha uma equipe muito boa de trabalhar, a maioria.

Ana Claudia: Então nesse primeiro ano do curso, a função do tutor a distância e do tutor presencial foi sendo moldada? Vocês não seguiam a risca o que a UAB sugeria?

¹⁵² Não obtivemos maiores informações.

¹⁵³ Município do estado de São Paulo, com população estimada em 27.773 mil habitantes.

¹⁵⁴ Dejahyr Lopes Junior, Tutor à Distância. Professor Dr. em Educação pela UFMS.

¹⁵⁵ Ademir Medeiros dos Santos Junior, Professor Ms. em Educação Matemática pela UFMS, atuou como tutor (2008-2010).

¹⁵⁶ Não obtivemos maiores informações.

¹⁵⁷ Adriana Barbosa Oliveira. Professora Ms. Assistente da UFMS. Atuou como tutora da Licenciatura em Matemática a distância (2008-2009).

¹⁵⁸ Rubia Grasiela da Silva. Professora Ms. Em Educação Matemática pela UFMS. Atuou como Tutora e no momento atua como coordenadora de tutores no curso de graduação em Licenciatura em Matemática a distância.

¹⁵⁹ Não obtivemos maiores informações da outra Rubia.

¹⁶⁰ Na ocasião da banca de qualificação, fomos informados que a professora Aparecida Santana de Souza Chiari também foi tutora nessa época.

Sônia: É, porque nem dava. Não dava para pensar nesse tutor presencial como professor. Por mais que a gente ou que ele se sentisse professor, ele tinha muitas dificuldades em conteúdos da Matemática Básica, então, não dava para o mesmo fazer as funções que o documento solicitava. E com os tutores a distância, foi como eu disse: os professores de Matemática preferiam dar aula presencial, conhecer o aluno e corrigir as atividades.

Ana Claudia: Professora, diante da sua atuação, você consegue lembrar quais eram os maiores desafios enfrentados nesses primeiros anos de Licenciatura?

Sônia: O problema da tecnologia, que quando a gente planejava as disciplinas, sentava com os professores já imaginando que as webs iriam funcionar que eu iria marcar para tirar dúvidas com os alunos e com o tutor a distância. Pensávamos que iria funcionar e isso não acontecia. Acho que até agora a internet em determinados locais ainda é ruim, chegam poucos megabytes. Então acho que a tecnologia, por mais que tenha avançado com salas virtuais e outros vários recursos, os polos, muitos deles não tinham condições de tocar um curso assim, observando as especificidades que envolvem a Matemática a Distância.

O aluno fazer e você acompanhar a distância o que esse aluno está fazendo, em um curso de Matemática, não é fácil. Na Matemática tem que ir falando e escrevendo para compreender o que ele está realmente querendo dizer. Às vezes só falando eu não consigo entender o que ele está querendo, o que ele está compreendendo, não é? Eu preciso que ele escreva para eu ver realmente o que ele está entendendo. Acho que isso foi muito difícil.

Conseguir gente para trabalhar foi outra dificuldade, por que como eu não tinha experiência, na verdade ninguém tinha era tudo novo. A gente estava começando um curso e estudando muito porque tínhamos que capacitar esses professores e começar a discutir com eles, tanto o Ambiente que ninguém conhecia como também a forma de trabalhar nessa modalidade. Como você vai explicar uma coisa que você está aprendendo ao mesmo tempo? Isso é muito difícil.

Ana Claudia: Professora, você gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então? Talvez eu possa não ter feito alguma pergunta que você gostaria de dizer sobre essa sua atuação no curso de Licenciatura em Matemática da UFMS.

Sônia: Acho que sim. Quando comecei a trabalhar na EaD, em cursos a distância, minha primeira experiência foi na Pedagogia. Lá a gente não tinha esses recursos tecnológicos, não tinha o Ambiente, não tinha o uso de softwares. Quando comecei no Curso de Licenciatura em Matemática como coordenadora de tutoria, função na qual fiquei um ano, eu já pensava no final, na minha saída. E eu quando discutia com os professores, sempre falava que a gente estava fazendo um curso, na modalidade a distância, mas era um presencial “esquisito”. O pessoal brincava, por que a gente tentava montar a disciplina, mas, de certa maneira, a gente ficava angustiada por que queria que tudo fosse construído, pensando nos conhecimentos matemáticos.

Eu observava as pessoas atuando lá presencialmente ou via web e uma das coisas interessantes que o curso me fez perceber, foi de experimentar situações de aprendizagem a distância, de observar como o aluno aprende, com você orientando a distância. Era uma coisa que até eu tinha um pouco de receio, eu não conseguia vislumbrar isso muito bem, por isso que eu brincava que fazíamos um presencial “esquisito”. No fundo eu tentava repetir o que dava certo no presencial, aquilo que eu conhecia e que deu certo comigo. Então nesse curso, nesse trabalho, toda essa construção desse começo me permitiu ver que é uma coisa possível do aluno construir. Muito interessante!

Eu já havia me encantado com a EaD quando comecei a trabalhar na Pedagogia, mas na Matemática pra mim, desde o começo, foi maior o desafio, de pensar nisso, nas especificidades da matemática. Eu saí do curso e agora afastada, sinto essa sensação boa de que é possível fazer um Curso de Licenciatura em Matemática na modalidade a distância.

E queria muito agradecer essa oportunidade de poder falar de um curso que eu gostei e gosto muito!

Ana Claudia: Professora, esta entrevista vai ser transcrita e textualizada. Em seguida ela retornará a você para acrescentar ou retirar o que achar necessário. Depois dessas modificações será lhe enviada uma carta de cessão que permite o uso desta entrevista na pesquisa.

Finalizamos a entrevista com os agradecimentos e com a leitura do termo de autorização pela entrevistada.

MÓDULO 4



UM PORTO PARA A

LICENCIATURA

MÓDULO 4: *Um porto para a licenciatura*

Em toda navegação sempre haverá uma parada, um porto para se ancorar!

Dessa forma, neste módulo, procuramos refletir sobre as versões evidenciadas no módulo anterior, dialogando sobre as características percebidas em volta dos movimentos precursores e de implantação que constituíram a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS. Momento em que colocamos nossas compreensões acerca dos ditos da nossa tripulação, destacando elementos e marcas que percebemos. Optamos por constituir estas discussões por meio de fóruns do Moodle.

Esta é a nossa versão!


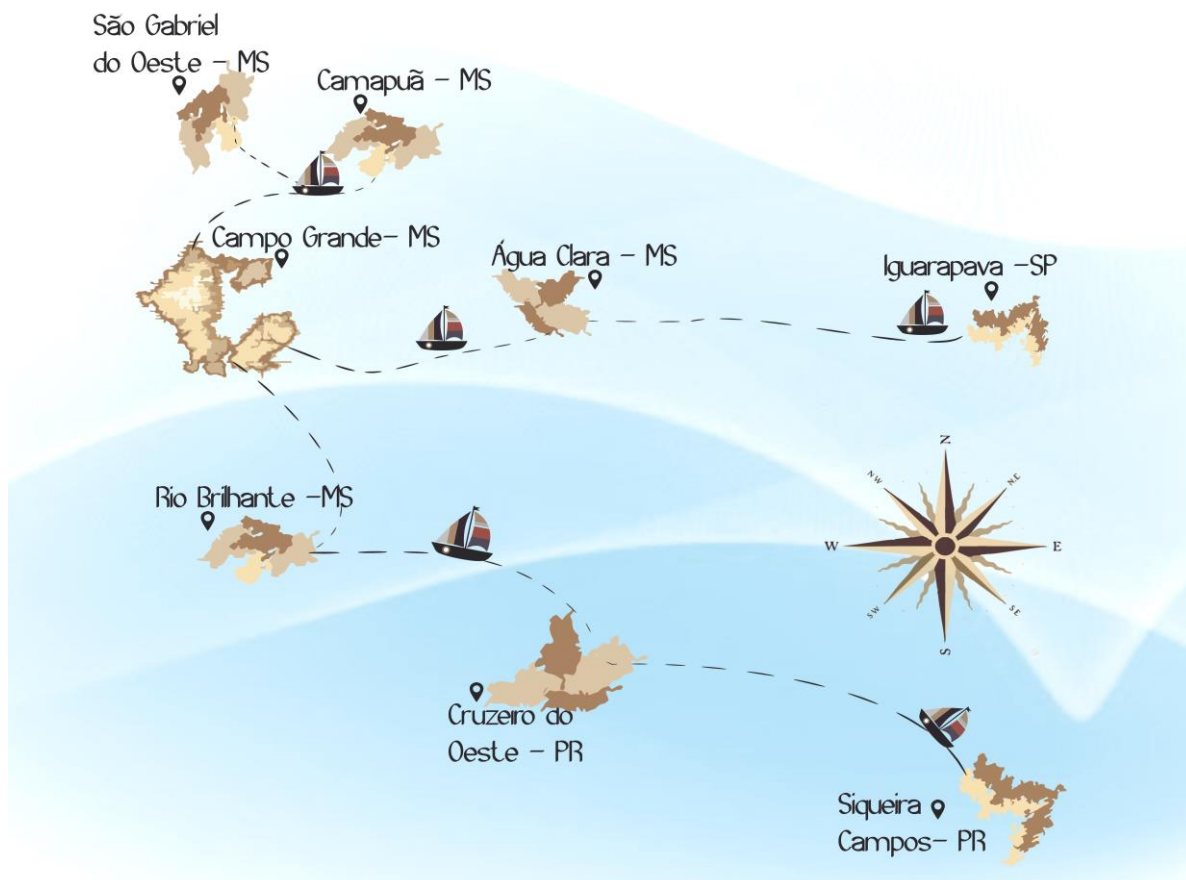
 *Fórum: Movimentos e rumos iniciais de uma Licenciatura em Matemática a distância*

Figura 8 - Portos e navegações



Fonte: elaborada por Paloma Morais Turchen (2016)



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 22 de Outubro de 2016 – 08:01]

Olá, pessoal! Neste fórum começaremos nossa atividade olhando para a imagem anterior e refletindo sobre ela. O que diz essa imagem aos (às) senhores (as)? O que vem à mente ao observá-la?
Vamos começar?

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 22 de Outubro de 2016 – 10:06]

Oi, Ana! Essa imagem me diz muitas coisas! Se não me engano, esses são os primeiros municípios que ofereceram o nosso curso, a Licenciatura em Matemática na modalidade a distância, quando a EaD da UFMS começou a fazer parte da UAB. Como não lembrar? Visitamos várias vezes esses polos! Eu e a professora Carmem nos desdobrávamos para dar conta, passamos muitos finais de semana ministrando aulas nos polos e na segunda já estávamos de volta à Universidade com as turmas do presencial. Foi muito bom, mas muito cansativo também, com o passar do tempo o corpo vai reclamando um pouco.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 22 de Outubro de 2016 – 10:50]

Verdade, Olga! Foram muitas viagens a esses municípios! Elas começaram com as Parceladas, com o curso Ensino de Ciências e Matemática e depois no curso de Pedagogia a distância nas cidades de Camapuã e São Gabriel do Oeste, polos iniciais da Pedagogia. Nossa! Quanta coisa passamos juntas, não? Será que o João está neste fórum também?

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 22 de Outubro de 2016 – 14:35]

Olha, meninas, vi que fui citado [rs]! Só vi agora o e-mail dizendo que o fórum estava aberto. É bom falar com vocês de novo depois de tanto tempo, muitas recordações boas!

Então, sobre a imagem, vi que tem apenas os polos que começaram depois da UAB porque teve muitos outros antes. Quando eu entrei na EaD, havia os polos de Coronel Sapucaia, São Gabriel do Oeste, Bela Vista e Camapuã, o curso de Pedagogia já estava acontecendo. Depois começamos a ampliar: Água Clara, trocamos Bela Vista por Porto Murinho, abrimos Paranhos e fechamos Coronel Sapucaia. Depois veio Bataguassu, Miranda e Costa Rica.

Lembro-me bem porque comecei atuando como professor das Parceladas e depois me tornei coordenador da EaD, já vislumbrando estender para outros municípios.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Sueli Pereira da Silva – 23 de Outubro de 2016 – 09:12]

Olá, pessoal, obrigado por me convidarem para a conversa! Realmente são muitas lembranças, vocês todos já foram para outros cursos, outras áreas, eu continuo aqui, acompanhando a EaD.

Olhando a imagem, o que me vem à mente é a correria do professor João junto com a professora Carmem e outros coordenadores. Eles corriam de um lado para outro dentro da Universidade para conseguir aprovar toda a documentação, não tinha conselho, não conseguiam aprovar o PPP e demais documentos de abertura, lembram? Era um sufoco! E nós da secretaria ficávamos aguardando toda essa documentação para darmos entrada ao processo de matrículas e demais encaminhamentos. Foi um período complicado e queriam sempre que a gente acompanhasse as datas e modelos do presencial, que sufoco!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 23 de Outubro de 2016 – 16:22]

Olá, Sueli, quanto tempo! Foi bom ter você nos auxiliando com tudo isso. Como está a EaD agora? Soube que tivemos muitas mudanças de lá para cá. Daquela época, lembro claramente dessa correria toda, o curso de Matemática a distância era uma demanda constatada em todo o país e nem todo mundo queria pegar. Na época, ocupávamos um lugar de liderança em oferecer cursos nessa modalidade. O interessante foi que outros Estados solicitavam a oferta da Licenciatura e nós resolvemos enfrentar o desafio, estendendo para o Paraná e São Paulo: encaramos três polos fora do nosso Estado, o que nos garantiu algumas benesses junto à UAB.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 23 de Outubro de 2016 – 17:36]

É mesmo, João! Estava tudo certo para começarmos. Lembro que iríamos ofertar Matemática apenas em Camapuã e em São Gabriel do Oeste, então pediram para aguardar a UAB, um projeto do Governo Federal que traria muitos recursos e bolsas. Então esperamos mais um pouco e acabamos ofertando nesses polos que aparecem na imagem, quatro aqui em MS e três fora do Estado. Realmente foi um grande desafio!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 24 de Outubro de 2016 – 08:42]

Sabe, meninas, confesso que não foi fácil, nem pra mim e nem para os professores que se dirigiam a esses polos. Eram mais de 1.000 km de distância, em Igarapava (SP), por exemplo, era feito um caminho por Minas Gerais e para os polos do Paraná fazia-se um caminho por São Paulo. O mais importante foi que a oferta de curso em São Paulo e no Paraná nos rendeu subsídios do MEC e, com esses subsídios, construímos nosso prédio da EaD aqui em Campo Grande, esse que temos até hoje. Um esforço de todos que valeu muito a pena.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Olga Azevedo – 24 de Outubro de 2016 – 08:53]

Olá, pessoal! Voltei, semana corrida! Concordo com o senhor, professor, para nós, que atuávamos nesses polos, o trajeto e a logística não eram fáceis. Ficávamos dias fora de casa, aguardando em rodoviária, aeroporto ou viajando em carro oficial. Era muito gratificante, mas também muito cansativo. Quando diminuí as viagens, até a minha saúde melhorou. Havia um enorme desgaste físico.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva – 24 de Outubro de 2016 – 09:29]

Sobre essa questão dos polos, eu só ouvia falar. Sabia que ia se oferecer o curso em algum polo, mas não sabia a quantidade de vagas, não sabia da demanda, dos convênios. Lembro que a decisão de abrir os polos vinha de Brasília, eles decidiam sobre a quantidade de vagas que iriam oferecer. Acredito que essa decisão era baseada na demanda de cada município. Só sei que foi uma luta tudo isso!

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista – 24 de Outubro de 2016 – 10:12]

Interessante lembrar, Sueli. Essa questão da demanda era feita pela Secretaria de Educação do município. Eles levantavam a demanda de acordo com as necessidades. Na época, existia um consórcio entre as prefeituras, então o município que fosse sediar o curso se comprometia em atender outras cidades da região. O importante nisso tudo é que os polos atendiam pessoas da zona rural, que nem sempre tinham computador. Elas se deslocavam aos finais de semana, muitas vezes à noite, para entrar no ambiente e ver as atividades.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza – 24 de Outubro de 2016 – 14:24]

Foram muitos desafios! Além dessa corrida atrás da aprovação do PPP e dos demais documentos aqui dentro da Universidade, ainda tinha a questão estrutural dos polos. Antes de abrir cada um, quantas vezes viajamos até eles para conhecer as escolas em que os cursos seriam ofertados? Chegamos a ficar até três dias em cada um desses polos.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 24 de Outubro de 2016 – 15:18]

Verdade, Carmem! Isso era necessário! Antes de abrir esses polos nós fazíamos uma vistoria da instituição. Isso antes da visita do MEC. Eu ou a Carmem visitávamos esses polos antes do pessoal de Brasília para verificar se realmente estava tudo certo. Claro que algumas coisas sempre passavam, mas o principal estava funcionando ou estava adequado. Observávamos os ambientes, se possuíam salas suficientes para as aulas, se o laboratório estava devidamente equipado e com internet, o espaço para biblioteca, se os banheiros eram suficientes etc. Nossos polos sempre foram elogiados por todo o país porque as pessoas que faziam essas vistorias eram colegas de universidades de outros estados e sempre comentavam.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 24 de Outubro de 2016 – 16:34]

Sim, João! Nesse meio tempo havia o vestibular. Depois de encerrado o processo seletivo, voltávamos aos polos para apresentar a estrutura do curso, junto com o pessoal da tecnologia e também para capacitar os alunos. Procurávamos esclarecer tudo o que fosse relacionado ao curso que estava se iniciando. Ainda assim, tivemos muitos problemas relacionados à modalidade: o pessoal não via que era semipresencial, pensavam: “é EaD, vou fazer de casa”.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 24 de Outubro de 2016 – 17:20]

Lembrando também que nessas viagens, vez ou outra, aconteciam coisas pitorescas! Quem mais visitava esses polos eram os professores. Eu visitava antes de iniciar as atividades, com o pessoal de Brasília, para ver se cada polo estava pronto para a avaliação do MEC. Depois desse momento eu participava da primeira aula, que chamávamos de aula inaugural, mas ouvi muito sobre professores parados na estrada ou no aeroporto com algum problema relacionado à viagem.



[Sueli Pereira da Silva – 24 de Outubro de 2016 – 17:36]

Eu também ouvi, professor! Sobre as viagens de carro e de avião, sobre a reserva de hotéis. Essa questão da logística realmente era um problema, principalmente para os polos fora do estado, Paraná e São Paulo. Tudo tinha que ser bem planejado antes e, mesmo assim sempre havia algum imprevisto.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 25 de Outubro de 2016 – 08:34]

Nossa, nem me falem em histórias pitorescas, tenho cada uma aqui para contar que é melhor deixar pra lá! Nem tudo era perfeito [rs]! Além da logística, tinha a questão da estrutura dos polos: ainda que eles tivessem passado pela avaliação do MEC, quando chegávamos para trabalhar, nem sempre encontrávamos esses espaços estruturados. Como eu e a Carmem tínhamos muitos alunos, sempre dividíamos as turmas em duas salas e nem sempre elas possuíam os recursos necessários. Certa vez, por exemplo, em uma dessas escolas, uma das salas possuía luz, mas não tinha lousa e a outra possuía lousa, mas não tinha luz. A gente improvisava naquele momento, reclamava ao coordenador de polo e no outro dia estava arrumada. Aos poucos eles foram se estruturando.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 25 de Outubro de 2016 – 09:16]

Olá, pessoal, tudo bem? Estive fora por uns dias, vendo umas coisas do meu doutorado, desculpem-me pela demora!

Lendo tudo o que foi discutido e olhando para a imagem, recordo-me de um problema que ainda não foi citado aqui sobre os polos, que era a internet. A maioria deles tinha pouco sinal de internet, principalmente os do nosso estado. Penso que até hoje, em determinados locais, esse sinal ainda deva ser ruim. Como nosso curso precisava muito da internet, procurávamos resolver esses problemas de acordo com nossas limitações.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 25 de Outubro de 2016 – 10:54]

Olá, Vera! Que bom tê-la conosco! A internet nesse início foi realmente um problema. Nossa primeira web conferência, por exemplo, foi interessante – não me lembro se foi vídeo ou web. Era uma aula ao vivo transmitida a todos os polos ao mesmo tempo. Nela, havia uma transmissão em que todos os acadêmicos participavam. Certa vez, um dos polos não estava recebendo o áudio ou o vídeo, daí eu dizia: “olha, pessoal, não

desconcentra não, finge que é uma voz do além” [rs]. Dizia isso porque eles não estavam me vendo, apenas me ouvindo, então tínhamos que usar a criatividade [rs].

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 25 de Outubro de 2016 – 13:15]

[rs] Verdade, professora Olga! Os recursos eram limitados demais para fazer tudo a distância. Lembro-me da minha equipe de tutores, do quanto eles eram criativos, de quanto se desdobravam e usavam a criatividade para driblar o problema da internet e, principalmente, das especificidades da Matemática, de como tirar dúvidas a distância... Isso era um problema, não havia nem o *equation* ainda no Moodle!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 25 de Outubro de 2016 – 13:47]

Outro fato que me marcou relacionado à tecnologia foi uma experiência com uma vídeo-aula em Cruzeiro do Oeste, no Paraná, muito interessante [rs]! Gravávamos essa aula em Campo Grande e nesse início era tudo muito improvisado. Eu me sentia uma atriz, porque tinha que falar para uma turma fictícia. Certa vez, tive curiosidade em saber como era para os alunos me assistirem, saber como aquelas aulas chegavam a eles [rs]. Então gravei uma aula e fui assistir aos alunos me assistindo.

Na vídeo-aula eu dizia: “você devem estar achando que tal coisa é assim, assim, mas não é verdade”. Nesse momento um aluno olhou pra mim e disse: “Como é que a senhora sabe o que a gente está pensando? A senhora não está nem vendo, tem gente lá?”. Eles tinham a mesma curiosidade que eu. Muito interessante essa experiência porque acabei descobrindo que ao gravar tínhamos que fazer pensando neles, em como eles estavam nos vendo e entendendo!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 25 de Outubro de 2016 – 14:26]

Hum, essa parte da tecnologia não me recordo muito, só de ouvir falar mesmo. Tive uma equipe muito competente, essas meninas se viravam com tudo. Sempre deixei que elas resolvessem esses problemas e eu corria atrás dos recursos para que o nosso curso pudesse ser desenvolvido de acordo com o planejado. E com a UAB os recursos aumentaram significativamente: podíamos viajar para os polos com uma boa frequência, trazer os tutores para capacitação. Hoje parece que está diferente.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 25 de Outubro de 2016 – 15:48]

Quantas lembranças, né, pessoal? Recordei-me agora sobre a questão da mentalidade, lembra-se, Olga? Eu e você fazíamos questão de reforçar aos alunos que eles eram acadêmicos da UFMS. Em nossas aulas sempre levávamos imagens da instituição para que se sentissem parte dela. Enfatizávamos sempre que eles eram alunos de uma Federal, que possuíam responsabilidades diante da sociedade, que sua formação era a mesma de qualquer outra instituição de Ensino Superior.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 25 de Outubro de 2016 – 17:19]

Lembro sim, Carmem! Fazíamos de tudo para que eles se sentissem acadêmicos da UFMS. Eu diria aqui uma palavra muito importante; “oportunidade”. Esses municípios não tinham uma Universidade Federal, então nós chegávamos de carro oficial, motorista, e todos percebiam nossa presença e a seriedade do nosso trabalho. Todos nos acolhiam! Nós representávamos a chegada de uma Universidade Federal nesses municípios, a oportunidade para quem gostaria de prosseguir nos estudos, aos professores que estavam em sala de aula sem o Ensino Superior, chance de aperfeiçoamento para os tutores e para os professores locais, com trabalhos e eventos que ocorriam nesses polos. Era uma Universidade Federal estendendo suas atividades aos municípios que delas necessitavam. São tantas recordações que ficaríamos uma eternidade aqui falando desses polos.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 26 de Outubro de 2016 – 08:43]

Olá, pessoal, estou aqui acompanhando tudo! Essa discussão em volta da imagem rendeu muitas recordações. Algumas relacionadas à Educação a distância da UFMS e outras mais específicas da Licenciatura em Matemática nessa modalidade. Descobrimos, por exemplo, que antes de abrir um polo havia uma vistoria interna feita pela UFMS e outra pelo MEC e que, mesmo com a aprovação dos polos, nem sempre a estrutura atendia as necessidades do curso. A logística também era complicada, principalmente no que diz respeito aos polos fora do Mato Grosso do Sul, além dos problemas com sinal de internet. Nesse início, não tínhamos um conselho para deliberar documentos de abertura dos cursos; contudo, existia muita criatividade dos tutores para trabalhar dúvidas de Matemática a distância e uma grande preocupação dos professores em trabalhar a mentalidade dos alunos para que se sentissem acadêmicos de uma Universidade Federal. Concordo com a professora Olga, ficaríamos dias falando sobre esses polos.

Diante dessa provocação inicial, pergunto: seriam esses os principais movimentos relacionados ao curso? O que mais poderíamos refletir sobre esses projetos de formação? Sintam-se à vontade para discutir.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista – 26 de Outubro de 2016 – 09:47]

Realmente, são muitas recordações, Ana! Eu penso que não há como falar da EaD e da Licenciatura em Matemática sem falar das Parceladas, um projeto de formação emergencial que surgiu para atender a carência de professores em todo o país. Fui apresentado a esse projeto logo após a divisão do estado, quando optei em ficar no Mato Grosso. Na época trabalhei como professor de Filosofia em Nortelândia, Barra do Bugres e Rosário Oeste, em disciplinas da Licenciatura em Letras e Estudos Sociais. Esse nome vem da forma em como essas licenciaturas aconteciam: o curso era dividido em fases e geralmente no período de férias. Esse projeto tinha momentos presenciais e a distância. Nesse segundo, a comunicação acontecia por intermédio de telefone e fax: era um ensino semipresencial.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Olga Azevedo – 26 de Outubro de 2016 – 10:15]

Hum. Não sei por que, mas não consigo separar esses projetos. Talvez seja porque eu estava no meio, atuando e de repente estávamos em transição das Parceladas para a Pedagogia e depois para a Licenciatura em Matemática. Tudo foi acontecendo. Lembro apenas que eram convênios diferentes. Estávamos na Pedagogia e de repente estávamos dentro da UAB com a Licenciatura em Matemática a distância.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza – 26 de Outubro de 2016 – 10:28]

Se não me engano, as Parceladas tiveram início em 1991 aqui na UFMS e, com a experiência desse projeto, surgiu o Curso de Pedagogia a distância num modelo de EaD diferente e já pensando em agregar outros cursos nesses moldes. Nessa época havia muita carência de professores formados em áreas como Matemática, Física e Química.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Olga Azevedo – 26 de Outubro de 2016 – 13:22]

Como disse antes, comecei a participar desses projetos assim que me efetivei na instituição, em 1994. O primeiro foi esse das Parceladas, trabalhei com professores formados pela Licenciatura Curta, em um curso de complementação de carga horária para obter a Licenciatura Plena. Depois atuei na Pedagogia, um convênio que possuía

estrutura completamente diferente do que veio a ser a UAB. Penso que esses projetos foram o início do que depois se transformou em EaD, por isso não consigo separar. Com a experiência da Pedagogia, a universidade implantou outras licenciaturas e eu participei especificamente da Licenciatura em Matemática.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 26 de Outubro de 2016 – 13:48]

É, pessoal, pelo jeito, eu sou a mais jovem da EaD aqui [rs]. Não peguei essa época das Parceladas. Vim conhecer a EaD quando saíram as primeiras vagas para professor da Educação a distância, quando fiz o processo seletivo pela Coordenadoria para professora de Matemática no Curso de Pedagogia, porque a Licenciatura específica ainda não existia.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 27 de Outubro de 2016 – 08:52]

Então, meninas, aqui em Mato Grosso do Sul eu também atuei nas Parceladas, isso no ano de 1999, quando pedi remoção para Campo Grande. Mal cheguei e já comecei a trabalhar no interior, nas cidades de Jardim e Coxim, que possuíam a Licenciatura em Matemática, Pedagogia e Letras. No curso de Jardim começamos com uns 150 alunos, mas no final sobraram apenas uns 40. Na Matemática sempre havia muita desistência e o motivo, como sempre, estava relacionado à disciplina de Cálculo. Tornei-me coordenador desse programa justamente por questionar demais, de me meter muito nessas discussões relacionadas à evasão dos alunos.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 27 de Outubro de 2016 – 09:17]

É, professor. Esse problema seria mais uma marca do curso. Em qualquer uma das modalidades, sempre houve essa evasão de acadêmicos de Matemática. Cada curso tinha a sua particularidade e na Matemática o maior problema era essa cara de bacharelado. Geralmente as disciplinas pedagógicas eram concentradas ao final e no começo havia uma ênfase muito grande nas exatas, o que fazia com que os discentes desistissem. Falo do curso na modalidade presencial, estrutura que se estendeu à modalidade a distância.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 27 de Outubro de 2016 – 10:36]

Concordo em parte com você, Olga! O curso presencial sempre teve essa estrutura, como você disse, “bacharelesca”, o que espantava os acadêmicos logo no início. E o curso a distância acabou herdando essa estrutura. No entanto, essa evasão na EaD ocorria também pela falta de compreensão dos acadêmicos. Lembro que nos primeiros processos de seleção da Licenciatura em Matemática, eles não liam direito o edital e por esse motivo acreditavam que o curso era totalmente a distância. Eles entendiam que nessa modalidade deveriam visitar o polo apenas em dias de prova e pronto. Quando explicávamos que haveria aulas presenciais, a maioria deles desistia do curso pela dificuldade de locomoção, alguns vinham de outras cidades, da zona rural, e o deslocamento não era possível, não era viável para eles.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista – 27 de Outubro de 2016 – 13:17]

Essa estrutura “bacharelesca” do curso foi sendo moldada com o passar do tempo. No início da Licenciatura em Matemática, digo presencial, a instituição preocupava-se muito em formar mestres e doutores, por isso havia essa ênfase nas disciplinas de exatas. Entretanto, sabíamos que os profissionais que conseguissem fazer um mestrado ou doutorado dificilmente se deslocariam ou voltariam para o interior do estado. Nós, professores da instituição, pensávamos em como formar e também melhorar a atuação desses profissionais que residiam no interior. Pensando nisso, começamos um trabalho de acompanhamento e de orientação desses docentes, montamos um grupo com representantes de cada área, o GAECIM, e passamos a atendê-los por intermédio de um boletim. Professores do interior mandavam suas dúvidas e o grupo juntava todas elas, respondendo-as na forma de um boletim, que era um material atualizado para a época e que atendia diversas escolas do interior. Considero esse boletim como uma de nossas primeiras ações a distância de formação complementar de professores no estado. Ele surgiu bem antes da implantação da Licenciatura em Matemática a distância. Como disse a Olga, é difícil separar e não se lembrar desses projetos.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva – 27 de Outubro de 2016 – 14:27]

Lendo tudo o que falaram, lembrei-me de uma formação complementar, parecida com essa que o professor citou, mas de iniciativa do MEC. Era um curso de extensão que se chamava *TV na escola e os desafios de hoje*, a qual abordava a televisão

como recurso didático para sala de aula. Eu conheci a EaD por intermédio desse curso: foi minha primeira experiência com a modalidade. Era um projeto de extensão que depois se tornou um curso de especialização, nascido desse primeiro projeto. Foi por meio dele que fui lotada na Coordenadoria de Educação a Distância, quando comecei a trabalhar com o professor João e sua equipe, bem enxuta.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 28 de Outubro de 2016 – 09:39]

Acho que ouvi falar, mas não participei desse projeto!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 28 de Outubro de 2016 – 09:42]

Eu não conheci nem o GAECIM nem esse que a Sueli falou, não é do meu tempo
[rs]

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo – 28 de Outubro de 2016 – 10:05]

Não me recordo. Deve ser porque a gente trabalhava na graduação do presencial, era outro grupo de professores.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 28 de Outubro de 2016 – 12:43]

Verdade, Sueli! No administrativo éramos em poucas pessoas. Contudo, nossa equipe era muito comprometida. Engraçado que entre os professores existiam aqueles que acreditavam e os que não acreditavam na formação. Porém, os que não acreditavam também não atrapalhavam: cada um ficava na sua. Pena que esses convênios, o das Parceladas e o outro da Pedagogia, aos poucos foram capengando. Passaram a ter problemas, a não cumprirem o que haviam acordado, a não pagarem os professores... Essa falta de recursos não permitiu que continuássemos, tentamos em todas as instâncias buscar recursos, mas não conseguimos. Nas Parceladas acabamos transferindo alunos de um polo para outro e a Pedagogia conseguiu permanecer porque foi inserida na proposta da UAB. Penso que esse programa das Parceladas contribuiu com o que nós chamamos de Educação a distância hoje.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 28 de Outubro de 2016 – 13:16]

João, essa quebra de acordo foi bastante comentada na época: pessoal que trabalhou e não recebeu, pessoas que acabaram abandonando o curso, um transtorno. Na Pedagogia a distância, tínhamos um convênio fechado com as prefeituras, pelo qual elas deveriam pagar os professores e suas diárias, enquanto a UFMS entrava com a formação dos alunos e com a parte dos materiais. Quando as prefeituras começam a não cumprir esse acordo, a não realizarem esses pagamentos, o curso começava a acabar.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 28 de Outubro de 2016 – 14:19]

Sim, Carmem, é importante lembrar que, antes de eu entrar na Coordenadoria de Educação a Distância, quem era gestora dessa pasta era a professora Dulcimira, que também fazia parte do GAECIM. Certamente, ela vivenciou problemas de quebra de acordo com esses convênios. Devido às experiências com as Parceladas, com o GAECIM e por outros projetos semipresenciais, ela, antes de ser transferida para Goiânia, implementou o curso de Pedagogia na modalidade semipresencial, esse que hoje denominamos a distância. Nele, a carga horária maior se concentrava em Matemática e em Física. Quando a Dulcimira saiu, eu entrei na EaD fazendo a implantação da Pedagogia nos polos. Presenciei parte dessa quebra de acordo das prefeituras. Só mais tarde foi criada a Universidade Aberta do Brasil.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 28 de Outubro de 2016 – 15:39]

Eu não cheguei a trabalhar com a gestora anterior. Comecei na EaD em 2000 no curso de Pedagogia. Nele, eu e a Olga trabalhávamos com a disciplina Conteúdos e metodologia da Matemática para as séries iniciais. Falo do curso oferecido em Camapuã, em São Gabriel do Oeste e em Paranhos, locais em que trabalhei. Nesse formato, se não me falha a memória, não havia tutor. Parece-me que só havia o coordenador de polo; assim, o professor de cada disciplina tinha que se virar com tudo.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 31 de Outubro de 2016– 07:12]

Nossa! Cada vez que retorno ao fórum me surpreendo com novas informações. Concordo com você, Carmem! O curso de Pedagogia era bem diferente do modelo de curso a distância de agora: tínhamos uma parte presencial com as aulas nos polos e a outra a distância, quando deixávamos as atividades para serem desenvolvidas pelos alunos. Na verdade, ele era semipresencial e sem as tecnologias que temos hoje. Não havia o Moodle

ou o uso de softwares: era outro modelo de EaD. A Licenciatura em Matemática veio depois, quando você e a professora Olga da Matemática me convidaram. Lembro que assim que saiu o edital da UAB, a UFMS se inscreveu e depois houve outra seleção para a qual me inscrevi. Fiz isso porque o pessoal da Pedagogia estava terminando a graduação, colando grau.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Sueli Pereira da Silva – 31 de Outubro de 2016 – 08:45]

É, Vera. Nessa época, penso que a EaD começava a engatinhar com o curso de Pedagogia, que eles diziam que era a distância, mas que na verdade, hoje, entendemos como semipresencial, bem diferente desse modelo de agora. Muitas coisas dependiam do sucesso da Pedagogia que estava em andamento. Passamos pela avaliação do MEC e depois pelo reconhecimento do curso, enquanto isso, outros começavam a ser implantados dessa forma, fazendo, tentando acertar, sem saber se iria dar certo ou não.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 31 de Outubro de 2016 – 09:15]

Vocês tocaram em um ponto interessante! Até então, não havia a UAB. Penso que o Governo Federal, ao ver as iniciativas das universidades relacionadas a essa modalidade crescendo no país, passou a pensá-las a nível nacional. Aqui na Universidade as discussões sobre a UAB começaram em 2001, com as iniciativas do professor João acerca de experiências trazidas de Mato Grosso e também pela falta de professores em nosso estado. Naquela época, quem era formado possuía apenas a Licenciatura Curta. Então, começamos a trabalhar no Projeto Político Pedagógico desse curso a distância. Se não me engano, em 2005, houve o primeiro edital da UAB.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 31 de Outubro de 2016 – 16:20]

Isso, mesmo, menina! Foram muitas iniciativas antes de começar o projeto da UAB! Eu conhecia a EaD desde quando eu morava em Mato Grosso e já participava de algumas discussões lá. Cuiabá já possuía experiência na modalidade e, com a colaboração de colegas da UFMT, começamos nossa discussão aqui na UFMS, criando uma comissão.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza – 01 de Novembro de 2016 – 07:23]

É... Nessas iniciativas tivemos muitas capacitações e encontros com o pessoal de

Cuiabá, que já trabalhava com essa modalidade. Recordo-me como se fosse hoje quando o senhor trouxe essas pessoas de fora e convidou todos da Universidade para participarem das palestras e experiências da universidade em Mato Grosso. Para mim, nosso curso tem muito das experiências vividas em Mato Grosso na UFMT. Com a implantação da UAB, começamos o curso de Matemática em sete polos: Água Clara (MS), Camapuã (MS), Rio Brillante (MS), São Gabriel do Oeste (MS), Cruzeiro do Oeste (PR), Siqueira Campos (PR) e Igarapava (SP).

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva - 01 de Novembro de 2016 – 09:34]

Essa urgência em formar professores por área e pedagogos vinha além dessa necessidade: havia também uma exigência da LDB. A Lei dizia que todos os professores da Educação Infantil e das séries iniciais deveriam ter formação em Pedagogia. Existia até mesmo um prazo para isso, se não me engano era até 2008. Então, atendendo à solicitação das prefeituras, a UFMS começou a oferecer esse curso: começou com a Pedagogia devido à experiência e aos documentos que já existiam e depois foi elaborando a metodologia para outros cursos. O primeiro polo da Pedagogia nesse molde UAB foi Bela Vista e depois de outros cursos aprovados as ofertas foram acontecendo sucessivamente de acordo com as demandas dos municípios. No edital UAB1 oferecemos Pedagogia, Letras e Matemática.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista - 01 de Novembro de 2016 – 10:18]

Sim, menina, tinha essa parte da LDB. Com a implantação da UAB, oferecemos a Pedagogia e mais duas licenciaturas. Na verdade, todos os cursos já tinham projeto, já existiam e foram adaptados para esse novo formato. A licenciatura em Matemática entra nesse último grupo, junto com Letras. Houve também a Biologia e a Administração, que se deu a partir do Consórcio Setentrional, do qual diversas universidades do país participavam. Creio que a grande adesão ao curso de Administração fortaleceu ainda mais a implantação da Universidade Aberta do Brasil.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza - 01 de Novembro de 2016 – 14:45]

O projeto da licenciatura em Matemática já existia, precisava apenas ser adequado a esse novo modelo. Então, o João fez um esboço e nós começamos a trabalhar nesse novo molde, pensando o curso de Matemática a distância. Em 2001, o projeto

foi aprovado pelo MEC. Todavia, os trâmites aqui dentro da instituição foram demorados. Assim que conseguimos essa aprovação, a UAB estava surgindo, então o pessoal do MEC pediu para a gente esperar a UAB porque haveria recursos e uma estrutura com um ambiente, um sistema de comunicação a distância. Começamos no segundo semestre devido às providências relacionadas à UAB: a seleção e a capacitação de tutores, entre outras ações iniciais.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva - 01 de Novembro de 2016 – 15:27]

Com a abertura dos editais da UAB começaram as primeiras experiências da EaD: iniciamos com a UAB1 acrescentando outros cursos além da Pedagogia. Depois veio a UAB2, a UAB3 e assim por diante. Numeramos cada edital de que a gente participava como forma de organizarmos as ofertas. A princípio, parecia que não seria algo tão novo, mas quando vieram as orientações percebemos que não havia quase nada parecido com a forma de EaD anterior. Nesse novo formato, mudou praticamente tudo.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Vera Alves de Mendonça - 03 de Novembro de 2016 – 07:37]

Sabe, pessoal, quando paro para refletir sobre a Pedagogia a distância fora da UAB e a Licenciatura em Matemática dentro da UAB, entendo que estes eram modelos totalmente diferentes para se trabalhar. Isso é claro para mim porque, quando encerrei com a Pedagogia e passamos à licenciatura em Matemática, eu, como coordenadora de tutores, percebi muita diferença. Primeiro, porque nesse formato da UAB havia bolsas para professores e tutores, já não era mais igual aos convênios anteriores. A gente acompanhava os tutores, trabalhava na seleção e na capacitação deles. Os primeiros entraram por meio de convite, só depois é que se iniciaram os editais de seleção.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza - 03 de Novembro de 2016 – 08:02]

Na própria seleção de tutores, tínhamos problemas, havia uma carência enorme de professores na área. As pessoas não tinham formação em Matemática e o MEC exigia isso dos tutores. Mesmo assim, profissionais de outras áreas se inscreviam. Assim, enfrentamos diversos problemas relacionados às seleções.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Vera Alves de Mendonça - 03 de Novembro de 2016 – 10:08]

Na minha experiência como coordenadora de tutores, percebi o quanto o curso de Matemática contribuiu para a formação de cada um deles. Todos tiveram a oportunidade de fazer um novo curso e aperfeiçoar sua prática, auxiliando e estudando junto com esses acadêmicos da licenciatura. O curso dava formação para os alunos, mas também para os tutores e coordenadores de polo, direta e indiretamente.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 03 de Novembro de 2016 – 15:12]

Sim, Vera. Vislumbramos muito esse projeto da Universidade Aberta do Brasil porque era a nível nacional e levaria formação a muitos municípios. Seria a oportunidade de uma formação a nível superior por intermédio de uma federal. Assim, com a adesão dos outros cursos, os polos passaram a ser sede de uma universidade, com placa e tudo. Para mim, a Licenciatura em Matemática foi uma continuidade da experiência da Pedagogia.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça - 03 de Novembro de 2016 – 17:56]

Não sei se eu diria isso, uma continuidade. Prefiro me referir a essa modalidade a distância como um presencial “esquisito” porque, de certa forma, sempre trazíamos modelos do presencial, daquilo que estava dando certo nos cursos oferecidos naquela modalidade. Mesmo com elas misturadas, percebi no decorrer do curso que é possível sim aprender Matemática a distância: é um desafio, mas é possível!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo - 05 de Novembro de 2016 – 13:45]

Gente, quanta informação! Agora que consegui ler tudo! Cada vez que entro no fórum tenho gastado um tempão até chegar ao final e poder escrever [rs]. Essa é uma dificuldade de fóruns muito grandes. Bom, mas vamos lá... Penso que a licenciatura em Matemática a distância possui um pouco das características desses projetos iniciais, ou ainda, caracteriza-se como um melhoramento deles. Com a chegada da UAB, esses cursos começaram a funcionar de maneira diferente, em outro sistema. Talvez a palavra seja continuidade e talvez não, porque existem objetivos e propostas parecidas, com um mesmo fim que era suprir a falta de professores em determinadas áreas, principalmente no interior do estado. Estávamos em um projeto e de repente estávamos em outro. Apesar de não conseguir separá-los, percebo que eles são bem distintos em alguns elementos: uns desenvolvidos de

forma parcelada, outros que se diziam a distância, mas que na verdade eram semipresenciais e, por último, a proposta da UAB, que é o caso da licenciatura em Matemática, que também se diz a distância, apresentando uma estrutura herdada dos cursos presenciais e oferecida em um modelo semipresencial.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 08 de Novembro de 2016 - 14:00]

Olá, pessoal, tudo bem? Obrigado por tantas contribuições. A discussão neste fórum se estendeu bastante, acho que precisaremos abrir outro. Antes disso, porém, gostaria de pontuar algumas coisas que percebi. Apareceram aqui outros movimentos relacionados à transição de um projeto de formação para outro, um melhoramento ou uma continuidade até se chegar à licenciatura em Matemática no formato UAB. Podemos dizer que se manifesta aqui uma historicidade do curso em questão, não uma instância última de onde se originou o curso, mas de diversos momentos que o precederam e o influenciaram e, porque não dizer, que permitiram sua existência.

Vimos que o curso na modalidade a distância também sofreu com problemas de evasão, ora pela estrutura “bacharelesca”, herdada do curso presencial, ora pela falta de compreensão dos alunos na leitura dos editais. Sobre esses documentos, enquanto acadêmicos entendiam que o curso seria totalmente a distância, eles indicavam uma grande carga horária de encontros presenciais, praticamente em todos os finais de semana e durante todo o final de semana (até nos domingos, no início). O curso começou e, mesmo com uma equipe pequena, professores trabalharam, mesmo aqueles que não acreditavam no projeto. Na época em que o curso foi implantado, não havia docentes suficientes formados por área para atuarem no interior do estado, uma carência que acabou afetando até a contratação de tutores para trabalhar no curso de Matemática. Aos poucos, contudo, nossa licenciatura em Matemática foi se delineando.

Encerro este fórum por aqui, mas abrirei um próximo para dialogarmos um pouco mais sobre o que ficou, o que faltou e sobre o que ainda não foi dito sobre esses movimentos que vêm delineando a licenciatura em Matemática a distância da UFMS.

Aguardo todos lá!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)

 *Fórum: Ancorando em um porto, vislumbrando outros...*


[Ana Claudia Lemes de Moraes – 09 de Novembro de 2016 – 07:15]

Olá, pessoal! Estamos de volta!

A discussão do fórum anterior nos apontou a Licenciatura em Matemática da EaD ora com suas particularidades, frente ao curso presencial e a outros da educação a distância, ora como um melhoramento ou continuidade de projetos de formação anteriores. Refletindo sobre isso, o que poderíamos dizer sobre essas licenciaturas que nos possibilitassem vislumbrar um início para a licenciatura em Matemática a distância? Dividiremos este fórum em dois momentos, assim como o anterior e, para essa discussão, convidamos outros interlocutores para dialogar conosco.

Sejam todos (as) bem-vindos (as)!

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista – 09 de Novembro de 2016 – 09:10]

Olá, Ana! Penso que, para falar dessas formações, temos que voltar um pouco no tempo, no Mato Grosso “uno”. No início da década de 1970, ouvíamos muitos rumores, um deles relacionado à possível divisão do estado e outro sobre a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB. Essa Lei (a 5692, que foi aprovada em 1971) fixava a formação mínima para o exercício do magistério e deu início a uma grande reforma no Ensino Superior, principalmente no que diz respeito às licenciaturas. Muitas coisas aconteceram na Educação. Isso porque ela passou a exigir habilitações mínimas específicas para a atuação no Ensino Primário e no Ginásio, que eram as duas etapas do 1º grau. Para a primeira, bastaria a formação em 2º grau, como a dos Cursos Normais, já para a segunda, era exigido o Nível Superior.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Bethânia Siqueira Costa – 09 de Novembro de 2016 – 10:27]

Olá, pessoal! Agradeço o convite, Ana Claudia, é sempre bom participar de pesquisas como esta, que fala dos cursos de licenciatura em Matemática no nosso estado! João, concordo com você: é importante retomar o passado e rever alguns movimentos que viabilizaram essas licenciaturas no país. Segundo estudos que orientei, a LDB de 1971 dizia que o professor, para atuar no ensino de 1º grau com as turmas de 1ª a 4ª

séries, precisaria ter habilitação mínima de 2º grau completo; já para as turmas de 5ª a 8ª séries e 2º grau, a habilitação mínima seria o Ensino Superior.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 09 de Novembro de 2016 – 14:36]

Olá, Bethânia, seja bem-vinda, menina! É isso mesmo, e é importante destacar que a lei obrigava esses níveis de formação, mas o pessoal, Brasil afora, não os possuía, não reunia condições para realizá-los nem mesmo sabia onde fazer! Não tínhamos um número suficiente de professores formados por área e, devido a essa carência, aceitavam-se profissionais que possuísem apenas o 2º grau em Magistério ou Colegial para atuar em turmas de 1ª a 4ª séries. Do Ginásio até o 2º grau, exigia-se formação superior.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Bethânia Siqueira Costa – 09 de Novembro de 2016 – 15:20]

Sim, a carência de professores é evidenciada desde essa época: eram poucos os profissionais habilitados para atuar nessas etapas do ensino. A partir dessa lei, muitos projetos foram viabilizados, principalmente no Ensino Superior, uma estratégia para tentar amenizar essa falta de docentes.

Aqui em Mato Grosso do Sul, as licenciaturas começaram pouco antes da divisão do estado. Nossa universidade era estadual, a UEMT, e tínhamos no estado os Centros Pedagógicos, que reuniam os Institutos de Pedagogia, de Ciências Humanas e Letras, além das graduações iniciais de Farmácia e Odontologia.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista – 09 de Novembro de 2016 – 16:23]

As Licenciaturas têm uma história bem mais antiga: elas já existiam nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras já na década de 1930! Com a LBD de 1971, elas sofreram uma reforma, uma reorganização e uma ampliação das ofertas. Nessa reorganização e para atender a lei, surge a Licenciatura Plena e de Curta Duração nas modalidades presencial e também parcelada. A Licenciatura Curta (ou Licenciatura de Curta duração) habilitava professores para a atuação no Primário (1º grau), enquanto a habilitação em Licenciatura Plena seria para o trabalho no Ginásio e no Colegial (1º e 2º graus).

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Mara Carvalho 10 de Novembro de 2016 – 07:37]

Oi, gente! Quero agradecer o convite e dizer que estou me identificando muito com as discussões em todos os fóruns! Em minha pesquisa de doutorado, também investiguei a criação e os anos iniciais dos cursos de graduação “convencionais” no estado, especificamente, a Licenciatura em Ciências e Matemática, as ditas “licenciaturas curtas”. Quando digo convencionais, refiro-me às licenciaturas presenciais, e a Ana concentrou seus estudos na Licenciatura em Matemática a distância, modalidade que se fortalece a partir da LDB de 1996 (art. 80) e na qual eu tive oportunidade de trabalhar quando cheguei aqui na UFMS.

Esse projeto emergencial de Licenciatura Curta e Plena veio para atender a carência de professores no Brasil. Em meus estudos, encontrei informações relacionadas à Licenciatura Curta em Ciências (convencional/presencial), distribuída em cinco municípios de Mato Grosso do Sul a partir da década de 1970. Sobre as Parceladas, quem poderia nos esclarecer melhor seria a Juliana: vou entrar em contato com ela se a Ana Claudia me autorizar.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 10 de Novembro de 2016 – 08:23]

Com certeza, Mara! Ela será muito bem-vinda!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça – 10 de Novembro de 2016 – 09:17]

Olá, Marinha! Que bom tê-la conosco!

Tive a oportunidade de ler o seu trabalho e, acompanhando as discussões, lembro-me que quando entrei na Universidade falava-se muito em “Parceladas”. Em outra postagem, o professor João se referiu às licenciaturas como “Curtas” ou “Plenas”, em modalidades presencial e parcelada, isso sempre causou certa confusão. Na verdade, então, “as Parceladas” foram uma modalidade de formação utilizada em dois “tipos de curso diferentes”: na Licenciatura Curta e na Licenciatura Plena?!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Juliana Aguiar - 11 de Novembro de 2016 – 09:54]

Olá, professores! Que todos estejam bem! Também agradeço o convite e assim como a Bethânia e a Mara, vou tentar contribuir com a discussão! Estou no meio do meu doutorado sobre as parceladas, mas já tenho bastante coisa para discutirmos.

Sobre o seu questionamento, Vera, eu diria que sim. O projeto das “Parceladas” foi, ou melhor, ainda é uma “modalidade” de formação. E eu acrescentaria a essa sua colocação o caráter emergencial delas: as Parceladas começaram logo após a LDB citada pelo professor João. Em minha pesquisa de doutorado, tive a oportunidade de investigá-las no estado de Mato Grosso do Sul, especificamente, o curso de Licenciatura Parcelada de Curta Duração, que habilitava professores para trabalharem nas áreas de Química, Física, Biologia e Matemática. Nesses estudos, constatei que essa forma de ensino teve início em 1972 após a promulgação da LDB de 1971. Essa lei exigia uma formação mínima e tinha caráter emergencial a fim de minimizar a falta de profissionais qualificados para atuarem em escolas de 1º e 2º graus. Dizia-se que precisavam habilitar docentes no menor tempo e com os menores custos possíveis.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Mara Carvalho - 11 de Novembro de 2016 – 13:17]

Olá, Juliana! Que bom que aceitou nosso convite! Então, esse curso “Licenciatura Parcelada de Curta Duração” teve início pouco depois da Licenciatura Curta em Ciências e Matemática que investiguei. Em minha pesquisa, encontrei-o nos municípios de Corumbá (1970), Aquidauana (1971), Dourados (1975) e Três Lagoas, que começou com a Licenciatura em Matemática em 1970, que em 1975 passou a ser Licenciatura em Ciências: todos oferecidos pela UEMT, na época do Mato Grosso unificado. Esses municípios sediavam tais licenciaturas nos Centros Pedagógicos da UEMT, citados pela professora Bethânia. Em Campo Grande, o curso era oferecido por uma instituição privada, a ¹ Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras (FADADI), no ano de 1962, transformada depois em Faculdades Unidas Católicas Dom Bosco.(FUCMT) em 1976 e a partir de 1993 se tornou Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). O que percebemos com isso é que a preocupação naquele momento estava em formar professores no interior. Já em Campo Grande, o curso foi criado apenas em 1981, inicialmente como Licenciatura em Ciências e, antes ainda de formar a primeira turma, passou a ser Licenciatura (Plena) em Matemática.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista - 11 de Novembro de 2016 – 14:28]

Isso mesmo, meninas! Eram dois tipos de licenciatura: a de Curta Duração e a Plena. A lei não rege nada sobre o nome “Parceladas”. Então, eu entendo que você poderia escolher entre fazer a Licenciatura Curta ou a Plena em qualquer instituição que

tivesse a ofertasse. O projeto das Parceladas foi uma estratégia de “modalidade” criada para que as universidades cumprissem os prazos estabelecidos pela LDB. Mesmo oferecendo essa formação, o público-alvo, que eram os professores leigos e sem capacitação, encontravam-se nas cidades mais distantes dos grandes centros, por isso as ofertas se iniciaram pelo interior, como citado pela professora Mara. Na época, fazia-se um convênio com as Secretarias de Educação dos municípios mais distantes e estes, por sua vez, ficavam responsáveis pela estrutura e também pela seleção dos profissionais que, de acordo com esse projeto das Parceladas, deveriam estar atuando em sala de aula. A universidade, em contrapartida, entrava com a formação e com os professores dessas disciplinas. Só para esclarecer: essas duas licenciaturas poderiam ser oferecidas por qualquer instituição de Ensino Superior. No caso da UEMT (atual UFMS), como disse a professora Juliana, nós oferecemos a Licenciatura de Curta Duração em Ciências na modalidade parcelada, denominada, por isso, de Licenciatura Parcelada de Curta Duração em Ciências.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça - 11 de Novembro de 2016 – 15: 00]

Hum... Agora está mais clara para mim essa questão das Parceladas. Podemos então considerá-las como uma estratégia que contribuiu para a regulamentação das modalidades semipresencial e a distância, em que entra a Licenciatura em Matemática, além de outros cursos.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Juliana Aguiar - 11 de Novembro de 2016 – 15:43]

Em Mato Grosso do Sul, o curso se chamava “Licenciatura Parcelada de Curta Duração de Ciências”. Em minha investigação, não encontrei vestígios sobre a Licenciatura Parcelada Plena em Matemática, mas verifiquei que o nome “Parceladas” surge em função do modo de realização do curso, que ocorria no período de férias escolares. Eu diria que essa forma seria mais um dos formatos que temos hoje de modalidade semipresencial. Como era voltado aos docentes que atuavam em sala de aula, a leigos sem formação específica, intentou-se que esses profissionais adquirissem formação sem sair de suas salas de aula ou prejudicar a comunidade escolar.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Bethânia Siqueira Costa - 11 de Novembro de 2016 – 16:20]

Quando pensaram na Licenciatura Curta, certamente não projetaram o futuro. Muitos profissionais passaram a adquirir essa titulação por intermédio de outras universidades. Há pouco acompanhei uma discussão sobre a questão de pessoas concursadas que possuíam a Licenciatura Curta, que elas deveriam complementar a carga horária para possuir a Plena e apenas então igualarem seus planos de carreira. Apesar de aquela ser uma formação emergencial e atender algumas necessidades da época, muitos torceram por sua extinção. Em certo momento, era um chamariz para a UFMS em Campo Grande ter o curso de Plena quando todas as demais ofereciam apenas a Curta.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 11 de Novembro de 2016 – 17:15]

Realmente. Elas surgem como uma formação emergencial. Se não me engano, havia até prazo para obter um número máximo de professores qualificados, não muito diferente do que aconteceu com outros projetos mais tarde [rs].

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça - 12 de Novembro de 2016 – 08:36]

Bom dia, pessoal! Estou aqui pensando: se elas aconteciam no período de férias escolares, como era essa organização? O currículo, a carga horária, tutores... Essa duração curta era de quantos anos? Fiquei curiosa! No curso de Matemática a distância em que trabalhei, o currículo foi herdado do presencial, assim como a carga horária e a duração. A modalidade era a distância, mas em quase todos os finais de semana estávamos com esses alunos. Ainda assim tínhamos grandes problemas quanto ao aprendizado, e olha que tínhamos tutores para acompanhar!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Juliana Aguiar - 12 de Novembro de 2016 – 09:19]

Vou tentar esclarecer e, se alguém mais tiver outras informações, por favor, socializem-nas. O curso “Licenciatura Parcelada de Curta Duração de Ciências” possuía dois anos de duração e sua primeira oferta, segundo meus estudos, foi realizada nas cidades de Ponta Porã, Rondonópolis, Paranaíba e Coxim. Possuíam uma carga horária total de 1.560 horas, distribuídas em quatro fases. Já na segunda oferta, na cidade de Nortelândia, a carga era de 1.920 horas, distribuídas em oito fases, todas elas com duração de dois anos.

Era um curso intensivo porque a estrutura curricular era a mesma do curso regular, o que mudava era o período e a forma de ministrar as aulas: os docentes se dirigiam às escolas-sede e ficavam durante todo o período de férias. Durante o dia havia as aulas e, à noite, as escolas serviam de alojamento aos professores-acadêmicos. Não havia o acompanhamento de tutores.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista - 12 de Novembro de 2016 – 10:45]

Recordo-me que professores-formadores das universidades dirigiam-se a esses centros e ficavam junto com os professores-acadêmicos nesse período. Era um estudo condensado, intensivo, realizado durante o dia nos períodos matutino e vespertino, às vezes com duas ou mais disciplinas: dependia da carga horária de cada uma delas.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza - 12 de Novembro de 2016 – 14:26]

Olá, pessoal! Gostaria de fazer uma colocação como professora de um curso a distância. Fico pensando em toda a logística necessária para o funcionamento desses projetos de formação, principalmente na motivação desses profissionais para deles participarem! Na Matemática, do pouco que vivenciei, lembro-me que quando chegávamos no sábado à tarde, no domingo, os alunos já estavam muito cansados, imagine ficar todo o período de férias estudando? Como era a evasão nesses cursos?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Juliana Aguiar - 12 de Novembro de 2016 – 16:27]

Carmem, de acordo com as entrevistas que realizei, essa motivação estava na oportunidade de cursar um Ensino Superior, que na época era de difícil acesso. Havia também um incentivo financeiro por meio de bolsas e, para quem terminasse o curso, havia uma previsão de ser efetivado no cargo. Outra motivação interessante era para os convocados: nesse período de estudos, eles também eram remunerados, assim como os efetivos. Já sobre a evasão e segundo o que analisei, com todas as dificuldades, os índices de evasão, desistência e reprovação foram mínimos, pois esses profissionais se dedicavam muito.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Mara Carvalho - 13 de Novembro de 2016 – 07:35]

Olha só! Como sempre, a evasão atravessando nossas discussões. Vejo isso como um problema que não se restringe apenas ao nosso estado, mas aos

diversos cursos de licenciatura em Matemática distribuídos pelo país. No caso do curso noturno, a evasão justifica-se por não considerar que a maioria dos estudantes trabalha durante o dia, adotando uma estrutura com uma carga horária extensa e que não observa essa particularidade. Os estudantes, por não terem condições de estudar em outro horário, acabam abandonando o curso. Em outras pesquisas, constatei que a ampliação desenfreada das ofertas do curso, principalmente no período noturno, também contribuíram com os altos índices da evasão. Qualquer problema que viesse a atrapalhar o sustento desse acadêmico seria colocado por ele em segundo plano.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Bethânia Siqueira Costa - 13 de Novembro de 2016 – 07:50]

Mara, outro assunto, além da evasão, que me recordo e que vale ressaltar é a questão do preconceito com os cursos de curta duração: eles eram entendidos como uma formação de menor prestígio. Não havia uma política institucional fortalecida para eles e por isso começou um grande movimento no país contestando essa Licenciatura Curta. Aqui na instituição, não foi diferente, a licenciatura em Matemática também foi entendida dessa forma justamente por oferecer o curso à noite e ser frequentada por pessoas que trabalhavam durante o dia e que, por isso, só poderiam estudar nesse período. Depois de muitas discussões fomentadas por entidades científicas e congressos, houve uma nova reestruturação e com ela a extinção das Licenciaturas Curtas e Parceladas, adotando-se apenas o modelo de Licenciatura Plena.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva - 13 de Novembro de 2016 – 09:16]

Sobre a Licenciatura Curta e pensando na parte administrativa, talvez esse preconceito tenha sido gerado pelas diferenças de carga horária nas titulações. Por exemplo: como enquadrar esse profissional em um concurso público se ambas as licenciaturas: a de plena e a de curta duração, eram consideradas de Nível Superior? Como lotar esses profissionais? Nesse caso, deveria se realizar um concurso para a Licenciatura de Curta Duração e outro para a Plena? E sobre a Licenciatura em Matemática a distância, percebo que algumas pessoas insistem em dizer que a ela é a mesma da presencial. No entanto, vejo que são poucas as situações em que elas de fato sejam parecidas, principalmente no que diz respeito à parte administrativa. Tínhamos problemas com o sistema de matrículas, de notas, de dependências, de reoferta, entre outros. Aliás, a reoferta era e ainda é um grande

problema: se o aluno não é aprovado em uma disciplina, no ano seguinte não vai haver outra turma em que o matriculemos, vai ser necessário um regime especial.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça - 13 de Novembro de 2016 – 09:28]

Olá, Sueli! Já estava sentindo sua falta no fórum.

Muito interessante sua colocação sobre os preconceitos vivenciados por esses cursos. Conheci uma pessoa que possuía essa Licenciatura Curta em Geografia, ela sempre reclamava do salário, se não me engano, era o mesmo dos que cursaram o Magistério, sendo que sua formação era considerada de Nível Superior. Ela dizia que, para conseguir ganhar o salário de um graduado no Ensino Superior, ela deveria complementar a carga horária que faltava, voltando a estudar. Lembro-me que onde ela morava não havia universidade que propiciasse essa complementação. Hoje, sei que existe. Sobre a licenciatura em Matemática, vejo muitas distinções também: ainda que estejamos discutindo o início do curso, poucas coisas mudaram de lá pra cá. Você consegue enxergar as diferenças na parte administrativa e eu consigo vê-las na parte pedagógica. Vou citar um exemplo: tirar dúvidas de acadêmicos a distância é mais complicado que presencialmente: precisávamos de muita criatividade e suporte tecnológico para isso. Não estou dizendo que é impossível, mas apenas querendo enfatizar que não é igual ao presencial.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 13 de Novembro de 2016 – 10:53]

Sim, Sueli. Pode ser essa questão da carga horária e do enquadramento desses professores, assim como outros motivos, que geraram esse preconceito, como: a questão de precisar viajar até o centro ou polo, de ficar alojado em uma escola, entre outros, a falta de credibilidade quando o governo começa a não cumprir compromissos com bolsas e convênio firmado... Podemos imaginar muitas coisas! Sempre haverá os prós e os contras, situação não muito diferente da que ocorre nos dias atuais, como na licenciatura em questão, por exemplo.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo - 13 de Novembro de 2016 – 13:07]

Essa discussão voltou mesmo ao passado. Cada vez me surpreendo com novas informações. Lendo toda essa interação, fiquei aqui refletindo... Quando cheguei na instituição, em 1994, falava-se muito nas Parceladas, eu até trabalhei em um projeto achando que estava nelas. Vendo todas essas características dos cursos de formação,

compreendo que na verdade eu trabalhei na complementação da Licenciatura Curta, ou seja, com aqueles professores que haviam feito essa licenciatura e precisavam da complementação para ter a titulação de Licenciatura Plena.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 13 de Novembro de 2016 – 13:29]

Sim, Olga, era uma formação que se chamava “Especialização em Ciências e Ensino da Matemática”. Creio que ela veio para suprir a carga horária pendente da Licenciatura Parcelada de Curta Duração.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 13 de Novembro de 2016 – 14:34]

Verdade, meninas. Havia muita confusão nessas nomenclaturas de curso porque acabava um e já vinham outros projetos de formação. Certamente, Olga, você não trabalhou na Licenciatura Parcelada de Curta Duração, como disse a Carmem, mas em sua complementação. Até porque, de acordo com a Bethânia, esse curso foi extinto em nossa Universidade ainda na década de 1980 e depois passamos a oferecer apenas a Licenciatura Plena. Apenas posteriormente, com a Universidade Aberta do Brasil, foi que começamos a oferecer a Licenciatura em Matemática à distância. Tenho notícias de que ainda existem muitas universidades no país que trabalham a Licenciatura Plena nos moldes do projeto das Parceladas.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 13 de Novembro de 2016 – 16:52]

O que a gente percebe em tudo isso é que essa experiência foi válida para a época e serviu de base para outras discussões e estudos sobre o Ensino Superior, mais especificamente acerca das licenciaturas. Esses cursos acabaram contribuindo de certa forma com outros formatos que vieram depois.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 13 de Novembro de 2016 – 17:05]

Verdade, Carmem! Não podemos desmerecer essas iniciativas iniciais. Penso nas Parceladas como uma primeira experiência de educação semipresencial no Ensino Superior. Vou mais além, elas inspiraram outros projetos institucionais de formação de professores, tanto em nível nacional como estadual, porque muitas dessas instituições

continuaram realizando formações complementares e de graduação com projetos semipresenciais ou totalmente a distância.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Bethânia Siqueira Costa - 14 de Novembro de 2016 – 07:25]

Só complementando o que o professor João disse ontem: dois anos após a divisão do estado, a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT) foi federalizada, passando a ser Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Com a reorganização do Ensino Superior e as primeiras experiências advindas da segunda LDB, de 1971, surge a Licenciatura Plena em Matemática da UFMS, curso de modalidade presencial. Isso em 1981, 10 anos após a promulgação dessa lei.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 14 de Novembro de 2016 – 08:13]

Obrigado, professora!

A ideia das licenciaturas na modalidade presencial era a de formar cada vez mais professores para atuarem na área. Entretanto, no caso da Matemática, não era bem isso que ocorria a cada turma, justamente por causa da evasão, assunto já abordado aqui pelos colegas. De forma bem curiosa e particular, ao buscar os motivos dessas evasões, as explicações recaem sobre a dificuldade de aprendizagem das exatas, principalmente do Cálculo. Todavia, existem outros fatores sobre os quais nos cabe refletir: de um lado, não poderia haver formação sem qualidade e, por outro, havia um custo muito alto para cada aluno desistente. Então, abriam-se vagas remanescentes para suprir essas desistências. Porém, estávamos em um momento em que o plano de carreira do magistério já não motivava os jovens para as licenciaturas, então suas escolhas, na maioria das vezes, eram pelos cursos de bacharelado.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Bethânia Siqueira Costa - 14 de Novembro de 2016 – 10:27]

Verdade, professor! No último artigo que publiquei em 2015, cito um estudo que realizei em 2012 sobre os egressos da licenciatura em Matemática. Por ele, verificamos que a quantidade de formados não tem conseguido suprir o quantitativo necessário para o estado. Em 30 anos de curso presencial, apenas 19,5% dos matriculados conseguiram terminar o curso; a nível nacional, apenas 6,2% concluíram o curso. E mesmo com uma porcentagem tão baixa de formados, estes nem sempre estão atuando na Educação Básica. Sabe, professor, eu não atribuiria esses dados apenas ao

problema das exatas, existem outros elementos, como a Mara citou e que em minha opinião corroboram esses dados. Ao que ela disse, eu acrescentaria também as modificações nas matrizes curriculares, os ajustes de carga horária e a mudança nos nomes das disciplinas. Tudo isso fazia com que alunos se evadissem do curso, indo e voltando para encaixar seus créditos no curso.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 14 de Novembro de 2016 – 12:43]

Outro ponto que destaco é que apenas formar esse professor é pouco. Sempre defendi a ideia de que é preciso ver o que ocorre depois dessa formação, como ele tem atuado, quais suas dificuldades ao adentrar uma sala de aula. Pensando nisso, nossa instituição constituiu uma equipe para discutir e auxiliar docentes que atuavam no 1º grau, isso no início da década de 1990. O Grupo de Apoio ao Ensino de Ciências e Matemática (GAECIM) era composto por educadores de todas as áreas de ensino aqui da UFMS. Eu participava e acompanhava as ações, que eram muito interessantes. Professores do interior enviavam suas dificuldades por intermédio de cartas e nós do GAECIM respondíamos por meio de boletins que discutiam os assuntos desejados. Procurávamos deixá-los inteirados sobre o que estava acontecendo em suas áreas. A área de Matemática, como sempre, era muito solicitada [rs].

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 14 de Novembro de 2016 – 13:19]

Esse grupo atuava a distância, não é mesmo? Creio que foi uma das primeiras ações de formação complementar a distância relacionada à Matemática dentro da instituição. No Laboratório de Ensino de Matemática (LEMA) chegamos a ver esses boletins e até mesmo estudá-los.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Vera Alves de Mendonça - 14 de Novembro de 2016 – 13:56]

Também ouvi falar, mas, como cheguei depois, não cheguei a participar. Ouvi muitas notícias sobre esse grupo. Inclusive tive acesso a um livro que começou a ser pensado nessa época e publicado pela Pedagogia a distância: ele discutia metodologias da Matemática para as séries iniciais. Chegamos a usá-lo na disciplina que lecionávamos na Pedagogia.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo - 14 de Novembro de 2016 – 14:34]

Pensando sobre todos esses formatos de Licenciatura que ocorreram em nossa instituição e em algumas características discutidas aqui, por um lado, essas formações possuem semelhanças e, por outro, são bem distintas. Recordo-me que quando comecei a atuar na Pedagogia a distância, trabalhava com a Matemática das séries iniciais nesse primeiro formato de EaD que tivemos e que originou outros cursos, como a licenciatura que estamos discutindo. Muitas coisas eram diferentes da Licenciatura em Matemática a distância dentro do modelo que temos agora, na UAB. Não tínhamos, por exemplo, o apoio de tutores como se tem agora e nem um ambiente para essa comunicação com os alunos, era tudo bem mais complicado. Mas, assim como em outros formatos, superamos cada desafio a cada época.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista - 14 de Novembro de 2016 – 15:07]

Olhe, menina, com certeza existem muitas diferenças de uma licenciatura para outra; porém, o objetivo sempre foi o mesmo, formar professores. Para a Matemática, o GAECIM foi muito importante, pois a partir desse grupo promovemos as primeiras discussões para a implantação da Licenciatura em Ciências e Matemática a distância da UFMS, um início para o que veio a ser a Licenciatura em Matemática a distância tempos depois, assim como os demais projetos citados neste fórum. Chegamos a realizar um *Workshop* para essa discussão, que aconteceu de 19 a 21 de outubro de 1994. Em nosso evento, prevíamos a implementação do curso para o início de 1995, e surgiram ideias que foram amadurecidas pela instituição anos mais tarde com a Pedagogia e enfim com a Licenciatura em Matemática. Essas eram ações que faziam parte do nosso Programa de Integração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com o Ensino Básico (Convênio de nº 066/94 UFMS/FNDE).

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 16 de Novembro de 2016 – 07:45]

Diante de tudo o que discutimos até agora, parece-nos que a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS vem se moldando a partir de experiências anteriores de formação de professores no Mato Grosso do Sul.

Estamos quase encerrando nossa discussão! Gostaria apenas de levantar apenas mais um questionamento: pergunto a todos: seria mesmo essa licenciatura uma continuidade dessas experiências, com tantos elementos singulares e organizações diferentes? Continuidade em que sentido?

Estejam todos convidados a participar!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Carmem Souza - 16 de Novembro de 2016 – 08:25]

Olá, Ana e colegas! É sempre bom dialogar com outros pesquisadores.

Sabe, pensando em todos os temas que emergiram nas discussões, principalmente no que diz respeito aos modelos de formação que atravessaram nossa instituição. Percebo que elas possuem pontos comuns e também singulares, concordam? Nesse caso poderíamos considerar o curso uma continuidade?

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[João Batista - 16 de Novembro de 2016 – 08:46]

Olá, Carmem! Se pararmos para refletir sobre todas essas experiências de formação, certamente vamos nos deparar com propostas, objetivos e metas voltadas para um único foco: formar professores para atuar em determinadas áreas e, ao mesmo tempo, suprir a carência de docentes que havia na época, principalmente no interior do estado. Olhando para esses elementos, poderíamos dizer que o curso seria, sim, um amadurecimento, um melhoramento ou uma continuidade de propostas anteriores. Por outro lado, tenho que concordar que cada uma dessas licenciaturas, a cada época, possuiu marcas distintas.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Sueli Pereira da Silva - 16 de Novembro de 2016 – 09:18]

Esse é um assunto interessante. Vou me aposentar em breve e em todos esses anos trabalhando na instituição, secretariando cursos de graduação e de pós-graduação, confesso que tratar a Licenciatura em Matemática a distância do mesmo jeito que a presencial, em todos os seus processos, sempre me incomodou. Não tem como! Existem

processos da modalidade presencial que não se aplicam na a distância, um exemplo disso seriam as dependências. Na primeira, um aluno quando fica de “DP” em alguma disciplina, pode cursar a referida matéria quando se iniciar a próxima turma. E a distância? Esta não tinha turma no próximo semestre e, dessa forma, o aluno deveria pagar a dependência em outro polo, vir para o presencial, ou ainda, aguardar a reoferta dessa turma. É diferente! Nesse e em outros casos, precisaríamos de um sistema acadêmico específico para a EaD. No início, até conseguimos implantar um modelo, mas depois tivemos que voltar ao sistema do presencial. Ainda que o projeto, a carga horária, as disciplinas e outros documentos sejam iguais, eu sempre coloquei os problemas e as diferenças em tratar as modalidades como uma só, mesmo assim, insistem em tentar igualá-las.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carmem Souza - 16 de Novembro de 2016 – 09:33]

Isso seria algo muito singular do curso!

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Elisa Gouveia - 17 de Novembro de 2016 – 10:22]

Olá, pessoal, eu sou a Elisa, alguns de vocês já me conhecem, já trabalhamos juntos em algumas ocasiões! Fui chamada pela Ana e por seu orientador para dialogar com vocês neste fórum. Agradeço o convite e fico feliz em participar. De certa forma, essa discussão também diz respeito a mim, pois também trabalhei nesse início da licenciatura.

Entendo seu posicionamento, Sueli. Na leitura deste trabalho me identifiquei várias vezes com momentos citados nas entrevistas e foi muito bom recordar tudo isso. Concordo com sua preocupação e desabafo: a Licenciatura em Matemática a distância herdou a estrutura do presencial, como disse Olga, “bacharelesca”. O que percebo, considerando minha experiência ao trabalhar no curso e também as falas de alguns colegas, é que na questão pedagógica estamos sempre utilizando coisas do presencial e virtualizando esse presencial por meios tecnológicos. Estamos sempre trazendo ideias do presencial, sempre estendendo-o para o virtual. Talvez seja por isso que a instituição queira tanto transformar esses cursos em um só, pela falta de uma proposta pensada totalmente para a EaD.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Vera Alves de Mendonça - 17 de Novembro de 2016 – 10:35]

Olá, Elisa, que bom que está aqui conosco, não sabia que viria! Isso é o que eu sempre dizia: fazíamos um presencial esquisito, sempre adaptando modelos do

presencial para a modalidade a distância. Estava aqui pensando que poderíamos organizar nossas reflexões sobre a constituição desse curso, apontando e discutindo as singularidades e os pontos comuns que percebemos nesses momentos de discussão, o que acham? Quem quer começar?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Mara Carvalho - 17 de Novembro de 2016 – 13:04]

Por mim tudo bem. Vou começar, então! Um dos pontos comuns que consigo perceber e que está sempre relacionado à criação dos cursos de formação de professores, na minha opinião, seria essa urgência do Governo Federal em suprir a necessidade de formar professores por área. Em meu estudo e em outras pesquisas que li, estamos sempre querendo suprir essa falta, implantando projetos que consigam chegar ao interior do estado e a Licenciatura em Matemática a distância é um deles.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Olga Azevedo - 17 de Novembro de 2016 – 13:28]

Verdade, Mara! Um exemplo seria a licenciatura que você estudou e que surgiu primeiro em Centros Pedagógicos do interior. Apenas anos depois ela foi criada em Campo Grande, a princípio como Licenciatura em Ciências, dois anos mais tarde tornando-se Licenciatura em Matemática.

Um assunto comum que perpassa esses cursos e também o de Matemática a distância é a evasão. O início da Licenciatura em Matemática a distância foi marcado por esse fator, como disse a professora Carmem. Ao buscar dados na secretaria dessa turma de 2008, descobrimos que, de 252 alunos matriculados e distribuídos em 7 polos, apenas 77, ou seja, 30,5% conseguiram se formar, índices esses que foram diminuindo nas turmas posteriores. Como a Carmem apontou em outra discussão, nem sempre essa evasão foi ocasionada por problemas com as exatas, mas deve-se considerar também a falta de compreensão de como seria desenvolvido o curso, um pouco diferente. O curso de Administração a distância, por exemplo, possuía poucos momentos presenciais, enquanto o de Matemática exigia uma maior carga horária presencial.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Elisa Gouveia - 17 de Novembro de 2016 – 13:56]

Em algumas leituras que realizei, de forma mais específica em Gatti e Barreto (2009), esses altos índices de evasão no início de cursos na modalidade a distância estão relacionados a dois fatores: um já citado por Carmem, a falta de informação e

de interpretação clara por parte dos acadêmicos ao ingressarem nesses cursos, além de falhas nos esclarecimentos mais gerais e em relação à metodologia. Quanto a esta, os autores dizem que a EaD pode causar uma sensação de isolamento nos acadêmicos, agravando ainda mais os índices de desistência. Ana, acredito que poderia chamar o Humberto para esta discussão também! Quer que eu entre em contato com ele?

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Ana Claudia Lemes de Moraes – 17 de Novembro de 2016 – 14:23]

Sim, professora, por favor! Seria interessante contar com a participação dele!

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Juliana Aguiar - 17 de Novembro de 2016 – 15:06]

Então, pessoal, estou aqui refletindo e, no caso da Licenciatura Parcelada de curta duração de Ciências, esse tema, a evasão, não foi comum ao curso. Talvez seja algo muito particular dessa licenciatura, que, com todas as garantias e incentivos financeiros que ofereceu aos efetivos e aos convocados, teve como resultado um número de 94 formados¹⁶¹, o que não ocorreu na Licenciatura em Matemática a distância. Não estou dizendo que não houve evasão no curso que investiguei, mas sim que o tema não se mostrou de maneira tão significativa em meus estudos de modo que se configurasse como um fator comum aos demais cursos. Talvez a forma de ingresso tenha contribuído para esse resultado, já que o curso atendia uma clientela mais direcionada: os professores em exercício.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[João Batista - 17 de Novembro de 2016 – 15:24]

Acho importante lembrar que a criação de todos esses cursos foi marcada por muitas discussões entre gestores e professores das áreas, inclusive da Matemática. Foram muitas idas e vindas, além da organização de eventos, como seminários e *workshops*, para fechar esses projetos de formação. Na educação a distância de Mato Grosso do Sul, tivemos auxílio de Mato Grosso para a Pedagogia e para outros cursos, como a Matemática. Com o apoio desse pessoal conseguimos organizar tudo para começar a Licenciatura em Matemática a distância no mesmo formato da Pedagogia. Depois de tudo discutido, decidido e pronto para começar, a equipe do MEC pediu para aguardarmos o projeto da Universidade Aberta do Brasil, o que foi feito por nós. A oferta desse curso para os

¹⁶¹ Desses 94 formados, “quarenta deles tendo iniciado os estudos em 1973, e 54 ingressantes no ano de 1976” (GONZALES, 2014, p. 10). O texto, entretanto, não oferece maiores informações sobre o número de matrículas.

polos do Paraná e de São Paulo foi outra discussão ferrenha, que exigiu providências e decisões importantes por parte de nossa equipe e que gerou resultados importantes para nossa instituição, como a construção do nosso prédio da EaD.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Vera Alves de Mendonça - 17 de Novembro de 2016 – 16:45]

Uma questão singular e que acho importante destacar é a questão da tutoria. A Licenciatura em Matemática a distância teve esse ganho, os tutores, uma função que pelo que sei não existia em outros formatos de formação superior. Mesmo tendo problemas para contratar profissionais de matemática devido à carência de formados na área, os que conseguimos contratar representaram um grande avanço para o curso: sua presença e participação foram primordiais, principalmente por suas posturas criativas em resolver dúvidas matemáticas dos acadêmicos a distância.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Sueli Pereira da Silva - 17 de Novembro de 2016 – 16:58]

A logística também foi uma marca importante e particular desse curso. Como disse o professor João, ao estender sua oferta aos polos do Paraná e de São Paulo, enfrentamos muitos problemas com a logística dessas viagens.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Olga Azevedo - 17 de Novembro de 2016 – 17:17]

Gente, a tecnologia também foi algo particular desses cursos da EaD, incluindo a nossa licenciatura e não podemos deixar de citá-la como algo singular. Como a Licenciatura em Matemática a distância começou na proposta UAB, tínhamos então uma modalidade com ferramentas tecnológicas diferentes do formato anterior, ou seja, aquelas que vivenciamos na Pedagogia. Então, tudo era totalmente novo para o grupo envolvido: professores, tutores e secretaria acadêmica tiveram que se adaptar; colegas professores e eu tivemos que aprender a participar de web conferências, a gravar vídeo-aulas, a se movimentar no ambiente Moodle, a ficar mais atentos a e-mails e a postagens no ambiente. Os tutores também! Como disse Vera, eles tiveram que descobrir novas formas e softwares que os auxiliassem nas dúvidas e nos acompanhamentos desses acadêmicos porque apenas o Moodle não conseguia atender as especificidades do curso. Já quanto à parte administrativa, segundo a Sueli, as exigências tecnológicas foram maiores, como, por exemplo, a questão da necessidade de um sistema acadêmico específico da modalidade.

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Mara Carvalho - 17 de Novembro de 2016 – 17:28]

Eu pontuaria como algo comum a todos esses cursos a mudança de grade, carga horária, ementas e nomes das disciplinas. Foi uma preocupação percebida em todos os projetos: instituição e professores, sempre preocupados com a evasão e com a preparação desses profissionais para atuar na Educação Básica, reuniam-se para discutir tais elementos tentando amenizar problemas relacionados a todos os cursos. Assim que cheguei à instituição, acompanhei algumas dessas discussões como professora da Licenciatura em Matemática a distância. Essas alterações sempre eram pensadas junto ao curso presencial porque a instituição entendia as duas modalidades, os dois cursos, como um só, contudo, com formas didático-metodológicas e administrativas diferenciadas.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Olga Azevedo - 17 de Novembro de 2016 – 17:53]

Como coordenadora do presencial, eu conhecia a grade curricular da Matemática e, ao trabalhar nos anos iniciais da Matemática a distância, acabamos adaptando a matriz curricular, o currículo e as ementas às do presencial: tudo ficou muito próximo. Tudo isso por se tratar de uma experiência nova, sem muitos exemplos pelo Brasil para que a gente pudesse socializar e assim foi ficando e sofrendo novas alterações.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Humberto Gonçalves - 18 de Novembro de 2016 – 08:37]

Oi, pessoal, agradeço o convite, Ana, Elisa e Thiago! Fui convidado por intermédio da Elisa, ela me disse que estavam em uma boa discussão sobre cursos de EaD aqui e que eu gostaria de participar!

Estou adorando as postagens.

Muito do que foi dito em ambos os fóruns me provocou profundamente. Alguns temas que surgiram nas discussões me afetam porque percebo nas falas dos colegas professores e de pesquisadores uma aproximação muito forte ao que chamo de “virtualização da escola tradicional”, uma abordagem que estudo já há algum tempo. Trata-se de uma instância intermediária ao que chamo de abordagem *broadcast* e o estar junto virtual.

Vou explicar o que entendo por virtualização da escola tradicional: para mim, essa virtualização trata-se de “[...] uma tentativa de implementar, usando meios tecnológicos, cursos ou ações educacionais que estão presentes no ensino tradicional [...] [com] alguma interação entre aluno, professor, mediada pela tecnologia” (VALENTE, 2010, p. 35). Percebi

muito isso em outros momentos do primeiro fórum e nesse segundo momento esse tema foi retomado por alguns dos participantes. A Sueli, por exemplo, enfatiza as “diferenças” e a “persistência” da instituição em igualar os processos das duas licenciaturas em Matemática enquanto a Vera cita o “presencial esquisito”, que seria este mascarado pelo uso de alguma tecnologia – virtualizado; ou ainda na fala da Elisa quando ela diz “estamos sempre utilizando coisas do presencial e virtualizando esse presencial pelos meios tecnológicos”. Percebo isso também quando o João e a Mara colocam a questão dos documentos do curso e dos processos que tinham que se igualar. Vejo claramente que ocorre nessas ideias não uma NOVA proposta, mas uma cópia, uma adaptação do presencial.

Não recebam esses apontamentos como uma crítica, por favor, estou aqui apenas tentando pensar, por exemplo, como poderíamos criar uma proposta própria da EaD e de cada curso dessa modalidade. Será que as marcas, os momentos, as criatividade e outros eventos desses anos iniciais discutidos nesse ambiente não nos auxiliariam nessa proposta?

Só para provocar mesmo, obrigado!

Participações | Mostrar principal | Interromper | Responder



[Carlos Ribeiro - 18 de Novembro de 2016 – 09:19]

Olá, professor Humberto e demais colegas! Concordo com o senhor, professor! Difícil ficar quieto diante de uma discussão dessas [rs], estava aqui acompanhando tudinho desde o começo, resolvi falar [rs]. Na leitura dos fóruns percebo claramente a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS como um curso que decorre de outras formações. Além disso, ainda que possuíssem formas próprias de trabalhar e de se estabelecerem “a distância”, de certa forma, um acaba inspirando e influenciando o outro: sempre há um processo histórico em volta deles, uma ação, curso etc. Vemos aqui as Parceladas inspirando a Licenciatura em Matemática a distância, por exemplo.

O que percebo também é que falamos aqui de um caso com suas particularidades, “uma determinada” Licenciatura em Matemática a distância. Porém, se pensarmos em um contexto maior, poderíamos aqui diferenciá-la (ou aproximá-la) de tantas outras Licenciaturas em Matemática EaD que temos por aí, mesmo vinculadas aos mesmos editais UAB; por outro lado, não dá para negar que a criação e a disseminação da UAB no país foi um grande norteador e modelador para esses cursos. O que quero dizer, em outras palavras, é que, por mais que haja aqui um processo histórico local que caminhe para a instauração desse curso, há também um mais global e tecnológico, que se desenvolve para sua existência, sempre com aproximações e distanciamentos, é claro. Não estou defendendo aqui uma relação direta de

causa e efeito, mas muito mais a existência de condições específicas, locais e globais num certo momento histórico.

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



[Ana Claudia Lemes de Moraes - 19 de Novembro de 2016 – 10:30]

Olá, pessoal! Quantas contribuições!

Acredito que até aqui e, com tudo o que foi discutido, conseguimos um porto para a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS, o que não nos impede de vislumbrar outros. Tudo vai depender da leitura e da compreensão de cada um. Essa viagem nos permitiu percorrer os mais diversos rumos que um início de curso pode tomar ao ser implementado. Encontramos nesses rumos versões, contribuições e fortes indícios dele como uma continuidade de formações anteriores, principalmente quando nos deparamos com objetivos, propostas, metas e estruturas documentais de cada um e a evasão de alunos que ocorre na maioria deles. A partir dessa continuidade em relação a outros cursos, percebemos a instituição preocupada com a formação de profissionais no interior, tentando suprir a necessidade de professores para atuar em várias áreas, sempre embasados e orientados por exigências de leis maiores, como a LDB.

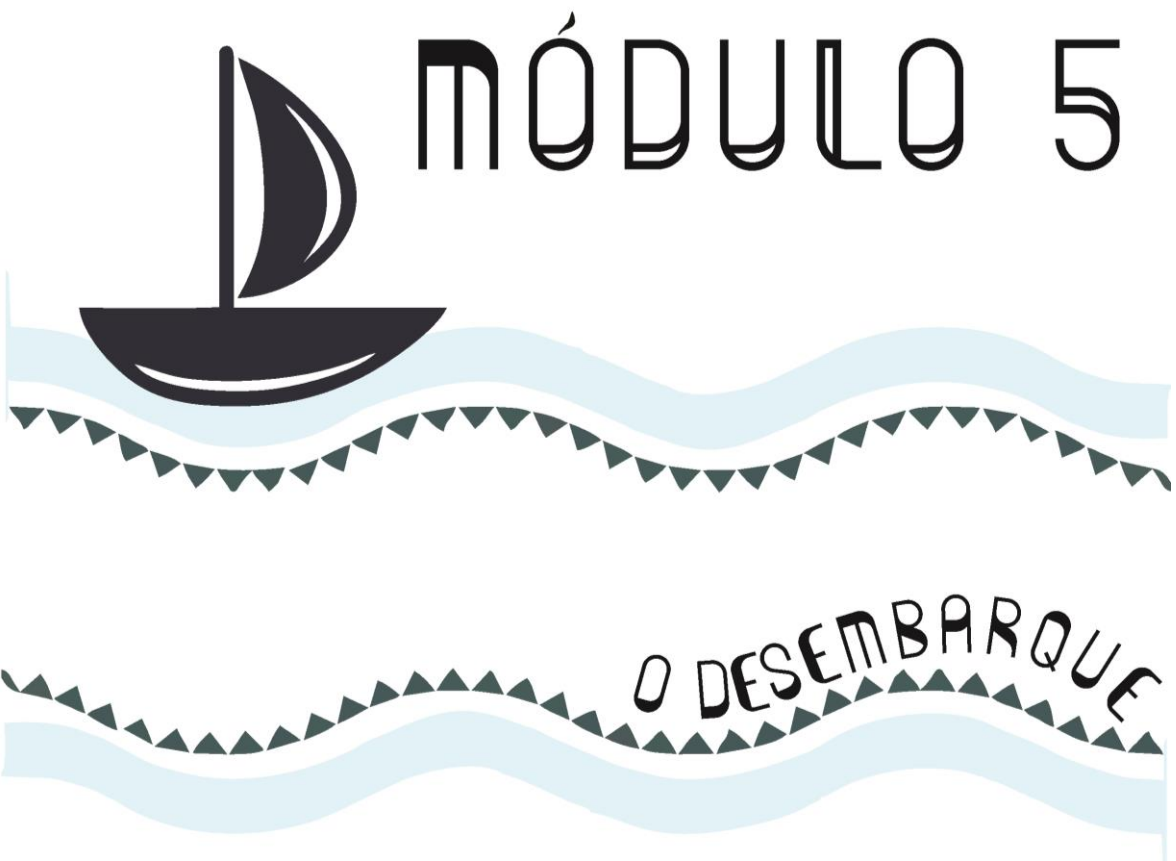
Encontramos também elementos singulares, particulares do curso, como a logística, a necessidade de um sistema acadêmico, a entrada de um ambiente virtual, uma grande carga horária presencial, a produção de material próprio, entre outros.

Podemos então entender que a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS carrega em seu início características que a constituíram a partir de outras experiências de formação e, por outro lado, contém traços singulares que nos permitem desenhá-la como mais uma das diversas licenciaturas em Matemática existentes no país.

Nessa viagem, percorremos milhas de muitas informações e creio que podemos começar o desembarque.

Agradeço a participação de todos e até a próxima viagem!

[Participações](#) | [Mostrar principal](#) | [Interromper](#) | [Responder](#)



MÓDULO 5

O DESEMBARQUE

MÓDULO 5: O desembarque

*Dá-me um barco.
E tu para que queres um barco, pode-se saber?
Para ir à procura da ilha desconhecida.
Que ilha desconhecida?
A ilha desconhecida.
Disparate, já não há ilhas desconhecidas!
Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas?
Estão todas nos mapas.
Nos mapas só estão as ilhas conhecidas.
E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura?
Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida.
A quem ouviste tu falar dela?
A ninguém.
Neste caso, por que teimas em dizer que ela existe?
Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida.*

(José Saramago, 1998)



Desembarcando...

Em assim navegamos... Em busca de um porto, de uma ilha desconhecida.

Os momentos que antecederam nossa pesquisa foram sempre atravessados por estudos, discussões e reflexões: preparação para nosso embarque.

Embarcamos e, entre mares calmos ou revoltos, começamos a navegar. Em alguns momentos da viagem sentimos a necessidade de ancorar. Ancoramos, conversamos com nossos tripulantes, estudamos, analisamos e observamos a paisagem a nossa volta, refletimos, interpretamos e novamente voltamos para alto mar.

E, assim como existe o embarque para o início de uma viagem, existe também o desembarque. Em nosso caso, este não carrega um fim último da viagem, como “uma última viagem”, a chegada a um porto final, mas a possibilidade de outras viagens, outras formas de navegar, outros portos para ancorar, outras ilhas para descobrir, ou seja, este fim é apenas o fim *desta* “viagem mestrado”.

Quando nos propusemos a navegar, nosso primeiro movimento foi preparar tudo para o embarque. Denominamos essa fase de “O embarque”, um módulo pelo qual procuramos olhar para tudo o que vivenciamos antes de começar a navegar. Produzimos esse momento a partir de um diálogo no fórum “Início da navegação”, no qual eu, Ana Claudia e meu orientador, o Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, dialogamos um pouco sobre minha vida acadêmica e profissional, sobre minha chegada ao PPGEducMat, sobre as leituras e os estudos

desenvolvidos nas disciplinas e também no Grupo HEMEP, além de nossas produções e publicações em eventos. Apresentamos, assim, os momentos iniciais desta investigação que foram primordiais para dar início à navegação e também para minha constituição como pesquisadora.

Ao navegar, um primeiro rumo tomado foi nossa Metodologia de pesquisa, a História Oral. Discutimos esse aporte teórico no módulo “Navegando por mares desconhecidos”, no qual delineamos nossa rota por intermédio de uma carta de navegação e, a partir dela, discutimos cada momento e cada parada que realizamos no decorrer do estudo. Apresentamos ainda características de nossos principais colaboradores, detalhamos todo o processo que envolveu a produção das fontes e o exercício analítico. Também nesse módulo procuramos esclarecer e justificar os usos e as formas que estruturaram nosso trabalho.

Para esta investigação, encontramos na História Oral os recursos necessários para navegar e com isso elaborar nossas compreensões sobre o que foi o início da Licenciatura em Matemática a distância da UFMS: um rumo que tomamos ao navegar. Trabalhamos nossas fontes a partir de cinco colaboradores, transcrevendo e textualizando suas entrevistas, momento em que produzimos nossos registros historiográficos a partir de fontes orais, apresentadas no módulo: “Ditos de uma tripulação”.

Além de nossa metodologia, fizemos ‘uso’ de outras maneiras e ‘formas’ de se elaborar e se estruturar um texto. Produzimos nosso escrito apoiados em metáforas, recurso linguístico muito utilizado em cursos a distância, assim como no de Matemática, investigado por esta pesquisa. Tais metáforas se apresentaram como: passageiros, tripulantes, embarque e desembarque, milhas, navegar, porto, mergulhar, rotas, ancorar, atracar e zarpar, que nos ajudaram a desenvolver um texto mais fluido, comunicativo e menos formal. Simulamos também uma maneira também pouco comum ao meio acadêmico, imaginando nossa investigação mergulhada em seu próprio contexto, a educação a distância em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Nessa oportunidade, a instituição nos concedeu uma sala no Moodle e, por meio de testes e de simulações, conseguimos vislumbrar nosso trabalho, procurando aproximar ao máximo a estrutura de nosso fórum ao da instituição. Essa simulação nos auxiliou a decidir sobre o tipo de fórum que poderíamos utilizar para que tivéssemos um texto mais fluido e de leitura contínua, sem divisões em blocos. Mobilizamos esse ambiente apenas nessa etapa por não julgarmos exequível sua manutenção após a realização da pesquisa – como era nossa ideia inicial.

Além desses usos e formas citados, utilizamos também a ficção para auxiliar no desenvolvimento deste texto, uma ideia que surgiu no decorrer da pesquisa. Ela é percebida mais fortemente em nosso fórum “analítico” quando apresentamos as compreensões sobre as entrevistas realizadas olhando para as versões e visões de cada um dos participantes, buscando elementos que nos direcionassem ao objeto de pesquisa. Nessa busca percebemos elementos singulares e comuns, percepções que nos ajudaram a compor os diálogos apresentados nos dois fóruns.

Para a realização dessa discussão fictícia, tivemos ainda a participação de personagens também fictícios, criados a partir de algumas características físicas “reais” de nossos colaboradores, mantendo também algumas marcas de seus discursos.

Em nosso primeiro fórum, utilizamos uma imagem disparadora para iniciar a discussão e, com ela, começar a caracterizar o curso investigado. Nesse momento as falas dos personagens se aproximaram muito de seus ditos com a intenção de destacarmos elementos para discussões posteriores de uma forma mais aprofundada. No segundo fórum, retomamos esses elementos, discutindo-os com falas que ora se aproximam, ora se distanciam das “reais” de nossos colaboradores, fundamentando alguns desses diálogos com a interação de outros pesquisadores, autores e convidados, personagens que também tiveram sua identidade criada para sustentar nossas compreensões e análise.

Em nossa análise, conseqüentemente, encontramos elementos singulares ao curso e também outros que destacamos com uma continuidade. Nessas singularidades percebidas, alguns dos itens que identificam a formação em estudo de uma maneira particular foram: a ausência de um sistema acadêmico e conselho próprio; uma logística diferente dos demais projetos dada a oferta fora do estado; um curso que se identificava como a distância, mas desenvolvido como semipresencial; a exigência da produção de material específico; a falta de professores de Matemática para atuar como tutores; a presença de tutores nesse formato UAB; um novo perfil para o professor EaD; a presença mais forte de uma universidade federal no interior do estado; a oportunidade de uma nova formação ao professor tutor; a dificuldade e a criatividade dos tutores em trabalhar as especificidades da Matemática a distância, entre outros apresentados nos diálogos.

Encontramos também aproximações desse com outros cursos, dadas por elementos como: evasão, projetos, metas, objetivos, urgência em formar professores, exigências e leis do governo federal, principalmente no que diz respeito à formação do docente por área no interior do estado.

Ao mobilizar o fórum para disponibilizarmos nossa análise, percebemos nesse recurso um grande potencial para o exercício da análise narrativa, por meio da qual, a partir da composição de registros, produzimos uma nova narrativa com nossas compreensões: uma produção de diálogos fictícios, produzidos a partir do olhar de pesquisador, em que somos compreendidos a partir de personagens que representam nossa voz, dialogando de uma maneira menos formal. Enfim, um exercício ficcional.

Todos os fóruns apresentados aqui são, em menor ou maior grau, fictícios! Mesmo nos momentos em que dialogo com meu orientador, quem se coloca aqui, no texto, são sujeitos de “papel e tinta”, nossas autopercepções se expressando, sempre filtradas por experiências e subjetividades manifestadas em um gênero discursivo. Diariamente, tornamos ficção nossas próprias vidas ao falarmos delas, por mais que haja uma intenção calcada no “real”. A ficção “deliberada” dos demais fóruns nos permitiu exercitar, sem maiores culpas ou preocupações, a leitura do outro: tentamos colocar no texto aquilo que “efetivamente” lemos das falas deles. Parafraseando Lins (1999), vocês encontrarão aqui sujeitos cognitivos e não biológicos.

Importante lembrar também que, nas discussões, optamos por apenas moderar o diálogo no início e no fim de cada fórum. Uma opção que consideramos por entendermos que, ao criar cada diálogo e personagem, estávamos diretamente manifestos naquela construção discursiva, por mais que ela fosse inspirada em falas “reais” de nossos depoentes ou documentos.

Sobre o fórum, no momento da qualificação, foram observados que os diálogos desenvolveram-se de uma forma muito dinâmica, aparentando um chat – síncrono, pouco comum a um fórum, uma vez que, na real concepção desse recurso, essa comunicação se estabelece de maneira assíncrona. Assim, para amenizar essa dinamicidade das conversas, optamos por inserir algumas palavras ou expressões e a marcação de tempo, de modo a desconstruir essa impressão de comunicação síncrona.

Na oportunidade da qualificação, surgiram, além disso, outros apontamentos relacionados a temas e a teorias propostas por autores sobre os diálogos produzidos, sugestões que se assimilaram às singularidades e continuidades destacadas, principalmente no que tange à tentativa de se fazer um curso de Matemática a distância com modelos e estruturas do presencial.

Quanto aos elementos que percebemos como uma continuidade de projetos anteriores, estes nos fizeram tomar um rumo não esperado na pesquisa, que seria olhar

também para o ocorrido antes do início da implantação da licenciatura. Nesse contexto, continuamos nosso estudo procurando caracterizar os movimentos precursores e também os de implantação que constituíram a Licenciatura em Matemática a distância da UFMS.

Como afirmamos, nosso movimento de análise foi mobilizado no quarto módulo deste trabalho em que buscamos encontrar “Um porto para a Licenciatura”. Nessa procura, pensamos em um porto não com o intuito de fixar uma “história verdadeira” para esse início, mas para posicionar nosso entendimento sobre os ditos dos colaboradores, abrindo-se outras possibilidades de compreensão. Navegamos procurando um porto não como um destino final, mas como um destino possível, em que outros passageiros e tripulantes pudessem também navegar e escolher onde ancorar, apresentar outras compreensões sobre a nossa análise.

Além dessas compreensões, outros questionamentos poderão ainda ser vislumbrados a partir deste trabalho, questões que não conseguimos tratar, como: como e onde estão os alunos formados por esta turma inicial da Licenciatura? Em que área estão atuando? A interiorização desse curso pelo interior do estado conseguiu suprir a demanda prevista? Em que municípios ele se estabeleceu depois dessa turma inicial? Os problemas de evasão constatados nessa turma inicial continuam ou foram superados? As situações relacionadas à logística, ao sistema e a outros fatores continuam ou foram solucionadas? Quais as contribuições advindas das mudanças realizadas no curso? Quais as diferenças que conseguimos perceber do projeto inicial ao desenvolvido atualmente? O que mudou na atuação dos professores daquela época para os atuais?

Muitas são as indagações que podemos levantar a partir desse olhar inicial para encontrar um porto para tal licenciatura ancorar.

Ao realizar esta pesquisa muitos foram os desafios. Acreditamos ter encontrado na metáfora “Navegando por mares desconhecidos” a melhor maneira de dizer o quanto vivenciamos o desconhecido. A cada trajeto percorrido, descortinamos novas descobertas, começando pela nossa metodologia, a História Oral, depois pelos usos e formas que incorporamos à pesquisa, principalmente quanto à ficção e a essa nova maneira de pesquisar no meio acadêmico. Esses momentos foram construídos passo a passo, com muitas leituras e discussões, que me fizeram crescer como profissional, que me constituiu como pesquisadora, agora com outros olhares, outras perspectivas.

Até aqui, toda essa constituição é nossa. A partir daqui, esperamos que outros pesquisadores possam vislumbrar e ancorar em outros portos!

Tudo vai depender da leitura e da compreensão de cada um!



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Helber Rangel Formiga; BORBA, Marcelo Carvalho. C. **As licenciaturas em Matemática da Universidade Aberta do Brasil (UAB):** uma visão a partir da utilização das tecnologias digitais. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BIERHALZ; Crisna Daniela Krause. **Curso de Licenciatura em Matemática à Distância: o entrelaçador dos fios na (re) construção do ser professor. 180 p.** (Tese) Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.
- BITTAR, Marilena; NOGUEIRA, Renato Gomes. Um Estudo da Criação e Desenvolvimento de Licenciaturas em Matemática na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Revista Bolema**, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 263-283, abr. 2015.
- CASTRO-ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de. **Um lugar:** muitas histórias – o processo de formação de professores de Matemática na primeira instituição de ensino superior da região de Montes Claros/ norte de Minas Gerais (1960-1990). 403 p. (Tese). Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- CURY, Fernando Guedes. **Uma história da formação de professores de matemática e das instituições formadoras do estado de Tocantins.** 290 p. (Tese). Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011.
- FAORO, Tiaki Cintia Togura. **A formação de professores de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul:** um olhar sobre os anos iniciais da Licenciatura em Durados. 236 p. (Dissertação). Mestrado em Educação Matemática. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.
- FERNANDES, Déa Nunes. **Sobre a formação do professor de matemática no Maranhão:** cartas para uma cartografia possível. 388 p. (Tese). Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011.
- FERNANDES, Filipe Santos. **A quinta história:** composições da educação matemática como área de pesquisa. 233 p. (Tese). Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2014.
- GALVÃO, Célia. Narrativas em Educação. **Revista Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, Marcelo de Carvalho; ARAÚJO, Jussara de Loiola. **Pesquisa qualitativa em educação matemática.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004, p. 77- 98.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti. **História oral em educação matemática**: outros usos, outros abusos. Guarapuava: SBHMat, 2007. (Coleção História da Matemática para Professores).

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; FERNANDES, Déa Nunes; SILVA, Heloísa da. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática**, v. 25, n. 41, p. 213–250, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291223514011>>. Acesso em: 13/06/2015.

GARNICA, Antônio Vicente Marafioti Garnica; SOUZA, Luzia Aparecida. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá (Coords.). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Maria Laura Magalhães. História da Educação Matemática, Formação de Professores a Distância e Narrativas Autobiográficas: dos sofrimentos e prazeres da tabuada. **Boletim de Educação Matemática**, Rio Claro. v. 28, n. 49. p. 820-840, 2014a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bolema/v28n49/1980-4415-bolema-28-49-0820.pdf>. Acesso em: 17/08/2015.

GOMES, Maria Laura Magalhães. Narrativas Autobiográficas e História da Educação Matemática na Formação de Professores a Distância. **2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática – ENAPHEM – Mesa redonda**. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014b. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais>. Acesso em: 23/11/2015.

GONZALES, Kátia Guerci. Memórias da Licenciatura Curta Parcelada de Ciências no Mato Grosso do Sul: vários olhares. **2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática – ENAPHEM**. Mesa redonda. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais>. Acesso em: 08/03/2016.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do tempo e recantos da memória**. Reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

LARROSA, Jorge. **20 Minutos na fila**: sobre experiência, relato e subjetividade em Imre Kertész. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 717-743.

LINS, Romulo Campos. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, Maria Aparecida. **Pesquisa em Educação Matemática**: concepções e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 75 – 94.

MACENA, Marta Maria Maurício. **Sobre formação e prática de professores de Matemática**: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB). 369

p. (Tese). Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2013.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **A interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960.** 379 p. (Tese). Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2012.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 102, de 11 de abril de 2006.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial de Atos Administrativos (Boletim de Serviços). Ano XVIII, nº 3823. Segunda-feira, 24 de abril de 2006.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 30, 31 de março de 2008.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial de Atos Administrativos (Boletim de Serviços). Ano XX, nº 4290. Sexta-feira, 04 de abril de 2008.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 244, 13 de outubro de 2011.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial de Atos Administrativos (Boletim de Serviços). Ano XXII, nº 5170. Quarta-feira, 16 de novembro de 2011.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 325, 12 de dezembro de 2012.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial de Atos Administrativos (Boletim de Serviços). Ano XXIV, nº 5444. Quinta-feira, 27 de dezembro de 2012.

MATO GROSSO DO SUL. **Resolução nº 349, de 1º de setembro de 2014.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Boletim Oficial de Atos Administrativos (Boletim de Serviços). 11 de setembro de 2014.

MIGUEL, Antônio *et al.* Prova Campinas 2010: entre usos alegóricos e normativos da linguagem. **Revista Zetetiké – FE/UNICAMP & FEUFF**, v. 23, n. 43, jan/jun, 2015, p. 179 - 212.

MORAIS, Ana Claudia Lemes; PINTO, Thiago Pedro. Licenciatura em Matemática a distância da UFMS: um movimento inicial de pesquisa In: **XII Encontro Nacional de Educação Matemática a Educação Matemática na contemporaneidade: desafios e possibilidades**, São Paulo, 2016.

MORAIS, Ana Claudia Lemes de; SILVA, Neuza França; SANTOS, Abner Alcântara dos. O potencial pedagógico do Moodle no Ensino Médio. **Seminário Práticas Educacionais de Nova Olímpia**. Nova Olímpia, 2012. v. 1 n. 1, 2012, 01 – 12.

NETO, Antonio Simão. **Metáforas Aquáticas: uma proposta para interface entre espaços virtuais de aprendizagem.** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005.

PINTO, Thiago Pedro. Produção de histórias na Educação Matemática: um exercício com os Projetos Minerva mobilizando texto ficcional e fotografias compósitas. **Revista Perspectivas da Educação Matemática (PEM)**. Número temático: Metodologia de Pesquisa em Educação Matemática, v. 8, n. 18, 2015, p. 862 – 881.

PINTO, Thiago Pedro. **Projetos Minerva: caixa de jogos caleidoscópica**. 390 p. (Tese). Doutorado em Educação para a Ciência. Bauru: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2013.

REIS, Ana Carolina de Siqueira Ribas dos. **A formação matemática dos professores primários: um olhar sobre a Escola Normal Joaquim Murtinho**. 144 p. (Dissertação) Mestrado em Educação Matemática. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, 2014.

SANTANA, Verondina Ferreira. **Constituição de identidade docente em memoriais de licenciandos do curso de ciências naturais e matemática a distância da UAB-MT**. 109 p. (Dissertação) Mestre em Educação. Rondonópolis: Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, 2012.

SARAMAGO, José. **O conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Carla Regina Mariano da. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as Licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. 369 p. (Tese) Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2015.

SILVA, Heloísa da; SANTOS, João Viola dos. Sobre teorização, estética ficcional e algumas aproximações entre o Modelo dos campos semânticos e a História Oral. In: ANGELO, Claudia Laus *et al* (Orgs.). **Modelos dos campos semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Midiograf, 2012, p. 110 – 128.

SILVA, Heloísa da; TIZZO, Vinícius Sanches. **Narrativas sobre história da educação matemática na/para a formação de professores**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. (Série história da Matemática para o ensino; v.7).

SILVA, Viviane Clotilde da. **Narrativas de professoras que ensinam Matemática na região de Blumenau (SC): sobre as Feiras Catarinenses de Matemática e as práticas e concepções sobre ensino e aprendizagem de Matemática**. 321 p. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência). Bauru: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2014.

SOUZA, Luzia Aparecida de. **Trilhas na construção de versões históricas sobre um grupo escolar**. 420 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011.

SOUZA, Luzia Aparecida de; SILVA, Carla Regina Mariano da. **Narrativas e História Oral: possibilidades de investigação em Educação Matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015. (Série história da Matemática para o ensino; v.7).

STANISZEWSKI, Rosane Sousa. **Uma investigação sobre o ensino da matemática nas escolas polonesas em São Mateus do Sul, Paraná**. 179 p. Dissertação (Educação em Ciências e em Matemática). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

VALENTE, José Armando. O papel da interação e as diferentes abordagens pedagógicas de educação a distância. In: MILL, Daniel Ribeiro Silva; PIMENTEL, Nara Maria (Orgs.). **Educação a Distância: desafios contemporâneos**. São Carlos: EdUFSCar, 2010, p. 24 – 40.

VIEL, Silvia Regina. **Um olhar sobre a formação de professores de matemática a distância: o caso do CEDERJ/UAB. 218 p.** –(Tese) Doutorado em Educação Matemática. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2011.



Apêndices

Apêndice A - Roteiros

1. Roteiro Gestor/professor: Magda Cristina Junqueira Godinho Mongeli

Hoje, 30 de setembro de 2015, estamos aqui na UFMS na sala do grupo Hemep, eu Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós graduação em Educação Matemática, meu orientador o prof. Dr. Thiago Pedro Pinto, com a prof. Ms Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli para realizar uma entrevista relacionada a pesquisa por mim conduzida sobre o curso de “Licenciatura em Matemática a distância da UFMS.

Bom dia professora Magda.

Inicialmente quero lhe agradecer por aceitar o nosso convite em participar da nossa pesquisa nos concedendo essa entrevista. Certamente ela nos trará valiosas informações.

Apresentação pessoal

1. Professora, como início de conversa eu gostaria que a senhora se apresentasse.
 - Nome completo; data de nascimento e naturalidade;
 - Se não for natural de Campo Grande contar como e quando veio residir aqui;
2. Fale-nos por favor, da sua formação profissional: área, período e instituição
 - Graduação;
 - Especialização;
 - Mestrado;

Atuação profissional

3. Professora conte-nos, por favor, como foi o seu ingresso na profissão?
 - Instituição que começou atuar;
 - Estrutura da instituição;
 - Funcionamento do ensino na época;
4. E na UFMS professora, como foi o esse ingresso?
5. O que mais a senhora se lembra ou gostaria de acrescentar dessa época?

EaD

6. Professora antes da abertura do curso Licenciatura em Matemática a distância na UFMS a senhora teve outras experiências com a EaD?

Sobre a Licenciatura em Matemática EaD

7. Professora, conte-nos o que se lembra sobre a implantação da Licenciatura em Matemática na modalidade a distância na UFMS.

- O que se lembra desse início;
 - Participação no processo;
 - Quem eram as pessoas envolvidas;
 - Como fora a implantação dos primeiros polos;
8. Quanto a estrutura de ensino, como era esse curso?
- Currículo;
 - PPP;
 - Autorização de funcionamento.
9. Neste início do curso, como acontecia o contato com os polos?
- Alunos;
 - Tutores;
 - Coordenadores de curso;
 - Coordenadores de polo.
10. Em todas as profissões existem desafios. Poderia nos relatar quais as maiores dificuldades e também as maiores aprendizagens vividas nos primeiros anos dessa licenciatura?
11. A senhora gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Gostaria de informar que esta entrevista será transcrita e textualizada, depois retornará a senhora para as modificações que achar pertinente. Após as modificações enviaremos a senhora uma carta de cessão para uso desta textualização.

Para finalizar essa entrevista gostaria que a senhora dissesse seu nome completo e RG, acrescentando na sua fala se autoriza ou não o uso desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa.

Mais uma vez agradecemos a sua participação.

2. Roteiro Secretária acadêmica: Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza

Hoje dia 21 de outubro de 2015, estamos na UFMS, prédio da EaD, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e a responsável pelo setor de apoio acadêmico da EaD, a senhora Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza para realizar uma entrevista relacionada a minha pesquisa de mestrado sobre curso de “Licenciatura em Matemática a distância da UFMS”, orientada pelo Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Bom dia Sandra, tudo bom?

Obrigado por aceitar nosso convite e nos conceder essa entrevista. Tenho certeza que o seu depoimento contribuirá muito em nossa pesquisa.

Apresentação pessoal

1. Gostaria que a senhora fizesse uma breve apresentação dizendo seu nome, se é natural de Campo Grande ou não e se não for, por favor, nos diga como e quando veio residir aqui.
2. Fale-nos, por favor, da sua formação profissional: área, período e instituição

Atuação profissional

3. Sandra, conte-nos, por favor, onde começou a sua atuação profissional, antes de entrar na UFMS.
 - Cargo ocupado;
 - Instituição;
 - Que atividades realizava.
4. E na UFMS, como foi esse ingresso antes de conhecer e atuar na EaD?
 - Cargos ocupados;
 - Como era a estrutura da instituição nesta época
5. Tem algo que se lembra e que gostaria de acrescentar sobre esse início?

EaD

6. No que se refere a sua atuação profissional na UFMS, gostaria que nos contasse especificamente sobre o início da sua atuação na EaD.
 - Havia tratamento diferenciado na condução do seu trabalho na modalidades?
 - Quais os desafios enfrentados?
 - Na implantação da modalidade havia muita burocracia?
 - Houve formação específica para atuar na EaD?

Sobre a Licenciatura em Matemática em EaD

7. Sobre a implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância na UFMS, o que a senhora se lembra desse início?

- Sua participação
 - Pessoas envolvidas;
 - Documentos de implantação dos primeiros polos;
 - Estrutura de ensino: currículo, PPP e autorização de funcionamento.
8. Em todas as profissões existem desafios. Poderia nos relatar quais os maiores desafios enfrentados nessa implantação da EaD na UFMS?
9. A senhora gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Gostaria de informar que esta entrevista será transcrita e textualizada, depois retornará à senhora para as modificações que achar pertinente. Após as modificações lhe enviaremos uma carta de cessão para uso da textualização.

Para finalizar essa entrevista gostaria que a senhora dissesse seu nome completo e CPF, acrescentando na sua fala se autoriza ou não o uso desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa.

Muito obrigada pela sua participação.

3. Roteiro Gestor/professor: Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa

Estamos aqui hoje, dia 09 de 12 de 2015, na UFMS, sala do grupo Hemep, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática com a nossa convidada, a prof^a. Ms. Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa para realizar uma entrevista relacionada a minha pesquisa sobre o curso de “Licenciatura em Matemática a distância da UFMS”, orientada pelo prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Olá professora Heloisa.

Obrigada por aceitar nosso convite e nos conceder essa entrevista.

Apresentação pessoal

1. Professora gostaria que a senhora fizesse uma breve apresentação dizendo seu nome, se é natural de Campo Grande. Se não for, por favor, nos diga como e quando veio residir aqui.
2. Fale-nos, por favor, da sua formação profissional: área, período e instituição.
 - Graduação;
 - Especialização;
 - Mestrado;

Atuação profissional

3. Professora, conte-nos, por favor, como foi o início da sua atuação profissional antes da UFMS.
 - Instituição que começou atuar;
 - Estrutura da instituição;
 - Funcionamento do ensino na época;
4. E na UFMS, professora, como foi o esse ingresso?
5. Tem algo que se lembra e que gostaria de acrescentar sobre esse início?

EaD

6. Professora considerando sua vasta atuação profissional, gostaria que nos contasse sobre suas experiências em EaD antes da abertura do curso de Licenciatura em Matemática a distância na UFMS.

Sobre a Licenciatura em Matemática em EaD

7. Sobre a implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância na UFMS, qual foi a sua atuação e participação nesse início?
 - Quem eram as pessoas envolvidas;
 - Como fora a implantação dos primeiros polos;
 - Estrutura de ensino: currículo, PPP e autorização de funcionamento.
8. Neste início do curso, como acontecia o contato com os polos?

...e com os Alunos;
...Tutores;
...Coordenadores de curso;
...Coordenadores de polo.

9. Em todas as profissões existem desafios. Poderia nos relatar quais os maiores desafios enfrentados nestes primeiros anos da licenciatura?
10. A senhora gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então?

Gostaria de informar que esta entrevista será transcrita e textualizada, depois retornará a senhora para as modificações que achar pertinente. Após as modificações enviaremos a senhora uma carta de cessão para uso da textualização.

Para finalizar essa entrevista gostaria que a senhora dissesse seu nome completo e CPF, acrescentando na sua fala a autorização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa.

Muito obrigada pela sua participação.

4. Roteiro de entrevista Gestor: Professor Antônio Lino Rodrigues de Sá

Hoje, dia 09 de dezembro de 2015, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFMS estou com o Prof. Ms. Antônio Lino Rodrigues de Sá, conhecido na instituição por Lino. O intuito deste encontro é realizar uma entrevista relacionada à minha pesquisa que discute a Licenciatura em Matemática a Distância da UFMS, sob a orientação do Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Olá professor Lino, posso lhe chamar assim?

Obrigado por aceitar nosso convite e nos conceder essa entrevista. Tenho certeza que o seu depoimento contribuirá muito em nossa pesquisa.

Apresentação pessoal

1. Professor gostaria que o Senhor fizesse uma breve apresentação dizendo seu nome, se é natural de Campo Grande. Se não for, por favor, nos diga como e quando veio residir aqui.
2. Fale-nos, por favor, da sua formação profissional: área, período e instituição.
 - Graduação;
 - Especialização;
 - Mestrado;

Atuação profissional

3. Professor, sabemos que possui uma vasta atuação na área de educação, conte-nos, por favor, como foi essa atuação antes de entrar na UFMS.
 - Instituição que começou atuar;
 - Estrutura da instituição;
 - Funcionamento do ensino na época;
4. E na UFMS, Professor, como foi esse ingresso antes de conhecer e atuar na EaD?
 - Cargos ocupados;
 - Como era a estrutura física da instituição;
 - Como era o ensino na época;
5. Tem algo que se lembra e que gostaria de acrescentar sobre esse início?

EaD

6. Dentre as mais variadas funções exercidas na UFMS, gostaria que nos contasse sobre sua atuação na EaD da universidade antes da abertura do curso de Licenciatura em Matemática a Distância na UFMS.
7. Poderia nos relatar quais os maiores desafios enfrentados nessa implantação da EaD na UFMS?

Sobre a Licenciatura em Matemática em EaD

8. Sobre a implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância na UFMS, o que o senhor se lembra desse início?
 - Sua participação
 - Pessoas envolvidas;
 - Implantação dos primeiros polos;
 - Estrutura de ensino: currículo, PPP e autorização de funcionamento.
 - Como acontecia o contato com os polos: alunos, tutores, coordenadores?
 - Outros desafios?

9. O Senhor gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado na entrevista? Ou sobre algo que não foi lhe perguntado e que gostaria de enfatizar?

Gostaria de informar que esta entrevista será transcrita e textualizada, depois retornará ao senhor para as modificações que achar pertinente. Após as modificações enviaremos ao senhor uma carta de cessão para uso da textualização.

Para finalizar essa entrevista gostaria que a senhor dissesse seu nome completo e CPF, acrescentando na sua fala se autoriza ou não o uso desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa.

Muito obrigada pela sua participação.

5. Roteiro Coordenadora de tutoria: Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato

Estamos aqui hoje, dia 16 de dezembro, na UFMS, eu, Ana Claudia Lemes de Moraes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática com a prof^a Mestre Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato que gentilmente nos concedeu essa entrevista relacionada à minha pesquisa sobre o curso de “Licenciatura em Matemática a distância da UFMS”, orientada pelo prof. Dr. Thiago Pedro Pinto.

Olá professora Sônia, tudo bem?

Muito obrigada por aceitar nosso convite e nos conceder essa entrevista.

Apresentação pessoal

1. Professora gostaria que a senhora se apresentasse, dizendo seu nome, natural de onde e se não for, de Campo Grande, nos diga como e quando veio residir aqui.
2. Fale-nos, por favor, da sua formação profissional: área, período e instituição.
 - Graduação;
 - Especialização;
 - Mestrado;

Atuação profissional

3. Professora, conte-nos, por favor, como sobre o início da sua atuação profissional ANTES de vir trabalhar na UFMS.
 - Instituição que começou atuar;
 - Estrutura da instituição;
 - Funcionamento do ensino na época;
4. E na UFMS, professora, como foi esse ingresso e atuação ANTES de começar a atuar na EAD?
5. Tem algo que se lembra e que gostaria de acrescentar sobre esse início de atuação profissional?

EaD

6. Professora relate pra nós, por favor, suas experiências em educação a distância antes de atuar no curso de Licenciatura em Matemática a distância. O que sabia ou conhecia sobre a modalidade?

Sobre a Licenciatura em Matemática em EaD

7. Sobre a implantação do curso de Licenciatura em Matemática a distância na UFMS, qual foi a sua atuação e participação nesse começo?
 - Quem eram as pessoas envolvidas;
 - O que sabia e como desenvolvia a sua função no curso?
 - Como foi a contratação dos tutores (seletivo, prova?);
 - Como era o contato e a sua comunicação com eles?

- Lembra-se de alguém em especial que tenha se destacado ou que tenha necessitado de maior atenção da sua parte (tutor presencial/distância)?
8. Pode nos descrever exatamente como era a função do tutor à distância e do tutor presencial nos primeiros anos do curso?
 9. Diante dessa atuação, consegue se lembrar quais eram os maiores desafios enfrentados nestes primeiros anos da licenciatura?
 10. A senhora gostaria de acrescentar mais alguma informação sobre o que foi falado até então e que eu por ventura não tenha perguntado?

Gostaria de informar que esta entrevista será transcrita e textualizada, depois retornará a senhora para as modificações que achar pertinente. Após as modificações enviaremos a senhora uma carta de cessão para uso da textualização.

Para finalizar essa entrevista gostaria que a senhora dissesse seu nome completo e CPF, acrescentando na sua fala a autorização desta entrevista (imagem e som) para fins de pesquisa.

Muito obrigada pela sua participação.



Apêndice B – Cartas de Cessão

1. Carta de cessão: Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande, 15 de agosto de 2016.

Eu, Heloisa Laura Queiroz Gonçalves da Costa portadora do Cadastro de Pessoa Física (CPF) de número: 984.739.997-20, professora, brasileira, residente à Rua Dona Zulmira, número 55, bairro Tiradentes, na cidade de Campo Grande, estado de MS, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da na Unidade VII, sala do Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no dia 09 de dezembro de 2015, em entrevista a Ana Claudia Lemes de Moraes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Ana Claudia Lemes de Moraes, portadora do Registro Geral de Identidade número: 0911234-0 SSP/MT, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,

Assinatura

2. Carta de cessão: Sônia Maria Monteiro Burigato

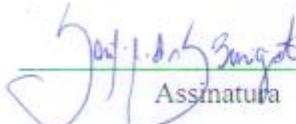


CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande, 24, de agosto de 2016.

Eu, Sônia Maria Monteiro da Silva Burigato, portadora do Cadastro de Pessoa Física (CPF) de número: 403.536.641-20, professora, brasileira, residente à Avenida Aeroclube, número 642, bairro: Vila Sobrinho, na cidade de Campo Grande, estado de MS, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências ocorrida nas dependências do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática, sala 01 da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no dia 16 de dezembro de 2015, em entrevista a Ana Claudia Lemes de Moraes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Ana Claudia Lemes de Moraes, portadora do Registro Geral de Identidade número: 0911234-0 SSP/MT, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

3. Carta de cessão: Antônio Lino Rodrigues de Sá

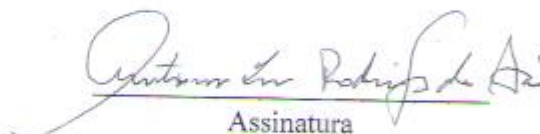


CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande, 25, de agosto de 2016.

Eu, Antônio Lino Rodrigues de Sá portador do Cadastro de Pessoa Física (CPF) de número: 109.848.521-15, professor, brasileiro, residente à Rua Antônio Raposo, número 400, Bl 02, Ap 102, da cidade de Campo Grande, estado de MS, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados na sala de reuniões do Prédio do Departamento de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no dia 09 de dezembro de 2015, em entrevista a Ana Claudia Lemes de Moraes, **bem como os materiais advindos desta entrevista**, ao **Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Ana Claudia Lemes de Moraes, portadora do Registro Geral de Identidade número: 0911234-0 SSP/MT, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura

Campo Grande, 25 de agosto 2016

4. Carta de cessão: Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande, 31, de agosto de 2016.

Eu, Sandra Helena Nahabedian Ramos de Souza portadora do Cadastro de Pessoa Física (CPF) de número: 356.695.271-00, assistente administrativo, brasileira, residente à R. Joaquim Dorndias, número 558, bairro: Vila Bandeirantes, na cidade de Campo Grande, estado de MS, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências do prédio da Coordenadoria de Educação a Distância (CED), da UFMS, no dia 21 de outubro de 2015, em entrevista a Ana Claudia Lemes de Moraes, **bem como os materiais advindos desta entrevista**, ao **Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Ana Claudia Lemes de Moraes, portadora do Registro Geral de Identidade número: 0911234-0 SSP/MT, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Sandra Helena Ramos de Souza', is written over a horizontal line.

Assinatura

5. Carta de cessão: Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Campo Grande, 05 de setembro de 2016.

Eu, Magda Cristina Junqueira Godinho Mongelli de Registro Geral de Identidade número 132769-0, professora, brasileira, residente à Rua Túlio Abrão, número 77, Jardim Mansur, na cidade de Campo Grande, estado de MS, declaro para os devidos fins que **CEDO O DIREITO DE USO E DIVULGAÇÃO** da minha imagem e som, capturados nas dependências da na Unidade VII, sala do Grupo de Pesquisa História da Educação Matemática em Pesquisa (Hemep) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no dia 30 de setembro de 2015, em entrevista a Ana Claudia Lemes de Moraes, **bem como os materiais advindos desta entrevista, ao Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP)**, na pessoa de Ana Claudia Lemes de Moraes, portadora do Registro Geral de Identidade número: 0911234-0 SSP/MT, autorizando-os a divulgá-las amplamente em mídias digitais ou analógicas e em páginas de internet ou outros meios sem avisos prévios.

Abdicando de meus direitos e de meus descendentes, subscrevo o presente,


Assinatura